

HENRIQUE TELLES VICHNEWSKI

AS INDÚSTRIAS MATARAZZO NO INTERIOR PAULISTA: ARQUITETURA FABRIL
E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL (1920-1960)

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da Profª.
Dra. Cristina Meneguello.

Este exemplar corresponde
à Redação Final da
dissertação defendida e
aprovada pela Comissão
Julgadora em
26/08/2004.

BANCA:

Profª. Dra. Cristina Meneguello (orientadora)

Profª. Dra. Telma de Barros Correia (membro)

Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca (membro)

Profª. Dra. Silvana Barbosa Rubino (suplente)

Campinas, agosto de 2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

V663i Vichnewski, Henrique Telles.
As indústrias Matarazzo no interior paulista : arquitetura
fabril e patrimônio industrial (1920-1960) / Henrique Telles
Vichnewski. -- Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientadora : Cristina Meneguello.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.
2. Indústrias – São Paulo (Estado). 3. Arquitetura
industrial. 4. Patrimônio. 5. Arqueologia industrial.
I. Meneguello, Cristina. II. Universidade Estadual
de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

RESUMO

O império industrial da família Matarazzo foi fundamental na construção e desenvolvimento da industrialização no Brasil, principalmente no Estado de São Paulo, a partir do século XX. Muitas de suas indústrias, instaladas no interior paulista, ainda estão presentes no cotidiano e na memória da população dessas cidades.

Dessa maneira, o trabalho apóia-se em um dos instrumentos principais da disciplina arqueologia industrial, que é o inventário detalhado de um patrimônio industrial. Foi realizado, nesta dissertação, o levantamento de 24 indústrias, que utilizavam como matéria-prima o algodão. Instaladas em 17 cidades no interior paulista, entre 1920 a 1960, essas indústrias estão divididas em três grupos: 14 fábricas de beneficiamento do algodão, 5 fábricas têxteis e 5 fábricas de óleos vegetais. Para tal levantamento, além da utilização de fotos antigas, informações de arquivos, jornais de época, mapas e plantas fabris, foram realizadas viagens e visitas técnicas sistemáticas a todos os exemplares mencionados, com a produção de um amplo levantamento visual dos exemplares estudados.

O trabalho, além de apresentar os conceitos básicos da disciplina arqueologia industrial e do patrimônio industrial, classifica as indústrias dentro do padrão de industrialização da época em questão e faz uma análise arquitetônica e morfológica desses edifícios fabris. Em síntese, é a reconstrução histórica desse universo fabril, com a finalidade de compreender, explicar e registrar pelo menos parte da industrialização ocorrida no interior do Estado de São Paulo.

ABSTRACT

The “industrial empire” of the Matarazzo was crucial for the building and development of industry in Brazil, particularly in the state of São Paulo during the last century. Many among these factories in the hinterlands of São Paulo are still alive in the everyday life or in the memory of the local populations.

This work, adopting one of the main tools for the study of industrial archaeology, i.e. the inventory of industrial heritage, listed and surveyed 24 cotton mills, scattered over 17 towns in the state of São Paulo hinterlands, between 1920 and 1960. The use of documents including old pictures, archives, newspapers, blueprints and maps as well as the field research, producing images and new documents, allowed the identification of 14 cotton processing factories, 5 cotton mills and 5 cotton seed-oil factories

The thesis analyses the definitions of industrial archaeology and industrial heritage, and classifies the factories according to the industrialization process and architectural development of the period, aiming at re-building the history of these factories in order to understand, explain and register this crucial aspect of São Paulo’s industrialization process.

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Cristina Meneguello pelo enorme apóio, respeito e amizade na orientação e pela sua seriedade com a pesquisa.

A Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Aos professores Edgar de Decca e Silvana Rubino, por colaborarem na qualificação, apontando caminhos e reflexões que enriqueceram muito essa dissertação.

Aos colegas da pós-graduação, Joana Tonon, Deise Figueiredo e Vivian Paulitsch, que ajudaram a viabilizar essa pesquisa.

Aos funcionários de todos os arquivos, bibliotecas, centros culturais e museus, pela atenção e generosidade em disponibilizarem os importantes documentos aqui presentes. E aos colegas das cidades, em especial o senhor Ângelo Pelicani e amigo José Leandro Franzolin.

A Maria de Fátima pelos seus comentários sobre História da Arquitetura, a Ana Paula Farah pela colaboração e ao Ronaldo André Rodrigues, por doar seu material, fundamental para essa pesquisa.

Aos amigos, Cleber Sberni, Duda Larson, Gustavo Bertassoli, Rodrigo Santos de Faria e Cristina Bittar, por estarem presentes nos momentos de descontração, fundamentais no processo do mestrado.

Ao meu pai e minha mãe pela ética e carinho transmitidos e ao meu irmão pela nossa amizade.

A minha sempre companheira Ana Luisa Miranda, pela carinhosa dedicação a nossa vida e também pela postura inquietante junto a esta pesquisa.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
APRESENTAÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: delimitações de um tema	
1. Origens e trajetória da arqueologia industrial.....	19
2. A definição do patrimônio industrial.....	27
3. Patrimônio industrial no Brasil.....	31
CAPÍTULO 2 – A INDÚSTRIA EM SÃO PAULO	
1. A industrialização no Brasil e no Estado de São Paulo.....	39
2. A trajetória das indústrias Matarazzo na capital e no interior paulista.....	49
3. A cultura do algodão no Estado de São Paulo.....	67
CAPÍTULO 3 – AS INDÚSTRIAS DE ALGODÃO MATARAZZO NO INTERIOR PAULISTA.....	79
1. Beneficiadores de algodão	
- Bauru.....	81
- Avaré.....	89
- Itapetininga.....	99
- Ribeirão Preto.....	109
- Bernardino de Campos.....	117
- Presidente Prudente.....	121
- Catanduva.....	125
- Marília.....	131
- São José do Rio Preto.....	137
- Rancharia.....	145
- São João da Boa Vista.....	153
- Araçatuba.....	161
- Presidente Venceslau.....	165
- Votuporanga.....	173
2. Fiações e tecelagens	
- Rio Claro.....	179
- Bauru.....	187
- Ribeirão Preto.....	193
- Campinas.....	209
- São José dos Campos.....	213
3. Fábricas de óleo de caroço de algodão	
- Catanduva.....	219
- Marília.....	225
- Rancharia.....	229
- Campinas.....	241
- Araçatuba.....	249

CONSIDERAÇÕES FINAIS – Morfologia urbana e arquitetura das indústrias de algodão Matarazzo no interior paulista.....	253
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	271
ANEXOS.....	279

ABREVIATURA

IRFM – S. A. *Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo*

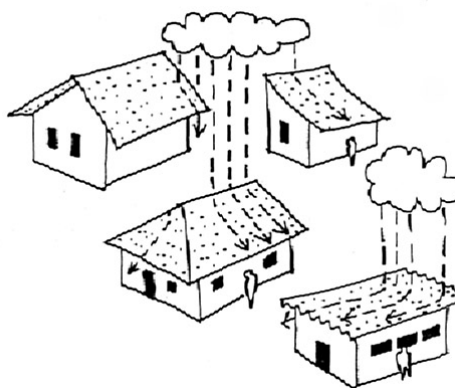
IPHAN – *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*

CONDEPHAAT – *Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquetônico e Turístico do Estado de São Paulo*

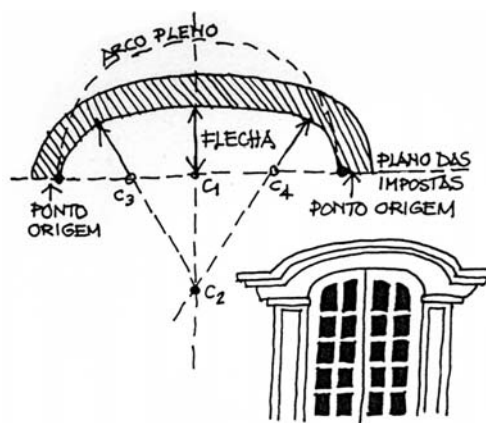
TICCIH – *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*

GLOSSÁRIO¹

Água de telhado – Superfície, em geral plana e inclinada, constituída pela cobertura do telhado, sobre a qual escoam as águas pluviais numa única direção. O telhado pode ter uma ou mais águas.

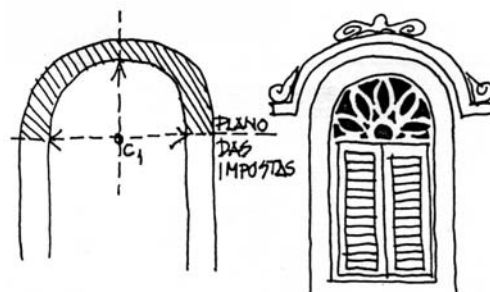


Arco Abatido – Arco formado por círculos de raios diferentes entre si, sendo sua flecha menor que a metade da distância entre seus pontos de origem. Foi usada nos vãos de esquadrias em construções influenciadas pelo Romantismo em finais do século XIX. É também chamado arco em asa de cesto, arco de sarapanel, arco policêntrico, arco de volta abatida e arco de geração. Exemplos: Teatro Amazonas, Manaus, AM e Vila Penteado, São Paulo, SP.

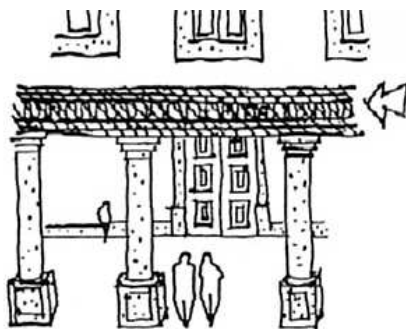


¹ Glossário e figuras retirados de ALBERNAZ e LIMA, 2000.

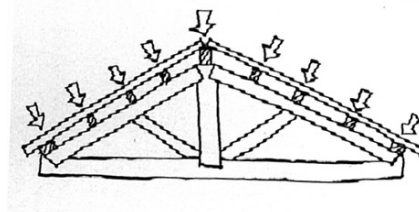
Arco Pleno – Arco em forma de uma semicircunferência, tendo portanto sua flecha igual ao raio que serviu de traça-lo. Foi utilizado na arquitetura brasileira em vãos de portas e janelas a partir do século XIX, nas primeiras construções influenciadas pelo estilo Neoclássico. É também chamado arco de plana volta, arco de volta inteira, arco de volta redonda, arco pleno cimbre e arco de círculo redondo. Exemplos: Museu Imperial, Petrópolis, RJ e antigo prédio da Alfândega, atual Casa Brasil-França, Rio de Janeiro, RJ.



Arquitrave – Na arquitetura clássica, parte inferior do entablamento, situada abaixo do friso e assentada sobre os capitéis das colunas.



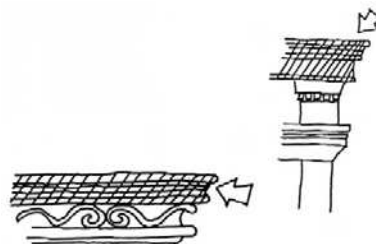
Barroteamento – O barrote é uma peça de madeira usada principalmente na formação de armação para a fixação de soalho ou forro. Às vezes é empregado nas peças do madeiramento da tesoura do telhado.



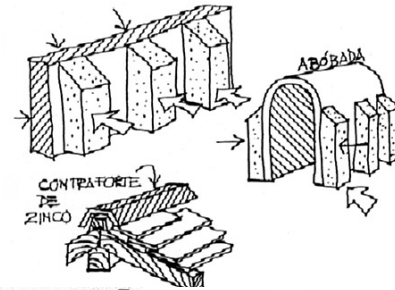
Caixilho – Parte das folhas de esquadrias onde são fixados vidros, almofadas ou painéis. O termo é mais utilizado quando referido às esquadrias cujos caixilhos sustentam vidros.



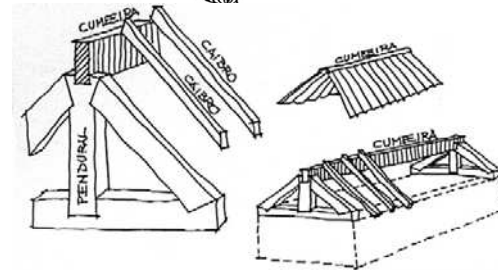
Cimalha – Arremate emoldurado formando saliências na superfície de uma parede. Em geral situa-se no alto das paredes externas, constituindo uma saliência contínua ao longo de toda a fachada. É também chamada cornija.



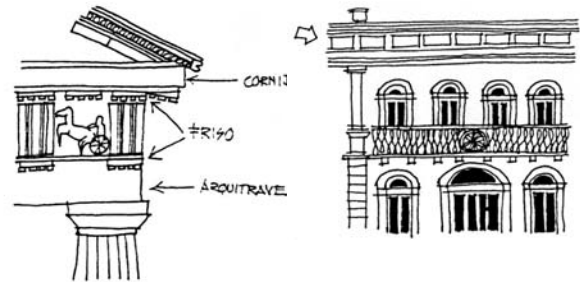
Contraforte – Maciço de alvenaria ou grande pilar encostado a parede ou muro, servindo de reforço contra pressões laterais sobre pontos determinados da construção ou à sua estabilidade.



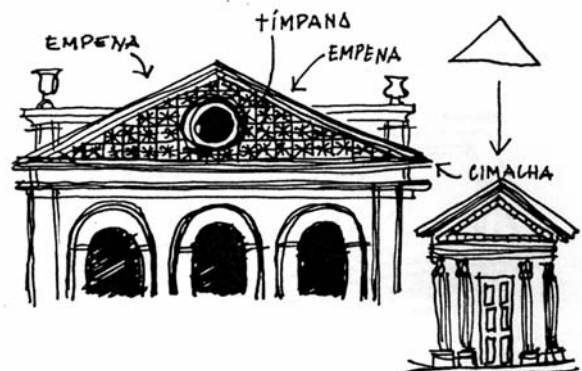
Cumeeira – Aresta superior do telhado. Nos vigamentos do telhado, peça disposta no vértice das tesouras, unindo-as. Sobre ela apóia-se uma das extremidades dos caibros.



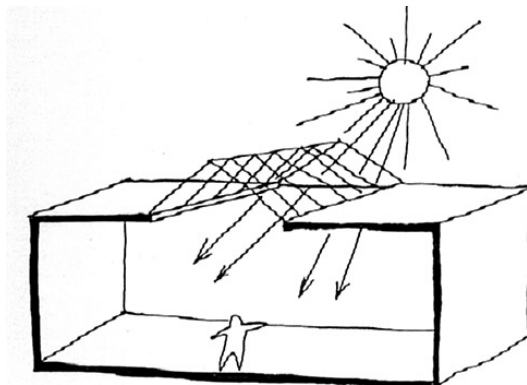
Friso – Na arquitetura clássica, parte do entablamento entre a arquitrave e a cornija. Pode ser liso ou receber ornatos. Em construções antigas está presente principalmente nos prédios influenciados pelo estilo Neoclássico. Exemplo: Palácio do Itamarati, Rio de Janeiro, RJ.



Frontão – Elemento de coroamento da fachada em forma triangular, aproximadamente triangular ou em arco de círculo, situado na parte superior do edifício ou de parte da edificação ou sobre portais, portadas ou portões. Originalmente tinha como função arrematar externamente os telhados de duas águas, decorrendo daí sua forma triangular. Através do tempo tornou-se um elemento essencialmente decorativo, sua forma original triangular sofreu alterações e sua localização na fachada tornou-se arbitrária. É composto por cimalha, a base horizontal, empenas, os lados inclinados, e tímpano, a superfície central limitada pelas outras duas partes.



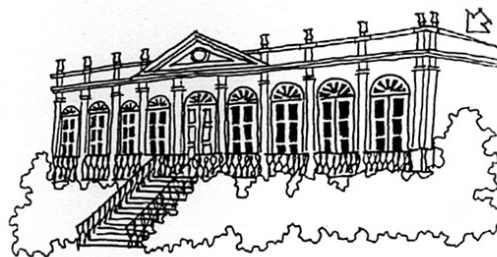
Iluminação zenital – Iluminação natural feita pelo telhado do edifício. Em geral decorre do uso de clarabóias, lanternins, telhas ou panos de vidro. É indicada sobretudo para prédios de maior porte, impossibilitados de terem todos seus recintos ou ambientes iluminados por vãos de janelas ou edificações cujo uso dificulta a abertura de vãos nas paredes externas, como mercados, hangares e bibliotecas.



Lanternim – Pequeno telhado sobreposto ao telhado principal do edifício para ventilar ou iluminar o interior da construção. Situa-se na parte mais elevada da edificação. Em prédios com telhado de tesoura localiza-se sobre toda a cumeeira ou em parte desta. Pode ser provido de caixilhos envidraçados ou venezianas. Foi muito utilizado em mercados, prédios industriais e depósitos. Exemplo: Mercado de Peixe, Belém, PA.



Platibanda – Elemento vazado ou cheio disposto no alto de fachadas, coroando a parede externa do prédio, formando uma espécie de mureta que esconde as águas dos telhados.



Shed – Cobertura com perfil em forma de dentes de serra. Alternadamente possui uma água de telhado feita com material transparente ou translúcido permitindo iluminação zenital. É usado principalmente em fábricas, armazéns e depósitos.



PREFÁCIO

Formado em arquitetura e urbanismo, tive o primeiro contato com o universo fabril pela disciplina de graduação, *História do Urbanismo*. Deparei-me, então, com o estudo do surgimento das cidades industriais, com milhares de habitantes, vivendo aglutinadas, junto à miséria e à doença. A indústria foi o grande personagem desse cenário caótico, instalando, do dia para a noite, inúmeras edificações austeras, grandiosas e enegrecidas, que geraram profundas transformações na população, na paisagem urbana, e impôs ao homem o ritmo da máquina, marcado pelo tempo do relógio, inaugurando, assim, a cidade da era moderna.

Este género arquitectónico nos remite a un mundo de gran relevancia simbólica, debido a que la industria se ha convertido, como expresión material de la idea de progreso, en el mito por excelencia del mundo contemporáneo, en el cual la máquina ha mimetizado las antiguas formas divinizadas de los mitos clásicos creando una iconografía industrial específica que se refleja en alegorías sumamente expresivas (...) la construcción formal del edificio han dado origen a una estética industrial y a un repertorio simbólico que tienen su máxima expresión en el juego volumétrico de los diferentes espacios que componen una edificación industrial (SOBRINO SIMAL, 1996:9-11).

A partir desse cenário, deu-se a escolha do tema do meu Trabalho Final de Graduação. O projeto desenvolvido foi uma intervenção na fiação e tecelagem Matarazzo, instalada em Ribeirão Preto, em 1945. Descobri os impactos produzidos pela indústria no espaço envoltório, além de sua arquitetura totalmente à parte da arquitetura civil estudada na graduação.

A partir de então, o interesse pelo tema fabril se consolidou na busca de um projeto de pesquisa a ser desenvolvido no mestrado, dando continuidade à investigação das

indústrias Matarazzo. Como já havia trabalhos das áreas de sociologia, economia e história sobre a Matarazzo na cidade de São Paulo, optei pelo enfoque das indústrias Matarazzo do interior paulista, até então, um tema original, ainda não explorado.

A Matarazzo instalou, no interior paulista, mais de 40 indústrias, em 30 cidades, o que indisponibilizaria de ser tratadas todas neste trabalho.¹ Houve a necessidade de se fazer um corte cronológico, de 1920 a 1960, que englobaria as principais indústrias da Matarazzo ligadas à produção do algodão, por apresentarem um melhor estado de conservação. Mesmo com esse corte, foram escolhidas 24 indústrias de 17 cidades, que, de qualquer maneira, já demandariam um grande esforço. O desafio estava posto e aumentou, quando a Matarazzo não disponibilizou nenhum documento referente às suas indústrias do interior, por causa dos inúmeros processos pendentes na justiça. Tive que partir para uma pesquisa não oficial, resgatando todo e qualquer tipo de informação sobre essas 24 indústrias de algodão, objetos desta dissertação. Foram a generosidade, o interesse das pessoas pela história de sua cidade e pela indústria Matarazzo e a insistência que nortearam a obtenção de todos os dados necessários para a pesquisa.

Depois de recolhido o material, foi possível iniciar a construção do histórico da instalação dessas indústrias, enxergar sua relação com as instituições filantrópicas e municipais, analisar sua implantação e arquitetura e, por fim, registrar todo esse remanescente das indústrias Matarazzo, em fotos, plantas e mapas, com o objetivo principal de constituir um pré-inventário desse significativo patrimônio industrial do interior paulista.

¹ Além das 24 indústrias de algodão da Matarazzo citadas na dissertação, outras foram instaladas no interior do Estado, nas cidades de Sorocaba, Capão Bonito, Apiaí, Iguape, Caçapava, Mauá, Moreira César, Santana do Parnaíba, Guarulhos, Mogi das Cruzes, Cubatão, São José dos Campos e Santa Rosa de Viterbo. Possivelmente, algumas dessas indústrias ainda estão construídas.

APRESENTAÇÃO

O conceito de patrimônio cultural tem se transformado profundamente nas últimas décadas. Ele vem se democratizando, pois, passou a incorporar diversos objetos, até então não aceitos, no âmbito do trabalho, do cotidiano e imaterial. Nesse sentido, as estruturas industriais ganham importância, sendo necessário o seu levantamento e estudo para salvaguardá-las e reutilizá-las. (MENDES, 2000:158; 1995:203, 204 e HERNÁNDEZ, 2001:1-4).

Desse modo, a disciplina arqueologia industrial é ferramenta indispensável para o estudo dos vestígios materiais da sociedade industrial, com a finalidade de produzir conhecimentos históricos capazes de analisá-la e explicá-la (CERDÀ e BONAFÉ, 1995:95). O estudo da arqueologia industrial se apóia, primeiramente, na investigação de dados sobre o objeto, como documentos históricos, fontes iconográficas e história oral. O passo seguinte é o registro, podendo utilizar-se de várias técnicas como fotografia, filmagem, gravador de áudio, etc. O resultado é um inventário do objeto, com imagens e informações que, além de possibilitar sua análise e interpretação, auxiliará num futuro estudo de tombamento.

Portanto, esta dissertação de mestrado teve como objetivo principal a catalogação das indústrias de algodão Matarazzo instaladas no interior do Estado de São Paulo, de 1920 a 1960. No total, foram realizados levantamentos de 14 fábricas de beneficiamento do algodão, 5 fábricas têxteis e 5 fábricas de óleo de caroço de algodão. Este estudo, além de sua importância como registro de um patrimônio industrial, que corre riscos de desaparecer, classifica essas indústrias dentro do padrão tecnológico da época e analisa sua morfologia e sua arquitetura. Em síntese, é uma reconstrução histórica de um universo fabril, com a finalidade de

compreender, explicar e registrar pelo menos parte da industrialização ocorrida no interior do Estado de São Paulo.

O primeiro capítulo está dividido em três partes. A primeira parte traça uma possível origem e trajetória da disciplina arqueologia industrial, qualificando os seus principais conceitos e características. A segunda parte traz as definições do patrimônio industrial, inserindo-o no contexto do patrimônio cultural mundial. A terceira e última parte faz um balanço do patrimônio industrial no Brasil, identificando suas origens e evolução, enquanto campo de estudo, e os principais profissionais e publicações dessa área no país.

O segundo capítulo traz um estudo sobre a industrialização no Brasil, na cidade e no Estado de São Paulo, com o propósito de contextualizá-la historicamente através dos fatores que permitiram sua constituição, com a instalação de um parque fabril. Fazem parte desse parque fabril as indústrias da empresa Matarazzo, que terá sua trajetória reconstituída, desde sua origem até o momento da instalação das indústrias aqui estudadas, através de diversas fontes, ampliando, assim, as possibilidades de sua compreensão. Fecha-se esse capítulo com o processo de produção do algodão ocorrido no interior do Estado de São Paulo, que contribui para justificar a instalação dessas indústrias.

No terceiro capítulo, encontra-se todo o levantamento sobre as indústrias de algodão Matarazzo, em estudo. Parte-se de uma síntese histórica das cidades, identificando a sua relação com a empresa Matarazzo; do processo de implantação e trajetória das indústrias, bem como de uma breve análise de sua arquitetura e morfologia urbana. Esse capítulo será complementado visualmente com fotos, mapas e plantas e está dividido por três processos de produção: beneficiadores de algodão, tecelagens e fiações e fábricas de extração de óleo vegetal.

Por fim, as considerações finais, *Morfologia urbana e arquitetura das indústrias de algodão Matarazzo no interior paulista*, tentam enquadrar essas indústrias Matarazzo dentro de um padrão específico da industrialização ocorrida no interior paulista, com características próprias de seu tipo de produção, tecnologia e construção. Para isso, foram analisados a morfologia urbana, o processo construtivo e arquitetura de todas as indústrias, identificando os partidos arquitetônicos adotados e buscando situá-los e qualificá-los no contexto geral da arquitetura fabril brasileira.

CAPÍTULO 01 – PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: delimitações de um tema

1. Origens e trajetória da arqueologia industrial

Falar sobre a origem da disciplina arqueologia industrial é remontar aos vários acontecimentos ligados direta ou indiretamente ao tema, ocorridos inicialmente na Europa. Apontar uns e não outros não anula sua importância – o surgimento do interesse pelos objetos móveis e imóveis de nossa tradição técnica.

Durante a Revolução Francesa, medidas imediatas foram tomadas para proteger o patrimônio nacional, que estava sendo destruído, pelo assim chamado “vandalismo revolucionário”. Após a promulgação dos atos constitucionais, que colocaram os bens do clero, da coroa e dos emigrados à disposição da nação, foi preciso ordenar essa herança, elaborando um inventário desses bens. A Comissão dos Monumentos teve essa função, elegendo diferentes categorias a serem *tombadas*, como as “máquinas e outros objetos relativos às artes mecânicas e às ciências” (CHOAY, 2001:95-100). Esse passo foi importante no sentido de qualificar essa categoria como um bem histórico, que contribuiu para o surgimento, na cidade de Paris, do primeiro museu técnico do mundo, o *Conservatoire des Arts et Métiers*, em 1794.

Um século mais tarde, em Estocolmo, um sociólogo interessado nas técnicas de seu país, Arthur Hazelier, criou o museu *Skansen*, em 1891, considerado o primeiro museu ao ar livre do mundo, onde construiu edificações típicas da paisagem sueca, como granjas, moinhos, etc., que não podiam ser conservadas em seu espaço original (LÓPEZ GARCIA, 1992:9-10 e AGUILAR, 2001:167).

Em 1880, Arnold Toynbee proferiu uma conferência na Universidade de Oxford, na qual discutia os efeitos do processo de industrialização na Grã-Bretanha, que estava produzindo, como outros países da Europa, uma segunda revolução industrial, imprimindo novas dimensões ao processo industrializador. Nesse contexto, surgiu um grande interesse pelo estudo das ciências e das técnicas, conduzindo à criação de museus relacionados ao tema. Dentre os museus criados no final do século XIX, para esse fim, destacaram-se o *Museo de Fábrica* de Saint-Etienne e *Museo Histórico de los Tejidos*, de Lyon (SANTACREU SOLER, 1992:13-14).

Da mesma forma que essas iniciativas objetivaram preservar a história das técnicas de seus países, como um bem cultural ou por constituir-se como testemunho de transformações tecnológicas para fins didáticos, houve também tentativas de se inaugurar, sob essa perspectiva, um novo ramo do saber.

Somente após a Segunda Guerra Mundial, e coincidindo com o processo de “desindustrialização” europeu, houve uma retomada de consciência e interesse pelos monumentos industriais. A arqueologia industrial teve seu ponto de partida no processo de renovação urbana e industrial, principalmente na Grã-Bretanha, no pós-guerra. Por causa da grande destruição nas cidades, houve uma urgente necessidade de reconstruí-las e, para tal, foi preciso eliminar testemunhos significativos da chamada Revolução Industrial. Ocorreram manifestações contra a destruição desses bens, que começaram a ser reconhecidos, efetivamente, como parte integrante do patrimônio cultural. José Amado Mendes exemplifica essa questão.

... alguns autores começavam a chamar a atenção para este tipo de patrimônio, bem como para as suas potencialidades histórico-culturais e mesmo econômicas. Defendiam que aquele não só fazia parte integrante, aliás

de pleno direito, do patrimônio cultural, como deveria constituir o objeto de uma nova ciência, disciplina ou ramo de saber (MENDES, 2000:159).

Em 1959 foi formado um comitê especial, através do Conselho Britânico de Arqueologia, para preservar os monumentos industriais. O ápice para a conscientização e preservação desses testemunhos ocorreu em 1962, com a derrubada da *Euston Station*, em Londres, construída entre 1835 e 1839. Uma campanha foi lançada por historiadores e estudiosos britânicos, logo após a destruição da *Euston Station*, em defesa dos vestígios históricos da industrialização. Quatro anos depois foi criada uma seção de arqueologia industrial na Universidade de Bath e, em 1968, foi construído o primeiro museu de arqueologia industrial na Grã-Bretanha, o *Ironbridge Museum*, que leva esse nome pelo elemento mais significativo presente em sua região industrial, uma ponte de ferro (The Iron Bridge) construída em 1779. (CERDÀ e BONAFÉ, 1995:94; MANSO, GARCIA e PEÑARROYA, 1988:106-107 e SANTACREU SOLER, 1992:14-16).

O barão de Verneilh (França) e Isaac Fletcher (Grã-Bretanha) utilizaram no final do século XIX o termo arqueologia dentro do contexto da revolução industrial (SANTACREU SOLER, 1992, 14). Em Portugal, Francisco de Souza Viterbo (1845-1911), arqueólogo e escritor, realizou um estudo de preservação de moinhos em 1896, o qual intitulou “A arqueologia industrial portuguesa: os moinhos”. Alguns pesquisadores o indicam, por essa razão, como o criador do termo arqueologia industrial.¹

¹ Os trabalhos que afirmam Francisco de Souza Viterbo como inventor do termo arqueologia industrial são: (TRINDER, 1992:250); (CORDEIRO, 1987:251); (GUEDES, 1999:01) e (MENDES, 1995:01; 2000:158).

O estabelecimento da disciplina arqueologia industrial, de forma mais sistematizada, ocorreu durante a década de 1950, pelo professor Donald Dudley da Universidade de Birmingham, pelo belga René Évrard e pelo inglês Michael Rix que, em 1955, publicou um artigo, no qual utilizou o termo arqueologia industrial para enfatizar a importância da conservação e documentação dos testemunhos herdados da Revolução Industrial (TRINDER, 1992:350).²

Kenneth Hudson publicou, na década de 1960, o primeiro livro sobre arqueologia industrial, *Industrial Archaeology* e fundou a primeira revista sobre o tema, *The Journal of Industrial Archaeology*, definindo-a como um ramo de conhecimento dedicado ao descobrimento, à catalogação e ao estudo dos restos físicos, das comunicações e do passado industrial. Angus Buchanan, diretor do Centro de Estudos sobre História da Técnica, da Universidade de Bath, define a nova disciplina como um campo de estudo prático, relacionado com a investigação, a pesquisa, o registro e, em alguns casos, com a proteção de monumentos industriais, alertando que a significância desses monumentos reside em como estão inseridos em um contexto da história social e da técnica (SANTACREU SOLER, 1992:14-15).³

A década de 1960 trouxe as primeiras medidas para definir a arqueologia industrial como ciência do estudo e proteção dos monumentos industriais. Essas ações foram isoladas das conferências internacionais oficiais que geraram as Cartas Patrimoniais

² Beatriz Mugayar Kühl (1998) indica, em seu livro, que provavelmente o inventor do termo arqueologia industrial foi Donald Dudley. Andrés Armando Sánchez Hernández (2001) e outros autores indicam que o termo surgiu a partir da publicação de Michael Rix.

³ Para um quadro mais aprofundado das definições de arqueologia industrial, dos principais estudiosos da área, Arthur Raistrick, Kenneth Hudson, Angus Buchanan, Neil Cossons, Maurice Daumas e Jean-Yves Andrieux, consultar Beatriz Mugayar Kühl (1998), "Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação", pp. 221-224.

dedicadas à proteção dos monumentos, o que deixa evidente a morosidade em aceitar o patrimônio industrial como monumento histórico a ser resguardado, como veremos adiante. A definição de arqueologia industrial é correlata ao tema do patrimônio industrial, mas são questões diversas, que conheceram diferentes desenvolvimentos.

De modo geral, a arqueologia industrial busca registrar, investigar e analisar os vestígios materiais das sociedades industrializadas. Utiliza-se de métodos arqueológicos, como prospecção, escavação, documentação, classificação e análise. Seu objetivo é produzir conhecimentos históricos que possam interpretar e explicar a realidade do período e do objeto a serem estudados, e se necessário, sua proteção, por representarem um bem cultural. Inicialmente, houve uma discussão sobre a delimitação cronológica de estudo dessa disciplina. Hoje, já existe um consenso de que o campo de estudo da arqueologia industrial abrange do século XVIII, com a revolução industrial, até os dias de hoje. No entanto, é importante considerar que o processo de industrialização ocorreu em tempos e formas distintos em cada país. Menezes justifica que no Brasil a industrialização foi tardia, diferentemente do período da primeira industrialização na Europa (séculos XVIII e XIX) e que as tecnologias pré-industriais do Brasil têm a sua importância (MENEZES, 1988:71-72). O período industrial é caracterizado por uma série de invenções e inovações na produtividade e na organização do trabalho, que geraram transformações sociais, econômicas e políticas em sua época (KÜHL, 1998:224-226 e CERDÀ e BONAFÉ, 1995:94).

O estudo de arqueologia industrial se apóia primeiramente na investigação de dados sobre o objeto, como documentos históricos, fontes iconográficas e história oral. O passo seguinte é o registro, podendo utilizar-se de várias técnicas, como fotografia, filmagem, gravador de áudio, etc. O resultado é um inventário do objeto, com

imagens e informações, que possibilitará, além de sua análise e interpretação, ser um importante documento para um estudo de tombamento. A arqueologia industrial é, assim, ferramenta essencial para compreensão e preservação de um patrimônio industrial.

No processo de investigação, análise e interpretação de um testemunho industrial entra em jogo um campo variado de disciplinas, como a história econômica, social, da técnica, do trabalho e da indústria, engenharias mecânica e civil, arquitetura, urbanismo, metalurgia e geografia, de tal forma que o arqueólogo industrial tem de interagir com várias disciplinas, buscando intercâmbio e complementaridade entre elas (KÜHL, 1998:228-230).

Portanto, a arqueologia industrial define-se como uma ciência interdisciplinar, que visa contribuir para uma melhor compreensão do passado industrial através do conjunto de vestígios que marcaram o nascimento de um novo tipo de sociedade e cultura (CORDEIRO, 1987:64).

Entre os estudiosos de arqueologia industrial há um amplo consenso de que a disciplina não deve ser temática, pontual. Seu campo é todo o universo material produzido pelas sociedades industrializadas ou aquelas afetadas pelo capitalismo industrial. Não se trata do estudo isolado do edifício industrial - a grande fábrica - mas de compreender a necessidade de situá-lo em seu contexto topográfico e humano (TORRÓ, 1994:47-49).

Louis Bergeron, que foi presidente do TICCIH, corrobora com a questão elucidando que o estudo do legado da civilização industrial em suas distintas fases não se reduz ao estudo de lugares, edificações ou de ferramentas, por mais interessantes que

sejam. A herança da civilização industrial é também toda memória do trabalho, toda história da organização do trabalho, dos métodos de produção. Isso traz ao estudo de arqueologia industrial uma dimensão humana, social e de identidade, que confere seu pleno valor (BERGERON, 1995:177).

Um exemplo é o estudo da cronologia de construções realizadas com estruturas metálicas pré-fabricadas. Josep Torró afirma que é fundamental, também, analisar os espaços que geram suas funções e uso, sua capacidade de permanência, sua inserção no marco arquitetônico-urbano preexistente e sua distribuição territorial. Pois, ao contrário, o estudo não teria grande efeito (TORRÓ, 1994:50).

Rafael Aracil faz referência:

Una máquina, una fábrica, una empresa es un centro de producción. Esto quiere decir que en este centro de producción hay unas relaciones de producción que están conectadas con el paisaje que lo rodea, y en este paisaje hay una serie de elementos que integran la vida de las personas, la vida económica, cultural, la propiedad pública o privada, materias primas, comunicaciones, etc., por lo tanto, si la arqueología industrial estudia eso, ha de estudiar todo este conjunto y ha de discernir las relaciones sociales que hay en su seno...(In: TORRÓ, 1994:48).

Por outro lado, a arqueologia industrial não é redutível exclusivamente à idéia de “arqueologia” em si. Grande parte dos trabalhos de arqueologia industrial confunde o menor registro arqueológico com o patrimônio, acabando por construir estudos da história da arquitetura ou da técnica que geralmente são textos acompanhados de uma série de fotografias ou outros tipos de ilustrações. Para Josep Torró, diferente dessa aplicação, a arqueologia industrial é a aplicação da metodologia e das

técnicas da arqueologia nos vestígios materiais das civilizações industrializadas (TORRÓ, 1994:48-49).

Em síntese, a tarefa arqueológica na arqueologia industrial consiste em aplicar os seus procedimentos – prospecção, escavação, documentação, classificação e análise do registro –, isto é, classificar analiticamente os artefatos, sejam eles móveis, sejam estruturas arquitetônicas ou da paisagem, junto ao universo das relações sociais, do trabalho, da produção e dos meios de vida. O objetivo final dessa questão arqueológica consiste em construir uma narração micro-histórica (de um edifício, um lugar, uma mina, um vale industrial), valendo-se do apoio de outros registros (oral, textual, iconográfico, fonográfico, filmográfico), onde toda a arqueologia ou é história, ou não é nada. (TORRÓ, 1994:48-61; CERDÀ e BONAFÉ, 1995:94).

2. A definição de patrimônio industrial

O conceito de monumento, para a arqueologia industrial, difere da definição tradicional, que identifica em um edifício os valores estéticos ou históricos que justificam sua classificação, valorização e proteção. No âmbito da arqueologia industrial, “monumento” adquire uma nova dimensão. Ele “deve ser visto não só como ‘repertório tecnológico’ mas como momento central de uma série de relações com o ambiente físico e humano, que vem se transformando pelo desenvolvimento industrial” (COVINO, 1980:221).

Assim, a disciplina da arqueologia industrial vem definindo seus objetivos de estudar os vestígios materiais da sociedade industrial, com o fim de produzir conhecimentos históricos capazes de analisá-la e explicá-la. Não só o monumento, mas todos esses vestígios devem ser estudados, não por eles mesmos, mas como sendo a manifestação de uma sociedade concreta nascida com a industrialização e determinada por novas e diferentes relações sociais (CERDÀ e BONAFÉ, 1995:95).

Nesse sentido, José Cordeiro afirma que *“A fábrica ou a mina não são unicamente edifícios ou construções técnicas, mas também centros de trabalho nos quais se manifestam as relações sociais de produção”* (CORDEIRO, 1987:65-66). Logo, o estudo do patrimônio industrial refuta uma leitura exclusiva do monumento enquanto edifício, para integrá-lo ao modo de produção capitalista. A leitura de um monumento industrial não deve limitar-se aos seus aspectos particulares, tecnológicos e artísticos, excluída de uma complexa rede coordenadora que o define historicamente. Como qualquer outro objeto, este se apresenta segundo uma série de níveis de leitura, de aspectos ou de linguagens, cada um deles estritamente ligado a todos os outros, indispensáveis para a obtenção de resultados esclarecedores de todo

o espaço material no qual se desenvolveu uma sociedade industrial (COVINO, 1980:221).

Essa problemática do monumento industrial compreendido junto às relações produzidas foi explorada por Ulpiano Bezerra de Menezes, em uma discussão sobre o campo do patrimônio industrial. Esse campo abrange tanto os conhecimentos, as técnicas, os monumentos e os sítios (de natureza espacial). Para Menezes, essa última ordem tem sido bastante marginalizada, visto que o fenômeno industrial é um dos responsáveis principais pela produção social do espaço em nossa sociedade, como já foi dito. O exemplo utilizado foi o complexo industrial Matarazzo, na Água Branca, em São Paulo, que foi demolido, restando somente alguns edifícios. A importância desse complexo industrial era o espaço, onde a conservação de uma pequena amostra, como documento, anula toda a dimensão espacial do complexo, comprometendo *“o entendimento histórico direto do próprio metabolismo da atividade industrial”*. Ulpiano de Menezes utiliza-se da expressão de Leonardo Benévolo, *“carcaças simbólicas”*, justificando que restaram apenas essas *“abstrações estetizantes, que realmente não compensam a carga documental comprometida”* (MENEZES, 1988:68-69).

No primeiro relatório oficial relativo à proteção de monumentos – a Carta de Atenas, de outubro de 1931 –, produzida pela Sociedade das Nações, é evidente a falta de sensibilidade para com as instalações industriais:

A conferência recomenda (...) a supressão de toda publicidade, de toda presença abusiva de postes ou fios telegráficos, de toda indústria ruidosa, mesmo de altas chaminés, na vizinhança ou na proximidade dos monumentos de arte ou de história (IPHAN, 1995:16).

Nesse mesmo caminho, a Recomendação Relativa à Salvaguarda da Beleza e do Caráter das Paisagens e Sítios, produzida em 1962 pela Unesco, em Paris, colocou claramente que minas, pedreiras e instalações de equipamentos industriais eram perigos que ameaçavam as paisagens e sítios e que deviam ser controlados.

Já na publicação da Carta de Veneza, de 1964, pelo Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios – ICOMOS, há um avanço relativo na inclusão do patrimônio industrial como monumento histórico. Isto é, “a noção de monumento histórico compreende (...) não só as grandes criações mas também as obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural” (IPHAN, 1995:97-100 e 109). Nesse sentido, Miguel Louis Cereceda afirma que se a Carta de Veneza considera a conservação e restauração de monumentos, conjuntos urbanos e obras com significado cultural e histórico, esses são aplicáveis ao patrimônio industrial edificado (1994:439).

No entanto, somente em 1999, com a Assembléia Mundial do ICOMOS, ocorrida no México, o tema sobre conservação do patrimônio industrial foi pela primeira vez discutido em uma mesa temática (HERNÁNDEZ, 2001:04).

Na década de 1970, ocorreram várias tentativas de incorporar o patrimônio industrial no conceito de patrimônio cultural. No ano de 1975, a Assembléia Parlamentar do Conselho da Europa adotou uma *Recommandation relative à l’archeologie industrielle*. Dez anos mais tarde, ocorreram vários colóquios através desse organismo, com a finalidade de aumentar a valorização global do patrimônio industrial, dentre os quais *Quelles politiques pour le patrimoine industriel* (Lyon, França, em 1985), *Les ouvrages publics: une nouvelle dimension du patrimoine*

(Madri, Espanha, em 1986) *Les monuments techniques de la mine, patrimoine culturel* (Bochum, Alemanha, em 1988) (LÓPEZ GARCIA, 1992:12).

Em 1978, o Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO inscreveu pela primeira vez em sua Lista do Patrimônio Mundial, um patrimônio industrial, a Mina de Sal *Wieliczka*, na Polônia.

Portanto, o conceito de patrimônio industrial ganha força a partir da década de 1970. Ele representa todos os vestígios relacionados à indústria, sejam eles bens móveis ou imóveis, como máquinas, produtos industriais, força motriz, arquivos de empresas, arquitetura fabril e todos os elementos que condicionaram as atividades industriais.

No âmbito internacional, foi criado, em 1978, o TICCIH (*The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*), que se estruturou em função de vários congressos internacionais, sendo o primeiro em *Ironbridge*, em 1973, e o III Congresso Internacional sobre Patrimônio Industrial, em Estocolmo, o qual motivou sua criação. O TICCIH é uma organização mundial para a arqueologia industrial, que fomenta a proteção, investigação, documentação e formação, em todos os aspectos do patrimônio industrial, e se encarrega em promover a cooperação internacional, apoiando congressos sobre patrimônio industrial na Europa, na América Latina e em outros países. Atualmente, há nessa organização representantes e correspondentes nacionais de 54 países.⁴

⁴ Dados retirados do site oficial do TICCIH – <http://www.mnactec.com/ticcih>

3. Patrimônio industrial no Brasil

Atualmente, o estudo e a preservação do patrimônio industrial no Brasil ainda é incipiente. Poucas indústrias e instalações utilitárias são preservadas, principalmente por serem consideradas um bem patrimonial menor e alvo de pressões econômicas para especulação imobiliária. Alguns dos principais pesquisadores da área corroboram com a idéia da falta de preocupação com o nosso patrimônio industrial, tanto do período colonial, quanto dos séculos XIX e XX (KÜHL, 2004:108 e 2003:2; ANDREATTA, 2003:2; ROSSI, 2003:3 e PIAZZA, BARRETO e SOUZA, 1982:13).

O estudo e a investigação do patrimônio industrial no Brasil iniciaram-se antes da difusão da disciplina arqueologia industrial no país, que ocorreu durante a década de 1970. A primeira ocorrência de preservação e restauro de uma fábrica se deu no Estado de São Paulo, em Iperó, região de Sorocaba. Em setembro de 1964, foi tombado pelo SPHAN, hoje IPHAN, o primeiro complexo funcionante para exploração e fabricação de ferro no Brasil – a Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema – que esteve em atividade até o final do século XIX.⁵

Inaugurando no Brasil o estudo de arqueologia industrial, Warren Dean, em 1976, contemporâneo, então das recentes publicações sobre o tema na Europa e Estados Unidos, publica nos Anais de História, da Universidade Estadual Paulista, em Assis, o artigo – *A Fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial* (DEAN, 1976).⁶ Essa fábrica estudada foi a primeira a empregar o vapor como energia na província

⁵ Sobre a Fábrica de Ferro de Ipanema, consultar o artigo *Marco da siderurgia abandonado em Iperó*, de Margarida D. Andreatta, no jornal Estado de São Paulo, publicado em 18 de agosto de 1990, p.20.

⁶ Outro importante estudo sobre a fábrica São Luiz de Itu, é a dissertação de mestrado “O Quintal da Fábrica”, de Anicleide Zequini Rossi, defendida no IFCH/UNICAMP, em 1991.

de São Paulo. As atividades da fábrica foram iniciadas em dezembro de 1869. Nesse estudo, Dean faz um quadro das circunstâncias e do processo de industrialização da época, descreve minuciosamente as relações sociais da fábrica com a cidade, a tecnologia empregada na produção e construção da São Luiz, além de um estudo da arquitetura e de sua trajetória histórica.⁷ Os edifícios da fábrica, existentes até hoje, fazem parte dos atrativos turísticos da cidade, e podem ser visitados.

No mesmo ano da publicação do artigo de Warren Dean, foi lançado pela FAU/USP o *Guia para a história da técnica no Brasil Colônia*, de Júlio Katinsky. Para Andrey Schlee, o livro foi um opúsculo que refletiu a preocupação de um grupo de professores da Universidade de São Paulo (USP), que vinham pesquisando “*antigos remanescentes das instalações de produção de bens de consumo (como fazendas de café, engenhos de açúcar e espaços fabris urbanos)*” (SCHLEE, 2003:4).

No início da disseminação do ramo do saber arqueologia industrial, na Europa, na década de 1950, começa a ser publicada a *History of technology*, pela Universidade de Oxford (Inglaterra). Para Ruy Gama, isso não ocorreu por acaso. Após a Segunda Guerra Mundial, talvez motivados pelo alto desenvolvimento da técnica da época, “*começa a aparecer este interesse por aquilo que os ingleses passaram a chamar de arqueologia industrial*” (GAMA, 1988:252).

Da mesma maneira, conforme ocorrido na Europa, aqui no Brasil o interesse pela disciplina arqueologia industrial caminhou paralelamente à história da técnica. Em

⁷ Os trabalhos sobre arqueologia industrial utilizados por Warren Dean são: Robert Buchanan, *Industrial Archeology in Britain* (Harmondsworth, Inglaterra, 1972); John Percival M. Pannell, *The Techniques of Industrial Archeology* (Newton Abbot, Inglaterra, 1974); Brian Bracegirdle, et ali, *The Archeology of the Industrial Revolution* (Londres, 1973) e Robert Fogel, ed. *A Report of the Mowhawk-Hudson Area Survey* (“Smithsonian Studies in History”, n. 26, Washington, 1973).

1978, Ruy Gama conclui seu trabalho, *Engenho e tecnologia*, publicado em 1983, e, posteriormente, outro livro, *A tecnologia e o trabalho na história*, publicado em 1986. O grupo de pesquisadores da história da técnica, inicialmente, preocupou-se em estudar as atividades manufatureiras do Brasil-colônia. Segundo Andrey Schlee, os primeiros trabalhos produzidos na década de 1980, claramente influenciados pelos conceitos da disciplina arqueologia industrial – *Arquitetura do açúcar: engenhos do recôncavo baiano no período colonial*, de Esterzilda B. de Azevedo; *Engenho e tecnologia*, de Geraldo Gomes da Silva; *Tecelagem manual no Triângulo Mineiro*, de Xavier Maureau; *Arquitetura vernacular: Vale do Paraíba*, de Antonio Luiz de Andrade e *A arquitetura das charqueadas desaparecidas*, de Andrey Rosenthal Schlee – tiveram como objeto estabelecimentos fabris dentro desse período (2003:4).

Na década de 1980, ocorreu o 1º Seminário Nacional de História e Energia, em São Paulo (1986), realizado pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo. Pode-se dizer que foi um dos primeiros congressos, no Brasil, no qual foram discutidos, em duas mesas temáticas, aspectos da arqueologia industrial no mundo e no Brasil. Dentre os profissionais que apresentaram trabalhos sobre o tema, estavam os brasileiros Ruy Gama e Ulpiano Bezerra de Menezes, o português José Lopes Cordeiro e o belga Eddy Stols.

Entre esses anos, foi produzido, por Maria de Fátima Fontes Piazza, Maria Theresinha Sobierajski Barreto e Sara Regina Silveira de Souza, um importante documento, *A Fábrica de Pontas “Rita Maria”: um estudo de arqueologia industrial*. O trabalho nasceu da leitura do artigo de Warren Dean, de 1976, e de um grande incentivador para a produção desse estudo e também para a realização um inventário de todo o

acervo industrial de Santa Catarina, o professor belga Eddy Stols, presente no 1º Seminário Nacional de História e Energia (PIAZZA, BARRETO e SOUZA, 1982:13).⁸

Já na década de 1990, o Grupo de História da Técnica – GEHT, ligado na época ao Centro de Memória, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), produziu uma declaração em defesa das construções e instalações utilitárias – “Declaração de Campinas” – na qual discutiram sobre a conservação dos bens culturais, designados por “construções e instalações utilitárias”, ligados aos ofícios, às profissões e às indústrias. A declaração foi redigida em 29 de janeiro de 1988, pelos vinte membros do Grupo de História da Técnica e hoje ratificada por 54 signatários de cinco países (Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Portugal e Espanha).⁹

Em dezembro de 1999, ocorreu o 2º Seminário Internacional História e Energia, em São Paulo, realizado pela Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo. Semelhante ao outro seminário, este discutiu, em uma mesa temática, questões acerca do Patrimônio Industrial. O trabalho – *Uma nova perspectiva sobre o Patrimônio Cultural: preservação e requalificação de instalações industriais* – foi exposto pelo professor da Universidade de Coimbra, Portugal, José M. Amado Mendes e foi debatido pelas arquitetas Regina Maria Prosperi Meyer e Raquel Rolnik.

Existem alguns testemunhos levantados e preservados de nossa atividade manufatureira no Brasil-colônia. Na maioria, são engenhos construídos a partir do século XVI, como o primeiro tombado pelo IPHAN, que integra um sobrado e fábrica

⁸ Uma edição desse livro, pertencente à biblioteca da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Paulista de Franca, tem uma dedicatória de umas das autoras ao professor Fernando Scarbi Lima, datada em julho de 1982. Por essa razão, o livro deve ter sido publicado antes dessa data.

⁹ A declaração do GEHT em defesa das construções e instalações utilitárias pode ser vista na íntegra pelo site: <http://www.geocities.com/RainForest/9468/utilitar.htm>

de açúcar, o Engenho Matoim, em Candeias, na Bahia, tombado em 06 de setembro de 1943. Em 1973, ele foi desapropriado pelo Estado e passou a integrar o Centro Industrial Aratu. Outro, também em Candeias, na Bahia, o Engenho Freguesia, composto de sobrado, capela e fábrica de açúcar, foi tombado em 14 de setembro de 1944. Na cidade de Santos, interior de São Paulo, foi tombado pelo IPHAN o Engenho dos Erasmos, inscrito no Livro Histórico do Tombo em 2 de julho de 1963. Em agosto de 1994, um grupo de pesquisadores da USP, sob a coordenação da arqueóloga Margarida Davina Andreatta, realizou um projeto de recuperação e preservação em toda a área do Engenho dos Erasmos.¹⁰

Além desses engenhos tombados, outros testemunhos industriais de outras épocas foram estudados e preservados, como os já citados Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema, tombado pelo IPHAN, e a Fábrica São Luiz de Itu, tombada pelo CONDEPHAAT. Tem-se, no registro de tombamentos pelo IPHAN, a Fábrica de Ferro Patriótica, em Ouro Preto, Minas Gerais, tombada em junho de 1938, que, hoje se encontra-se em ruínas; a Fábrica de Vinho Tito Silva, em João Pessoa, Paraíba, tombada em agosto de 1984, hoje aberta à visitação ao público; a Fábrica Santa Amélia, de São Luís, Maranhão, tombada em julho de 1987, que conserva ainda toda a estrutura do edifício próxima das condições originais.¹¹

¹⁰ Detalhes do projeto e da prospecção arqueológica do Engenho dos Erasmos: consultar o trabalho de Margarida Davina Andreatta, *Engenho São Jorge dos Erasmos: prospecção arqueológica, histórica e industrial* In: Revista USP, São Paulo, n.41, pp. 28-47, março/maio 1999 e a dissertação de mestrado de Fernanda Maria Felipe dos Anjos, *O Caminho do Açúcar. Cotidiano, Trabalho e Cultura Material: a circulação da produção nas ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos (SéculoXVI)*, defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sob orientação de Margarida D. Andreatta.

¹¹ Arquivo Noronha Santos, disponível para consulta no site do IPHAN – <http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>

A realização desses trabalhos de estudo e conservação de nosso patrimônio industrial ainda é insuficiente perto de toda a herança industrial presente no Brasil. Porém, a arqueologia e o patrimônio industrial vêm sendo valorizados, tanto no âmbito acadêmico como no cultural e no político, o que indica que caminhamos para um avanço na compreensão e preservação desses bens.

A produção de estudos sobre o patrimônio industrial vem aumentando nos últimos anos. São artigos da história da industrialização, da arquitetura industrial, de vilas operárias, das relações sociais da indústria, sobre a preservação de todo um complexo inserido no universo fabril, como estações ferroviárias, portos marítimos, mineração, engenhos, fábricas e outros. No anexo n. 1, listamos boa parte da produção recente sobre o tema do patrimônio industrial, corroborando nossa observação de que o tema vem, no Brasil, ganhando interesse nas últimas décadas.

Desde os anos 80, o TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage) tenta articular representantes do Brasil para incorporar à sua organização. O parque fabril brasileiro, por ter sido instalado tardiamente, em relação aos países da Europa, ainda conserva bons exemplos. Eddy Stols, em carta enviada à Universidade Federal de Santa Catarina, em 28/05/1980, salienta essa questão:

Durante as minhas viagens pelo Brasil tive ocasião de constatar que o Brasil, pelas suas repetidas ondas de modernização e pela sua dependência da Inglaterra e outros imperialismos e ao mesmo tempo, pela sua riqueza, foi um dos maiores importadores de “arqueologia industrial”, muitas vezes melhor conservada que na Europa (In:PIAZZA, BARRETO e SOUZA, 1982:14).

Neste ano de 2004, o *Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial*, formado por diversos profissionais das áreas de sociologia, história, arquitetura e outras, filiou-se ao TICCIH. Com isso, o comitê terá uma ação mais contundente para o estudo e preservação de nosso patrimônio industrial, além de reunir, em todo o país, trabalhos importantes, e articular com maior institucionalidade ações nos meios representativos de nossa sociedade.¹²

Dessa maneira vê-se, tanto no campo acadêmico quanto na comunidade em geral, um crescente interesse no estudo e preservação do patrimônio industrial, que indica que esse campo terá importantes desenvolvimentos futuros.

¹² O contato com o *Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial - TICCIH (Brasil)* pode ser feito através do email: TICCIH-Brasil@yahoo.com.br ou pelo site <http://br.groups.yahoo.com/group/TICCIH-Brasil/>

CAPÍTULO 2 – A INDÚSTRIA EM SÃO PAULO

1. A industrialização no Brasil e no Estado de São Paulo

No período colonial, o Brasil desfrutou de uma elevada produtividade, com sua indústria agrícola-exportadora de produtos de caráter tropical e com sua indústria extrativa. O Nordeste foi a região de maior relevância econômica, beneficiada pela produção da cana-de-açúcar, dominante em Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e parte da Bahia. A outra fonte de riqueza se localizava em Minas Gerais e Goiás, com a extração de ouro e diamantes.

Os engenhos de cana-de-açúcar foram representativos da industrialização no Brasil colonial. Pode-se qualificar esse período como protoindustrialização, cujas características gerais são desenvolvimento em zonas rurais, com produção dirigida aos mercados inter-regionais e ou internacionais e dar início a um conjunto de atividades manufatureiras que vai da crise da Idade Média até o início da Revolução Industrial (TORRÓ, 1995:518). Os engenhos brasileiros sempre se estabeleceram no campo – eram dependentes das matas, que abasteciam as fornalhas com lenha, e dos rios, onde captavam argila e água para a fabricação das formas e utilizavam a água como força-motriz, através das rodas d'água (GAMA, 1983:72, 81).

Mas, pela própria natureza da nossa formação e da época em que ocorreu a maior atividade econômica do Brasil colonial, não poderiam ter surgido aqui manufaturas significativas. A colônia era pouco povoada, não havia núcleos condensados de população, os transportes eram deficientes e o regime da exploração da terra era essencialmente patriarcal, apoiado no braço escravo. Além dos engenhos e da mineração, o que existiu na época foram pequenas produções que preenchiam as necessidades locais, fabricando artigos de consumo em processos manuais ou por

instrumentos rudimentares (SIMONSEN, 1973:06-08 e 13).

Em 1785, foi proibida, no Brasil, por carta régia, a manufatura de fios, panos e bordados. Foi permitida, somente, a manufatura de tecidos grosseiros de algodão, que serviriam para uso nos vestuários dos negros e para enfardar ou empacotar produtos. Essa proibição, que durou até 1808, fez a incipiente indústria têxtil – de caráter doméstico, que se praticava nas fazendas e em algumas vilas, existentes nesse período – se extinguir quase por completo.

No início do século XIX, a corte portuguesa chega ao Rio de Janeiro (1808) e traz à cidade modernização, tanto comercial, quanto cultural e, ao país, mudanças políticas e econômicas. D. João, abre os portos ao comércio mundial e revoga o alvará que proibia a existência de manufaturas de tecidos finos no país. Mesmo assim, o desenvolvimento industrial foi limitado, principalmente, por causa do Tratado de Comércio e Navegação, de 1810, com a Inglaterra (LIMA, 1954:29-41 e LUCA, 2001:13-14).

As poucas indústrias instaladas no período colonial foram as fundições de ferro e algumas tecelagens para a construção de navios e fabricação de armas. Até 1844, não era possível implantar aqui qualquer manufatura que pudesse competir no preço e na qualidade dos artigos com a indústria inglesa (SIMONSEN, 1973:09 e 14 e PEREIRA, 1984:28-29).

Durante o ciclo de expansão das exportações do café (1886-1894), ocorreu a “gênese” do capital industrial. Os ciclos do café foram os “motores primários” da acumulação de capital (SUZIGAN, 2000:48). Nesse período, a indústria têxtil e a alimentícia foram as mais importantes e as que mais se desenvolveram. Em 1889, o Brasil contava com mais de 636 estabelecimentos industriais e empregava 54.169

operários (SIMONSEN, 1973:16). Só no Estado de São Paulo, entre 1873 a 1894 existiam 12 indústrias têxteis, que ocupavam cerca de 4.029 operários (LIMA, 1954:56-58).

Já é aceita a idéia de que o comércio do café promoveu, em parte, as bases para o desenvolvimento industrial e, também, dentro de um enfoque mais geral, foi resultado de um processo de acumulação de capital do setor agrícola exportador - capitalismo tardio - marcando a emergência de um novo modo de produção capitalista.¹

O investimento industrial baseado pelo comércio do café tomou um caminho descontinuado com a crise do café e com a Grande Depressão de 1930. Segundo Wilson Suzigan, a dependência de importar maquinarias e equipamentos pelo setor exportador manteve-se e a importação de insumos básicos começou a cair. Com isso, o crescimento da produção industrial foi estimulado, em parte, por um rápido processo de substituição de importações nas indústrias de bens intermediários e de capital e, em parte, pelo aumento da produção das indústrias de bens de consumo anteriormente instaladas. Ou seja, uma vez que as importações se tornaram mais caras, a demanda interna se transferiu do mercado externo para os produtores domésticos, criando um processo de acumulação de capital, através do mercado interno. A base inicial do crescimento da produção industrial foi a utilização da capacidade ociosa no setor industrial (SUZIGAN, 2000:365-366).

Como o Estado de São Paulo foi o principal produtor de café, as primeiras indústrias surgiram, então, da conjugação do café com a malha ferroviária e com a imigração.

¹ Para entender as relações da produção do café com o desenvolvimento industrial em São Paulo e no Brasil, consultar Sérgio Silva (1995) e Wilson Cano (1998). E sobre o conceito de "capitalismo tardio", consultar Wilson Suzigan (2000).

Começa a se configurar um novo tipo de indústria, mais urbana, com tecnologia moderna, diferente da praticada no período colonial. A mecanização da produção de café coincide com a busca pelas cidades, por parte dos imigrantes. A imigração criou um mercado de trabalho com oferta abundante para a produção do café e para atividades urbanas e ampliou o mercado de bens de consumo leve, que propiciou oportunidades de novos investimentos (NEGRI, 1996:41). Essas atividades urbanas, que incluíam algumas pequenas manufaturas, foram beneficiadas pela mão-de-obra imigrante especializada, como artesãos, operários com instrução técnica ou com experiência no comércio ou na manufatura, sapateiros, seleiros, carpinteiros, serralheiros, ourives, oleiros, etc.

À medida que o capital e a economia do café cresciam, os acúmulos desse capital ultrapassaram as fronteiras das plantações, fazendo surgir uma série de atividades tipicamente urbanas, como a bancária, os escritórios, armazéns e oficinas de estrada de ferro, comércio atacadista, comércio de exportação e importação e a indústria. À medida que essas atividades cresciam, uma série de outras, mais vinculadas ao processo de urbanização, também se desenvolveram, como o comércio varejista, os transportes urbanos, comunicações, energia elétrica, construção civil e equipamentos urbanos (CANO, 1998:80).

Foi a partir desse momento que começaram a surgir as pequenas indústrias. O primeiro ramo industrial que surgiu foi da indústria manufatureira, que compreendia três segmentos: o primeiro, da fabricação de máquinas e implementos para a atividade agrícola e para o beneficiamento do café; o segundo, da produção de sacarias de juta para a embalagem do café; e o terceiro, os bens de consumo corrente (CANO, 1998:90-91). A maior parte das indústrias nascentes foi promovida por ricos fazendeiros, por imigrantes estrangeiros ou comerciantes importadores, que diversificaram as aplicações de seus capitais, investindo na indústria. Foi o caso do

imigrante italiano Francisco Matarazzo, que chegou ao Brasil trazendo algumas economias para formar seu primeiro estabelecimento no ramo de importações e, posteriormente, na fabricação dos produtos que antes importava, tornando-se um dos capitães da indústria de São Paulo. Vale notar a distância entre os imigrantes pobres, que trabalhavam de sol a sol, nos cafezais, ou os operários, nas indústrias, em relação àqueles poucos que conseguiram, através de seus capitais, tornarem-se grandes industriais (LUCA, 2001:21).

Outros fatores também relacionados à produção do café contribuíram para a implantação da indústria, como a baixa de preços internacionais do café, em 1896/97, que fez diminuir a lucratividade das antigas plantações, enquanto que as novas plantações, com margem de lucros satisfatórios, aplicavam parte desses lucros em capital industrial. O êxodo rural, entre 1898 a 1907, aumentou muita a mão-de-obra nas cidades, trazendo uma maior oferta (!) de força de trabalho para as futuras indústrias. Também, entre 1924 a 1926, o custo de bens de capital reduzido e a fácil importação auxiliaram a instalação de mais indústrias.

Portanto, os excedentes da produção do café empregados em atividades para seu crescimento e seu fortalecimento, acabaram por interagir e formar meios que foram a base para a nascente indústria paulista, como descreve Wilson Cano:

... foi o capital cafeeiro quem promoveu essa primeira expansão industrial, tanto de forma direta como indireta. Os próprios fazendeiros investiam seus lucros em indústrias (...) As evidências históricas demonstram que também comerciantes, bancos, imigrantes, importadores e outros agentes do complexo cafeeiro fundaram ou adquiriram empresas industriais... (CANO, 1998:143).

As primeiras fábricas da cidade São Paulo datam do início do século XIX, uma tecelagem de 1813, que possuía 10 teares e produzia diferentes tipos de tecidos de algodão, e a outra, de armas, de 1818, que tinha 10 mestres e 60 operários, quase todos negros e mulatos. A duração dessas duas fábricas foi curta. Depois delas, São Paulo ficou muito tempo sem a instalação de novas fábricas, surgindo apenas oficinas artesanais ou pequenos estabelecimentos fabris (MATTOS, 1958:27). Na província de São Paulo, também houve tentativas de implementar indústrias, como a fábrica de tecidos de Manuel Lopes de Oliveira, em Sorocaba, que começou a funcionar em 1857 e foi instalada em uma chácara, *"junto às senzalas de seus escravos"*. Os seus teares eram inicialmente manuais e foram adaptados para funcionar a vapor. Outras máquinas foram importadas da Inglaterra e sua mão-de-obra era escrava. Suas atividades foram encerradas em meados de 1861 (RIBEIRO, 1988:24-25).

Até a década de 1860 as experiências para a consolidação de fábricas não surtiram muitos resultados. A região de Sorocaba teve um papel importante no desenvolvimento industrial, tornando-se centro de um movimento para a expansão da lavoura do algodão. A Guerra de Secessão, nos Estados Unidos, provocou uma crise de abastecimento de algodão nas indústrias inglesas, o que elevou os preços do produto no mercado internacional, estimulando o seu plantio em qualquer local que fosse possível. Nas regiões de Sorocaba e Itapetininga, em terras impróprias para o plantio do café, a cultura do algodão foi implantada. Em 1867, Maylasky publicou nos jornais de Sorocaba a idéia de se fundar uma nova fábrica de tecidos, mas, como outras, essa fábrica não durou muito tempo, entrando em liquidação em 1870 (REIS FILHO, 1994:65-66).

...na década de 1870 estavam assentadas as condições para o surgimento da indústria algodoeira; a abundância de matéria-prima (algodão) a preços acessíveis, a facilidade no recrutamento de força de trabalho especializada e em importar maquinismos, a

melhoria nos transportes, a disponibilidade de mão-de-obra e a presença de um crescente mercado consumidor (RIBEIRO, 1988:27).

A primeira fábrica a atingir resultados positivos, com as características de uma fábrica moderna (maquinaria importada e operários livres), foi a São Luiz, de Itu, fundada em 1869. Seu idealizador foi o Tenente Coronel Luiz Antônio Anhaia, farmacêutico daquela cidade. A fábrica São Luiz foi instalada no centro da cidade, na esquina da Rua Paula Souza com a praça Dom Pedro I. Possuía, no início, 24 teares e 62 máquinas, operadas a vapor. Para o abastecimento de água para as caldeiras e as máquinas a vapor eram utilizadas duas bombas d'água, que captavam água de um riacho vizinho à fábrica. Todas as máquinas foram importadas dos Estados Unidos pela firma Lidgerwood, que tinha sua sede em Campinas (RIBEIRO, 1988:27, 28). O técnico que projetou o edifício da fábrica São Luiz foi William Putney Raston, empregado de William Van Vlek Lidgerwood; Raston também foi aos Estados Unidos comprar as máquinas e contratar mão-de-obra especializada (SAIA, 1989:144, 151).

Carlos Lemos, em *Alvenaria Burguesa* (1989:41), diz que Campinas foi a primeira cidade a ser provida de uma olaria com produção mecanizada de tijolos cerâmicos (olaria Sampaio Peixoto). Isso ocorreu dois anos antes de ser construída a Fábrica São Luiz. Antes disso, a produção de tijolos era realizada com técnicas artesanais e processos de fabricação rudimentares. O avanço da cultura cafeeira fez quebrar a tradição construtiva que, até meados do século XIX, baseava-se na técnica de levantar paredes de taipa socada ou de mão e cobrir as estruturas de madeira com telhas de barro do tipo capa e canal. O trabalho com a madeira também sofreu um avanço, passando de técnicas artesanais para bem equipados engenhos de serrar, sendo também na região de Campinas o maior número destas unidades industriais em meados de 1860 (SAIA, 1989:138).

A fábrica São Luiz adotou um sistema construtivo mais moderno, em relação àquele tradicional, de taipa de pilão. Suas paredes portantes e divisórias foram feitas com alvenaria de tijolos. A caixilharia de madeira, com vidros, também foi executada com o auxílio de maquinaria e toda a sua cobertura foi feita com telhas de barro do tipo capa e canal. As grossas paredes da fábrica também foram revestidas (SAIA, 1989:139).

No estudo pioneiro de arqueologia industrial sobre a São Luiz, comentado no capítulo anterior, Dean observava que:

A arquitetura do edifício da fábrica sugere que seus fundadores não pretendiam uma ruptura no sistema social vigente. Sua aparência externa é inteiramente tradicional, e na cidade de Itu, tão cheia de estruturas religiosas, parece apenas outro convento (DEAN, 1976:15).

A arquitetura da fábrica São Luiz foi fruto de uma composição híbrida, quer dizer, em sua fachada houve o emprego de um padrão arquitetônico comum à época, mas houve a tentativa de incorporar, no seu sistema construtivo e de produção, materiais e equipamentos modernos. Isso, de certa maneira, denota uma arquitetura industrial ainda enraizada, autóctone. Para Warren Dean, “a fábrica não parece uma precursora de um século científico mas a reafirmação de um período anterior...” (1976:15).

Na década de 1870, outras indústrias começam a se instalar no interior do Estado, como a fiação e tecelagem Jundiaiana, de 1874, em Jundiaí, que posteriormente mudou sua razão social para **São Bento**. A força-motriz dessa fábrica foi inicialmente hidráulica, sendo substituída por uma caldeira a vapor, em 1886. Em 1875, surgiram mais quatro tecelagens: **Santo Antônio**, de São Luís de Paraitinga, que possuía 25

teares; **Santa Francisca**, de Piracicaba, instalada junto ao rio da cidade, com 100 teares e 180 operários; **Fábrica Carioba**, em Campinas, com 26 teares, e a última, em Salto, pertencente a José Galvão de França Pacheco Júnior - **Fábrica Júpiter** - instalada junto à queda-d'água do rio Tietê. Essas quatro fábricas possuíam força-motriz hidráulica; a Júpiter utilizava a força d'água para movimentar seus 50 teares, mas, em vez de rodas d'água, ela tinha uma moderníssima turbina, mais econômica, que ocupava menos espaço que as máquinas a vapor (RIBEIRO, 1988:33-36 e DEAN, 1976:13).

As indústrias importantes dessa época eram têxteis e algumas como, a **São Martinho**, de Tatuí, de 1881, e a **Mont-Serrat**, de Salto, de 1887, já utilizavam a energia a vapor. No entanto, essa força-motriz foi pouco empregada. Assim como a fábrica **Votorantim**, de 1893, instalada na zona rural, próxima a Sorocaba, muitas outras indústrias se caracterizavam por utilizarem força-motriz hidráulica e por estarem instaladas fora da área urbana, junto aos rios. Helena Saia corrobora, afirmando que essas indústrias *“estavam localizadas junto a áreas produtoras de matéria-prima e com situação quase sempre definida pela existência de curso d'água”* (SAIA, 1989:157).

É importante ressaltar que essas indústrias já produziam um impacto nas áreas onde foram instaladas. A paisagem em torno dela era transformada *“...principalmente pelo uso e dominação dos recursos naturais disponíveis. Abrem-se canais, desviam-se os rios e criam-se represas para a geração de energia para a fábrica, o que altera significativamente a paisagem e a vida dos moradores locais”* (BALLEIRAS, 2003:88).

A partir desse momento, na cidade e no Estado de São Paulo se estabeleceram grandes indústrias, como a de Nicolau Scarpa, que começou trabalhando como operário e formou, em 1919, a Sociedade Anonyma Scarpa, com a Fábrica de Fiação, Tecidos e Malharia, em São Bernardo, a Fábrica de Fiação e Tecidos Nossa

Senhora da Ponte e a Fábrica de Óleo e Sabão, em Sorocaba, e as Máquinas de Beneficiar Algodão, em Conchas e Avaré. Jorge Street, em 1912, instalou a Fábrica de Fiação e Estamparia Maria Zélia, no bairro Belenzinho. A fábrica contava com uma vila operária com mais de 600 casas, creche, jardim de infância, dois grupos escolares, escolas profissionais, farmácia, médico, dentista, açougue, armazém, igreja, jardim e restaurante. Rodolfo Crespi, imigrante italiano, tornou-se um industrial importante com a firma Regoli, Crespi Co., que passou a denominar-se Companhia Rodolfo Crespi, com o Cotonifício Crespi S.A., na Moóca. Antonio Pivost Rodovalho, Egidio Pinotti Gamba, os irmãos Jaffet e o Conde Francisco Matarazzo também foram grandes industriais e construíram importantes indústrias. Tais exemplos apontam para imigrantes que se transformaram em industriais e que contribuíram para a formação do mito do imigrante que “venceu na vida” (CARONE, 2001:131-188).

As indústrias instaladas a partir do início do século XX, no Estado de São Paulo, possuíam características diferentes daquelas primeiras da região de Campinas, que se localizavam junto aos rios, geralmente distantes do centro urbano e utilizavam a energia hidráulica como força-motriz. As novas indústrias, mais modernas pelo seu sistema construtivo mais avançado, suas máquinas maiores e ágeis, foram instaladas próximas aos centros urbanos, pela disponibilidade de mão-de-obra, de mercado consumidor e pela implantação da malha ferroviária. Não dependiam mais dos cursos d’água para gerarem energia; muitas já utilizavam a energia a vapor e algumas iniciaram o uso da energia elétrica. A inserção dessas indústrias no espaço foi condicionada pela linha de trem, que contornava a cidade, e os terrenos, próximos à linha, eram mais baratos e de dimensões superiores.

É nesta fase da industrialização que as indústrias Matarazzo serão instaladas no interior de São Paulo. Com um padrão tecnológico determinado pelas energias transformadas (vapor e elétrica), as indústrias se distanciam dos rios, aproximando-se dos leitos das ferrovias, gerando uma morfologia urbana diferente daquelas da primeira fase.

2. A trajetória das indústrias Matarazzo na capital e no interior paulista

Em 1881, chegou ao Brasil Francisco Matarazzo, com 27 anos. Estabeleceu-se em Sorocaba, cidade importante nessa época, como centro tropeiro e estação terminal da Estrada de Ferro Sorocabana, onde deu início à criação e comercialização de suínos. Em pouco tempo, Matarazzo abriu uma casa comercial, em 1882, na rua da Penha, onde vendia a banha refinada de seus porcos, aproveitando o fato de a maior parte da banha consumida no Brasil ser importada. Algum tempo depois, Francisco instalou em Sorocaba uma fábrica de banha, seguida por outras duas, uma em Capão Bonito e outra em Apiaí, cidades essas localizadas na região de Sorocaba (RUST, 1934:28 e MARTINS, 1973:19, 20). Na época da instalação dessas fábricas, entre 1882 a 1890, não existiam estradas de ferro que ligassem Sorocaba a essas cidades. O transporte da banha e da carne de porco produzidas nessas fábricas era, provavelmente, feito por tropas de animais até Sorocaba, depois por via férrea, até São Paulo e Rio de Janeiro. Francisco Matarazzo realizava o seu comércio rural com os fazendeiros da região, possivelmente, antes da consolidação dessas fábricas:

... de Sorocaba, onde fixára residencia, apenas chegado da Italia, se irradiava em excursões pelo nosso sertão, que percorria a cavallo com tropa de carga, transaccionando com os fazendeiros nelle estabelecidos. (...) Ia e vinha de Sorocaba para vêr e abraçar os seus e proseguia na tarefa a que se dedicára (In Memorian, s/d:101 e 471-472).

Martins (1973:26) indica em seu livro que a fábrica de banha em Capão Bonito é, às vezes, referida pela futura sociedade anônima IRFM em seu patrimônio, como a fábrica de banha em Itapetininga. Através da pesquisa feita junto à Secretaria de Cultura da cidade de Capão Bonito, verificou-se que lá existiu, realmente, a Fábrica de Banha de Francisco Matarazzo, e que o prédio onde funcionou a fábrica foi

demolido há cerca de 10 anos. A pesquisa nos jornais de época, de Itapetininga, indicou, também, algumas notícias a respeito de uma fábrica de beneficiamento do algodão que Francisco Matarazzo instalou na cidade, na década de 1930. Em nenhum momento, no conteúdo dessas notícias sobre as indústrias Matarazzo na cidade, foram feitas referências à antiga fábrica de banha; somente a indicação e a conclusão de que a fábrica de beneficiamento do algodão foi a primeira e única indústria que Francisco Matarazzo implantou em Itapetininga.

Segundo Martins, essas três fábricas de banha possuíam alguns toscos aparelhos (1973:22). Posteriormente, Francisco Matarazzo fundou outra fábrica de banha em Porto Alegre e deu início ao armazenamento de banha, não mais em barris de madeira, como era comum, mas em latas. Em relação à fábrica de banha em Capão Bonito, que leva o nome de *Fábrica de Banha A Paulista*, temos os seguintes dados:

Occupa uma area de 25.000 mq. dos quaes 4.000 com edificações. Os porcos destinados ao fabrico de banha são conservados num vasto campo, onde são cuidados com a maxima limpeza e hygiene. Em edificio separado são abatidos e depois collocados em trez grandes caldeiras da capacidade de 2.000 litros de gordura. A banha destas caldeiras, é transvasada em depositos e acondicionadas em latas de diversos tamanhos. A carne dos porcos é salgada na mesma fabrica e exportada para o Rio. A força é fornecida por uma caldeira de 30 H.P. Trabalham nesta fabrica 45 operarios. A producção é de 2.000 Kilos de banha por dia (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Álbum F. Matarazzo e Cia., 1904-1906:sem página).

Outros dados sobre a fábrica:

A última fabrica, a de Banha Paulista, em Itapetininga, ocupa a superficie de 25.000mts dos quaes 4.000 com as oficinas e um estabelecimento para o preparo de conservas de carne de porco. A fábrica compõem-se de diversos pavilhões: no

primeiro fica o matadouro; o segundo é ocupado pelas caldeiras destinadas a cozinhar a graxa; e no ultimo está instalada a seção de conservação da carne que, logo depois de salgada, é exportada para a Capital. Na fabrica trabalham 45 operarios que preparam cerca de 2.000 Kilos, diariamente, de carne salgada (LLOYD, 1913:677).

A Fabrica de Banhas Paulista, occupa uma area de 25.000 metros quadrados e está provida de installações para o preparo da banha e da carne salgada, de vacca e de porco; a produção diaria desta ultima carne vae a 2.000 Kilos (MANNING, 1919:471).

Dois irmãos de Francisco Matarazzo recém-chegados da Itália, José e Luís, formaram com ele, em 1890, a sociedade *Matarazzo & Irmãos*, compreendendo uma fábrica de banha em Sorocaba, uma em Capão Bonito, uma em Porto Alegre e um armazém em São Paulo (LIMA, 1954:157-158). O Encilhamento, na época, que permitia aos bancos a emissão de dinheiro, bem como o incentivo à criação de sociedades anônimas e também liberação de créditos, contribuiu para uma circulação de dinheiro enorme no país e para a criação de muitas sociedades, como é o caso da *Matarazzo & Irmãos*.

Francisco Matarazzo mudou-se para São Paulo em setembro de 1890, para se estabelecer na Praça do Mercado, na Rua 25 de Março, com uma casa de comissões e consignações, onde também vendia a banha em lata produzida por ele. Outro irmão de Francisco, André, também recém-chegado ao país, filiou-se à sociedade, ficando responsável pela fábrica de Sorocaba. Francisco, com o armazém em São Paulo, combinou a comercialização da banha a negócios de importação de bens de consumo, o que permitiu reduzir o impacto das oscilações no mercado e na concentração dos lucros, ora na indústria interna, ora na importação. A especialização no setor industrial, naquele momento, exporia o capital a riscos incontrolláveis e a uma situação muito submissa. No conjunto das atividades, o capital

podia preservar uma taxa mínima satisfatória de reprodução (MARTINS, 1973:22-24).

Em meados de 1890, a sociedade *Matarazzo & Irmãos* é dissociada e, em 15 de março de 1891, é organizada, por Francisco Matarazzo e seu irmão José, outra sociedade, com 43 acionistas. A *Companhia Matarazzo* tinha por finalidade fabricar, refinar, comprar e vender banha e comprar e vender outros produtos. As fábricas de banha de Sorocaba e Porto Alegre, da *Matarazzo & Irmãos*, foram compradas e incorporadas à nova empresa. Francisco Matarazzo ficou com o comando do armazém da Rua 25 de Março e conservou a fábrica de Capão Bonito; passou a denominar-se *F. Matarazzo & Cia. Ltda.*, associando-se a seu irmão André. Nessa época, Francisco Matarazzo mantinha relações com o banco inglês London and Brazilian Bank, mais tarde chamado de Bank of London and South América (LIMA, 1982:24-27).

A firma *F. Matarazzo & Cia. Ltda.* importava farinha de trigo americana e arroz da Cochinchina, com a ajuda de crédito do banco inglês. Com a ajuda de um banqueiro, Francisco conseguiu crédito de um banco inglês, chamou técnicos ingleses e deu início à construção do *Moinho Matarazzo*, localizado no bairro do Brás, na rua Monsenhor Andrade, junto à linha da *São Paulo Railway* e próximo ao Mercado Municipal da cidade. O *Moinho* era ligado a essa linha por um desvio duplo, com capacidade de 52 vagões para carga e descarga, que alcançava seu interior. A indústria ocupava uma área de 20.000 metros quadrados e foi equipada com moderníssimas máquinas *Henry Simon & Co.*, da casa *Henry Simon*. A instalação dessas máquinas inglesas foi feita por engenheiros estrangeiros, sob a direção do Sr. Henrique Schuman, engenheiro chefe da *Cia. Mecânica Importadora* e catedrático da Escola Politécnica. A obra foi iniciada em janeiro de 1899 e concluída em fevereiro de 1900, sendo sua inauguração em 15 de março de 1900. No *Moinho* funcionavam

também duas oficinas, uma para fabrico de sacaria e outra completa, para consertos, e um almoxarifado de sobressalentes (In Memoriam, s/d:14, 101-102 e 333; MARTINS, 1973:30-31; RUST, 1934:28 e ANDRADE, 1991:169-170).

O *Álbum F. Matarazzo e Cia.* traz mais detalhes sobre o projeto e o modo de produção do Moinho Matarazzo:

O moinho foi construido e montado segundo o projecto da especial casa Henry Simon Ltd. de Manchester, pelos engenheiros especialistas Rey e Prist.

(...) O edificio principal, de 4 andares, que contem todos os aparelhos de lavagem, limpeza e moagem, é dividido em duas secções autonomas, completamente independente uma da outra.

(...) Com o perfeitissimo systema de trituração, o moinho produz diariamente 3.500 saccos, de 44k., de 12 typos diferentes e mais de 2.000 saccos de farelo. A força motora é alimentada por 2 motores electricos de 300H.p. cada um e outros pequenos motores de 30,20,15 e 5 H.p., collocados nas diversas secções.

(...) Completam a installação do moinho, grandes armazens, officinas mechanicas para consertos, listagem dos cylindros, etc.

*Trabalham no moinho 250 operarios (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Álbum F. Matarazzo e Cia.*, 1904-1906:sem página).*

Em outros documentos, têm-se informações de que cerca de 500 operários trabalhavam no Moinho Matarazzo (não 250), e que este número estava subindo, e também que a produção de sacos de farinha e farelo aumentou para 6.000 diários, em vez dos 5.500 (MANNING, 1919:471 e LLOYD, 1913:677). No livro *São Paulo e seus homens no Centenário* (1922:230) foi encontrado que a produção diária do Moinho Matarazzo era 6.000 sacas de farinha e 600 de farelo. As informações acima, por serem publicações posteriores ao documento de 1904 a 1906, acredita-se que houve um aumento tanto no número de operários, como da produção.

No *Moinho*, além das instalações para moagem do trigo, existiam duas oficinas e um almoxarifado, como já foi citado. Uma delas, que era destinada a consertos, em 1902 foi transformada em seção de fabricação no ramo metalúrgico, posteriormente transformada na *Metalúrgica Matarazzo*. A outra oficina era equipada com máquinas de tecelagem destinadas à produção de sacos para acondicionar toda a farinha, mais tarde desmembrada para dar origem à Fiação e Tecelagem *Mariângela*, inaugurada em 1904.

No mesmo terreno do moinho, foi construído um edifício de vários andares, para beneficiar o arroz, e, para isso:

...foram montadas mecanismos aperfeiçoados de invenção recente. Dois possantes aparelhos oscillantes limpam o arroz que delles já sae sem casca. Um moinho de pedra parte a casca; tres descascadores a separam do arroz, enquanto quatro machinas rotativas recebem os grãos que della saem completamente brunidos. Há ainda uma maquina de ensacar o arroz, sendo as saccas da Mariângela (LLOYD, 1913:677).

Possivelmente, esse estabelecimento foi instalado após a inauguração da Fiação e Tecelagem *Mariângela* (1904), e consta que ele já existia em 1911, com capacidade de produção de 1.000 sacas por dia de arroz beneficiado. Outro anexo ao *Moinho*, datado de 1926, para a fabricação de massas alimentícias, em 1938 transformou-se no Pastifício do Brás, produzindo a marca Petybon (ANDRADE, 1991:170-171).

A Fiação e Tecelagem *Mariângela*, desmembrada da oficina no *Moinho*, foi instalada também na rua Monsenhor Andrade, na quadra ao lado do *Moinho*, do lado oposto, próximo à *São Paulo Railway*, mas não ligado diretamente a ela. Essa indústria foi projetada na Inglaterra, de onde vieram as plantas. As obras tiveram início em 1903,

com medidas internas de 33,528 metros de frente e 68,58 metros de fundo, totalizando 2.299,35 m².²

A fábrica *Mariângela* tinha suas seções integradas desde a sua construção, incluindo fiação, tecelagem de algodão e cascarnifício, que produzia fibras para cobertor. Em 1910, foram acrescentadas a tinturaria e a estamparia (ANDRADE, 1991:171).

Duas publicações, uma pela Secretaria do Estado de São Paulo e outra editada por ingleses (*Álbum F. Matarazzo e Cia.*, 1904-1906 e LLOYD, 1913:677), afirmam que a fábrica ocupava uma área edificada de 5.624 m², ou seja, uma área maior que a já citada, possivelmente por incluírem novas seções ou anexos.

O algodão entrava na fábrica em sua forma natural e era colhido por 6 descascadores, que separavam os caroços. Um sistema de condutor plano e com correias transportava o algodão em máquinas que o misturavam, tornando-o uniforme. Depois era transportado por elevadores, aos depósitos. O algodão ainda bruto passava por diversas máquinas que o ventilavam, batiam e enrolavam em carretéis. Estes carretéis iam para 44 cardas, que preparavam o algodão para passarem a fiação, o que era feito gradualmente e por meio de muitas passagens. Vinte e um bancos de fusos, divididos em 6 seções, de 3, cada uma, transformavam o algodão saído das cardas em cordas finas, pouco resistentes, para poderem ser enroladas nos carretéis especiais, que iam depois para a seção de fiação. Na ampla sala de fiação, havia 33 máquinas, com 11.500 fusos, e outras especiais, com 1.500 carretéis, que preparavam o fio que passava para a sala da urdidura, onde trabalhavam 6 máquinas. Em uma sala separada era engomado o fio. Algumas

² Requerimento de agosto de 1903, da *F. Matarazzo & Cia.* à autoridade municipal, para a construção da *Mariângela*, com planta do edifício anexada a esse processo (ANDRADE, 1991:171).

máquinas recebiam farinha, água e outras substâncias químicas que, juntas, fermentadas e cozidas, por meio de uma bomba, repartiam-se automaticamente entre as 3 máquinas que engomavam o fio e outra maior que engomava o tecido. As bobinas com o fio engomado eram fixadas e urdidas pelas operárias. Passavam, depois, para uma outra sala, onde havia 400 teares. O sistema dos 100 teares *Nothrop* era novíssimo, permitindo que um só operário vigiasse 14 teares. As bobinas com o tecido passavam, antes, pela seção de aperfeiçoamento, e depois iam para a grande sala, onde, além da grande máquina de engomar, havia 2 outras para dobrar e medir, 2 prensas hidráulicas e uma para estampar a marca nas peças. Em outra sala funcionavam 8 máquinas para fazer as meadas. A produção da fábrica era de 20.000 metros por dia, divididos em diversos tipos, próprios para sacaria, forros e roupas brancas. Trabalhavam nessa fábrica 600 operários e a força motora era alimentada por 9 motores elétricos de 450 H.P. (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Álbum F. Matarazzo e Cia.*, 1904-1906:sem página).

A *Agenda Matarazzo* é uma publicação da empresa, que traz informações de suas fábricas, referentes ao ano de 1931. Dela, foram retiradas os seguintes dados:

Trabalham nessa fabrica 2.000 operarios que se repartem entre as diversas secções assim divididas:

FIAÇÃO – Com 45.000 fusos, está capacitada para a fabricação de fios até o título N° 44 (inglez), para todas as applicações das industrias textis, como sejam: fios siples a uma e a duas cores; fios retorcidos a uma, duas ou mais cores; fios fantasia de diversos typos e cores etc.

TECELAGEM – Precedida por optimas e aparelhadas secções de preparação, a tecelaegm compõe-se dos seguintes typos de teares:

(...)

Automaticos (Northrop).....250

(...)

Total:.....1.800

(...)

TINTURARIA – Dotada de aparelhos modernos para tingir, alvejar e mercerizar, alcançamos uma produção media diaria de 3.000 Kgs. repartidos em:

(...)

CASCAMIFICIO – Com total de 3.500 fusos...

(...)

FORÇA MOTRIZ – Possuimos, como reserva, instalações para produzir 2.000 H.P. dos quaes: 1.600 H.P. por meio de motores Diesel uns unidos a geradores electricos, e 400 H.P. por turbinas a vapor, cujo recupero é destinado a diversas secções que necessitam de aquecimento.

CALDEIRAS – Recentemente installadas, existem 4 typos Franco Tosi para 13 atmospheras com economisadores e supra aquecedores (Agenda Matarazzo, 1931:07-09).

Novamente as publicações trazem dados divergentes sobre a produção e o número de operários das mesmas fábricas. Os dados do documento de 1904 a 1906 divergem dos dados da *Agenda Matarazzo*. Acredita-se que, entre 1906 e 1931, houve um aumento da produção e de operários na *Mariângela*.

É importante observar a representatividade, para a época, da Fiação e Tecelagem *Mariângela*, e também a sua comparação com outras tecelagens, nas qualidades de produção, tamanho, higiene e maquinaria. Maria Alice Ribeiro comenta que algumas fábricas, em 1918, fazendo descrições para a I Exposição Industrial, contemplavam a presença de processos produtivos modernos, como a existência de teares automáticos do tipo *Nothrop*, com os da fábrica *Mariângela* (RIBEIRO, 1988:112). Além desse equipamento moderno, a *Mariângela* tinha em seu processo de produção alguns mecanismos que facilitavam a vida do operário, como o caso do transporte da matéria-prima, que era feito por meio de elevadores, guindastes, carrinhos e esteiras

sem fim, sendo que a maioria das fábricas da época não dispunha desses recursos. A *Mariângela* era considerada:

*...a mais importante da América do Sul, não só pelo conjunto da produção, como pela perfeição do trabalho efetuado por máquinas modernas e pelas condições de higiene em que trabalham os operários.*³

O *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, de São Paulo, de 1912, contribui para visualizarmos outros elementos importantes da *Mariângela*:

...Acha-se instalada em um soberbo edifício de dois andares, que ocupa quase toda quadra. Sob os pontos de vista de segurança e higiene, não se pode desejar coisa mais perfeita: as suas instalações são feitas com todo rigor; há luz e ar em abundância, asseio completo. Nos corredores e nos lugares onde permanecem os operários, o soalho é sempre de madeira. Na fiação existem aspiradores para a poeira do algodão, e, em todas as seções, ventiladores para a renovação do ar ambiente. Para o trabalho de menores, as máquinas são de tamanho reduzido. (...) Tem esta fábrica todas as seções separadas, havendo algumas onde só é fornecido trabalho a adultos, W.C. e vestiários em número suficiente... (In: DECCA, 1991:33, 34).

Devido às grandes quantidades de caroços que sobravam do algodão não beneficiado (com algodão e caroço) utilizado na tecelagem, Francisco Matarazzo instalou, junto ao complexo têxtil *Mariângela*, a fábrica de óleo e sabão *Sol Levante*, sem data precisa, mas possivelmente construída na década de 1910. A fábrica de óleo tinha máquinas de refinação de óleo de semente de algodão, importadas dos Estados Unidos. Essa fábrica ocupava dois edifícios, trabalhando nela 60 operários, com consumo diário de 60 toneladas de caroços para a produção de 40 quartolas

³ A autora traz informações sobre o processo de trabalho de várias indústrias e também da fábrica *Mariângela*, como a produção, quantidade de máquinas e motores (RIBEIRO, 1988:112-115).

de óleo refinado. Os resíduos da preparação desse óleo eram utilizados para a fabricação do sabão, cuja produção é de cerca de 5.000 quilos diários, consumidos em todo o Estado (RUST, 1934:29; LLOYD, 1913:677).

A fábrica *Sol Levante*, como já dissemos, era formada por dois edifícios separados. No primeiro se encontravam o depósito de caroço de algodão e diversas máquinas, para a extração do óleo natural. O segundo edifício era destinado à refinação e à extração da estearina (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Álbum F. Matarazzo e Cia.*, 1904-1906:sem página).

Os caroços de algodão são transportados do deposito ao pavimento superior da fabrica... Em seguida, os caroços passam para uma sala contigua onde seis machinas acabam de limpá-los completamente... Os caroços, assim polidos, entram para o descaroador e depois numas peneiras as quaes separam a casca dos caroços.

(...) O caroço, assim descascado, é transportado para o andar terreo e quebrado por uma machina composta de cinco cylindros sobrepostos, passando, em seguida, em quatro caldeiras esquentadas mediante jactos de vapor.

(...) Para effectuar as diversas passagens do oleo, há 12 bombas a vapor. Para o fornecimento do vapor necessario, há uma calderia de 360 K-P.

Fornecem a força motriz 5 dynamos da força complexiva de 250 cavallos.

Na fabrica está installado um gabinete chimico.

Annexo ao estabelecimento tem uma fabrica de latas com 9 machinas.

Na fabrica trabalham 65 operarios.

*O consumo diario do estabelecimento é de 60 tonelladas de caroços para a producção de 40 quartolas de oleo refinado (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Álbum F. Matarazzo e Cia.*, 1904-1906:sem página).*

O primeiro núcleo formado, então, pelas indústrias Matarazzo, no bairro do Brás, em São Paulo, incluía o *Moinho Matarazzo*, a tecelagem e fiação *Mariângela*, a fábrica

de óleo e sabão *Sol Levante* e a *Oficina Central*. O segundo núcleo da *F. Matarazzo e Cia.* foi formado no bairro da Moóca, junto à *São Paulo Railway*, na Alameda Taubaté (atual Rua Borges de Figueiredo), com a fábrica de fósforos *Sol Levante*, em 1906. No mesmo endereço, em 1910, a Matarazzo instalou uma refinação de açúcar e, em 1915, um moinho de sal (ANDRADE, 1991:172).⁴

Em 1911, Francisco Matarazzo constituiu-se a sociedade anônima denominada “Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo” (IRFM), a sociedade de maior importância em toda sua carreira industrial, que englobava a Fiação, Tecelagem, Malharia e Tinturaria *Mariângela*, a Branquearia e Estamparia *Mariângela*, o Moinho Matarazzo, a Fábrica de Banha, em Capão Bonito, um Engenho de Arroz, em São Paulo, e outro em Iguape, à beira do Rio Ribeira, a Fábrica de Óleo e Sabão *Sol Levante* e o Cascamifício *Mariângela*, entre outros. O setor de tecelagem da empresa e outros foram ampliados, com a construção da *Tecelagem Belenzinho*, da *Amideira Matarazzo*, um belo exemplo da arquitetura industrial da época, e com a aquisição de armazéns e trapiches em portos, como o de Antonina, no Paraná, pela subsidiária S. A. Indústrias Matarazzo do Paraná, além de filiais em Santos, Rio de Janeiro e Curitiba (LIMA, 1982:27).

A *Tecelagem Belenzinho* foi construída para ser uma fábrica integrada e para produzir tecidos de qualidade superior aos da *Mariângela*. As obras foram iniciadas no final de 1911 (ANDRADE, 1991:173).⁵

⁴ No *Álbum F. Matarazzo e Cia.*, publicado pela Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, consta uma boa descrição da fábrica de fósforos *Sol Levante* e do seu modo de produção.

⁵ A *Tecelagem Belenzinho* era composta de fiação, estamparia, tinturaria e mercerização de tecidos. O seu edifício foi instalado na Avenida Celso Garcia até às margens do Rio Tietê, no bairro do Belenzinho. A área da fábrica ocupava 50.000 m². Ela foi montada com 700 teares e 20.000 fusos e empregava 770 operários. Sua

Na *Agenda Matarazzo* há informações detalhadas da tecelagem:

FABRICA DE TECIDOS BELEMZINHO

FIAÇÃO

Nº dos Fusos Rings 40.000

Nº dos Fusos Retorcedeira 3.648

(...)

Produção diária: Kg. 7.500.

TECELAGEM

(...)

Composta de 2.000 teares dos quaes:

1.000 teares communs. 700 teares de machinetas. 100 teares jacquards. 132 teares para a fabricação de tecidos Xadres. 68 teares para a fabricação de tecidos Creps, fornecidos por um dos melhores fabricantes de machinarios.

(...)

ESTAMPARIA

É composta de uma instalação de alvejamento com os processos modernos, com uma produção diária de 100.000 metros e 5.000 kilos de fios, acompanhado de uma instalação para mercerizar fios e tecidos (Agenda Matarazzo, 1931:81-83).

A *Amideira Matarazzo* foi instalada também no Belenzinho, sendo inaugurada em 1914. Produzia amido de milho, arroz, trigo e mandioca. Os vários tipos de amido produzidos eram para o consumo doméstico, como os produtos “Cerealina”, “Amido Matarazzo”, “Amido Brilhante” e “Amido Explendor”, e eram também utilizados nas tecelagens, para engomar os tecidos. Eram produzidos ainda produtos derivados do amido, como a glucose, a dextrina e o álcool. Francisco Matarazzo instala, para auxiliar a *Amideira Matarazzo*, uma fábrica de féculas de mandioca em Moreira

produção, em 1917, era de 12.000.000 de metros quadrados de tecidos de algodão (In *Memorian*, s/d:15 e MANNING, 1919:472).

César, porque o amido de mandioca é um produto similar ao amido de batata e importante para as tecelagens, ajudando nos trabalhos da produção. Transferiram as instalações de Moreira César para Caçapava, cidades essas próximas a São José dos Campos, também como fábrica de féculas. A transferência foi devido à grande produção de mandioca existente na região de Caçapava. Junto a essa fábrica, de instalações modernas, passava a Estrada de Ferro Central do Brasil. A fábrica possuía dois aparelhos de destilação, um para a fabricação de 5.000 litros de álcool e o outro para 2.000 de litros de álcool retificado Cartier 42°, por dia (Agenda Matarazzo, 1931:32-43). A produção anual da fábrica de Caçapava era de 2.000 toneladas de féculas de mandioca (In Memoriam, s/d:356).

Em 1935, a IRFM compra a *Tecelagem Ítalo-Brasileira de Sedas*, fundada em 1907, por Crespi e Puglisi, que, em 1930, foi vendida para Guilherme Guinle. Posteriormente, o nome dessa fábrica foi alterado para *Tecelagem Brasileira de Sedas*, sendo considerada a maior tecelagem de seda natural do Estado, na época. A *Tecelagem Brasileira de Sedas* ocupou o conjunto de edifícios, existentes até hoje, nas ruas Joli e Sampson, no bairro do Brás. A sede administrativa das IRFM, hoje, ocupa um desses edifícios (In Memoriam, s/d:356).

Depois de instalar unidades fabris no bairro da Mooca, como a fábrica de fósforos *Sol Levante*, o moinho de sal e uma unidade para a refinação do açúcar, Francisco Matarazzo inicia a implantação do que seria o seu primeiro núcleo fechado. Em 1912, o grupo Matarazzo arrenda quatro fábricas da antiga *Fábricas Reunidas Pamplona*, localizadas no bairro periférico de São Paulo, São Caetano, absorvendo sua produção de sabão, velas, graxas e óleos lubrificantes. A IRFM iniciou as atividades da fábrica de pregos, em São Caetano, em 1913 e, em 1915, deu início à implantação do núcleo, que durante anos irá compor-se de Fábrica de Curtumes (1922), Fábrica de Rayon (1924), Fábrica de Papel, Papelão e Celulose (1930),

Cerâmica Matarazzo – Louças Cláudia (1935), Fábrica de Ácidos (1936), Refinaria de Petróleo – I.M.Ê. (1938), Fábrica de Sulfato de Alumínio (1939), Fábrica de Soda Cáustica (1948), Fábrica de Acetileno (1954), Fábrica de Carbureto de Cálcio (1955), Fábrica de Ácido Sulfúrico (1961) e, a partir de 1977, inicia a desativação de parte dessas indústrias (GIANELLO, 2002:6-9).⁶ Foi construído, junto a esse núcleo, um conjunto de habitações populares (LIMA, 1982:39).

Com a construção de outro Moinho Matarazzo, em Antonina, no Paraná, em 1917, e querendo acompanhar o ritmo de crescimento industrial de São Paulo, Francisco Matarazzo, não satisfeito com o núcleo de São Caetano, adquire um terreno de 101.000 m² no bairro Água Branca, da antiga fábrica de licores da Cia. Antártica Paulista, que margeava as estradas de ferro da Sorocabana e da Inglesa, para implantar um núcleo que realmente marcou o auge da expansão das IRFM. Foram transferidas, em 1920, as fábricas de sabão, velas, estearina, oleína, glicerina e pregos, de São Caetano, a refinaria de açúcar da Móoca e a fábrica de óleo de caroço de algodão, anexa à Tecelagem Mariângela, e foram construídas uma serraria, uma caixotaria, uma carpintaria, uma marcenaria, uma fábrica de carrocerias e uma seção interna de transporte, composta de duas locomotivas, para o "Parque Industrial da Água Branca". Simultaneamente, começava a funcionar o frigorífico Jaguariaíva, na subsidiária do Paraná, e, em 1922, instala a Fábrica de Licores Matarazzo, no bairro do Brás, e inaugura uma seção de Cinema nas IRFM, encarregada de distribuir filmes norte-americanos em todo o país, sendo encerrada essa atividade por problemas de infra-estrutura, em 1932 (LIMA, 1982:40-48).

Com as IRFM de São Paulo consolidadas, Matarazzo consegue atingir o topo de sua

⁶ Esta revista, publicada pela Fundação Pró-Memória, traz um belo panorama de todas as indústrias Matarazzo construídas em São Caetano.

produção, verificando-se, na publicação da Agenda Matarazzo, que as áreas de suas indústrias englobam 8.786.000 m² e ocupam mais de 7 mil operários; considerando-se que cada operário tenha uma família de cinco pessoas, na época, dependiam diretamente das IRFM aproximadamente 35.000 pessoas (LIMA, 1982:52).

As IRFM começaram a atuar em uma nova área, a da indústria química, com a construção da já citada Fábrica Viscoseda, em 1926, em São Caetano, que posteriormente foi alterada para Fábrica de Rayon Matarazzo. Em 1927, adquirem um novo estabelecimento na Água Branca, destinado à produção de louças, aparelhos sanitários e azulejos. Para acompanhar a expansão do comércio, no mesmo ano, foi idealizada a instalação de armazéns na Capital, nos bairros da Vila Mariana, no Belenzinho e na Vila Pompéia, no interior do Estado, em Ribeirão Preto, Campinas e São José do Rio Preto, e no Estado de Minas, em Juiz de Fora, que posteriormente se transformaria em uma das filiais das IRFM (LIMA, 1982:53-54).

Nos anos 30, Francisco Matarazzo, aproveitando o momento em que o Brasil era um dos grandes produtores de algodão, adquire a Tecelagem Santa Celina, no bairro do Belenzinho, e associa-se a uma fábrica de óleo de algodão e sabão em João Pessoa, na Paraíba. Grande parte da produção do algodão vinha de muitas plantações do interior paulista e Francisco Matarazzo, já com 80 anos, inicia a implantação de suas primeiras máquinas de descaroçamento e beneficiamento do algodão, próximas aos centros produtores de Avaré, Itapetininga, Catanduva, Bauru, Rancharia, Presidente Prudente, Bernardino de Campos, Marília e Ribeirão Preto. Essas indústrias de beneficiamento do algodão são objetos de estudo neste trabalho.

Francisco Matarazzo falece em 10 de fevereiro de 1937. O filho do Conde, Francisco Matarazzo Jr., assumiu as responsabilidades do pai. O Conde Francisco Matarazzo Jr., que herdou de seu pai o título recebido do rei Italiano Vittorio Emanuele III, em

1917, assumiu formalmente, em 1937, o cargo de Diretor Presidente das Empresas Matarazzo (LIMA, 1982:77).

Francisco Matarazzo Jr. organizou, em sua gestão empresarial, o funcionamento das IRFM, e construiu muitos estabelecimentos no interior do Estado de São Paulo, como os beneficiadores do algodão, em São José do Rio Preto, São João da Boa Vista e Araçatuba; as tecelagens de algodão e seda, em Bauru, Campinas, Rio Claro e Ribeirão Preto, e as indústrias de extração de óleo vegetal, em Catanduva, Marília, Rancharia, Campinas e Araçatuba. Todas essas indústrias, instaladas por Matarazzo Jr., e mais a têxtil química de São José dos Campos, completam as indústrias que serão aqui estudadas.

A trajetória das indústrias Matarazzo na capital e no interior paulista foi aqui desmembrada em seus pontos mais importantes, mostrando inúmeras fontes com informações sobre a Matarazzo, alargando o entendimento de suas várias faces. Fecha-se esse movimento no momento da implantação das indústrias que serão estudadas e analisadas adiante, no trabalho.

3. A cultura do algodão no Estado de São Paulo

Este último sub-item abordará um resumo do processo de ocupação geográfica da cotonicultura paulista. Sua importância se dá por servir como base de entendimento e por justificar o movimento de inserção das fábricas de algodão da Matarazzo no interior do Estado. Verifica-se que a empresa não estabeleceu suas indústrias por ordem do acaso, mas seguindo a melhor região e momento, a infra-estrutura restante da produção do café, o baixo custo da mão-de-obra e os baixos impostos dos municípios onde elas iriam ser construídas.

A expansão e o fortalecimento da cotonicultura, como resposta a crises do café, tem constituído um fenômeno recorrente na história econômica paulista. Em 1930, essa resposta se dá de forma diferente em relação aos surtos anteriores, por causa da intensidade e da qualidade da crise cafeeira dessa década. A crise de 30 não resultou numa queda imediata da produção do café, como se poderia esperar, nem na eliminação dos rendimentos ou falência dos cafeicultores, mas em uma brusca redução de sua taxa de expansão agregada, e no seu redirecionamento para novas áreas dentro e fora do Estado. O papel, nesse momento, a ser assumido em relação ao pólo de geração de lucros e centro da hegemonia política e econômica do país, em vez da cafeicultura, é feito pelo setor industrial (ALBUQUERQUE, 1983:144-145).

Simultaneamente, essa crise abriu as portas à necessidade de reorganização das formas de utilização e de posse da terra, e aqui o algodão teve papel fundamental. A fim de garantir o seu aproveitamento econômico e preservar o controle da sua propriedade, os fazendeiros, arruinados com a crise de 1929, iniciaram a fragmentação das suas terras, reservando as melhores porções, os espigões, para o café, e vendendo as regiões impróprias, os fundos de vales, para os sitiantes ou arrendando-as para a obtenção de uma renda anual, garantindo a posse da terra

para um aproveitamento futuro. O algodão é a cultura que mais aparece ligada à pequena propriedade ou arrendamento (PENÇO, 1993:23).

Para entender o surto algodoeiro da década de 1930 é importante lembrar que não se tratou simplesmente de uma “substituição de culturas”, mas antes de uma mudança na orientação dos investimentos, das relações de produção e das áreas cultivadas, de acordo com o capital do produtor e o seu poder financeiro. Aos pequenos e médios proprietários, aos clientes dos loteamentos, aos parceiros e arrendatários, coube a produção de algodão. Aos grandes, ficavam reservados o café das novas áreas, a pecuária, os investimentos na indústria urbana e na especulação de terras (ALBUQUERQUE, 1983:149).

Antes de adentrarmos no processo de ocupação de terras novas no interior do Estado, após 1930, e, conseqüentemente, a instalação de indústrias, é importante salientarmos que, enquanto as grandes fábricas do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Juiz de Fora e Recife expandiam suas instalações, inúmeras pequenas fábricas proliferavam nas zonas rurais. Em comparação com essas suas grandes irmãs urbanas, as pequenas fábricas do interior levavam algumas vantagens. Elas podiam recrutar “... a força de trabalho barata das meninas das fazendas das redondezas ou dos empregados domésticos e das crianças pobres das cidades do interior”. Os impostos municipais eram baixos e essas fábricas têxteis tinham a pouca distância a matéria-prima, o algodão produzido no interior de São Paulo (STEIN, 1979:120).

O processo de ocupação agrícola pelo café e pelo algodão, na década de 1930, em zonas novas, é relevante para compreendermos o surto algodoeiro e também a relação deste com as fábricas que utilizavam como matéria-prima o algodão da empresa Matarazzo, localizadas no interior do Estado de São Paulo. A Zona Nova é compreendida pelas seguintes cidades e suas respectivas regiões, listadas do sudoeste para o noroeste do Estado de São Paulo: Avaré, Botucatu, Assis, Bauru, Presidente

Prudente, Lins, Birigui, Araçatuba, Catanduva, São José do Rio Preto e Tanabi (ver Mapa 1). A chamada “marcha para o Oeste” apoiou-se pouco no café e principalmente no algodão, que em 1937-38 já ocupava mais de 500.000 hectares, ou seja, o equivalente a 60% de toda a área plantada do café. A Zona Nova atingiu o final da década de 30 com uma taxa de ocupação com área cultivada de 28%, superior à média de São Paulo, e quase equivalente às da região Central e da Capital, que eram de 32% e 30%, respectivamente (ALBUQUERQUE, 1983:150).

A região da Estrada de Ferro Sorocabana servia à parte sul da Zona Nova e também ao distrito sediado por Itapetininga, que foi, entre os anos de 1923-26, um grande produtor de algodão e também uma das poucas cidades da Zona Velha (ver Mapa 2) onde se estabeleceram as indústrias Matarazzo de algodão. Itapetininga atingiu, nessa época, a produção equivalente de 49.5 mil toneladas de algodão em caroço, mais da metade das safras anuais desses anos, que foram de 23 mil toneladas. A movimentação do cultivo do algodão da Zona Central para a Zona Nova é nítida no exemplo abaixo, pela existência, em 1925, de máquinas de descaroçar algodão, e pelo movimento de carga, entre 1923 e 1926, nas Zonas servidas pelas estradas de ferro paulistas:

Anos\Zonas	Sorocabana	Paulista	Noroeste	Mogiana	Araraquara
1925 (Descaroçadores)	128	48	25	11	12
1923-1924 (Escoamento %)	67,7	20,4	5,0	2,0	2,0
1925-1926 (Escoamento %)	48,0	25,1	11,0	4,0	4,0

Fonte: Quadro III.16 (ALBUQUERQUE, 1983:151).

O surto mais intenso da cotonicultura, em toda a história paulista, foi nos anos trinta. Multiplicou-se por 40 a área cultivada nessa época, onde em sete anos o algodão passou a ocupar pouco menos de um milhão de hectares, ou seja, quase a metade da área que o café levava cem anos para utilizar. Esse surto só se explica porque o algodão não se apoiou somente no desbravamento de novas áreas, mas utilizou-se tanto das áreas de cultivo que pertenciam ao café, como da infra-estrutura que o servia (ALBUQUERQUE, 1983:152).

A partir da década de 1930, as zonas Central e Nova (ver Mapa 1) eram as mais importantes; em relação ao cultivo intenso, elas superaram a média do Estado. Em 1938, elas representavam 75,6% da área total dos estabelecimentos e 81,6% da área cultivada total no Estado. A Zona Central foi a maior produtora de café do Estado, em toda a década de 20, e, em 1930-31, tinha a mais alta taxa de ocupação produtiva do Estado, aumentando apenas em 2% sua área até 1937-38. Essa área nova aumentada, cerca de 140.000ha, foi empregada em novos cultivos, pelo menos em 50% no seu produto principal, que era o algodão. A Zona Nova também teve uma grande participação no cultivo do algodão. Em sua área sul, que abrangia a região entre os rios Parapanema e Peixe, com sede em Avaré e indo até o rio Paraná, servida pela Cia. de Estradas de Ferro Sorocabana, abandonou-se decisivamente o café, que perdeu 80 mil hectares, e recorreu-se intensamente ao algodão, com 150 mil novos hectares. A área mais acima, na faixa entre os rios Peixe e Tietê, que começa em Botucatu, passa por Marília e termina em Araçatuba, teve um ótimo crescimento. A área do café se manteve praticamente constante, com produtividade superior à média do Estado, e o algodão espalhou-se por mais de 250 mil hectares, com a produção recolhida pela Estrada de Ferro Noroeste e pelo braço oeste da Estrada de Ferro Paulista. A última área da Zona Nova, ao norte, com sede em Catanduva, passando por Tanabi, entre os rios Tietê e Paraná, teve presença no cultivo do algodão em suas novas terras, que aumentaram em quase 100 mil

hectares, muito mais do que o declínio do café, que alcançou apenas 30 mil hectares (ALBUQUERQUE, 1983:154-157).

Esse resumo do processo de ocupação geográfica da cotonicultura paulista é importante porque, além de servir como referência, explica também o movimento de inserção das fábricas de algodão Matarazzo no interior paulista, demonstrando que a empresa não estabeleceu, por ordem do acaso, as suas indústrias.

As indústrias Matarazzo de algodão, estabelecidas no interior do Estado de São Paulo entre 1920 a 1960, são:

- | | | |
|-------------------------|---------------------------|--------------------------|
| 1. Catanduva | 7. Ribeirão Preto | 13. Araçatuba |
| 2. Avaré | 8. Presidente Prudente | 14. Campinas |
| 3. Bauru | 9. Rancharia | 15. Presidente Venceslau |
| 4. Itapetininga | 10. Marília | 16. Votuporanga |
| 5. Rio Claro | 11. São José do Rio Preto | 17. São José dos Campos |
| 6. Bernardino de Campos | 12. São João da Boa Vista | |

Verifica-se que, realmente, onze das indústrias Matarazzo de algodão, mais da metade delas, localizam-se na Zona Nova, a zona mais importante, em relação à cultura de algodão do Estado, sendo instaladas depois dos anos 30: Bauru (1935), Avaré (1935), Bernardino de Campos (1935), Presidente Prudente (1937), Catanduva (1937), Marília (1937), São José do Rio Preto (1937), Rancharia (1937), Araçatuba (1939), Presidente Venceslau (1944) e Votuporanga (1946). *

Na Zona Central, que também foi importante no processo da cotonicultura paulista, na década de 30, temos quatro indústrias de algodão Matarazzo: Ribeirão Preto

* Os anos em parênteses são relativos ao ano mais aproximado da instalação das indústrias nas cidades.

(1935), São João da Boa Vista (1939), Rio Claro (1939) e Campinas(1943).^{*} Na Zona Sul, temos somente a cidade de Itapetininga (1935) e, na Zona Velha, São José dos Campos (1962). ^{*}

Esse surto algodoeiro na Zona Nova resultou em grande parte da ocupação de áreas novas e não apenas da substituição do café. Como já tínhamos observado, a produção de algodão no Estado de São Paulo cresce a taxas muito altas. Entre os biênios 1930-31 e 1934-35, a produção multiplica-se por catorze vezes e mais do que triplica, deste biênio até 1939-40, subindo até atingir a safra recorde de 463.000 toneladas, em 1944. Com essa grande produção de algodão no Estado, houve o estabelecimento de muitos beneficiadores de algodão: entre 1933 a 1935 na Zona Sorocabana havia 548 descaroçadores, na Zona Paulista havia 345 descaroçadores e na Zona Araraquarense havia 97 descaroçadores. A fácil disseminação de descaroçadores pelo interior se explica pelo fato de que cada descaroçador podia tratar 24.000 arrobas no período de uma safra, ou seja, cada descaroçador era capaz de beneficiar uma grande quantidade de algodão bruto, pagando seu custo de investimento inicial total, com algum lucro, em uma única safra. O número total de descaroçadores do Estado dobrou entre uma safra e outra (ALBUQUERQUE, 1983:158, 165, 175-176).

Além de pagar máquinas de descaroçar em uma única safra e o beneficiador do algodão ter um “lucro líquido” a partir do segundo ano de produtividade, empresas como a IRFM (S.A. Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo), a ACCO (Anderson Clayton e Cia.) e a SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro), beneficiadoras e exportadoras de algodão, eram também produtoras de óleos e tortas, aumentando assim seus lucros, pois a cada tonelada de algodão em caroço se

^{*} Os anos em parênteses são relativos ao ano mais aproximado da instalação das indústrias nas cidades.

extraía 350kg de pluma, 100kg de óleo, 420kg de torta de algodão e 120kg de linter, ou seja, 650kg de caroço de algodão transformados em subprodutos que valem muito mais que o insumo inicial (ALBUQUERQUE, 1983:176).

As primeiras fábricas de óleo de caroço de algodão grandes e bem equipadas só se estabeleceram no Brasil a partir de 1900. As estatísticas mostram que havia pelo menos vinte fábricas de óleos vegetais operando, em 1907. Duas dessas fábricas eram muito pequenas e, das dezoito fábricas restantes, cerca da metade se localizava no Nordeste. A maior de todas foi estabelecida em São Paulo, pela *F. Matarazzo & Co.*, vinculada ao cotonifício da firma, como já foi dito. Podem ser consideradas três outras fábricas de grande porte: uma se localizava no Rio de Janeiro e a outra em Sergipe, as duas de capital nacional. A terceira tinha capital americano (*Rosbach Brazil Co.*) e foi estabelecida em Pernambuco, em 1905. As fábricas, a da Matarazzo e essas outras três, em conjunto detinham 56,2% do capital investido em todas as dezoito fábricas de óleo de caroço de algodão, produziam cerca de 57,4% do total da produção, operavam com 51,4% da potência total instalada (uma média de 209 H.P. por fábrica) e empregavam 52,6% do total da mão-de-obra (uma média de 67 operários cada uma) (SUZIGAN, 2000:335-336).

Boa parte do óleo consumido no país ainda era importada (em especial os óleos comestíveis), sobretudo dos Estados Unidos, e uma proporção também grande de caroço de algodão, especialmente do Nordeste, ainda era exportada, principalmente para os Estados Unidos. Em 1915, a indústria brasileira de óleo de caroço de algodão ainda era considerada “não muito desenvolvida”. Na realidade, foi durante e logo depois da Primeira Guerra Mundial que a indústria de óleo de caroço de algodão mais progrediu no Brasil. Em decorrência desse progresso, foram substituídas as importações de óleo dos Estados Unidos, pela produção interna. Em meados de 1918, as importações de óleo de caroço de algodão caíram muito,

reduzindo-se a quase nada, e o nosso óleo começou a ser exportado para a Europa (SUZIGAN, 2000:337-338).

A partir de abril de 1918, o governo federal e também os estaduais concederam grandes auxílios às usinas de descaroçar algodão e às fábricas de óleo de caroço de algodão. Esses incentivos e subsídios governamentais progrediram durante toda a década de 1920, e, em 1924 o governo federal baixou o decreto n.º 16.396, de 27 de fevereiro de 1924, conferindo amplos incentivos ao cultivo do algodão e às atividades de descaroçamento e fabricação de subprodutos do algodão.⁷ Além desses incentivos foi realizado pelo governo do Estado de São Paulo, na década de 20, um programa de pesquisas para melhorar a qualidade do algodão, que mais tarde passaria a ser executado pelo IAC (Instituto Agrônômico de Campinas) (SUZIGAN, 2000:338-340).

Em razão desses incentivos e de melhoria de qualidade (e com a ajuda trazida pela sustentação americana aos preços do algodão no mercado internacional), o cultivo do algodão teve desenvolvimento extraordinário na década de 1930, especialmente no estado de São Paulo, onde o seu cultivo substitui, em parte, a agricultura cafeeira em crise (SUZIGAN, 2000:341).

A conseqüência disso foi o grande estímulo à fabricação de óleo de caroço de algodão, sendo feitos novos e substanciais investimentos nessa indústria. Há notícia

⁷ Alguns desses incentivos eram: isenção de impostos de importação, por quinze anos, sobre máquinas, aparelhos, instrumentos e equipamentos, tratores e outros veículos para o transporte do algodão, fertilizantes naturais e químicos; transporte gratuito, nas ferrovias e companhias de navegação do governo, de sementes, inseticidas, fertilizantes, máquinas e aparelhos; isenções de todos os impostos federais sobre o cultivo do algodão e as atividades de descaroçamento e fabricação de subprodutos do algodão; fretes reduzidos nas ferrovias e companhias de navegação do governo, para o algodão descaroçado e enfardado, e por fim, empréstimos do governo federal às empresas.

de que diversas novas usinas de descaroçamento de algodão e fábricas de óleo foram instaladas nessa época no Estado de São Paulo, como já foi citado, entre as quais a grande fábrica americana Anderson, Clayton & Co., e as nacionais Votorantim e Matarazzo, que se tornariam as maiores fabricantes de óleos vegetais do país (SUZIGAN, 2000:341).

Na década de 20, três das nove fábricas de óleo já monopolizavam 85% da produção, lideradas pela Matarazzo e Scarpa. Dados da Secretaria da Agricultura sobre as fábricas de óleos vegetais existentes no Estado de São Paulo, em 1923, mostram que a I.R.F. Matarazzo produzia, utilizando como matéria-prima o caroço do algodão, 3.500 toneladas de óleo e 12.000 toneladas de torta, sendo a primeira da lista, ficando em segundo lugar a Scarpa (Sorocaba), utilizando a mesma matéria-prima, produzindo 3.000 toneladas de óleo e 7.000 toneladas de torta (ALBUQUERQUE, 1983:128-132).

O desenvolvimento da indústria de óleo de caroço de algodão entre as décadas de 1920 a 1930 é bem ilustrado nos dados das exportações de descaroçadores de algodão e de máquinas para fábricas de óleo dos Estados Unidos para o Brasil, além dos efeitos dos incentivos da década de 1920, que são vistos pelo aumento marcante na importação de máquinas a partir de 1924, nos dados a seguir:

Exportações de descaroçadores de algodão e máquinas para fábricas de óleos vegetais dos Estados Unidos para o Brasil, 1922/39. Libras esterlinas, preços de 1913 (médias anuais)

Períodos	Descaroçadores	Máquinas p/ fábricas de óleo
1922-1923	6.117	543
1924-1929	12.474	3.093
1930-1933	9.045	2.463
1934-1939	105.320	35.370

Fonte: (SUZIGAN, 2000:341 e 372-383).

Vê-se, nesses dados, que o maior avanço ocorreu na década de 1930, especialmente no período 1934-1939, o que faz compreender o período da instalação das indústrias Matarazzo de algodão no Estado, principalmente suas fábricas de óleo, que vão de 1938 a 1960. Para finalizar essa síntese sobre a cultura do algodão no Estado, suas fábricas de óleo e suas usinas de beneficiamento do algodão, vistas paralelamente com as fábricas de algodão Matarazzo, entende-se que o algodão, da metade da década de 1930 ao seu final, foi, sem dúvida nenhuma, um importante produto de exportação. O Brasil foi, assim, o maior exportador mundial de algodão e, também, no final da década de 1930, de seu subproduto, o óleo de caroço de algodão.

MAPA 1



MAPA 2



Mapas retirados de ALBUQUERQUE, 1983:260, 261.

CAPÍTULO 3 - AS INDÚSTRIAS DE ALGODÃO MATARAZZO NO INTERIOR PAULISTA

Para facilitar a compreensão do processo de instalação das indústrias de algodão Matarazzo no interior do Estado de São Paulo, entre 1920 a 1960, optou-se por dividi-las em seus três tipos de produção: 1) Beneficiadores de algodão, 2) Tecelagens e Fiações e 3) Fábricas de óleos de caroço de algodão. Além dessa divisão, cada indústria será organizada pela data aproximada de seu início de funcionamento na cidade, da mais remota à mais recente. Essas datas são balizadas pelo levantamento e análise dos dados colhidos na pesquisa.

O livro *Matarazzo 100 Anos* (LIMA, 1982), como sabemos, foi patrocinado pela família, mas é um dos poucos trabalhos que contêm informações sobre as indústrias Matarazzo pós-1920, no interior paulista. Os outros livros publicados sobre a história das indústrias Matarazzo, por estudiosos, não possuem tais informações; seu enfoque principal é o estudo das primeiras indústrias Matarazzo na cidade de São Paulo.

Dessa forma, elaborou-se uma tabela com as datas de instalação das fábricas do livro *Matarazzo 100 Anos*, que possivelmente são desconhecidas, considerando-se as datas do levantamento desta pesquisa.

	MATARAZZO 100 ANOS	LEVANTAMENTO DE PESQUISA
	BENEFICIADORES DE ALGODÃO	
BAURU	1937	1935
AVARÉ	1936	1935
ITAPETININGA	1936	1935
RIBEIRÃO PRETO	1937	1935
BERNARDINO DE CAMPOS	1937	1935
PRESIDENTE PRUDENTE	1937	1937
CATANDUVA	1937	1937
MARÍLIA	1936	1937
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	1936	1937
RANCHARIA	1937	1937
SÃO JOÃO DA BOA VISTA	1938	1939
ARAÇATUBA	1938	1939
PRESIDENTE VENCESLAU	1943	1944
VOTUPORANGA	1943	1946
	FIAÇÕES E TECELAGENS	
RIO CLARO	1946	1939
BAURU	-----	1942
RIBEIRÃO PRETO	1946	1946
CAMPINAS	1946	1946
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	1964	1962
	FÁBRICAS DE ÓLEO DE CAROÇO DE ALGODÃO	
CATANDUVA	1937	1938
MARÍLIA	1939	1939
RANCHARIA	1939	1939
CAMPINAS	1939	1943
ARAÇATUBA	-----	1960

1. Beneficiadores de algodão

BAURU

A cidade de Bauru foi elevada à categoria de Vila em 4 de abril de 1887 e no dia primeiro de julho de 1905 chegaram os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana à cidade (OLIVEIRA, 1966). Em 06 de setembro de 1925, o *Diário da Noroeste* trazia:

O progresso de Baurú

As Industrias Reunidas F. Matarazzo vão começar as suas instalações

As Industrias Reunidas F. Matarazzo vão iniciar a construção das suas grandes instalações em Baurú, abrindo á nossa cidade, no campo industrial, uma larga e promettedora perspectiva.

Essas instalações abrangerão uma fabrica de oleo, outra de sabão, um moinho para trigo, e dois armazens assobradados, com desvio da linha ferrea ao centro, e plataformas cobertas, occupando uma extensão de 13 metros de largura e 50 metros de fundo, ou seja uma superficie de 650 metros quadrados.

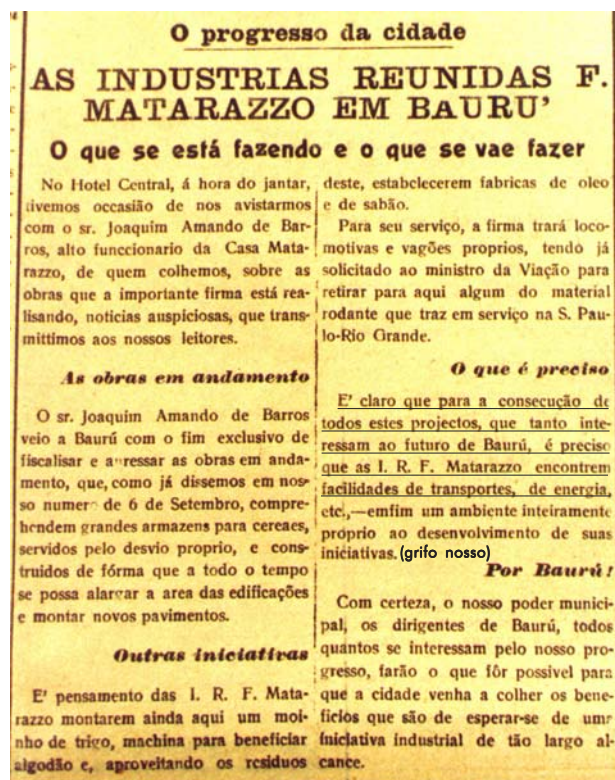
Prevendo o futuro desenvolvimento dessas industrias, a importante firma paulista vae dar aos alicerces desses predios a solidez necessaria para aguentarem cinco andares, sendo de crêr que as instalações da F. Matarazzo em Baurú atinjam esse ponto maximo dentro de breve prazo.

Ante-hontem inaugurou-se o desvio de linha a que acima nos referimos, com a entrada de tres gondolas.—uma de pedregulhos e duas de areia do Tieté—para se iniciarem os trabalhos de construção, confiados á direcção de um engenheiro competente. Esse desvio parte do kilometro n.º 1, e attinge depressa o seu ponto terminal.

Informam-nos que a F. Matarazzo vae dotar os seus estabelecimentos de Baurú com os machinismos mais aperfeiçoados, tornando-os aptos a produzirem productos de 1.ª ordem, e dando-lhe a efficeincia precisa para attenderem toda a vasta clientela que a grande firma possui na Noroeste e por Matto Grosso.

A realização d'esse projecto fará, além do mais, que outras attensões se volvam para Baurú, e outras iniciativas surjam, e assim se accelre o desenvolvimento da nossa cidade, talhada para ser um dos grandes centros commerciaes e industriaes de S. Paulo.

Ao longo deste capítulo, vai ser comum, em algumas cidades, o município dar isenções nas taxas para aquisição de terrenos, energia, água e transporte, ou mesmo doações para a instalação das indústrias Matarazzo. Nesse caso ,ocorreu o seguinte processo, pela notícia publicada em 1925:



(Diário da Noroeste, Bauru, 14 de outubro de 1925)

Em decorrência das “facilidades” necessárias para a implantação da indústria Matarazzo na cidade, temos:

A industria em Baurú não tem acompanhado nas suas phases todas, o progresso da cidade, denotados em outros campos de acção. A difficuldade encontra na canalização da agua, a falta de energia electrica, principalmente, e o preço por que é esta fornecida, têm posto tropeços à realização de muitas iniciativas que aqui se mantiveram e se conservaram apenas em projecto. A cidade já poderia contar com uma industria invejavel, não fossem essas difficuldades. Além das citadas temos a da carencia de transportes que ainda infelicitam todo o Estado. As estradas de ferro, sem excepção não favorecem devidamente taes iniciativas e só ha a boa vontade dos poderes municipaes, porque estes convivem mais intimamente com a vontade de progredir do povo. As Industrias Reunidas Francisco Matarazzo, conhecendo o alto valor da localidade, cogitam de montar algumas industrias, para o que

estudam ainda possibilidades de tal empreendimento. Torna-se necessario que a situação reinante melhore, portanto, de formas animar, dar braço e amparo ás novas industrias que se projectam (Correio de Bauru, Bauru, 16 de outubro de 1925).

E, ainda:

As Industrias Reunidas F. Matarazzo, que de ha tempos vêm alargando a sua esphera de negocios em Baurú e Zona Noroeste - facto a que por diversas vezes nos temos referido, com merecidos commentarios - acaba de abrir filial nesta cidade, confiando-a á direcção do conhecido industrial sr. Joaquim da Silva Martha. Dada a grande importancia d'aquella firma, uma das maiores de S. Paulo, e o largo circulo de credito e relações que o sr. Martha goza em toda a zona, é de esperar que a nova filial das I. R. F. Matarazzo venha concorrer muito para o incremento da nossa vida comercial (Diário da Noroeste, Bauru, 27 de abril de 1926).

A primeira filial da Matarazzo foi, então, construída em Bauru em 1926. O que se verificou construído no Km 1 - então Cia. Paulista de Estrada de Ferro, hoje Concessionária Ferrobán - foi um dos armazéns, com o desvio da linha férrea. Possivelmente, as referidas fábricas de óleo, sabão e moinho, não foram construídas.



Fachada posterior do armazém Matarazzo. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.



Fachada posterior do armazém Matarazzo. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.



Fachada principal do armazém Matarazzo. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.



Fachada principal do armazém Matarazzo. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.



Interior do armazém Matarazzo. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.



Detalhe da janela, com arco abatido em tijolos, vedada posteriormente. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.



Lateral do armazém Matarazzo. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.

Na década de 1930, Bauru, como outras cidades da região, deixou de se interessar pela monocultura do café, por causa da crise de 1929, e passou a se dedicar ao plantio de algodão. A cidade e sua região estavam entre os maiores produtoras de algodão do Brasil.

Instalaram-se, em Bauru, depois da grande produção de algodão, muitos beneficiadores do produto, como a da Indústria Matarazzo, conforme a notícia publicada no *Correio da Noroeste*, de Bauru, em 17 de agosto de 1935.

Em 1936, o mesmo jornal confirma que:

SR. FRANCISCO MATARAZZO

Acha-se na cidade o chefe das Industrias Reunidas F. Matarazzo

Conforme noticiamos, chegou hontem a Bauru o conde Francisco Matarazzo, que, estando em excursão pelo interior em visita ás suas industrias, veio até esta cidade afim de inspecionar a usina de beneficiamento de algodão de propriedade da sua empresa. A recepção do grande industrial foi muito carinhosa, vendo-se entre as pessoas que o foram esperar, as figuras mais destacadas da colônia italiana de Bauru, e varias autoridades, além de elementos do commercio e industria da cidade.

Depois de ligeiro repouso o sr. Francisco Matarazzo dirigiu-se ás installações locaes das IRFM..onde deve ter pernoitado, no magnífico carro de viagem que o acompanha nas suas excursões pelas rodovias, uma vez que, apesar de lhe terem sido reservados aposentos no Hotel Central, não havia regressado até ás 23 horas.

O retorno a S. Paulo deverá dar-se hoje, por estrada de rodagem (O Correio da Noroeste, 23 de abril de 1936).

Em junho de 1936 é publicado um anúncio da Matarazzo, em Bauru:¹



De acordo com PELEGRINA (1990:43 e 2002), um amplo prédio situado no centro de Bauru, na rua Newton Prado, esquina com Costa Ribeiro, hoje rua Agenor Meira e Presidente Kennedy, estava sendo construído, em 1934, para abrigar as máquinas de beneficiar algodão da Matarazzo.

Esse beneficiador de algodão da Matarazzo ficou em atividade até meados de 1940. Posteriormente, foi demolido e hoje, no local, encontra-se o Supermercado Paulistão.²



O Supermercado Paulistão, na esquina das ruas Presidente Kennedy com Agenor Meira. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.

¹ Correio da Noroeste, Bauru, 14/06/1936. Museu Histórico Municipal de Bauru.

² Pelas publicações dos jornais, que comprovam a existência da Matarazzo em 1935 e 1936, definiu-se que o Beneficiador de algodão Matarazzo iniciou suas atividades em Bauru em 1935.

O jornal *Correio da Noroeste*, de Bauru, resolveu promover, no dia 31 de maio de 1936, um desfile dedicado ao “Dia do Algodão”, com a participação de carros e caminhões das empresas de algodão da região, apresentando algumas de suas máquinas agrícolas. Alguns representantes das indústrias de algodão da região e da cidade contataram o jornal, parabenizando-o pela iniciativa, como o gerente da usina das IRFM de Bauru, senhor Julio Santoro (*Correio da Noroeste*, Bauru, 13 de maio de 1936).

A visita de Francisco Matarazzo às cidades do interior paulista era um verdadeiro acontecimento local. A população paralisava suas atividades para vê-lo passar nas ruas, como veremos em outras cidades e, aqui, pelo *Correio da Noroeste*:

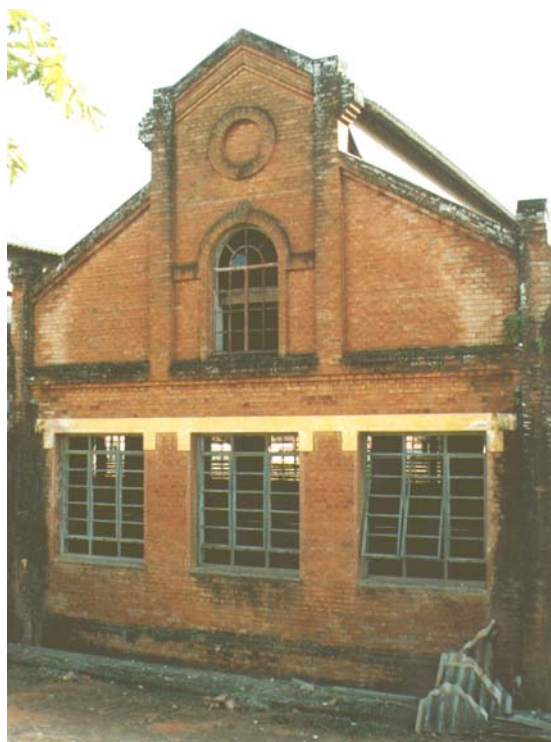
Regressou hontem para a capital do Estado, o conde Francisco Matarazzo, chefe das Industrias Reunidas Francisco Matarazzo, e que aqui se encontrava desde ante-hontem. Depois de agradecer a acolhida de que foi alvo nesta cidade, o sr. Francisco Matarazzo partiu por estrada de rodagem, ás 14 horas mais ou menos, sendo acompanhado até a sahida da cidade por grande numero de representantes da colônia italiana nesta cidade.

*Ao que soubemos, S. S. leva a melhor impressão de Bauru tendo mesmo demonstrado disposição de melhorar as suas installações industriaes nesta cidade (*Correio da Noroeste*, Bauru, 24 de abril de 1936).*

O Conde Francisco Matarazzo visitou as suas propriedades no município
Em carro especial ligado ao nocturno de S. Paulo chegou no dia 22 a esta cidade o conde Francisco Matarazzo, que foi alvo de homenagens prestadas pela colônia italiana, e pela Associação Commercial. O conhecido industrial visitou a Casa de Misericórdia, a

Sociedade de Mutuo Socorros Italiano e o Gymnasio do Estado, tendo regressado á tarde. Noticia-se que foi adquirido pelo mesmo o prédio onde está instalada a machina do sr. Adhemar Martins (Correio da Noroeste, Bauru, 7 de junho de 1936).

Em 1934, a Matarazzo adquiriu uma gleba de terra, ao lado do quartel da Força Pública de Bauru, para iniciar a construção de vários pavilhões de uma tecelagem. Essa nova área é próxima ao local onde existiu o beneficiador de algodão Matarazzo, no centro da cidade. Os edifícios dessa tecelagem são os mais representativos e conhecidas pela população de Bauru. Mais recentemente, esses edifícios foram totalmente demolidos e parte importante da memória industrial de Bauru foi perdida.



Pavilhão da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho de 2002. Foto do autor.



Pavilhões da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho de 2002. Foto do autor.



Antiga área da tecelagem Matarazzo, recentemente demolida. Bauru, novembro de 2003. Foto do autor.

AVARÉ

O município de Avaré foi criado em 7 de julho de 1875 (EMPLASA, 2001:16). Na década de 1930, a cidade era essencialmente agrícola. Além do café, que sempre constituiu sua base econômica, as estatísticas da época colocavam Avaré em primeiro lugar na produtividade do algodão (BOCCI, 2001:46). O jornal *Correio da Sorocabana*, de Bauru, publicou, em 30 de maio de 1937, em destaque, na primeira página, que Avaré, no decorrer da última safra, era a maior produtora de algodão do Estado, com uma produção de 5.890.830 quilos.

Consta que o Conde Francisco Matarazzo instalou suas primeiras máquinas de descaroçamento e beneficiamento de algodão em Avaré, em 1936 (LIMA, 1982:56). Essa foi a primeira informação encontrada a respeito de um beneficiador de algodão Matarazzo em Avaré. As máquinas funcionaram até meados de 1950, quando o estabelecimento industrial foi vendido para a Cia. Americana de Algodão.³

No Cartório de Registro de Imóveis de Avaré encontra-se, nos Livros 3D nº 2689 e 3E nº 2746, que em 24 de dezembro de 1934 a IRFM adquiriu um terreno de 6.500 m², defronte à E. F. Sorocabana, por 42 contos e 250 mil réis. Em 22 de janeiro de 1935, a IRFM em permuta com o Estado, doa o tal terreno e adquire outro, de 5.013 m², localizado no pátio da Estação Ferroviária de Avaré, na rua Pará. Sabemos, hoje, que os antigos galpões da Matarazzo, em Avaré, encontram-se nas esquinas da rua Pará com a Sergipe e Ceará, o mesmo local do terreno adquirido acima.

Uma publicação de 04 de março de 1970 traz que:

A importante Companhia Latino Americana de Algodão, forte grupo econômico, no 2º

³ Entrevista com o prof. e escritor José Leandro Franzolin, diretor do Museu Histórico e Pedagógico “Anita Ferreira de Maria”, de Avaré.

semestre do ano passado, interessou-se na aquisição das antigas instalações da indústria Matarazzo, isto é, do acervo remanescente. A remodelação exigiu vultuosa soma, abrangendo uma área de 16 mil metros quadrados, para tulhas, armazéns e as máquinas que são de procedência estrangeira (BOCCI, 2001:46).



Foto aérea de Avaré. Em azul claro, o terreno da extinta Matarazzo. Podemos ver, nessa foto, que a indústria se localiza no limite da linha do trem, que separa o centro da cidade dos bairros periféricos, quer dizer, quase no arrabalde, onde os terrenos são mais baratos. Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Avaré - Mosaico Aerofotogramétrico de 1979.



Mapa da cidade de Avaré, sem escala. Em roxo, o terreno onde hoje se encontram os galpões da extinta Matarazzo. Esse terreno tem aproximadamente uma área de 10.000 m². Podemos observar que o tal terreno era circundado pela E. F. Sorocabana e por um córrego e se encontra ao lado da desativada Estação Férrea da cidade. Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Avaré.

Na década de 1970:

A gente que já estava até desacostumada do espetáculo ficou meio pasmada diante da movimentação inusitada que se desenrola presentemente em Avaré, reativando o bulício da região “industrial” que permaneceu em dormência por quase vinte anos, só no ano passado reviveu com a instalação da Companhia Algodoeira que adquiriu o acervo da “Matarazzo” (BOCCI, 2001:47).

Pelas duas passagens anteriores, constata-se que a indústria Matarazzo deva ter fechado suas portas nos anos 50, pois, em de abril de 1971, encontramos que o ramo industrial da cidade ficou “adormecido” por 20 anos, quer dizer, a Matarazzo, em Avaré, parou de funcionar nos anos 50 e somente em 1969 e 1970 é que foi incorporado o seu estabelecimento à Companhia Latino-Americana de Algodão.

O que corrobora com a informação acima, é o registro em Cartório feito pela Cia. Latino-Americano de Algodão, em 8 de novembro de 1973, na compra, por Cr\$ 360.000,00, do terreno de mais de 10.000 m² da IRFM, na rua Pará.⁴

A informação abaixo sobre a cidade de Avaré, em 1935, atesta que:

Functionam, em Avaré, na presente safra, 24 descaroçadores, afora 5 em inatividade, número esse que também não contém os da firma Matarazzo, que só na safra vindoura, trabalhará no benefício do ouro branco (BOCCI, 1983:365)

⁴ Livro 3 AU n° 37238, do Cartório de Registro de Imóveis de Avaré.

Conforme dados do Cartório de Imóveis de Avaré sobre o terreno obtido pela Matarazzo, em 1934, e pela informação acima, define-se como data para a instalação da indústria de beneficiar algodão Matarazzo, em Avaré, o ano de 1935.

Os edifícios da indústria Matarazzo, que foram utilizados, nos anos 70, pela Cia. Latino-Americana e depois abandonados, tiveram partes conservadas e reformadas, que são utilizadas pelo Colégio Dimensão. O restante do conjunto de edifícios está abandonado, sofrendo as intempéries. Já houve um desabamento da cobertura e de parte da estrutura de um dos edifícios. A proprietária de todos os edifícios remanescentes da Matarazzo é a Madereira Avaré.

A importância da indústria Matarazzo extrapola os limites de sua atividade produtiva. Como veremos em outras cidades, é comum a Matarazzo ajudar as instituições beneficentes. Essa atitude contribuía para Francisco Matarazzo ser reconhecido como filantropo, além de um grande comerciante e industrial.



Visita do Conde Matarazzo à Santa Casa de Misericórdia. Avaré, sem data.

Fonte: Arquivo Joaquim Negrão.



Vista panorâmica da cidade e (ao fundo, em azul) a indústria de algodão Matarazzo. Avaré, sem data. Fonte: Arquivo Joaquim Negrão.



Vista dos quatro galpões (no centro da foto) da indústria Matarazzo. Avaré, sem data. Fonte: Arquivo Joaquim Negrão.



Vista dos quatro galpões e a caixa d'água, com a inscrição IRFM, da indústria de algodão Matarazzo. Avaré, sem data. Fonte: Arquivo Joaquim Negrão.



Vista quase semelhante à da foto acima, hoje com a vegetação crescida, da indústria de algodão Matarazzo. Avaré, novembro de 2003. Foto do autor.



Portão de entrada da antiga Matarazzo, hoje Colégio Dimensão. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Rua Sergipe, com os fundos dos galpões de algodão da Matarazzo. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Um dos edifícios da indústria Matarazzo, na esquina da Rua Pará com a Rua Sergipe. Avaré, sem data. Foto de José Leandro Franzolin.



Mesmo edifício Matarazzo, agora reformado, da esquina da Rua Pará com a Rua Sergipe. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Vista interna de um galpão da indústria Matarazzo, então Cia. Latino-Americana. Avaré, foto dos anos 70, possivelmente. Fonte: Madreira Avaré.



Vista interna de um dos galpões remanescentes da indústria Matarazzo, onde hoje funciona o Colégio Dimensão. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Antigo salão da Matarazzo, transformado em biblioteca. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Detalhe da estrutura em madeira de sustentação da biblioteca. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Um dos galpões, em madeira, da indústria Matarazzo, hoje pátio do colégio Dimensão. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Parte interna do pátio do colégio, que conserva toda a estrutura da cobertura original. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Corredor de distribuição das salas, com a estrutura da cobertura aparente. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Corredor que permanece com a cobertura original do galpão. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Fundos dos quatro galpões principais da indústria Matarazzo. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Início da fachada dos quatro galpões principais da indústria Matarazzo. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Os galpões Matarazzo, que hoje estão em total abandono. Avaré, novembro de 2003. Foto do autor.



Os quatro galpões Matarazzo, que pertencem à Madreira Avaré e não fazem parte das instalações do colégio. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



O único galpão com a janela original, em madeira. O shed (abertura para a passagem de ar e luz) do edifício ainda conserva os vidros e o madeiramento. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Detalhe de um dos galpões mais altos do conjunto, pela presença do óculo, acima da janela em arco pleno, totalmente vedada. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Os quatro galpões principais da Matarazzo, ainda de pé, em foto tirada em maio de 2002. Foto do autor.



Os galpões da Matarazzo, sendo que o último (à direita) sofreu desabamento de toda a sua cobertura e parte de sua fachada, por causa de uma tempestade. Avaré, novembro de 2003. Foto do autor.



Detalhe dos dois galpões mais altos. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



A mesma vista da foto ao lado, com um dos galpões em ruína. Avaré, novembro de 2003. Foto do autor.



Um dos galpões, com a janela não vedada. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Interior do mesmo galpão da foto à esquerda. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.



Interior de um dos galpões principais. Avaré, maio de 2002. Foto do autor.

ITAPETININGA

Sobre as máquinas de descaroçamento e beneficiamento de algodão Matarazzo, em Itapetininga, em de janeiro de 1935, o *Tribuna Popular* anuncia a visita de Francisco Matarazzo às construções da indústria de algodão Matarazzo na cidade:

Tiramos hontem um momento do dia para conhecer as construcções da Companhia Matarazzo, que se estão levantando na rua Alfredo Maia, junto á Estrada de Ferro Sorocabana. Verificamos logo, que as construcções estavam sendo feitas de forma a deixar a frente do predio para a citada rua e os fundos, ligado á estrada de ferro.

Recebidos pelo Gerente da firma, Snr. Antonio Terranova, fomos apresentado ao Snr. Guido de Camargo, Chefe da Secção de Algodão, com o qual mantivemos rapida palestra.

Acompanhado, depois, pelo Snr. Terranova, fomos visitar as construcções que já estão bem adiantadas. (grifo nosso) A quantidade que iamos andando, ia-nos, solicitamente, explicando o Snr. Gerente: aqui irão ficar as machinas de descaroçar algodão, que são as mais aperfeiçoadas da actualidade e importadas directamente da Norte America. Essas machinas serão tocadas a electricidade; entretanto, a Companhia irá manter possantes motores a oleo para não deixar faltar força em casos extraordinarios. Este salão enorme que os Snrs. estão vendo, será destinado ao deposito de algodão em caroço. Este outro é para o enfardamento. Alli, o algodão perfeitamente acondicionado estará prompto para ir ao carro da estrada de ferro. Aquella parte que está sendo atacada pelos operarios, será um outro enorme deposito. Nesta parte, que dá frente para a rua, vão ser construidos diversos depositos. A Companhia Matarazzo irá fazer em Itapetininga o mesmo que fez em Sorocaba: manter depositos de sal, de farinha, assucar, etc. em grande escala.

Quanto tempo leva, ainda, para concluir as obras? Perguntamos.

Queremos, em fins de março vindouro, vel-as concluídas. O serviço é grande. Imaginem os Snrs. que compramos uma olaria especialmente para atender às necessidades da construção e os braços que puzemos em actividade e assim mesmo, ainda há falta de tijollos e temos que adquirir em outras olarias.

Em quantos contos, calcula o Snr. Que ficará essa construção?

Calculamos que transporá a cifra de 2.000 contos de réis.

Entremos nesta sala, que é o nosso escriptorio provisório, e venha ver a planta e o plano que se está elaborando...

Depois que verificamos a grandeza do serviço, perguntamos si não era, ainda, intenção do Conde montar nesta cidade uma grande fabrica de tecidos. Disse-nos o Sr. Gerente que não, mas, que o Conde tencionava levantar do outro lado da estrada de ferro um grande e modernizado frigorífico.

Iamos nos retirar quando o Snr. Terranova nos convidou para tomar uma chicara de café, ao que accedemos gostosamente.

Tomamos o café e nos retiramos satisfeitos porque viamos mais uma obra de valor que estava sendo levantada em nossa cidade e que viria dar trabalho a muitos braços da nossa população operaria.⁵

Nota-se, assim, que o início das obras da indústria Matarazzo de beneficiamento de algodão em Itapetinga se deu antes de janeiro de 1935.⁶ Em janeiro de 1936, a *Indústrias Reunidas F. Matarazzo* está em pleno funcionamento, interessada em comprar qualquer quantidade de algodão, para ser beneficiado em suas instalações.⁷

⁵ *Tribuna Popular*, Itapetininga, 01/01/1935. Centro Cultural e Histórico de Itapetininga.

⁶ Em relação à mencionada construção de um frigorífico Matarazzo na cidade, nenhuma informação que comprovasse sua existência foi encontrada.

⁷ *Tribuna Popular*, Itapetininga, 29/01/1936. Centro Cultural e Histórico de Itapetininga.



A Prefeitura Municipal de Itapetininga cobrava de seus cidadãos um imposto de licença. Na lista publicada em 1936, aparece a IRFM, que se situava na rua Alfredo Maia. Pelo alto valor do imposto cobrado da fábrica Matarazzo em relação aos demais da rua, pode-se concluir que o estabelecimento era de grande vulto.⁸

Rua Padre Albuquerque	
Plinio Tambelli	80\$000
Mario Nascimento	10\$000
Canargo & Martins	70\$500
Rua Alfredo Maia	
João Afonso de Oliveira	10\$000
João Franci	5\$000
Rosa Vieira da Silva	24\$000
Francisco Larizzatti Filho	20\$000
João Augusta da Silva	14\$000
João Augusto da Silva	50\$500
Pedro Dias Matheus	76\$500
Pedro Orsi	10\$000
L. R. F. Matarazzo	85\$000
L. R. F. Matarazzo	19\$500
Azarias Paques	25\$000
Villa Izidoro Lopes	
Jorge Farah	50\$500
Aleou Rocha	69\$000
Frederico Gehring	33\$000
Francoiso Assis Castro	10\$000

Os outros impostos como o predial, água, esgoto e sanitário, também eram cobrados, pela Prefeitura Municipal, da indústria Matarazzo:⁹

⁸ *Tribuna Popular*, Itapetininga, 22/09/1936. Centro Cultural e Histórico de Itapetininga.

⁹ Respectivamente, à esquerda *Tribuna Popular*, Itapetininga, 08/01/1936, e à direita, *Tribuna Popular*, Itapetininga, 15/01/1936.

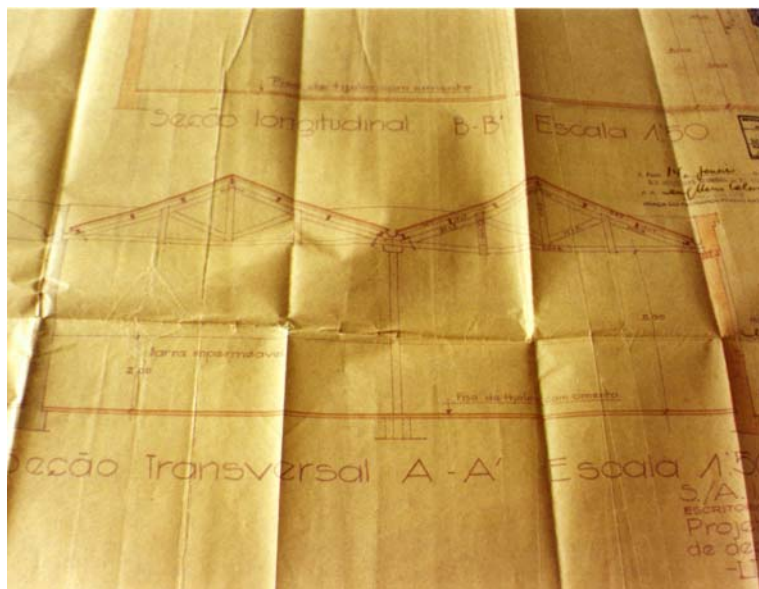
		Predial	Água	Esgoto	T. Sanit.
RUA ALFREDO MAIA					
Roque de Albuquerque	13	148400	488000	248000	48800
José Vieira da Silva	15	548000	728000	248000	188000
Idem	15		488000		
Neslor Freire de Carvalho	26-a	438700	248000	248000	78200
Idem	28	808700	728000	248000	188500
I. R. F. Matarazzo	19 e 19-a	1808000	1448000	248000	608000
Azarias Paques	58	368000			128000
Idem	58	328400			58400
Cia. Fiação S. Carlos	38, 33-a e 35	1838600	728000		308600
Manoel Calaf		328400	608000		
Idem		468800	608000		
Idem		108800			
RUA JOAQUIM LEONEL					
Manoel dos Santos	6	258200			48200

		Predial
VILLA RIO BRANCO		
Claudino Correa	ajn	78200
Menelio Chaves da Silva	"	78200
Francisco Matarazzo	"	648800
Idem	"	108800
Idem	"	248800
Idem	"	148400
Idem	"	148400
Anno Maria de Jesus	"	78200
Francisco Pedro Rodrigues	67	98000
Gabriel dos Santos	68-a	148400
Raphael Gianelli	ajn	148400
Lucas Gianelli	68	148400
Hos. de José Simões	69	108800
Francisco Correa da Silva	70	98000
Benedicto Ferreira	ajn	78200
João Ferreira	"	148400
Roldão Ferreira	"	78200
Oclavio Ferreira	"	78200
Macario Solera de Oliveira	"	108800
Maria Silvestre	77	78200
Hos. de Manoel Simões	78	78200
Julio Correa	82	148400
Hos. de Luiz Cauchiolli	85	78200
Maria de Jesus	86	78200
Gertrudes Maria Vieira	ajn	78200
José Jacinlio	92	78200
Lazaro de Oliveira	ajn	78200

De acordo com o relatório do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 6ª Região de São Paulo e Mato Grosso, de 1936, os profissionais responsáveis pela firma S. A. *Industrias Reunidas Francisco Matarazzo* eram Francisco Verrone, arquiteto, Mario Calore, engenheiro civil, Giunio Patella, engenheiro civil e Vicente Theodoro Sommer, engenheiro mecânico (1937:201). Em 6 de fevereiro de 1943, foram aprovados dois projetos na Repartição de Obras Públicas da Prefeitura de Itapetininga. O primeiro foi para a construção de um depósito de algodão e o segundo para a construção de um galpão, todos no estabelecimento fabril da Matarazzo, na rua Alfredo Maia. O autor dos dois projetos e responsável pela execução foi o engenheiro civil Mario Calore, com a carteira do CREA nº 2220.¹⁰ Em 31 de dezembro de 1941, foi feita a procuração 258 folha 141, no 10º Tabelião de Notas Dr. Fernando de Almeida Nobre, de São Paulo, onde foi nomeado procurador da outorgante, S. A. *Industrias Reunidas Francisco Matarazzo*, Mario Calore, italiano, domiciliado na Capital, auxiliar da outorgante, com poderes de assinar as plantas, memoriais, requerimentos e outros papéis e documentos referentes às construções da outorgante, quer nesta Capital, quer no interior do Estado.

¹⁰ Pasta de 1943 do Departamento de Engenharia da Prefeitura Municipal de Itapetininga.

No mesmo Tabelião, em 3 de janeiro de 1942, foi conferido a Mario Calore, maior, engenheiro civil, construtor, empregado da IRFM e chefe da Seção de Construções, isenção no pagamento do imposto de Indústrias e Profissões para exercer sua profissão, tanto na Capital, como no interior do Estado, por ser auxiliar de empresa industrial.¹¹ O depósito de algodão e galpão construídos foram:



Corte do depósito Matarazzo. Fonte: Pasta de 1943-Departamento de Engenharia da Prefeitura de Itapetininga.

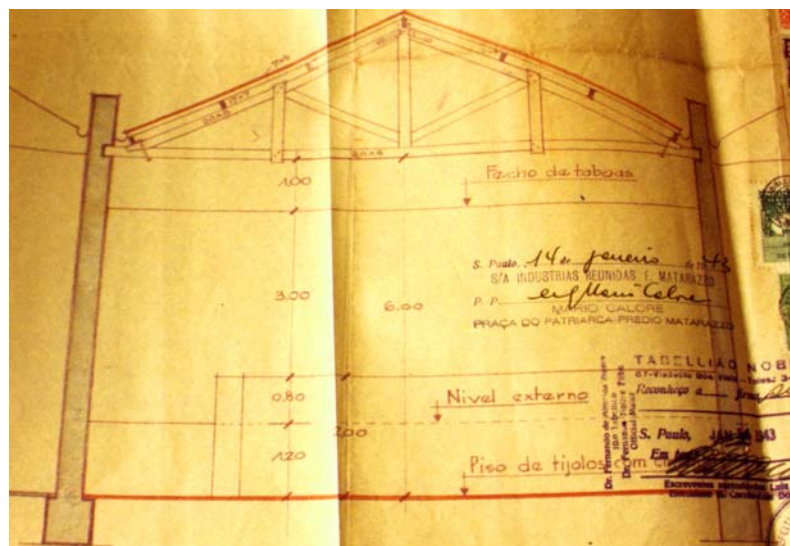


O antigo depósito de algodão, na rua Alfredo Maia. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.

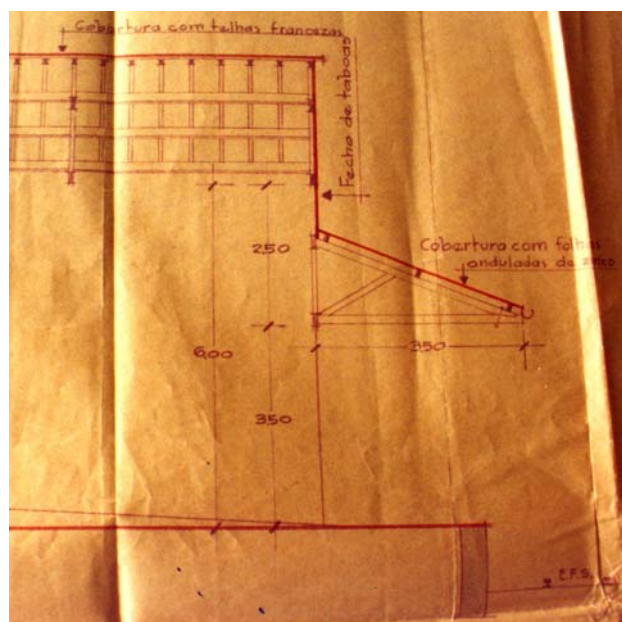


Fachada do depósito Matarazzo. Fonte: Pasta de 1943, do Departamento de Engenharia da Prefeitura de Itapetininga.

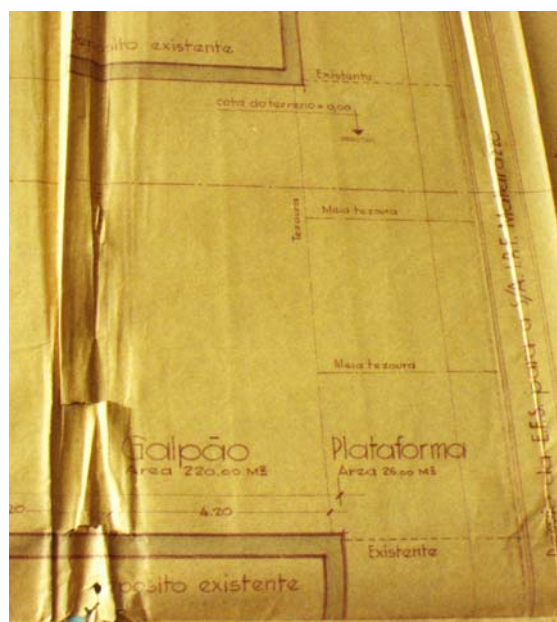
¹¹ Planta 13/43 do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Corte do galpão Matarazzo. Fonte: Pasta de 1943, do Departamento de Engenharia da Prefeitura de Itapetininga.



Corte do galpão, que acaba no desvio da Estrada de Ferro Sorocabana. Fonte: Pasta de 1943, do Departamento de Engenharia da Prefeitura de Itapetininga.



Planta do galpão Matarazzo, com 220 m² de área. Fonte: Pasta de 1943, do Departamento de Engenharia da Prefeitura de Itapetininga.



Fundo dos galpões Matarazzo, junto à linha férrea. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Entrada principal da indústria Matarazzo. Itapetininga, década de 1970. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Itapetininga.



A única chaminé quadrada de todas as indústrias Matarazzo de algodão, no interior paulista. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Um dos galpões, com as janelas originais vedadas. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Galpão com pilares de concreto e tesouras em madeira. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Detalhe da janela, que é repetida na maioria das indústrias de algodão Matarazzo. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Detalhe do arco abatido de tijolos, embutido na parede de um galpão. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Porta com desenho padrão, presente em muitas indústrias Matarazzo. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Foto do corredor de ligação do conjunto dos seis galpões. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Detalhe de um modo de armação da tesoura. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Detalhe de um outro modo de armação da tesoura. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.

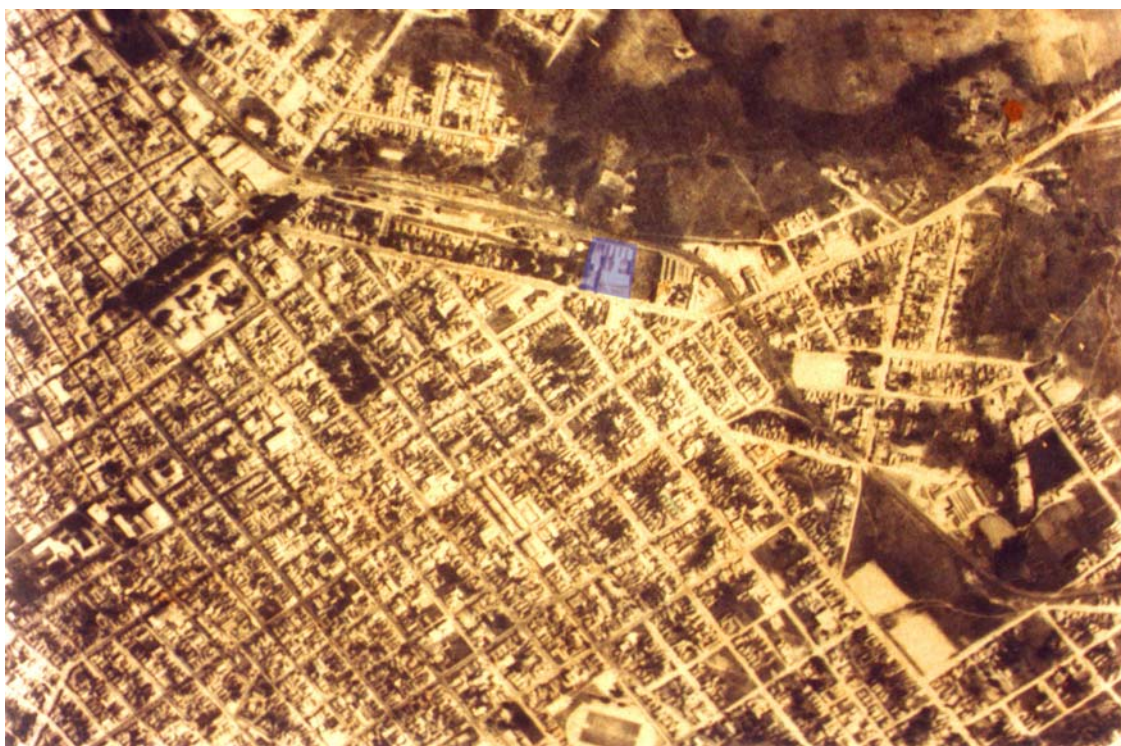


Parte dos galpões Matarazzo, à beira da linha férrea. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.



Vista de toda a indústria de algodão Matarazzo. Itapetininga, novembro de 2003. Foto do autor.

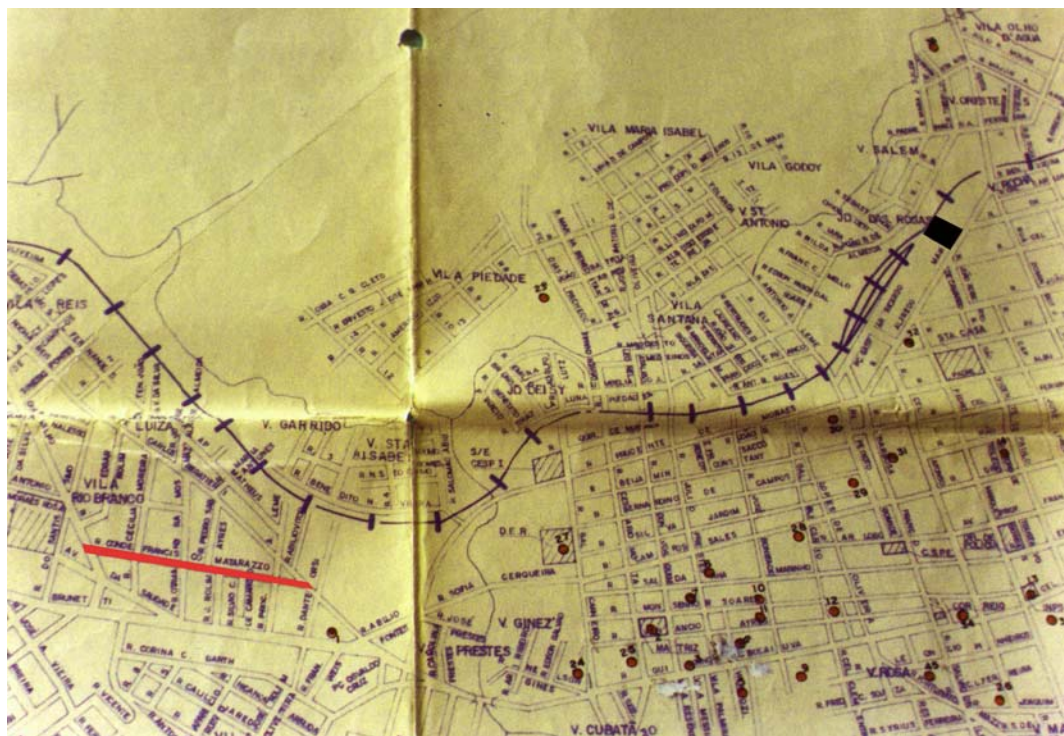
A implantação da indústria Matarazzo no território da cidade de Itapetininga ocorreu no limite da divisão entre o centro e o bairro periférico, da mesma forma como se deu em Avaré e, como veremos, em outras cidades. Isso se explica pelo fato de a linha férrea se localizar, geralmente, nesse limite, que tem maior abundância em área desocupada; por ser menos urbanizado, seus terrenos são de baixo valor. Tudo isso implica na escolha da área a ser instalada a indústria: o baixo preço e a facilidade para o carregamento de matéria-prima e o escoamento da produção, pela locomotiva. A linha férrea que margeava a indústria Matarazzo em Itapetininga era a Sorocabana, a qual dispôs um desvio particular para a Matarazzo.



A indústria Matarazzo, em azul, ladeada pela linha férrea e próxima a uma área de pouca ocupação. Itapetininga, julho de 1988. Fonte: Departamento de Engenharia da Prefeitura de Itapetininga.

Outro fato que se repete, na maioria das cidades onde foram instaladas as indústrias Matarazzo, é a representatividade que a IRFM trouxe para a comunidade local, e era traduzida em progresso, poderio econômico e até em status de riqueza para a população e para a cidade. Isso despertava nas autoridades locais ações como nomear ruas e praças com o nome do Conde Francisco Matarazzo ou do seu filho, o Conde Francisco Matarazzo Jr., e até em sua intitulação como cidadãos da cidade. A presença das indústrias Matarazzo ultrapassou os muros da fábrica, para se inscrever na trama urbana da cidade.

Os galpões existentes da indústria Matarazzo, em Itapetininga, não são mais propriedade da mesma. A indústria foi repartida entre vários proprietários, que a utilizam, hoje, como depósito, sem nenhum tipo de conservação ou restauro.



Mapa de Itapetininga, onde vemos a rua Conde Francisco Matarazzo (em vermelho, à esquerda) e a indústria Matarazzo (em preto, à direita). Fonte: Departamento de Engenharia da Prefeitura de Itapetininga.

RIBEIRÃO PRETO



Em dezembro de 1934, o *Diário da Manhã*, de Ribeirão Preto, informava que a empresa Matarazzo adquiriu, nos fins de 1934, um terreno entre as ruas Saldanha Marinho, José Bonifácio, Campos Salles e Prudente de Moraes, formando uma quadra, no centro da cidade, perto da estação ferroviária da Companhia Mogiana. Para esse local, estava prevista, para o ano de 1935, a construção de uma fábrica para o benefício de algodão e de azeite e para a extração de querosene.¹²

Confrontando esses dados com a relação dos processos de exercício da cidade, que contém plantas e memoriais descritivos da indústria de algodão Matarazzo, é possível estabelecer uma data mais aproximada de sua instalação na cidade. A planta número 27/35 foi aprovada pela Repartição de Obras da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, em 13 de março de 1935. Foi a planta mais antiga encontrada, destinada à construção de prédios para depósitos e instalação de máquinas para beneficiar algodão, de propriedade da IRFM, comandado por Francisco Matarazzo. O autor do projeto e responsável pela execução da obra foi o arquiteto Francisco Verrone.¹³

¹² *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto, 23/12/1934. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

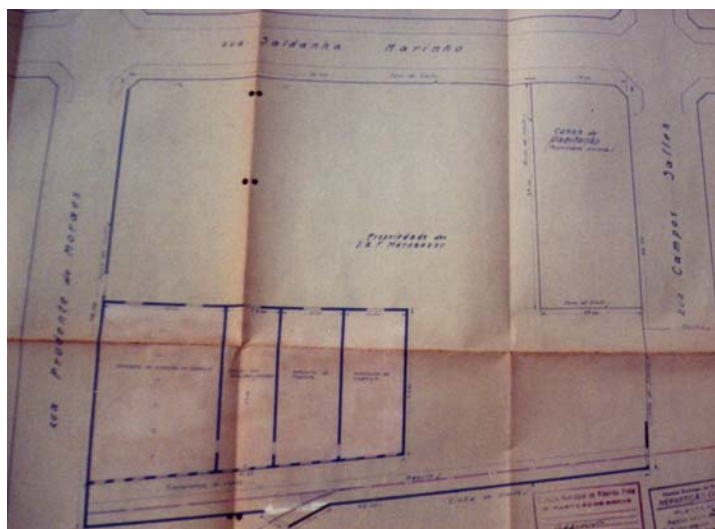
¹³ Planta número 27, ano 1935. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Já foi citado que Francisco Verrone era um dos profissionais responsáveis pela S. A. *Industrias Reunidas Francisco Matarazzo*. Além de ser arquiteto, com carteira do CREA nº 2636, expedida pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 6ª Região de São Paulo e Mato Grosso, antes de 31 de dezembro de 1936, ele tinha licença para exercer algumas atribuições da competência de um engenheiro industrial, como:

- estudo, projeto, direção, execução e exploração de instalações industriais, fábricas e oficinas;
- estudo e projeto de organização e direção das obras de caráter tecnológico dos edifícios industriais;
- assuntos de engenharia legal, como trabalhos topográficos e geodésicos;
- vistorias e arbitramentos relativos às atribuições acima (1937:133, 201, 205 e 249).

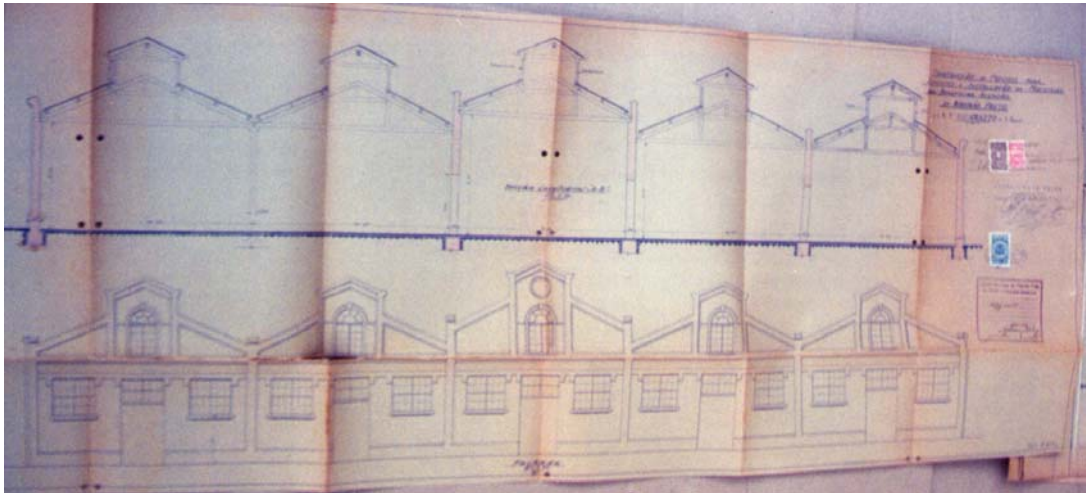
Consta, na procuração 516, folha 150, de 18 de novembro de 1938, do 11º Tabelião, Dr. A. Gabriel da Veiga, de São Paulo, a nomeação do procurador da S. A. *Industrias Reunidas Francisco Matarazzo*: Francisco Verrone, italiano, domiciliado na Capital, auxiliar da IRFM, com poderes para assinar plantas, memoriais, requerimentos e outros papéis e documentos referentes às construções da IRFM, tanto na Capital como no interior do Estado.

Para compreendermos espacialmente a localização do primeiro edifício Matarazzo construído em Ribeirão Preto, temos a seguinte planta:¹⁴



Planta de situação do edifício Matarazzo para beneficiar algodão, que está inserido na quadra das ruas citadas e dividido em 4 partes: a primeira, à esquerda, galpão para depósito de algodão em caroço em seguida, sala dos descaroçadores, depois, depósito de fardos e, por último, à direita, depósito de caroços. É importante ressaltar a existência de uma plataforma na frente desse edifício, que dá acesso a um desvio dos trilhos da Companhia Mogiana, e de um lote dentro dessa quadra, no canto superior direito, onde existiam casas de habitação de propriedade privada.

¹⁴ Planta número 27, ano 1935. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Fachada e corte longitudinal do edifício de beneficiar algodão da planta acima. Fonte: Planta 27/35, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Esse edifício foi demolido para a construção de uma estação de força da CPFL.



Fachada do sala dos descaroadores. Ribeirão Preto, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo de Carvalho.



Fachada do edifício Matarazzo para beneficiamento do algodão. Ribeirão Preto, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo de Carvalho.

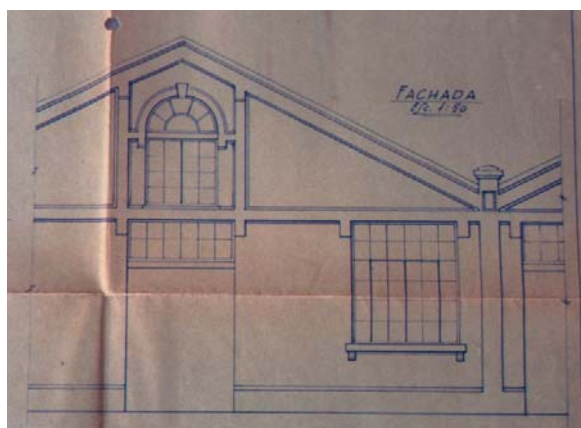


Fachada dos fundos do edifício para beneficiamento do algodão (à direita da foto). Ribeirão Preto, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo de Carvalho.

O próximo edifício industrial construído dentro dessa quadra, levando em consideração as datas de aprovação das plantas da Matarazzo pela Repartição de Obras da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, foi um depósito de sal, aprovado em 14 de maio de 1935. O autor do projeto e responsável pela execução dessa obra foi o arquiteto Francisco Verrone.



Fachada do Depósito de Sal. Ribeirão Preto, novembro de 2000. Foto do autor.



Planta da Fachada do Depósito de Sal. Fonte: Planta 54/35, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

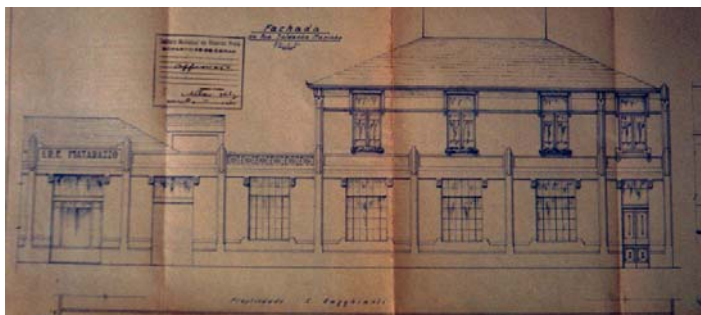


Fachada posterior do Depósito de Sal. Ribeirão Preto, novembro de 2000. Foto do autor.



Fachada principal do Depósito de Sal. Ribeirão Preto, novembro de 2000. Foto do autor.

O próximo edifício industrial instalado nesse núcleo fabril Matatarzzo foi um prédio destinado a armazém e casa de moradia, situado no ângulo das ruas Saldanha Marinho e Prudente de Moraes, da quadra adjacente. Sua aprovação pela Repartição de Obras da Câmara Municipal de Ribeirão Preto foi em 23 de outubro de 1935, sendo autor do projeto e responsável pela execução o arquiteto Francisco Verrone.



Planta da fachada principal do Armazém e Habitação. Fonte: Planta 128/35, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

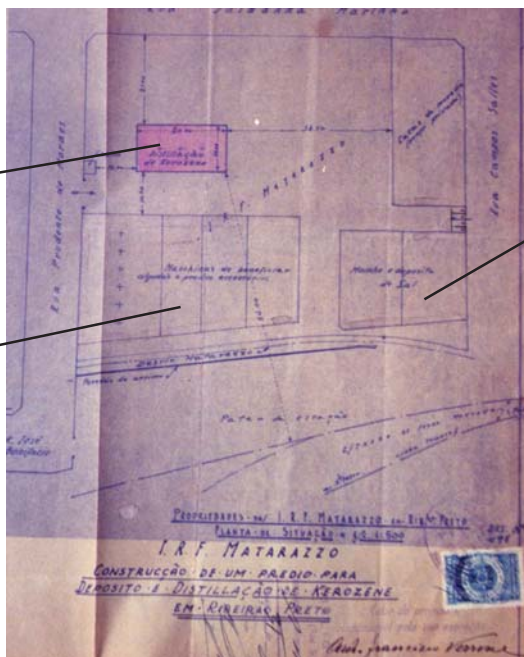


Fachada principal do Armazém e Habitação. Ribeirão Preto, novembro 2000. Foto do autor.

O outro edifício industrial construído nesse núcleo foi um depósito de inflamáveis e de destilação de querosene. O autor do projeto e responsável pela execução é também Francisco Verrone. A aprovação da planta desse edifício pelo município foi em 16 de novembro de 1935.

Depósito de inflamáveis e destilação de querosene.

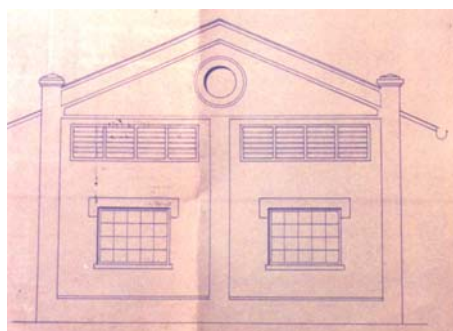
Máquinas de beneficiar o algodão e prédios acessórios.



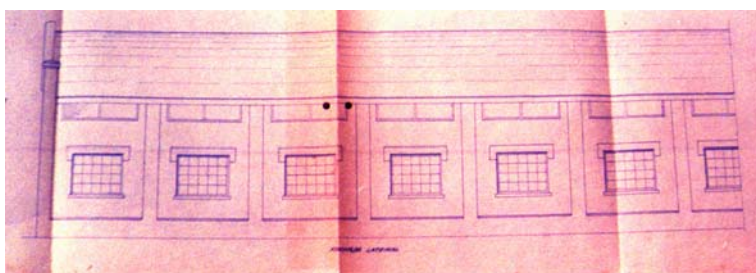
Moinho e depósito de sal.

Planta de situação do núcleo industrial Matatarzzo. Fonte: Planta 125/35, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Respectivamente, em 4 de abril de 1936, 13 de julho de 1939, 1943 e 1944 foram aprovadas pela Câmara Municipal as seguintes plantas: instalação de uma fábrica de óleo de caroço de algodão, construção de um depósito de algodão, construção de um segundo depósito de algodão e um aumento de cômodos. O autor dos dois primeiros projetos e responsável por sua execução foi o arquiteto Francisco Verrone.



Planta da fachada da fábrica de óleo. Fonte: Planta 29/36, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Fachada lateral do edifício destinado a instalação de uma fábrica de óleo. Fonte: Planta 29/36, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Planta da fachada posterior do Depósito de Algodão. Fonte: Planta 20/39, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Planta da fachada principal do Depósito de Algodão. Fonte: Planta 20/39, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Detalhe da fachada posterior do Depósito de Algodão. Ribeirão Preto, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo de Carvalho.



Fachada posterior do Depósito de Algodão. Ribeirão Preto, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo de Carvalho.



Fachada do segundo Depósito de Algodão, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo de Carvalho.



Detalhe do edifício ao lado, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo de Carvalho.

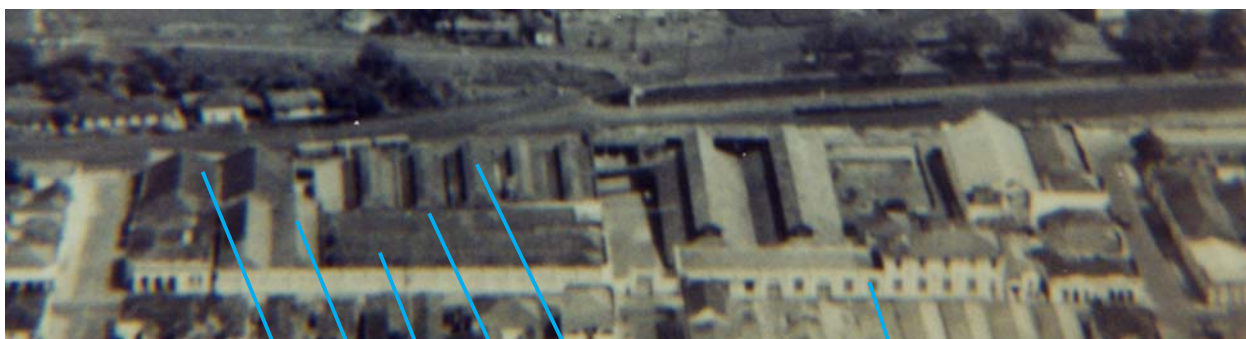
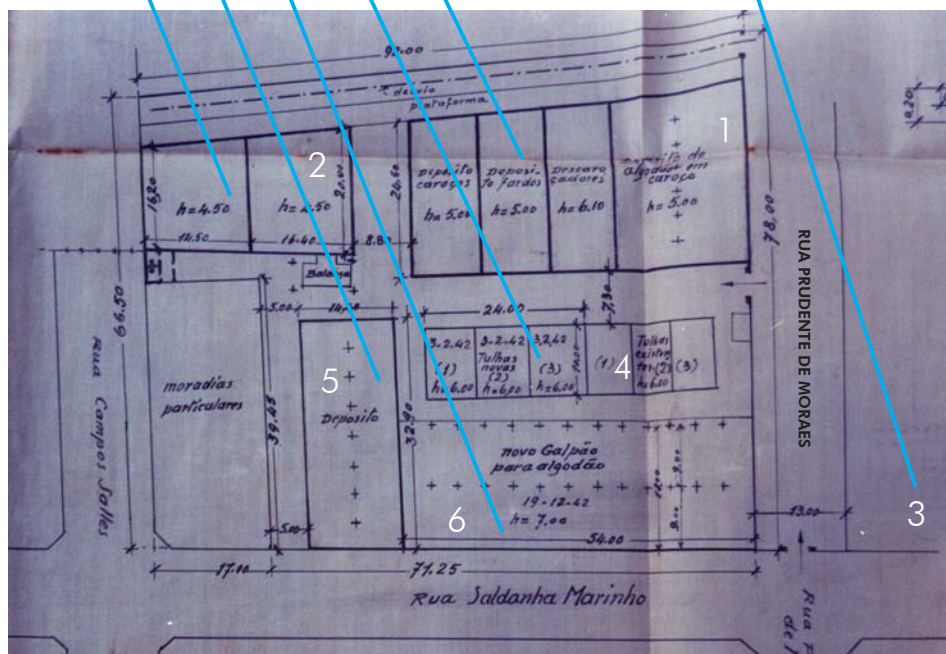


Foto aérea do núcleo fabril Matarazzo, no centro de Ribeirão Preto. Fonte: Arquivo Púb. e Hist. de Ribeirão Preto.



Planta de situação do núcleo fabril Matarazzo, incluindo o novo depósito de algodão. Fonte: Planta 13/43, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

- 1 Descaroçadores de algodão e depósitos
- 2 Depósitos de Sal
- 3 Armazém e Casa de Moradia para operários

- 4 Depósito de Inflamáveis e Destilação
- 5 Depósito de Algodão
- 6 Depósito de Algodão

De todo esse núcleo industrial Matarazzo restaram apenas os dois depósitos de sal, que hoje estão abandonados, sem nenhum tipo de conservação.

Quase todas as cidades do interior paulista que tinham uma indústria Matarazzo receberam, pelo menos uma vez, a visita de Francisco Matarazzo. Essa atitude representava, para a comunidade local, um importante evento, como vemos na publicação de 1936 e na fotografia:

Em Ribeirão Preto, onde esteve antehontem, foi o conde Matarazzo recebido com honras de hospede official.

Os commerciantes italianos fecharam suas casas ás 4 horas, enbandeirando as, em homenagem ao grande industrial.

*A visita do conde Matarazzo a Ribeirão Preto foi um facto marcante na vida daquella cidade. É que o espirito dynamico e progressista do lider da nossa industria já se fez sentir em Ribeirão Preto, onde a organização Matarazzo, incrementando o progresso local, dá trabalho a varias centenas de operarios.*¹⁵



A visita do Conde Francisco Matarazzo a Ribeirão Preto na década de 30 foi um grande acontecimento para a cidade. O famoso e milionário industrial foi hospede do cav. Paschoal Innechi e em sua curta permanência entre nós andou pelo centro da cidade em companhia de seu anfitrião e do sr. José Rossi, ex-diretor presidente da Companhia Cervejaria Paulista...(CIONE, 1993:446). O conde Matarazzo está no centro da foto, com chapéu à mão.

¹⁵ A Noticia, Rio Preto, 09/05/1936, p. 01.

BERNARDINO DE CAMPOS

O surgimento da cidade de Bernardino de Campos ocorreu pela procura de terras férteis para a produção do café no oeste do Estado. A cidade é relativamente nova e seu município foi criado em 09 de outubro de 1923. A primeira estação ferroviária de Bernardino de Campos foi instalada em 1907, servida pela antiga FEPASA (SOUZA, 1998:23-29, 45).

Em 1937, foram instaladas sete indústrias de descaroçamento e beneficiamento de algodão das IRFM em várias cidades do interior do Estado de São Paulo, sendo uma delas em Bernardino de Campos (LIMA, 1982:56). Há informações que uma indústria de algodão em rama, de propriedade de Fernando de Almeida Prado, chegou a Bernardino de Campos em 1931. Essa indústria funcionou até 1935, fechando suas portas por causa da praga do algodão. Os edifícios dessa indústria de Fernando de Almeida Prado ficaram vagos e, logo após, foram adquiridos pelas Indústrias Matarazzo, para instalar as máquinas de descaroçamento e beneficiamento do algodão.¹⁶



Fachada dos dois galpões restantes da indústria de algodão Matarazzo. Bernardino de Campos, maio 2002. Foto do autor.

¹⁶ Entrevista com João G. Matiello, de 91 anos de idade, que foi gerente da indústria de algodão em rama de Fernando de Almeida Prado. As informações foram obtidas de documentos originais registrados em cartório.



Fundos da indústria de beneficiamento de algodão Matarazzo, na área de descarregamento para o transporte. Não há indicação das figuras que posam na foto. Sr. Matiello afirma que: "o da direita foi um príncipe da Europa, em visita ao Brasil". Como sabemos, Bernardino de Campos e também toda a sua região, foram grandes produtores de algodão e estar posando ao lado de muitos sacos cheios de algodão era sinal de fartura e riqueza. Bernardino de Campos, sem data. Foto de João G. Matiello.



Fundos do mesmo edifício acima, onde vemos o algodão sendo transportado por uma charrete puxada por bois. Bernardino de Campos, sem data. Foto de João G. Matiello.



O mesmo edifício Matarazzo das fotos anteriores, visto dos fundos. Na porta do primeiro galpão, vemos, paralelas a ela, até encostar no beiral do frontão, duas tiras de madeira, onde era apoiada a cobertura existente antigamente, como está no detalhe ao lado. Bernardino de Campos, maio 2002. Foto do autor.



Detalhe da foto da página anterior. Bernardino de Campos, sem data. Foto de João G. Matiello.



Vista do local de armazenamento do algodão, na indústria Matarazzo de beneficiar algodão. Bernardino de Campos, sem data. Foto de João G. Matiello.



Vista de uma rua, dentro da indústria Matarazzo de beneficiar algodão, com charretes puxadas por bois, carregadas de sacos de algodão, e um carro motorizado da época. Bernardino de Campos, sem data. Foto de João G. Matiello.



Ruínas de alguns dos edifícios da indústria Matarazzo. Bernardino de Campos, maio 2002. Foto do autor.



Trabalhadores descarregando a camioneta, na indústria de beneficiar algodão Matarazo, possivelmente no mesmo edifício das duas primeiras fotos. Nota-se que o transporte de algodão evoluiu dos carros de boi para veículo movido a motor. Bernardino de Campos, sem data. Foto de João G. Matiello.

Em desacordo com a data de Lima, constatou-se que a indústria Matarazzo de beneficiamento de algodão foi instalada em Bernardino de Campos em 1935. Em maio de 2002, esses galpões abrigavam uma madeireira e já haviam sido realizadas obras de contenção para a sua conservação.

PRESIDENTE PRUDENTE

No jornal *A Voz do Povo*, de 1934, encontrou-se:

Associação Commercial de Presidente Prudente

*Novos associados - inscrevera m-se como socios desta Associação, pro período de 1 a 10 de agosto, as seguintes firmas: De Presidente Prudente, a I.R.F. Matarazzo, cereaes, algodão...*¹⁷

A indústria Matarazzo ligou-se à Associação Comercial de Presidente Prudente por ter interesse em estar inserindo-se no mercado da cidade, para estabelecer suas casas comerciais e industriais.

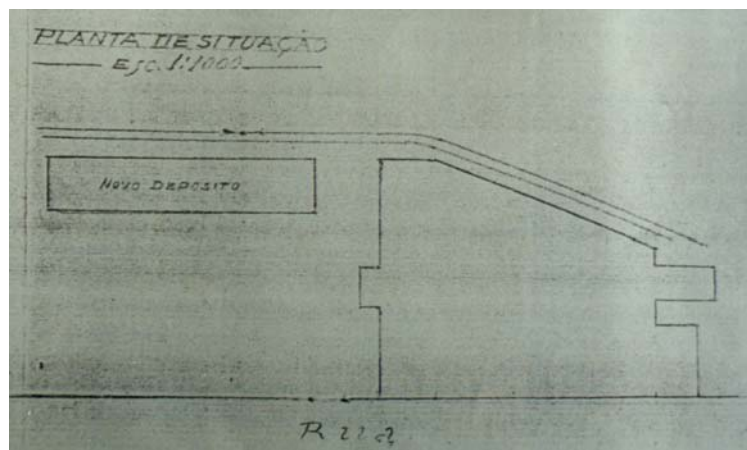
Dióres Abreu afirma que “*Outras firmas de expressão que se instalaram em Presidente Prudente para o comércio e beneficiamento do algodão foram a S/A I.R.F. Matarazzo entre 1937/1940, a Mc Fadden e Cia., em 1939 ...*” (1972:142).

A planta para a construção de um novo depósito na IRFM de Presidente Prudente foi aprovada pelo Prefeito Municipal em 11 de abril de 1938.¹⁸ O autor do projeto e responsável pela obra foi o arquiteto Francisco Verrone, o mesmo de Ribeirão Preto.

Verifica-se, a seguir, na planta, que já havia no terreno outro galpão, ligado ao benefício do algodão, constatando-se, assim, que antes de abril de 1938 a indústria Matarazzo de algodão já estava funcionando na cidade.

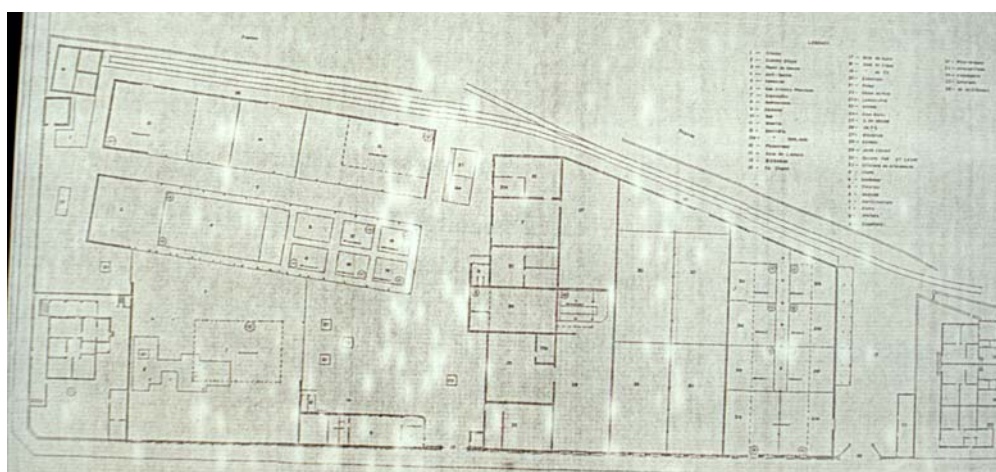
¹⁷ *A Voz do Povo*, Presidente Prudente, 12/08/1934. Museu Histórico Municipal “Antônio Sandoval Neto”, de Presidente Prudente.

¹⁸ Pasta do processo de tombamento, número 001/87, do CONDEPHAAT de Presidente Prudente.



Planta de situação para a construção de um novo depósito de caroço de algodão (à esquerda da planta). Fonte: Pasta de documentos do tombamento da Matarazzo de Presidente Prudente, processo número 001/87, do CONDEPHAAT de Presidente Prudente.

Em outra planta do processo 001/87, do CONDEPHAAT de Presidente Prudente, houve uma proposta de projeto para adaptar todos os galpões da indústria Matarazzo em conjunto sócio-cultural-esportivo. Pode-se visualizar, nessa planta, as divisões dos galpões originais, como as habitações operárias (situadas nas esquinas inferiores, à esquerda e à direita). Pode-se ver, rebatido, tanto o novo depósito de caroço de algodão, como também o edifício já existente nesse núcleo, da planta anterior.



Planta de situação de um novo projeto para a indústria Matarazzo. Fonte: Pasta de documentos do tombamento da Matarazzo de Presidente Prudente, processo número 001/87, do CONDEPHAAT de Presidente Prudente.



Galpões da indústria Matarazzo. Presidente Prudente, 1937. Foto de R. Bevilacqua. Museu Histórico Municipal "Antônio Sandoval Neto", de Presidente Prudente.

Pode-se observar, na foto acima, que se trata de uma indústria Matarazzo, pela inscrição S/A IRFM no galpão central mais baixo da indústria de algodão e porque há veículos motorizados estacionados em frente aos galpões, carregados de sacos de algodão. Os galpões retratados na foto não existem mais. Alguns edifícios da IRFM, ainda existentes em Presidente Prudente, possuem arquitetura semelhante aos galpões da foto antiga.



Galpões da indústria de beneficiar algodão Matarazzo, com uma arquitetura semelhante aos galpões da foto acima. Presidente Prudente, julho de 2002. Foto do autor.

A indústria Matarazzo de beneficiar algodão, de Presidente Prudente, teve seu tombamento provisório pelo Decreto Municipal nº 5.435, de 14 de dezembro de 1984, e o seu tombamento definitivo pelo Decreto Municipal nº 6.128/87, de 30 de abril de 1987. Em julho de 2002, todo esse remanescente industrial estava abandonado e quase em ruínas. O proprietário da indústria foi, até então, o IAPAS, órgão ligado ao Governo Federal.



Um dos galpões da indústria Matarazzo. Presidente Prudente, julho de 2002. Foto do autor.



Portão principal de entrada da indústria Matarazzo. Presidente Prudente, julho de 2002. Foto do autor.

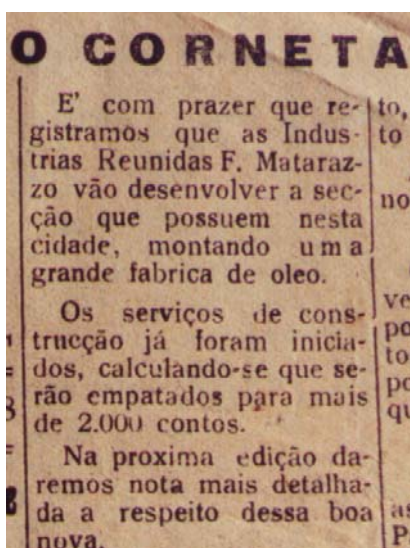


Muro externo da indústria Matarazzo. Presidente Prudente, julho de 2002. Foto do autor.

CATANDUVA

A cidade de Catanduva se encontra na Zona Nova, noroeste do Estado, próxima a São José do Rio Preto. A cidade e a sua região foram, como já dissemos, grandes produtoras de algodão. A criação do município de Catanduva foi em 1918, chegando a 1930 como bom produtor de café. Também devido à crise dos anos 30, o município resolveu dedicar-se mais ao comércio, à indústria e ao cultivo de outros produtos agrícolas.

Em maio de 1938, o jornal local *O Corneta* indicava:¹⁹



É provável que a seção da fábrica de óleo citada seja a fábrica Matarazzo de beneficiar algodão.

Em recente visita à fábrica de óleo Matarazzo, em Catanduva, ainda em funcionamento, hoje empresa *Cocan*, conseguiu-se a informação de que os velhos edifícios instalados no fundo da fábrica, que margeiam a Estrada de Ferro Araraquarense, foram os primeiros galpões das máquinas de beneficiamento do algodão, confirmando a notícia do jornal.²⁰

¹⁹ *O Corneta*, Catanduva, 08/05/1938, p. 01.

²⁰ Entrevista com o gerente da *Cocan*, o senhor José Roberto, e o diretor, Vicente Chiavolotti.

Uma foto aérea de parte da cidade, de 1937, permite visualizar as instalações da fábrica Matarazzo.²¹



Foto aérea da cidade de Catanduva, de meados 1937. Museu Histórico e Pedagógico “Governador Pedro de Toledo”, de Catanduva.



Detalhe ampliado da foto ao lado, a fábrica de beneficiar algodão e de óleo de caroço de algodão Matarazzo. Catanduva, meados de 1937.



Vista frontal do silo metálico da fábrica Matarazzo. Catanduva, década de 40. Museu Histórico e Pedagógico “Governador Pedro de Toledo”, de Catanduva.



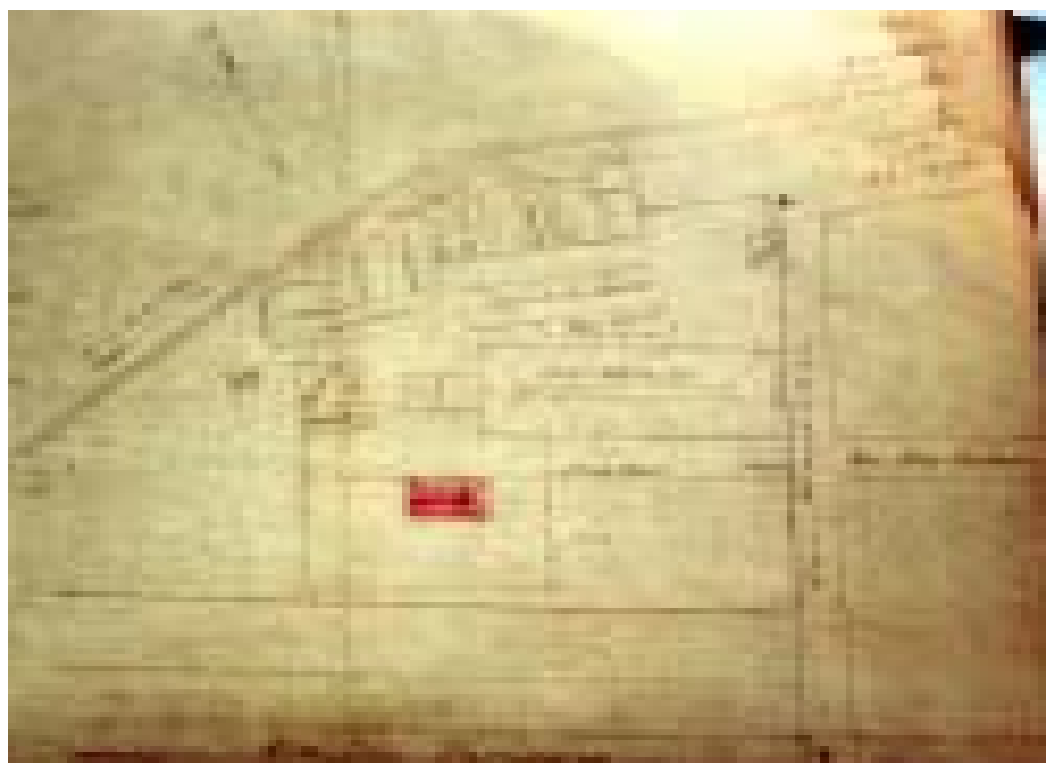
Vista aérea dos mesmos galpões da foto acima. Catanduva, década de 90. Museu Histórico e Pedagógico “Governador Pedro de Toledo”, de Catanduva.

Podemos visualizar na foto ampliada de 1937 vários galpões geminados, ao lado da chaminé, onde funcionava as máquinas de beneficiamento do algodão da Matarazzo, que também serão visualizados, a seguir, em uma planta de situação.

²¹ A informação sobre a data da foto é de Darcy Mesmite, diretora do Museu Histórico e Pedagógico “Governador Pedro de Toledo”, de Catanduva.

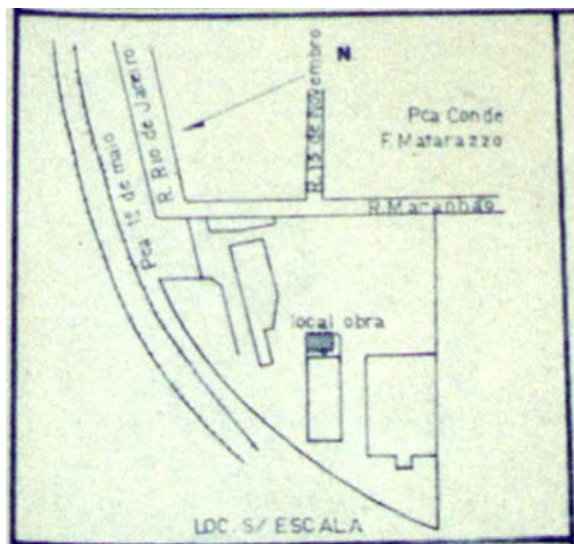
A planta de situação abaixo refere-se à construção de um prédio para extração de óleo por solvente, de 8 de abril de 1957. O local a ser construído esse prédio está em vermelho, na planta. Os demais edifícios existentes em planta eram os que beneficiavam o algodão, como os edifícios geminados, que compõem a sala de telhas, a sala dos descarregadores, almoxarifado, a sala das locomotivas, depósito de fardos, depósito de torta, a sala de óleo bruto e de lintas. Os outros próximos indicam um depósito de algodão, um tanque de óleo, um edifício de mecânica, carpintaria e lintas, um armazém e o silo metálico. Todos esses edifícios qualificam o conjunto como uma fábrica beneficiadora de algodão.

Podemos perceber que o terreno desse núcleo fabril foi escolhido por estar situado ao lado da linha da Estrada de Ferro Araraquarense e do Rio São Domingos. Isso era próprio da instalação de uma indústria, facilidade para captar água e escoar dejetos e embarcar e desembarcar matéria-prima e produtos manufaturados.



Planta número 4841, de 1957. Arquivo Público Municipal de Catanduva.

Novamente o sobrenome Matarazzo salta os muros da fábrica e se inscreve na trama urbana da cidade. Ao lado da indústria existe a praça Conde Francisco Matarazzo (ver planta abaixo). Os homens dos poderes municipais incorporam à cidade a representatividade de riqueza e força de Francisco Matarazzo.



A indústria de algodão, ao lado da praça Conde F. Matarazzo. Planta número 9007, de 1977. Arquivo Público Municipal de Catanduva.



A indústria Matarazzo, ao lado do Largo da Estação da cidade e da E. F. Araraquarense. Planta número 6455, de 1970. Arquivo Público Municipal de Catanduva.



Fachada dos galpões de depósito de fardos e tortas e óleo bruto. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.



Plataforma defronte aos galpões de depósito de fardos e tortas, óleo bruto e locomotivas. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.



Interior do depósito de fardos, hoje vestiário dos funcionários da COCAN. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.



Fachada da plataforma coberta e dos galpões de tulla e descarçadores. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.



Indústria de beneficiamento e óleo de algodão Matarazzo. Catanduva, sem data. Fonte: (LIMA, 1982:112).



Indústria de beneficiamento e óleo de algodão Matarazzo. Catanduva, anos 90. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico "Pedro de Toledo", de Catanduva.



Fachada lateral do salão de linters e da saída da plataforma, Catanduva, junho 2002. Foto do autor.



Fachada lateral e principal do salão de linters, Catanduva, junho 2002. Foto do autor.



O depósito de algodão (em primeiro plano) e, nos fundos, o salão de linters. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.



O depósito de algodão, reforçado com pilares e vigas de concreto armado. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.

MARÍLIA

Marília foi produtora de arroz e, também, de café. Após a crise de 1929, começou, como tantas outras, a produzir o algodão em suas terras ociosas. Assim, a cidade começou a receber várias máquinas de beneficiar e descaroçar o algodão, como a Matarazzo, a Anderson Clayton & Cia., a SANBRA, a Macc Fadden e outras (LARA, 1991:62). A cidade, localizada no oeste paulista, foi fundada em 1924 e passou à categoria de município em 1928. Em 1929 contava com um ramal ferroviário da Companhia Paulista de Estrada de Ferro (PASCHOLIK Sobrinho, 2000:5).

A IRFM instalou em Marília, em 1937, uma fábrica de beneficiamento de algodão e arroz. No período de 1937 a 1938, instalou um engenho e comprava cereais e caroço de algodão. Posteriormente, no ano de 1939, instalou sua fábrica de extração de óleo de caroço de algodão.²²

A indústria foi também implantada na área central da cidade, às margens da Estrada de Ferro da Companhia Paulista, com desvio particular para carga e descarga de seus produtos. O complexo industrial ocupava duas quadras dos dois lados da Avenida Castro Alves. De um lado da avenida, ficavam todos os edifícios para depósitos e maquinários de benefício de grãos e extração de óleos e, do outro lado, a caldeira, a chaminé, um silo (não mais existente) e um supermercado. No total, a área do terreno desse complexo era de 34.325,00m², excluindo a área das residências do gerente e dos mecânicos.²³

²² Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo, Folhas 78, 97 e 154.

²³ Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo, Folha 50.

A importância da indústria Matarazzo para Marília se dá na medida em que ela foi responsável, em parte, pelo desenvolvimento da cidade, e também porque caracterizou espacialmente sua área, como descreve Maria Angela D' Incao:

*... esse complexo industrial situa-se no centro da cidade e se constitui mesmo um perfeito marco da fisionomia arquitetônica de Marília. Aliás, toda a área circunvizinha à área central das linhas ferroviárias compõe um verdadeiro conjunto do que se pode considerar uma arqueologia industrial brasileira.*²⁴

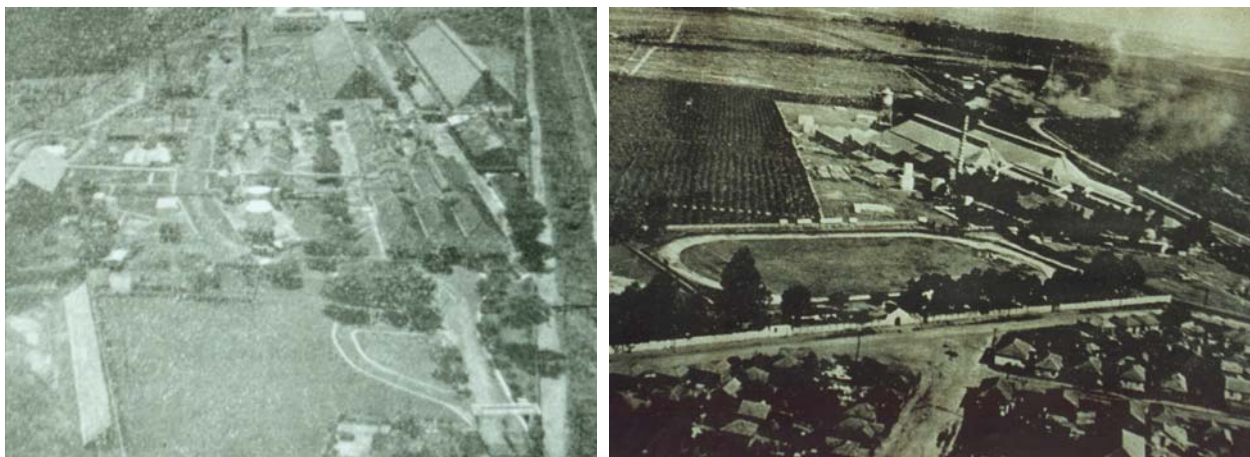
A imagem abaixo permite uma visão desse núcleo fabril Matarazzo em Marília:



As duas quadras ocupadas pela indústria Matarazzo. À esquerda, vemos o silo metálico, no centro da quadra, ladeado por pavilhões e, atrás, pelos trilhos da Paulista. Na quadra defronte, vemos a caldeira, junto à chaminé; ao lado, o depósito de café e armazém, que depois virou supermercado Super Bom, e o grande galpão, atrás, que foi um silo. Fonte: Revista *Correio de Marília*. Marília, 1953, Edição de Natal. Biblioteca Pública Municipal de Marília.

²⁴ Parecer para o estudo de tombamento das indústria Matarazzo em Marília, 04 de abril de 1988. Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo, Folha 99.

Abaixo, fotos da indústria de algodão Anderson Clayton, em Marília, que possui a mesma tipologia do silo metálico da Matarazzo:



A indústria Anderson Clayton em dois ângulos diferentes, aparecendo em destaque os silos metálicos, com os outros edifícios fabris. Fonte: Revista *Correio de Marília*. Marília, 1945 e 1957, Edição de Natal. Biblioteca Pública Municipal de Marília.

O CONDEPHAAT tombou a chaminé, a sala de caldeiras e o “portal” do núcleo industrial Matarazzo de Marília, pela resolução SC nº 046, de 18 de dezembro de 1992. A maior parte dos outros edifícios fabris do conjunto, não tombados, não existe mais e os protegidos pelo Estado estão a cada dia se transformando em ruínas, sem nenhuma proteção física ou restauradora. Em 18 de abril de 2004, o jornal *Diário de Marília* publicou que os edifícios tombados da Matarazzo estão à venda e que família tenta na justiça reverter seu tombamento. E que o restante do terreno da indústria, especialmente o trecho voltado para a rua 15 de novembro, poderá ser parcelado para venda de lotes.



Chaminé. Marília, julho 2002. Foto do autor.



“Portal” do núcleo Matarazzo. Marília, julho 2002. Foto do autor.



Casa das caldeiras Matarazzo. Marília, outubro 1986. Fonte: Processo 26030/88, Condephaat de São Paulo.

A indústria Matarazzo de Marília sofreu várias transformações:



Ao lado da chaminé, o depósito de sacas de café e armazém, que posteriormente se transformou em supermercado. (BARROS, 1952). Câmara Municipal de Marília.



O supermercado, visto da lateral, hoje fechado. Marília, julho de 2002. Foto do autor.



O “portal” ainda com seu entorno intacto. Marília, s/d. Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo.



O “portal”, já com as transformações no seu entorno. Marília, julho de 2002. Foto do autor.



A casa das caldeiras. Marília, julho de 2002. Foto do autor.



A casa das caldeiras. Marília, julho de 2002. Foto do autor.



Chaminé. Marília, julho 2002. Foto do autor.



Casa das Caldeiras. Marília, julho 2002. Foto do autor.



Vista do grupo de galpões Matarazzo, que possui a mesma tipologia arquitetônica da maioria das indústrias Matarazzo do interior. Marília, outubro 1986. Fonte: Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat-SP.



Planta geral de situação do núcleo industrial Matarazzo. Marília, fevereiro de 1947. Autor do projeto e pela execução de um novo edifício nesse núcleo, o arquiteto Sant'Anna Mello, CREA 3034. Fonte: Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo, folhas 20-22.



Escritório e almoxarifado. Marília, s/d. Fonte: Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo.



Moinho de farelo. Marília, s/d. Fonte: Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo.



Depósitos de algodão em caroço. Marília, s/d. Fonte: Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo.



Os antigos depósitos de sacaria da indústria Matarazzo, que se transformaram em depósitos de café e não existem mais. Marília, s/d. Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo.



Um dos depósitos de sacaria da indústria Matarazzo. Marília, s/d. Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo.



Torres de madeira da indústria Matarazzo. Marília, s/d. Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo.



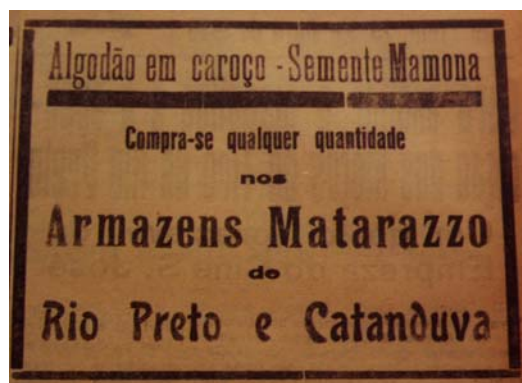
Depósitos de sacaria e, no fundo, o edifício de prensa do linter. Marília, s/d. Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo.



Placa da Rua Conde Francisco Matarazzo, que contém a inscrição "Pioneiro da Indústria". Marília, julho 2002. Foto do autor.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

O jornal *A Noticia*, de São José do Rio Preto, publicou quase que diariamente, de 25 de abril de 1936 até julho do mesmo ano, o anúncio:²⁵



Podemos ter como hipótese que o Armazém, em São José do Rio Preto estava comprando algodão em caroço e semente de mamona e armazenando-os, para montar sua usina de descaroçamento na cidade.

Novamente os dirigentes políticos, no caso de Rio Preto, nome antigo da cidade, estimam a presença de Francisco Matarazzo, por sua importância como figura de progresso, convidando-o para visitar a cidade:

O industrial paulista sr. conde Francisco Matarazzo, depois de visitar demoradamente a vizinha cidade de Catanduva, seguiu hontem cedo para Araraquara, por cuja municipalidade foi convidado.

A prefeitura de Rio Preto também convidou, oficialmente, para visitar a nossa cidade, o venerando ancião que tanto e tanto tem trabalhado pelo progresso da nossa terra.

²⁵ *A Noticia*, Rio Preto, 25/04/1936, p. 03. Casa de Cultura “Prof. Dario de Jesus”, de São José do Rio Preto.

O sr. Conde, porém aceitando o convite prometeu vir conhecer Rio Preto com mais vagar e em ocasião mas oportuna, - o que será breve.

À proposito recebemos dos gerentes das I. R. F. M. em Catanduva, o seguinte telegramma; "Redacção de A Noticia – Rio Preto. Por motivos alheios á sua vontade, o conde Matarazzo não pode ir agora até Rio Preto. pt. Promette, no entanto, para breve, uma visita especial. Saudações Modesto Carone".

O convite official para que visitasse Rio Preto, foi levado hontem, a Catanduva pessoalmente, ao sr. conde Francisco Matarazzo, pelo sr. dr. Synesio de Mello e Oliveira, prefeito municipal, que se fez acompanhar por diversas pessoas de destaque em nossa cidade.

Infelizmente, quando a comitiva chegou a Catanduva, já o illustre industrial tinha seguido para Araraquara, mas não sem ter deixado os seus protestos de agradecimento ao convite que já se lhe tinha feito, e a affirmativa de muito breve vir a Rio Preto(...).²⁶

Em julho de 1936, no mesmo jornal, temos:

É certo que teremos, muito em breve, em Rio Preto algumas importantes industrias da organização Matarazzo.

Metade do parque industrial de São Paulo – e isto é coisa pouco sabida – encontra-se estabelecido, disseminado pelas cidades do interior do Estado.

O que isso quer dizer é que tambem nas cidades do interior, desde que ellas satisfam a uma tantas condições, nascem e se desenvolvem, mais ou menos depressa em maior ou menor vigor, nucleos de variada e valiosa industria.

Assimé que, consoante estamos informados, o sr. prefeito municipal, levando a cabo o

²⁶ A Noticia, Rio Preto, 09/05/1936, p. 01. Casa de Cultura "Prof. Dario de Jesus", de São José do Rio Preto.

proposito de fazer que o conde Francisco Matarazzo se interessasse por esta cidade, obteve do grande industrial paulista que faça uma visita a Rio Preto.

Segundo a propria declaração do conde Matarazzo, é sua intenção estabelecer em Rio Preto um aparelhamento industrial analogo ao que fez montar em Catanduva. Para tanto as plantas do local em que serão erguidos os edificios destinados ás fabricas, já estão em estudo. Para ultimar as transacções previas necessarias, vira dentro de pouco a esta cidade o sr. Luiz Cervo, representante e alto funcionario da I. R. F. Matarazzo.²⁷

No final de julho de 1936, no mesmo jornal:

(...) É assim que, segundo conseguimos apurar, os primeiros passos decisivos, foram dados nesse sentido. As Industrias Matarazzo resolveram adquirir em Rio Preto, nas proximidades da estação, um terreno destinado a um estabelecimento industrial e a um desvio para uso desse estabelecimento. Sabemos que já foi até fixado o preço de aquisição do terreno e que, graças á mediação da Prefeitura, a pretensão do conde Matarazzo encontrou a melhor bôa vontade e as mais amplas facilidades da parte do proprietario dos terrenos.

A resolução das Industrias Matarazzo é, conquanto merecida, uma honrosa distincção conferida a Rio Preto, de que justamente podemos envaidecer-nos. Ella será o marco inicial para a installação da grande industria entre nós.²⁸

Portanto, o município de São José do Rio Preto aspirava aumentar o seu desenvolvimento econômico, com a instalação de uma indústria das IRFM. Isso ía ao encontro do direcionamento das IRFM, em estar implantando suas indústrias nas cidades do interior,

²⁷ A Noticia, Rio Preto, 07/07/1936, p. 01. Casa de Cultura “Prof. Dario de Jesus”, de São José do Rio Preto.

²⁸ A Folha, Rio Preto, 26/07/1936, p. 01. Casa de Cultura “Prof. Dario de Jesus”, de São José do Rio Preto.

dotadas de matéria-prima abundante, ferrovia e alguns benefícios da prefeitura, como na aquisição de terrenos. A Matarazzo adquiriu um terreno nas proximidades da estação ferroviária de São José do Rio Preto, com facilidades pela prefeitura, para utilizar os trilhos através de um desvio.

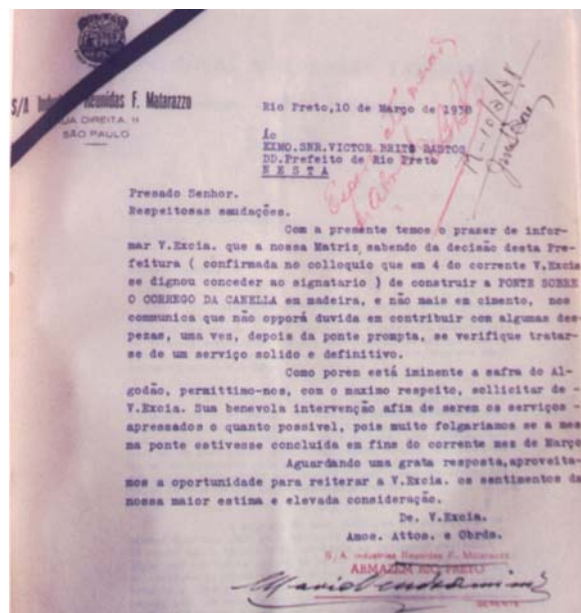
A Folha, de outubro de 1936, traz:

*O parque da I.R.F.M. alargou o projecto da estação da E.F.A., a ser construído já. Com os trabalhos de prolongamento da E. F. Araraquara, a que noutra logar nos referimos, coincidirá a construcção da nova estação de Rio Preto (...) A nossa estação terá proporções maiores que as previstas ha mezes. A certeza de que as Industrias Reunidas F. Matarazzo installarão aqui, não mais um pequeno parque de funcção local, como o de Catanduva, mas um centro fabril de grandes e multiplas actividades, coincidindo com noticias outras, todas relativas ao maior incremento do trabalho regional, tornam necessaria, para Rio Preto, uma estação que, alem de proporcionar commodidades aos passageiros e aos funcionarios, comporte armazens, desvios, etc.*²⁹

A instalação da indústria Matarazzo em São José do Rio Preto trouxe mudanças em suas proximidades, como foi referido acima. A inclusão de um edifício fabril em determinado local da cidade gera transformações na estrutura estabelecida à sua volta. A seguir, temos um ofício da S/A IRFM enviado à prefeitura de Rio Preto, que exemplifica uma ação dessa indústria, sobre os poderes do município:³⁰

²⁹ *A Folha*, Rio Preto, 10/10/1936, p. 01. Casa de Cultura “Prof. Dario de Jesus”, de São José do Rio Preto.

³⁰ Livro de Ofícios n. 22, Ano 1938. COMDEPHACT da Secretaria de Cultura de São José do Rio Preto.



A *Folha* publicou, em julho de 1937:

Já se iniciaram os trabalhos para a construção do parque riopretense das Industrias Reunidas F. Matarazzo a que tantas vezes nos temos referidos para marcarmos bem o quanto isso importa ao maior progresso da cidade.

As installações ficarão no prolongamento da rua Pedro do Amaral, em Villa Ercilia, e estão a cargo da Empreza Constructora de Adamos e Biazetto, de S. Paulo, dirigindo os trabalhos o dr. Carlos Ronzano, engenheiro d'aquella importante firma.

O parque riopretense das I.R.F.Matarazzo comporá machinas de beneficio de algodão e arroz, e refinação de kerozene e sal, mas em larga escala, e isso inicialmente. Os terrenos que a empresa adquiriu fazem prever que brevemente teremos aqui maiores e mais importantes usinas, possivelmente com seu bairro operario.³¹

O processo de instalação das indústrias de beneficiar algodão Matarazzo em São José do Rio Preto deu-se em meados de 1936, até julho de 1937, quando suas obras estavam

³¹ A *Folha*, Rio Preto, 03/07/1937, p. última. Casa de Cultura "Prof. Dario de Jesus", de São José do Rio Preto.

iniciadas. A construtora responsável pela indústria foi a *Irmãos Adamo e Bisetton Ltda.*, e o responsável pela obra o engenheiro Carlos Ranzano. Até 31 de dezembro de 1936, os profissionais responsáveis por essa construtora eram os engenheiros civis Mario Adamo, com o CREA nº 524, e Rodolpho Weigand, com o CREA nº 1474, diplomados pelo Conselho Regional de Engenharia e Architectura da 6ª Região de São Paulo e Mato Grosso, antes de 31 de dezembro de 1936 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA, 1937:133, 205, 249).

Veremos, adiante os galpões desse núcleo industrial, que beneficiava algodão e arroz e refinava querosene e sal. Em julho de 2002 funcionava, no local, o supermercado Champion.



Descaroçador de algodão Matarazzo. São José do Rio Preto, s/d. Fonte: (LIMA, 1982:112).



Possivelmente os mesmos edifícios Matarazzo da foto ao lado, transformados. São José do Rio Preto, julho de 2002. Foto do autor.



Galpões Matarazzo, no centro da foto. São José do Rio Preto, 1995. Fonte: Pasta 1-3-11, COMDEPHACT de São José do Rio Preto.



Galpões Matarazzo, mesma vista da foto ao lado, sem a presença do galpão à esquerda. São José do Rio Preto, julho de 2002. Foto do autor.



Galpões Matarazzo, ao fundo, e, em primeiro plano, armazém também Matarazzo. São José do Rio Preto, julho de 2002. Foto do autor.



Detalhe dos galpões Matarazzo. São José do Rio Preto, julho de 2002. Foto do autor.



Galpões Matarazzo. São José do Rio Preto, julho de 2002. Foto do autor.



Estacionamento do Supermercado Champion. São José do Rio Preto, julho de 2002. Foto do autor.

RANCHARIA

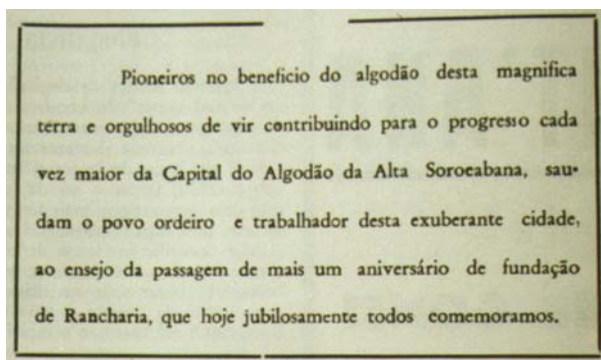
Rancharia, localizada na região oeste do Estado de São Paulo, entre Mato Grosso e Paraná, foi o meio de ligação entre as zonas das estradas de ferro Sorocabana e Paulista. Rancharia foi fundada no início de 1916, época em que a Estrada de Ferro Sorocabana armou acampamento na região, para os operários que construíam a ferrovia. O município de Rancharia foi criado em 13 de junho de 1935 e sua estação ferroviária foi inaugurada em 1917, sendo uma das mais antigas da região. A cidade recebeu energia elétrica em 1934.³²

Como foi mencionado, devido ao crescente aumento da produção algodoeira na Zona Nova, servida pela parte sul da região da estrada de ferro Sorocabana, essa região, conhecida como Alta Sorocabana, que abrange os municípios de Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Piraju, São Manuel, Cândido Mota, Avaré, Bernardino de Campos, Chavantes, Botucatu, Bofete e Rancharia, sofreu um grande aumento da produção do algodão, principalmente a partir de 1933. Para se ter uma idéia da produção da Alta Sorocabana, os três maiores produtores da média Sorocabana, por ordem, foram Avaré, Agudos e Cerqueira César. No ano seguinte, Rancharia já aparecia entre os maiores produtores de algodão do Estado, ocupando o 9º lugar. Em 1935 ocupou o 4º lugar e, em 1936, o 5º lugar. Presidente Prudente era o 6º produtor, totalizando os dois municípios 17,8% do total produzido no Estado. Portanto, Rancharia e as cidades de sua região foram grandes produtores de algodão, o que explica o estabelecimento de grandes indústrias de algodão na cidade e na região.³³

³² O *Imparcial*, Presidente Prudente, 25/02/1994 e *Rancharia em Revista*, Rancharia, fevereiro de 1952. Biblioteca Pública Municipal “Castro Alves”, de Rancharia.

³³ A *Tribuna*, Rancharia, 10/06/1998. Biblioteca Pública Municipal “Castro Alves”, de Rancharia.

O anúncio da própria Matarazzo, de 1962, parabeniza pelo aniversário a cidade que, como já dissemos, foi uma grande produtora de algodão da Alta Sorocabana.³⁴



As fotos abaixo são do início da construção da indústria de beneficiar algodão Matarazzo, em Rancharia. São fotos valiosas, pois em nenhum momento desta pesquisa foram encontradas fotos da fase de construção das indústrias de algodão Matarazzo, nos anos 30.



Os primeiros galpões em construção da indústria Matarazzo. Rancharia, anos 30. Foto de Tiaki Zoriki.

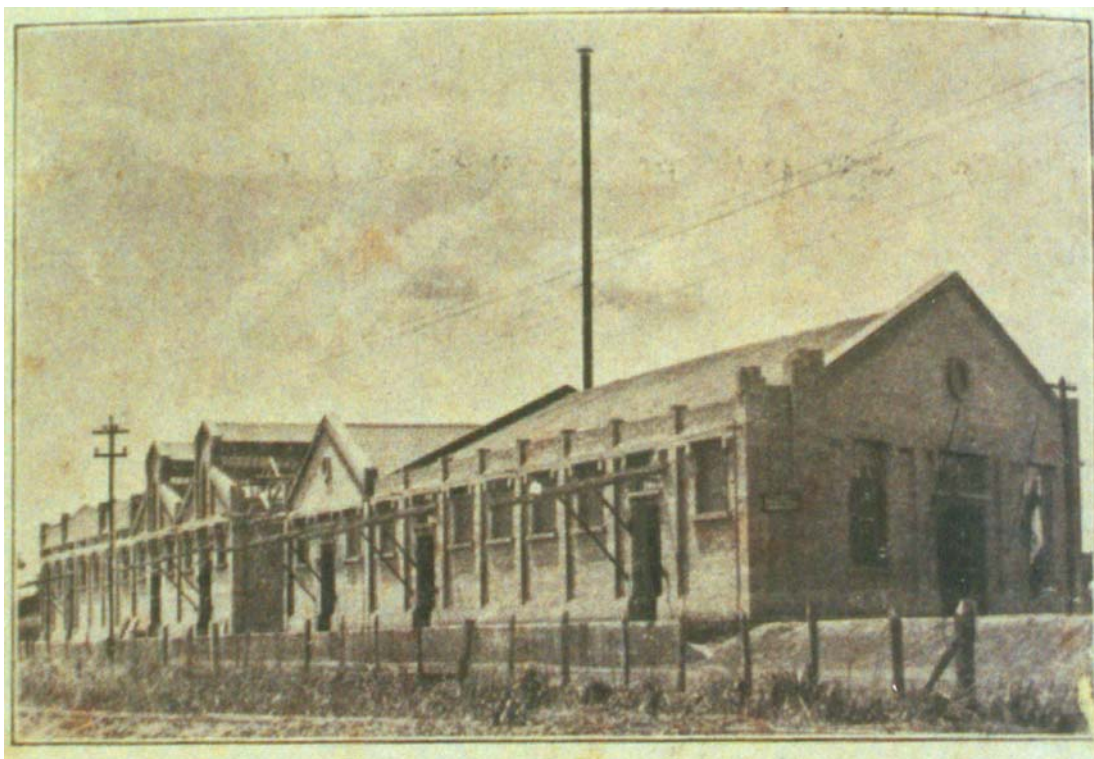


Os primeiros galpões em construção, da indústria Matarazzo. Rancharia, anos 30. Foto de Tiaki Zoriki.



Galpões em construção da Matarazzo. Rancharia, anos 30. Foto de Tiaki Zoriki.

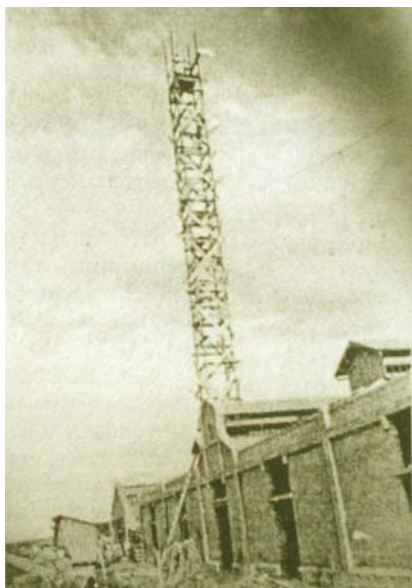
³⁴ *Rancharia em Revista*, Rancharia, junho de 1962, número 23. Biblioteca Pública Municipal “Castro Alves”, de Rancharia.



Os primeiros edifícios fabris para beneficiar algodão Matarazzo. Rancharia, sem data. Fonte: *Revista União dos Fazendeiros de Café do Brasil*, Rio de Janeiro, outubro de 1937, p. 02.



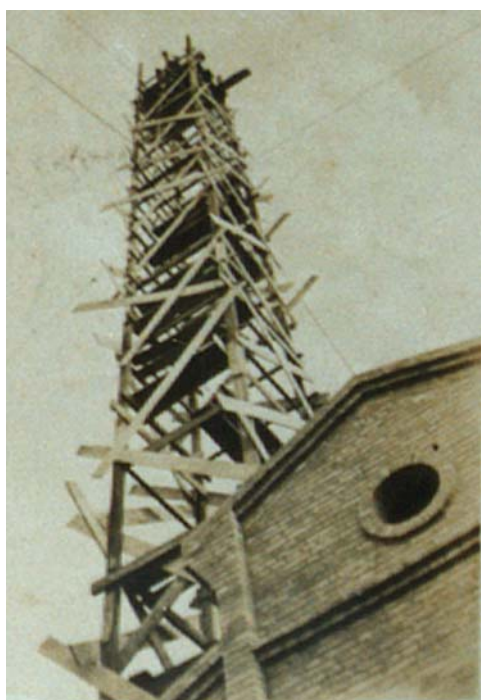
Os mesmos edifícios fabris para o benefício do algodão Matarazzo (da foto acima). Vemos que a janela de arco-pleno, dos dois galpões maiores, estão vedadas. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Os primeiros galpões e a construção da primeira chaminé da indústria de beneficiar algodão Matarazzo. Rancharia, anos 30. Foto de Tiaki Zoriki.



Os mesmos galpões Matarazzo da foto ao lado, mas sem a chaminé. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Detalhe da construção da chaminé do galpão de benefício do algodão Matarazzo. Rancharia, anos 30. Foto de Tiaki Zoriki.



O mesmo edifício da foto ao lado, com algumas transformações, como a pintura sobre os tijolos. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Vista aérea da cidade e, no destaque, em azul, a indústria de algodão Matarazzo, ainda com sua primeira chaminé. Rancharia, anos 40. Foto de Tiaki Zoriki.



Vista aérea da cidade e da segunda chaminé da fábrica de óleo da Matarazzo. Rancharia, anos 60. Foto de Tiaki Zoriki.

Segundo Mitsuyo Toyofuji, a indústria Matarazzo já estava funcionando no final dos anos 30, na mesma época em que a primeira chaminé foi construída. O primeiro gerente da indústria foi o senhor Afílio Sanni.³⁴

Em 3 de junho de 1936, o prefeito de Rancharia, José Januário, envia ao seu pai uma

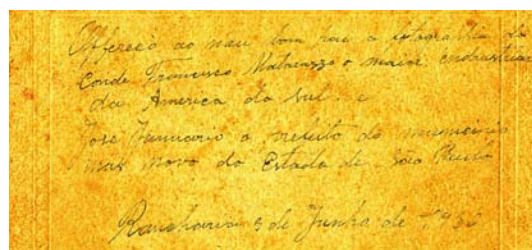
³⁴ Entrevista com a senhora Mitsuyo Toyofuji (Dona Olívia), imigrante japonesa, que chegou à cidade de Rancharia em 1933, residindo próximo à indústria Matarazzo.

foto do ato do lançamento da pedra fundamental da IRFM em Rancharia, com a presença de Francisco Matarazzo e do prefeito de Rancharia.



O Conde Francisco Matarazzo, no centro da foto, com chapéu, terno e gravata pretos e camisa branca, ao lado de um dos edifícios em construção de sua fábrica de algodão. Rancharia, 1936. Fonte: Nenê Pereira.

Comemoração no interior de um edifício da indústria de algodão Matarazzo. Possivelmente no dia do lançamento da pedra fundamental. Vemos que o galpão ainda está em obras, sem as esquadrias. Rancharia, anos 30. Fonte: Tiaki Zoriki.



No verso da foto acima, enviada ao pai do prefeito, está escrito: "Offereço ao meu bom pai a photographia do Conde Francisco Matarazzo o maior endustriar da America do Sul e Jose Januario o prefeito do município mas novo do Estado de São Paulo. Rancharia 3 de junho de 1936". Fonte: Nenê Pereira.

É importante salientar que essa usina de beneficiamento do algodão Matarazzo posteriormente se transformou, também, em uma fábrica de óleo de caroço de algodão, constituindo, desse modo, um dos maiores núcleos industriais da empresa Matarazzo no interior do Estado, pela sua dimensão e, principalmente, pelos seus equipamentos, com duas vilas operárias, um hotel, um campo de futebol, uma quadra de futebol e uma quadra de tênis. A usina possuía um sistema de escoamento de sua produção pelos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, pelo aeroporto (não mais existente), vizinho à fábrica, e pela estrada de rodagem, que dá acesso à rodovia Brigadeiro Eduardo Gomes. Esses equipamentos serão mostrados adiante, no histórico da fábrica de óleo de Rancharia.



Planta topográfica de Rancharia, sem escala e sem data. Todo o núcleo fabril de algodão Matarazzo está compreendido no destaque em azul. Vê-se, nesta planta, ao lado da Matarazzo, a estrada de rodagem e a pista do antigo aeroporto; do outro lado, a Estrada de Ferro Sorocabana. Fonte: Arquivo da Esteve S/A.



Foto aérea do núcleo fabril Matarazzo. Rancharia, sem data. Fonte: Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Rancharia.



Entrada da indústria de algodão Matarazzo, entre os dois edifícios de escritórios. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



O escritório, que contém refeitório, vestiário e vigilância, ao lado da entrada da fábrica. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Logo na entrada da indústria, o busto do Conde Matarazzo. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



O edifício que foi posto de abastecimento e teve sua fachada principal inclinada, para alinhar com a rua Portugal. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Armazém de algodão. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Tulha de algodão em caroço. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

O conde Francisco Matarazzo Jr., sob o comando da S/A IRFM, instalou uma indústria de beneficiamento de algodão em São João da Boa Vista, cidade localizada na região de Campinas e próxima às cidades de Moji-Guaçu e Poços de Caldas.

Conforme dados recolhidos no 2º Tabelião de Notas de São João da Boa Vista, no dia 31 de agosto de 1938 foi lavrada a escritura para a compra de um terreno de Guilherme Frederico Reck e sua mulher, pela S/A IRFM. A área desse terreno era de mais de 4 alqueires, o equivalente a 101.200 metros quadrados, situados no começo da ponte da linha férrea da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, sobre o rio Jaguari, até o canto do muro do edifício do Palmeiras Futebol Clube.³⁵ O jornal *O Município* publicou, no mês próximo da data da escritura, a seguinte notícia:

TEREMOS MAIS UMA INDÚSTRIA?

Nas notas do Cartório do 2º Ofício desta cidade foi passada, em dia da semana, a escritura publica em que as Industrias Reunidas F. Matarazzo - S/A, de São Paulo adquiriu, por compra, um terreno cerca de quatro alqueires, nas imediações da cidade, pela quantia de oitenta contos de reis.

*Assinou a escritura, como procurador daquela importantissima organização, o sr. Leonél de Oliveira.*³⁶

Até então, tinha-se o conhecimento de que a empresa Matarazzo havia comprado um terreno, mas a notícia de construção de uma indústria na cidade só virá ao conhecimento

³⁵ 2º Tabelião de Notas de São João da Boa Vista – Livro de Escritura nº 143 e folha 60.

³⁶ *O Município*, São João da Boa Vista, 03/09/1938, p.08. Arquivo do jornal *O Município*.

do público no final do ano de 1938, com a publicação:

CONDE FRANCISCO MATARAZZO FILHO

Encontra-se na vizinha estancia de Agua da Prata, a passeio, o sr. Conde Francisco Matarazzo Filho, um dos grandes chefes das Industrias Reunidas F. Matarazzo, de São Paulo, e que aqui pretende instalar varias industrias, já tendo para isso adquirido um vasto e ótimo terreno nas imediações do campo de futebol dos Palmeiras F.C.

*A Familia Matarazzo, como todos sabem, é a baluarte dos industrias de São Paulo. E agora, pretende extender as suas atividades para o interior do Estado, que, com essas industrias, muito virá lucrar.*³⁷

Em 04 de janeiro de 1939 foi aprovada, pela Secretaria da Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista, a planta para a construção de armazéns para descarregadores de algodão pela Matarazzo, na estrada municipal da cidade. Assinaram essa planta, como representante da IRFM, o arquiteto Francisco Verrone, o responsável pelo projeto e construção, a construtora *Irmãos Adamo e Bisetton Ltda.*, e o engenheiro responsável Mario Adamo, que faz parte dessa construtora.³⁸ Logo após a aprovação da planta, o jornal publica:

ULTIMAS NOTICIAS

Esteve nesta redação, em dia da semana, dando nos o prazer de sua visita, o sr. João Gallo, digno representante da S.A. Industrias Reunidas F. Matarazzo, de São Paulo, e que aqui esteve à serviços.

Como é do conhecimento público, essa importantissima sociedade está construindo nesta

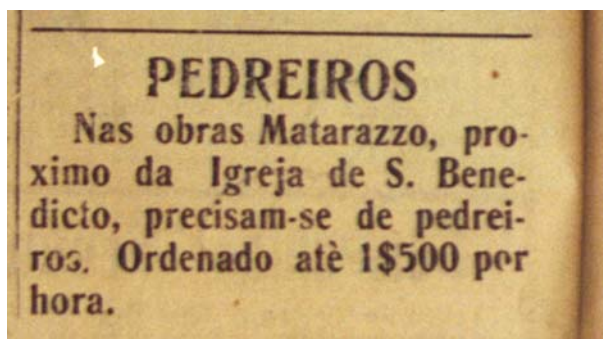
³⁷ O Município, São João da Boa Vista, 10/12/1938, p.06. Arquivo do jornal O Município.

³⁸ Arquivo do Protocolo da Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista – Pasta de Plantas de 1939.

cidade um grande predio destinado para armazens e para a montagem de uma grande e modernissima maquina de algodão.

*Ao sr. João Gallo, os nossos agradecimentos pela gentileza da visita.*³⁹

O início da construção dos armazéns de descaroçadores de algodão Matarazzo na cidade foi, possivelmente, entre janeiro e fevereiro de 1939. O término da construção desses armazéns Matarazzo se deu no final de maio de 1939, conforme os dados da publicação abaixo. O tempo aproximado da construção foi de 4 a 5 meses, ritmo bem acelerado nas obras, onde imaginamos a grande quantidade de trabalhadores necessários para tal construção:⁴⁰



A notícia abaixo descreve os pavilhões Matarazzo, em São João da Boa Vista.

A GRANDE MAQUINA DE ALGODÃO DA S.A. I.R.F. MATARAZZO

Há dias tivêmos o prazer de visitar a nova e grande maquina de algodão da S.A. I.R.F. Matarazzo, construida em poucos mezes nos terrenos adquiridos pela sociedade, pouco além da Villa Joaquim Candido.

Recebidos amavelmente pelo sr. Moacir Mastrandréa, digno e ativo gerente da importante

³⁹ O Município, São João da Boa Vista, 18/02/1939, p.08. Arquivo do jornal O Município.

⁴⁰ O Município, São João da Boa Vista, 25/02/1939, p.04. Arquivo do jornal O Município.

organização nesta cidade, percorremos, embora ligeiramente, todas as dependências do magestoso prédio.

Pudemos então constatar a grandiosidade dos serviços, todos eles sabiamente orientados pelo sr. Moacir Mastrandréa.

O vasto prédio, sólidamente construído, conta com cinco divisões, tendo ao todo 108 metros de comprimento por 60 de largura. O escritório é separado, num outro prédio nas proximidades da máquina.

Possue dois desvios da estrada de ferro, sendo o motor de 100 H.P, existindo também uma caixa d'água para 10.000. litros

Atualmente trabalham ali mais de 70 operários, além dos funcionários de escritório, cuja direção está confiada ao competente e estimado moço conterrâneo o snr. Nemencio Gonçalves.

A máquina tem 3 descarregadores dos mais modernos e eficientes, com 80 serras cada, podendo produzir cerca de 180 fardos de algodão de 180 Kilos de 10 em 10 horas.

Em dois meses apenas foram adquiridas cerca de 160.000 arrobas de algodão, sendo todos os negócios prontamente liquidados, a interior contendo dos já numerosos clientes da poderosa organização, da qual o povo sanjoanense muito espera e pela qual tem grande admiração.

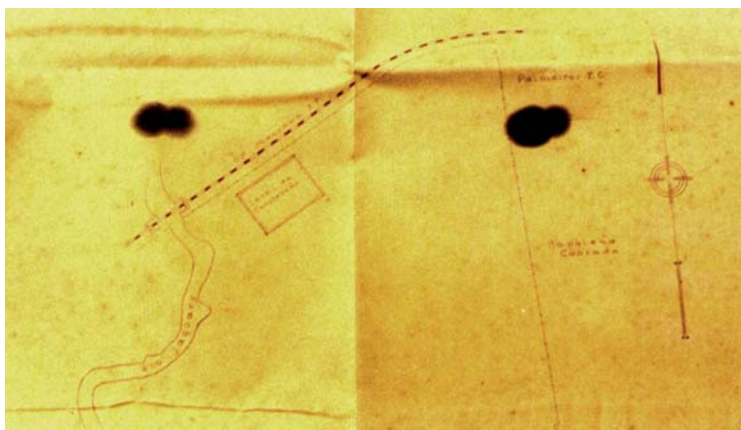
Como já dissémos linhas atrás, é gerente local o snr Moacir Mastrandréa; chefe dos escritórios, o snr. Nemencio Gonçalves; e classificador, o snr. Clédolo Pereira Dourado, formado pela Bolsa de Mercadorias de São Paulo.

- Ao sr. Moacir Mastrandréa agradecemos, sensibilizados, o modo gentil como tratou o nosso diretor, quando de sua visita àquela importante organização que honra a indústria paulista.⁴¹

⁴¹ O Município, São João da Boa Vista, 27/05/1939, p.05. Arquivo do jornal O Município.

Em dezembro de 1941, foi feita uma planta para o aumento de um depósito pertencente às IRFM. O projetista e construtor foi o senhor Francisco Verrone, o mesmo que assinou a primeira planta como proprietário.⁴²

Hoje em dia, no local da indústria Matarazzo ainda restam o armazém, com três divisões internas, duas casas de residências, um escritório, uma casa de zelador, um depósito de alvenaria, uma cabine de força, uma caixa d'água de 5.000 litros e uma tulha, além de dois novos galpões de resfriamento em funcionamento, construídos pelo proprietário atual da área, a CEAGESP - Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo. A CEAGESP adquiriu parte do antiga área pertencente às IRFM, em 15 de abril de 1970, totalizando a compra de um terreno de 86.357.75 m² e pagando cerca de Cr\$ 250.000,00 cruzeiros, sendo a parte restante do terreno vendida à Cia. Mogiana de Estradas de Ferro.⁴³



Implantação do terreno e da área de construção dos armazéns Matarazzo. À esquerda da foto temos o terreno cortado pelo Rio Jaguari, acima a ponte dos trilhos da Cia. Mogiana sobre o rio, à direita a divisa com o Palmeiras F.C. e, abaixo, fechando o terreno, a Estrada Municipal. São João da Boa Vista, 1939. Fonte: Arquivo do Protocolo da Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista, Pasta de Plantas de 1939.

⁴² O *Município*, São João da Boa Vista, 31/12/1941, p.06. Arquivo do jornal *O Município*.

⁴³ Cartório de Registro de Imóveis de São João da Boa Vista – Livro 3-AU, transcrição nº 45828.



Os cinco armazéns de descaroçamento de algodão Matarazzo. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



O armazém mais alto, no meio dos cinco, sem o óculo, com aberturas envidraçadas nas laterais; no alto do frontão, uma janela em arco pleno e, abaixo, o portão. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



Parte interna de um dos armazéns de descaroçamento de algodão Matarazzo. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



O silo ao lado dos armazéns de descaroçamento. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



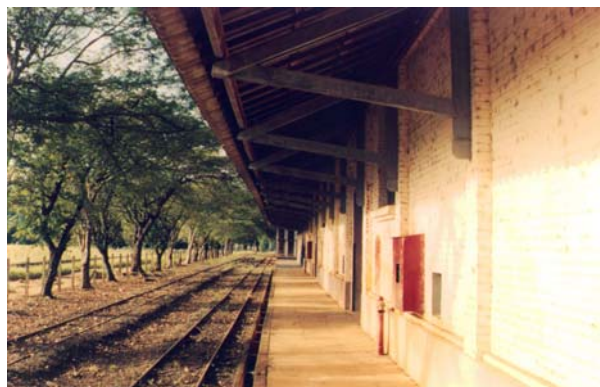
Vista da parte de trás dos cinco armazéns de descaroçamento, junto ao desvio do trilho de trem. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



O antigo vestiário e refeitório da indústria. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



Detalhe da cobertura do silo unida com a do armazém, formando uma calha. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



Parte de trás dos armazéns, junto ao desvio dos trilhos. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



Edifício da administração da indústria Matarazzo. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



Uma das habitações de técnicos, junto à indústria. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.



Outra habitação para técnicos da indústria Matarazzo. São João da Boa Vista, maio de 2002. Foto do autor.

ARAÇATUBA

No final da década de 1930, Araçatuba, antes uma grande produtora e exportadora do café, também opta pela policultura, sendo uma delas a produção do algodão. Com esse incremento da cultura do algodão na cidade e na região várias firmas se instalaram, como as Indústrias Matarazzo e a SANBRA - Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil. Na década de 1930, o Nordeste sofreu uma seca fortíssima e a SANBRA transferiu para Araçatuba sua indústria, assim como para outras cidades do interior paulista. Nos finais dessa década, Araçatuba tinha uma população municipal de aproximadamente 27.000 habitantes, produzia um milhão e duzentas mil arrobas de algodão e sua produção do café tinha diminuído para 30.000 cafeeiros (PINHEIRO e BODSTEIN, 1997:248-263).

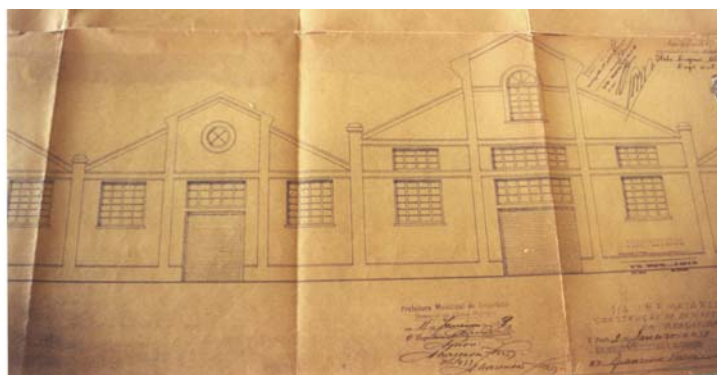
De acordo com Barbosa (1970:73) e Juncal (1974:91), a indústria de algodão Matarazzo se estabeleceu em Araçatuba em 1937, para beneficiar algodão, mamona, amendoim, soja e milho, e fabricar óleo. O caroço do algodão processado era enviado para Rancharia e Campinas, cidades com uma fábrica de óleo da Matarazzo em cada uma. As fibras de algodão eram enviadas para as indústrias têxteis de São Paulo. A parte resultante do caroço, depois de se extrair o óleo, era usada para a fabricação de torta (essa torta misturada a certos elementos minerais constituía uma ótima ração para o gado). O milho utilizado vinha das zonas noroeste e araraquarense. No período da safra trabalhavam, na indústria, de 180 a 200 operários e, na entressafra, 80 operários.

A primeira planta do núcleo industrial da S/A IRFM em Araçatuba referia-se à construção de um edifício para descaroadores. Essa planta contém cinco divisões, ou seja, cinco edifícios geminados. O autor do projeto e responsável pela sua execução foi o engenheiro

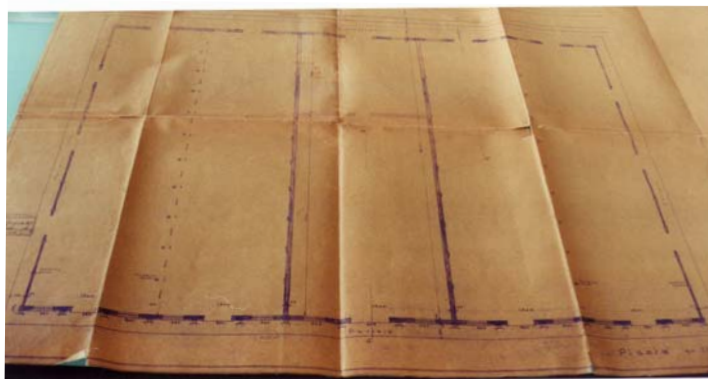
civil Italo Eugenio Mauro; o representante da IRFM, o arquiteto Francisco Verrone.⁴⁴ O total da área construída foi de 2.885,00 m². Essa planta teve entrada na Diretoria de Obras Públicas da Prefeitura Municipal em 11 de janeiro de 1939. Portanto, afirma-se que, possivelmente, somente após essa data é que a indústria de algodão Matarazzo foi construída na cidade.



Capa da planta do edifício para descarregadores de algodão Matarazzo, com assinatura de Francisco Verrone. Araçatuba, 1939. Fonte: Secretaria de Planejamento de Araçatuba.



Parte dos cinco edifícios geminados do pavilhão de algodão Matarazzo. Araçatuba, 1939. Fonte: Secretaria de Planejamento de Araçatuba.



Planta com as cinco divisões, sendo dois edifícios à esquerda, um mais alto no centro e os outros dois ao lado. Somente o edifício central é separado por alvenaria; os outros são feitos somente por pilares. Araçatuba, 1939. Fonte: Secretaria de Planejamento de Araçatuba.

⁴⁴ O engenheiro civil Italo Eugenio Mauro, com o CREA n° 1714, teve sua carteira expedida até 31 de dezembro de 1936 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA, 1937:137).



Portão de entrada do antigo núcleo industrial Matarazzo. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



O edifício mais alto no centro e os outros dois nas laterais. Diferentemente de como foram planejados. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



No total, esse pavilhão tem sete edifícios, que seguem a mesma tipologia arquitetônica prevista em planta. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



Um silo localizado ao lado do pavilhão dos descarregadores. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor



Os fundos do pavilhão de algodão, onde a fachada é diferente da frontal. O edifício é elevado em relação ao chão, servindo como plataforma. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor

A instalação do edifício para processar algodão, da Matarazzo de Araçatuba, ocorreu em 1939. Hoje, os edifícios restantes da então indústria de algodão Matarazzo estão sob propriedade da COBRAC – Cooperativa do Brasil Central, e ali funcionam vários tipos de comércio, como um supermercado, uma loja de confecções, uma loja de revelação de filmes, uma óptica, uma loja veterinária e outros.



Hoje, dentro dos galpões funcionam lojas comerciais, como esse supermercado. Alguns deixam aparente a estrutura de tesouras em madeira, da cobertura. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



Na lateral desse galpão, funciona uma academia de ginástica e Karatê. Foram conservados o beiral do telhado, as suas tesouras em madeira e as portas de correr, também em madeira, da época de sua construção. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



Um dos galpões da parte de trás do edifício fabril Matarazzo, com a sua janela em arco pleno vedada com alvenaria. No canto, a chaminé, construída posteriormente, na implantação da fábrica de óleo. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.

PRESIDENTE VENCESLAU

Em 1918, foram feitos estudos para a extensão dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, que já alcançavam as imediações do cemitério de Presidente Venceslau. O povoamento e a formação do município, bem como a fundação da cidade, foram, portanto, uma consequência natural da ferrovia, permitindo a vinda das primeiras famílias para o início da colonização. Em 08 de março de 1921, chegou a locomotiva nº 120, sendo considerada essa data a de fundação da cidade. Em 28 de dezembro de 1921, a pequena vila passou a denominar-se “Presidente Venceslau”. O município foi criado em 02 de setembro de 1926 e, em 1993, contava com uma população de 45.000 habitantes.⁴⁵

A revista *Dinâmica*, de setembro de 1963, traz:⁴⁶



⁴⁵ Dados baseados no livro *Histórico de Presidente Venceslau*, sem autor, de 1993, da Biblioteca Pública Municipal de Presidente Venceslau.

⁴⁶ *Dinâmica*, Presidente Venceslau, 02/09/1963, p. 28. Biblioteca Pública Municipal de Presidente Venceslau.

O anúncio mostra a IRFM parabenizando a cidade pelo seu aniversário. Ou seja, ao menos até setembro de 1963, as Indústrias Matarazzo estavam funcionando na cidade, não somente com o benefício do algodão, mas também com o amendoim, a momona, o trigo e o milho.

O Conde Matarazzo Júnior instalou, em Presidente Venceslau, no ano de 1943, máquinas para processar o algodão (LIMA, 1982:111). A inauguração dessas máquinas possivelmente ocorreu em 1944, em um núcleo industrial ainda sem água encanada.⁴⁷ O abastecimento de algodão era realizado por caminhões e também pelo desvio da linha dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana.



Portão de entrada da Indústria de beneficiamento de algodão Matarazzo, Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Detalhe da inscrição "Matarazzo" em branco, sobescrita à inscrição de cor mais escura. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.

⁴⁷ Informações tiradas da legenda da foto das Indústrias Matarazzo, mostrada a seguir. Possivelmente essa foto foi doada por um antigo funcionário da IRFM da cidade, com informações suas ou de um antigo morador da cidade. Biblioteca Pública Municipal de Presidente Venceslau.



Esse edifício foi o Depósito de Fardos, e é elevado, para facilitar o carregamento dos vagões, que chegavam ao desvio dos trilhos à sua frente. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Elevação lateral do Depósito de Fitas de Aço e Sacos. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



A indústria Matarazzo, nos princípios de seu funcionamento, onde vemos a caixa d'água ainda sendo construída. Presidente Venceslau, sem data. Fonte: Biblioteca Pública de Presidente Venceslau.



Pode-se ver, nessa foto, a caixa d'água já construída e, à direita, o Refeitório, o Vestiário e o Banheiro Masculino. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Fachada do Depósito de Fitas de Aço e Sacos e Depósito de Veneno. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



O edifício à esquerda, com a cobertura em madeira, foi o Escritório e a Cozinha. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



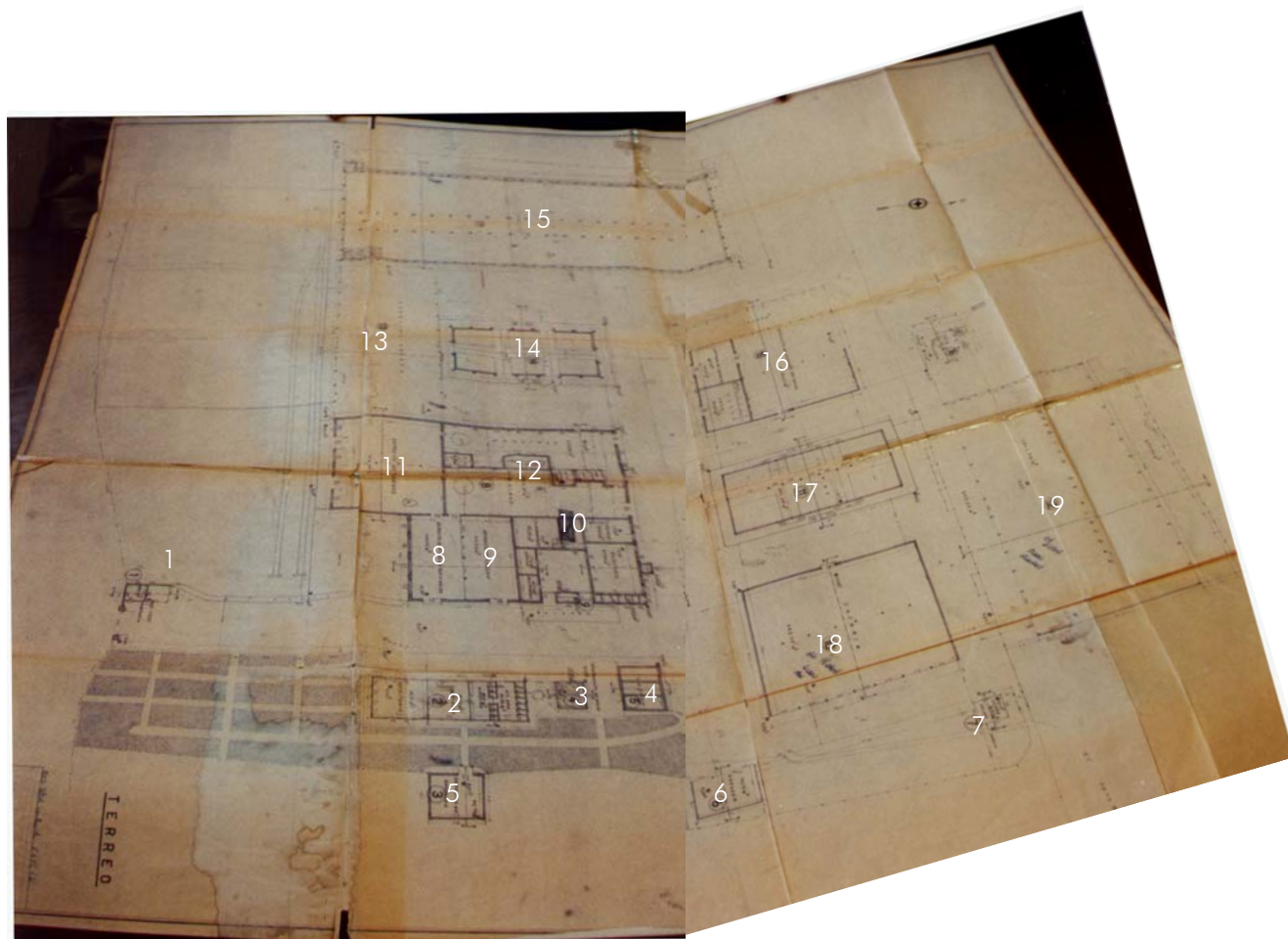
Esses dois galpões abrigavam as máquinas de beneficiar e fardar o algodão. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Outra foto da indústria Matarazzo de algodão. Presidente Venceslau, 1944. Fonte: Foto nº 875-T do arquivo de Eduardo Ravaioli, da Biblioteca Pública Municipal de Presidente Venceslau.



Tulha original, mas com algumas modificações, como o fechamento com ripas de madeira. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



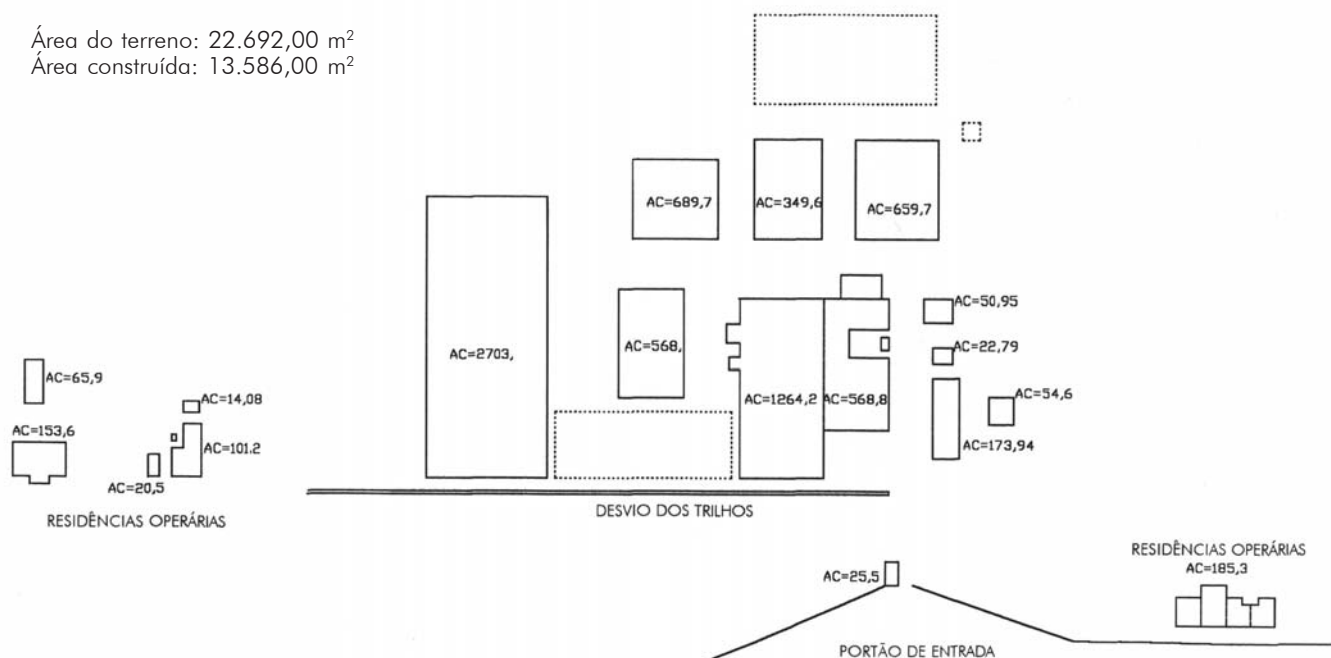
Planta de situação original da indústria de algodão Matarazzo. Percebe-se, nessa planta, que houve uma proposta de um traçado com ruas internas, possivelmente ladeadas por verde, que integrariam os edifícios do Refeitório, Vestiário, Sanitário, Bomba d`água e Caixa d`água, respectivamente da esquerda para a direita. Fonte: Arquivo de plantas da Esteve S/A, de Presidente Prudente.⁴⁸

- 01 - PORTÃO DE ENTRADA
- 02 - REFEITÓRIO, VESTIÁRIO
E SANITÁRIO MASC.
- 03 - BOMBA D`ÁGUA
- 04 - CAIXA D`ÁGUA
- 05 - DEPÓSITO DE GASOLINA
- 06 - GARAGEM
- 07 - FERRO VELHO
- 08 - DEPÓSITO DE FITAS DE AÇO
E SACOS
- 09 - DEPÓSITO DE VENENO
- 10 - COZINHA, ESCRITÓRIO,
ALMOXARIFADO E ARQUIVO

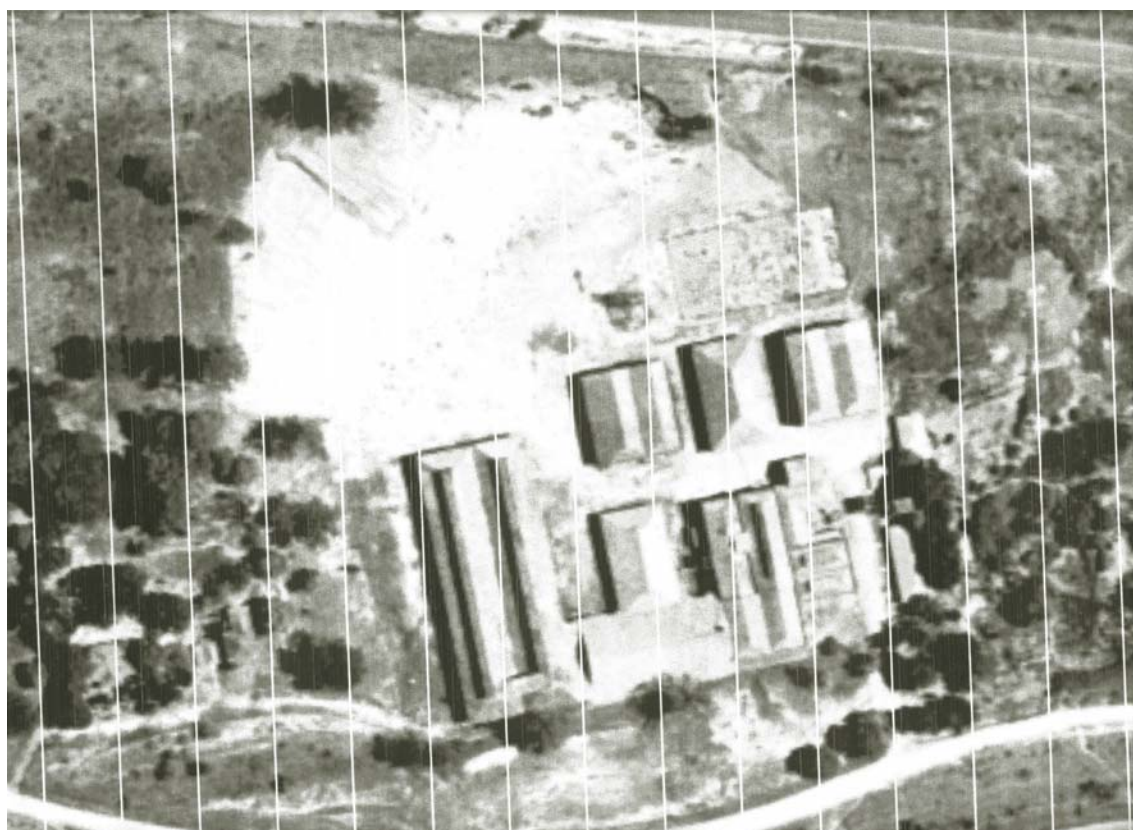
- 11 - DEPÓSITO DE FARDOS
- 12 - MÁQUINAS E CABINE DE FORÇA
- 13 - DEPÓSITO
- 14 - TULHAS
- 15 - DEPÓSITO DE ALGODÃO
- 16 - DEPÓSITO DE ALGODÃO EM SACOS
- 17 - TULHAS
- 18 - SACARIA
- 19 - DEPÓSITO DE ALGODÃO

⁴⁸ Os edifícios não existentes em agosto de 2002 eram: 7, 13 e 19. Não aparecem nessa planta as habitações operárias.

Área do terreno: 22.692,00 m²
 Área construída: 13.586,00 m²



Planta de situação da indústria Matarazzo, com medidas aproximadas, sem escala. Vê-se, nessa planta, a localização das duas unidades de residências de operários, que, pela informação de um antigo funcionário, foram construídas pela Matarazzo. Os edifícios em pontilhado são os que não existem mais e o símbolo AC= seria a área construída de cada edifício. Presidente Venceslau, sem data. Fonte: Prefeitura Municipal, Secretaria de Planejamento, Planta de medição-cadastro. Desenho do autor.



Vista aérea da indústria Matarazzo. Presidente Venceslau, sem data. Fonte: Prefeitura Municipal, Secretaria de Planejamento.

Atualmente, a indústria Matarazzo de beneficiamento de algodão, de Presidente Venceslau, é ocupada por uma cooperativa de várias empresas.



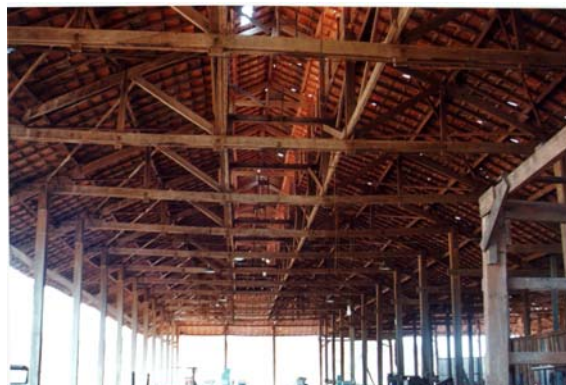
Residência dos operários da Matarazzo. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Outra residência dos operários da Matarazzo, com 153,60 m² de área construída. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Galpão que foi Depósito de Algodão, agora abriga várias empresas da cooperativa. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Interior do Depósito de Algodão. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Galpões que hoje formam a cooperativa, como a Colombo Móveis. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.



Antiga cabine de pesagem dos caminhões, ao lado do escritório. Presidente Venceslau, agosto 2002. Foto do autor.

VOTUPORANGA

Votuporanga teve sua ocupação histórica vinculada ao processo de expansão da fronteira agrícola em busca de áreas alternativas para o desenvolvimento da cultura cafeeira e expansão do rebanho bovino. A fundação da cidade se deu em 8 de agosto de 1937, sendo elevada à condição de município em 30 de novembro de 1944.⁴⁹

Em 17 de agosto de 1943 foi lavrada a escritura de venda de um terreno de 10,5 alqueires, aproximadamente 265.650,00 m², situado na fazenda “Marinheiro de Cima”, em Votuporanga, pertencente a João Antônio Batista e sua esposa, Helena Maria de Paula, para a S. A. *Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo*.⁵⁰ No Plano Diretor de Votuporanga consta que a IRFM iniciou a construção de sua indústria de processamento do algodão na cidade em 1942 e teve a sua inauguração em 1946.⁵¹

O prefeito de Votuporanga, em agosto de 1949, aprovou uma lei dando à avenida iniciada na rua Tocantins, até onde está localizada hoje a antiga indústria Matarazzo, o nome de Avenida Conde Francisco Matarazzo. O prefeito justificou dizendo que era preciso prestar tal homenagem a “essa personalíssima figura”, que doou a estrada que deu acesso ao município vizinho, Valentim Gentil. O prefeito alegou, também, que a

⁴⁹ Cadernos *Memórias de Votuporanga*, de Américo Davanço, volumes 4/5, p. 7. Museu Histórico, Artístico e Geográfico “Edward Coruripe Costa”, de Votuporanga.

⁵⁰ Registro de Imóveis e Anexos de Votuporanga, transcrição 931, de 19 de agosto de 1943, livro 3-B, folhas 57.

⁵¹ Possivelmente essa data de início de construção da indústria Matarazzo não está correta, porque a escritura de compra de um terreno em Votuporanga, pela IRFM, ocorreu somente no final de 1943. Antônio Jatobá Netto, natural de Jaboticabal, São Paulo, migrou para Votuporanga em 9 de abril de 1947, exercendo a fiscalização do algodão, como classificador nas máquinas de beneficiamento da Matarazzo e de outras indústrias, como a Sanbra e a Anderson Clayton. Isso reforça a data de inauguração, de 1946 da indústria Matarazzo em Votuporanga, pelo Plano Diretor da cidade (*A Cidade, Votuporanga*, 09/04/2000. Cadernos *Memórias de Votuporanga*, de Américo Davanço, volume 5/5, p. 53. Museu Histórico, Artístico e Geográfico “Edward Coruripe Costa”, de Votuporanga).

indústria Matarazzo não só incrementara o movimento para Votuporanga, como também serviu de “chamariz” para outras grandes indústrias, e finaliza dizendo que “sabendo dessa nova, quem sabe imbuído de certa dose de entusiasmo, orgulhoso, poderá dotar nosso município de outros melhoramentos” (PONTES, 2001:177).

O estabelecimento de uma indústria em uma cidade como Votuporanga, nascida nos anos 30 e carente de uma sólida estrutura produtiva e econômica, traz à cidade mudanças e, principalmente, promove transformações no espaço urbano em sua área envoltória, geralmente realizadas com o patrocínio da prefeitura local, como construções de ruas e casas e a instalação de infra-estrutura. O enaltecimento do discurso do prefeito sobre a indústria Matarazzo é atribuído, principalmente, ao significado do poder político que a empresa Matarazzo possuía desde o início do século XX. Podemos verificar essa relação de troca da indústria Matarazzo com a cidade, nos donativos que essa e outras empresas e empresários doavam à Santa Casa de Misericórdia de Votuporanga. A quantia doada pela Matarazzo era relativamente significativa, Cr\$ 5.000,00, em relação a Cr\$ 2.000,00 da SANBRA.⁵²

As instalações de qualquer indústria de algodão, que trabalha constantemente com a presença de uma “nuvem” de fiapos de algodão, se não estiverem bem resguardadas, correm um alto risco de incêndio. Foi isso que ocorreu com a indústria Matarazzo, em Votuporanga. Um incêndio de grandes proporções devorou em menos de duas horas um armazém de 80mx40m, onde se encontravam armazenadas cerca de 250 toneladas de caroço de algodão. O incêndio foi atribuído a um curto-circuito de um motor. O prejuízo calculado foi em torno de dois milhões de cruzeiros (COSTA, 1956:120).

⁵² Oeste Paulista, Votuporanga, 23/01/1949, p. 02. Biblioteca Municipal “Castro Alves”, de Votuporanga.

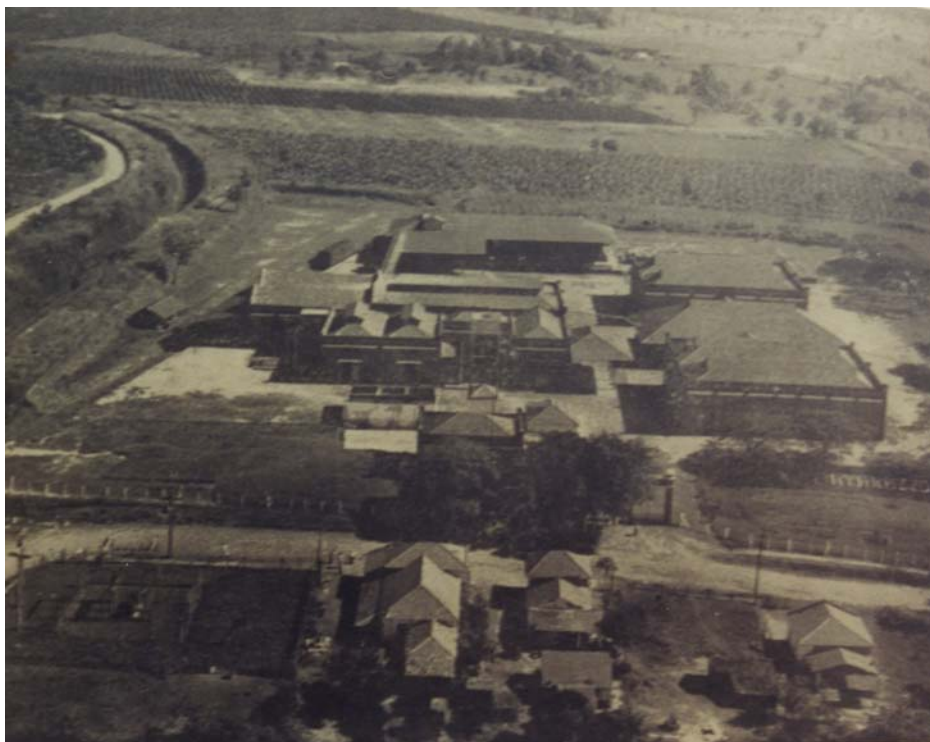


Foto aérea do núcleo industrial de algodão Matarazzo, onde vê-se casas, na frente do portão de entrada da indústria, possivelmente para operários e, à direita, a Estrada de Ferro Araraquarense, com um desvio de trilhos só para a indústria. Votuporanga, 1966. Fonte: Revista: *Votuporanga 29 anos de progresso*, do jornal *A Vanguarda*, 1966. Biblioteca Municipal "Castro Alves", de Votuporanga.



Foto aérea atual do núcleo industrial de algodão Matarazzo. Percebe-se que a maioria dos galpões permanecem conservados. Votuporanga, sem data. Fonte: Arquivo da indústria Universo Cotton Ltda.



Vista do núcleo industrial Matarazzo, esquina da Av. Conde Francisco Matarazzo. Votuporanga, julho 2002.



Galpões do núcleo industrial Matarazzo. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Galpão do núcleo industrial Matarazzo. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Galpão do núcleo industrial Matarazzo. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Possivelmente residências de operários, defronte à entrada da indústria Matarazzo. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Casa defronte à indústria Matarazzo. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.

Em 11 de agosto de 1987, o núcleo industrial de algodão Matarazzo, de Votuporanga, foi transmitido à Sociedade Algodoeira Centro Oeste Ltda. Em julho de 2002, a proprietária desse núcleo fabril era a Universo Cotton Ltda., que também beneficiava algodão.



Depósito da indústria Matarazzo, ao lado da tulha. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Tulha da indústria Matarazzo. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Escritório da indústria Matarazzo. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Interior da tulha, revestido de madeira. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Depósitos da indústria Matarazzo. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.



Depósito da indústria Matarazzo, ao lado da linha do trem. Votuporanga, julho 2002. Foto do autor.

2. Fiações e tecelagens

RIO CLARO

Em 1935, a *S/A Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo* comprou o conjunto de edifícios da antiga *Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira*, fundada em 1907, por Crespi e Puglisi, e vendida a Guilherme Guinle, em 1930. Em 1942, a razão social dessa tecelagem foi alterada para *S/A Tecelagem Brasileira de Seda*, considerada, na época, a maior tecelagem de seda natural do Estado. A *S/A Tecelagem Brasileira de Seda* ocupava o conjunto de edifícios existentes, até hoje, nas ruas Joli e Sampson, no bairro do Brás, em São Paulo. A sede administrativa das IRFM ocupa, atualmente, um desses edifícios (ANDRADE, 1991:173).

A *Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira* tinha sociedades subsidiárias, em São Paulo, Campinas e Petrópolis. A primeira fábrica da IRFM a ser descentralizada foi a *S/A Tecelagem Brasileira de Seda*, em 1946. Sua unidade de São Paulo foi desmembrada em três unidades, que passaram a funcionar em Campinas, Rio Claro e Ribeirão Preto (LIMA, 1982:111, 123).

Em Rio Claro, desde 1890, a Câmara Municipal tinha concedido incentivos para a instalação de indústrias têxteis. Esse setor de produção só se consolidou no município após 1930. Foi na administração do prefeito Irineu Penteado que começaram as primeiras tramitações para a instalação de uma indústria têxtil na cidade. De acordo com a lei municipal n° 153, de 1923, foram concedidos à *Sociedade Anônima Indústria de Seda de Campinas* incentivos para a instalação de uma unidade fabril sua na cidade. Os incentivos foram isenção de impostos por 20 anos, auxílio em dinheiro para a compra

de terreno até uma área de 10 hectares, etc. Mas o concessionário era obrigado a instalar, no prazo de um ano, uma estação de sericultura, com treinamento gratuito de criação do bicho da seda (SAMPAIO e PIRES, 1992:37, 40).

Contudo, somente em 1933 foram iniciadas as obras de construção da fábrica de seda pela empresa de Campinas. Ela foi instalada numa grande área da Vila Paulista, compreendida entre os trilhos da FEPASA e o Horto Florestal. O terreno, inicialmente, seria doado pela prefeitura, mas o acordo não deu certo. Então, várias ofertas de terrenos surgiram, como o da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, que se dispunha a doar um terreno de dois alqueires e uma cota diária de 50 mil litros de água, para ajudar na sua instalação da fábrica. O acordo foi aceito pela empresa de Campinas, por apresentar as melhores condições de localização, suprimento de água, possibilidade de expansão futura e proximidade da estrada de ferro. Em maio do mesmo ano, a *Sociedade Anônima Indústria de Seda de Campinas* solicitou do Conselho Consultivo local a isenção de impostos, por dez anos, no intuito de facilitar a instalação com todas as vantagens daí decorrentes e ainda, na mesma oportunidade, reivindicou o calçamento, com paralelepípedos, do trecho da entrada do Horto até o local da construção (PIRES, s/d:38).

Os edifícios que estavam sendo construídos ocupavam, segundo o senhor Augusto Schmidt, que era o responsável pelas obras:

uma área de 1.600 metros quadrados, aproximadamente. O salão central, de 52m x 10m, destina-se ao assentamento de 80 bacias para a fiação de casulos. A julgar pelo que se observa em Campinas, onde também existe uma seção de 160 bacias, o período de trabalho será de 6 da manhã às 9 da noite, ocupando-se neste período várias turmas de trabalhadores, o que virá dar serviço a um número maior de operárias. Os demais

salões destinam-se a montagem de máquinas como caldeiras, bomba, transformadores de energia elétrica, etc. Os salões laterais destinam-se ao recebimento, armazenagem e distribuição dos casulos para as máquinas, exame do fio e acondicionamento do mesmo para ser remetido à tecelagem. A casa ao lado servirá para residência do gerente da fábrica. Vamos construir uma chaminé de tijolos de 22ms de altura, a primeira na nossa cidade... (Diário do Rio Claro, Rio Claro, 14/09/1933, apud SAMPAIO e PIRES, 1992:40, 41).

A inauguração da fábrica de seda, prevista para dezembro de 1933 , não foi realizada, nem em junho do ano seguinte. O motivo do atraso foi a importação das máquinas da Itália, em lugar do reaproveitamento do maquinário de Campinas. Além disso, pensava-se na ampliação do edifício, que deveria abrigar, além da fiação, uma seção de torção de seda. A *S/A Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo* adquiriu, em maio de 1935, todo o estabelecimento da fábrica de seda construída em Rio Claro, iniciando seu funcionamento em 1939, empregando 808 trabalhadores (PIRES, s/d:39).

A fábrica de fiação e tecelagem de seda Matarazzo encerrou suas atividades no início dos anos 80, sendo posteriormente comprada pela *Cia. Nacional de Estamparia*, a Cianê. Em 1989, o grupo Cianê sofreu uma divisão entre os membros da família proprietária, cabendo a um deles o setor têxtil das empresas, como a unidade de Rio Claro. Esse foi o início da desativação da fábrica de Rio Claro, em parte causado, pelo fato de as edificações antigas, assim como considerável parte do seu equipamento, demandar em vultosos investimentos de manutenção (SAMPAIO e PIRES, 1992:41, 42).

Em 1995, a fábrica foi comprada por uma empresa que construiu um shopping center no local. Foram conservados, na construção do shopping, alguns edifícios principais da

fábrica, como a fachada original do edifício da administração. O shopping center Rio Claro foi inaugurado em 19 de outubro de 1995, com projeto paisagístico elaborado por Burle Marx. Hoje, o shopping funciona normalmente, na Avenida Conde Matarazzo Júnior.

A Vila Paulista, onde estão os antigos prédios da fábrica de seda da Matarazzo, faz parte do “APA” (Área de Preservação Ambiental), onde há levantamentos de vários sítios arqueológicos cerâmicos (SELINGARDI JÚNIOR, 1999:s/p). Esses prédios fabris estão dentro do raio de ambiência de preservação de 300 metros, estabelecido pelo CONDEPHAAT de São Paulo, porque a Estação da Ferrobán e Fepasa e o Horto Florestal, próximos à fábrica, são tombados pelo Estado.

Sobre a importância da fábrica para a cidade, Sampaio e Pires afirmaram: “Rastrear a história de sua construção e funcionamento certamente equivale a reconstituir a própria evolução da indústria têxtil em Rio Claro” (1992:37).⁵³



Vista frontal da fiação e tecelagem de seda Matarazzo. Rio Claro, meados anos 30. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

⁵³ Essa informação faz parte de um estudo de arqueologia industrial realizado em Rio Claro, tratando de prédios industriais e equipamentos técnicos antigos.



Vista aérea da fiação e tecelagem de seda Matarazzo, com a linha do trem passando bem à sua frente. Rio Claro, início dos anos 30. Fonte: Arquivo Público e Histórico de



Vista aérea da fiação e tecelagem de seda Matarazzo, já sem a chaminé. Rio Claro, anos 80. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Vista aérea da antiga fábrica Matarazzo, hoje shopping center. Rio Claro, 1998. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Fábrica de seda Matarazzo. À esquerda, o galpão de teares de seda. Rio Claro, meados anos 30. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.



Edifício da administração da fiação e tecelagem Matarazzo. Rio Claro, sem data. Fonte: *Diário de Rio Claro*, Rio Claro, 19/10/1995, p. 4.



Vista aérea do galpão de teares de seda da fábrica Matarazzo. Rio Claro, anos 80. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Edifício da administração da fiação e tecelagem Matarazzo. Rio Claro, anos 90. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Galpão de teares de seda da fábrica Matarazzo. Rio Claro, sem data. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Edifício da administração da fiação e tecelagem Matarazzo. Rio Claro, abril 2002. Foto do autor.



Antigo edifício da administração da fábrica Matarazzo. Rio Claro, foto tirada posteriormente à desativação da Cianê. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Interior do edifício da administração. Rio Claro, anos 90. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Edifício da administração, no período de conclusão das obras do shopping. A fachada foi conservada, bem como, o lanternim do edifício. Rio Claro, 1995. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Parte do edifício de teares e da administração. À frente, à direita, a árvore plantada nos anos 30. Rio Claro, sem data. Fonte: Arquivo do Shopping Center Rio Claro.



Edifício da administração. Foram conservados os rendilhados originais de tijolos. As esquadrias foram modificadas no seu desenho e na sua funcionalidade. Rio Claro, abril 2002. Foto do autor.



Portal de entrada do shopping Rio Claro. A árvore dos anos 30 foi conservada. Rio Claro, sem data. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

BAURU

No item anterior, indicou-se o beneficiador de algodão Matarazzo, construído em Bauru, em 1934, no centro da cidade, na rua Agenor Meira, esquina com a rua Presidente Kennedy. Na mesma rua, a Presidente Kennedy, antiga Costa Ribeiro, esquina com a rua 13 de maio, foi inaugurada, em 22 de agosto de 1942, uma Fiação de Seda, que pertenceu ao grupo Matarazzo, a *S/A Indústrias de Seda Nacional* (PELEGRINA, 2002). Em 1945, a Matarazzo começou a construir, junto à sua fiação de seda, uma tecelagem de algodão, conforme a publicação do *Correio da Noroeste*:

BAURU CONTARÁ DENTRO EM BREVE COM MAIS UMA IMPORTANTE INDUSTRIA

Quasi um milhar de operários serão empregados em conjunto em duas fàbricas (...)

Trata-se da tecelagem de algodão que está sendo instalada junto às Indústrias de Sêda Nacional, S. A.

Possuem, de há muito, as referidas indústrias, um grande edifício que ocupa a metade da quadra compreendida entre as ruas 13 de Maio e Agenor Meira de um lado, e Costa Ribeiro e Ezequiel Ramos de outro, onde funciona a sua fiação de sêda.

No momento, dezenas de operários, em turmas que se revesam durante o dia e a noite, estão ativando a construção de novas dependências, onde serão montados os 250 teares de uma tecelagem de algodão que já se acham aqui e deverão dar serviço, inicialmente, a mais de 800 homens e mulheres.

Também a Fiação de Sêda será grandemente ampliada, ao que soube a nossa reportagem devendo ocupar as duas indústrias mais de oitocentos operários e operárias.

*Bauru está, pois, de parabens com a iniciativa, que é de esperar frutifique, pois a nossa cidade, como grande centro de comunicações será apta a comportar muitas indústrias.*⁵⁴

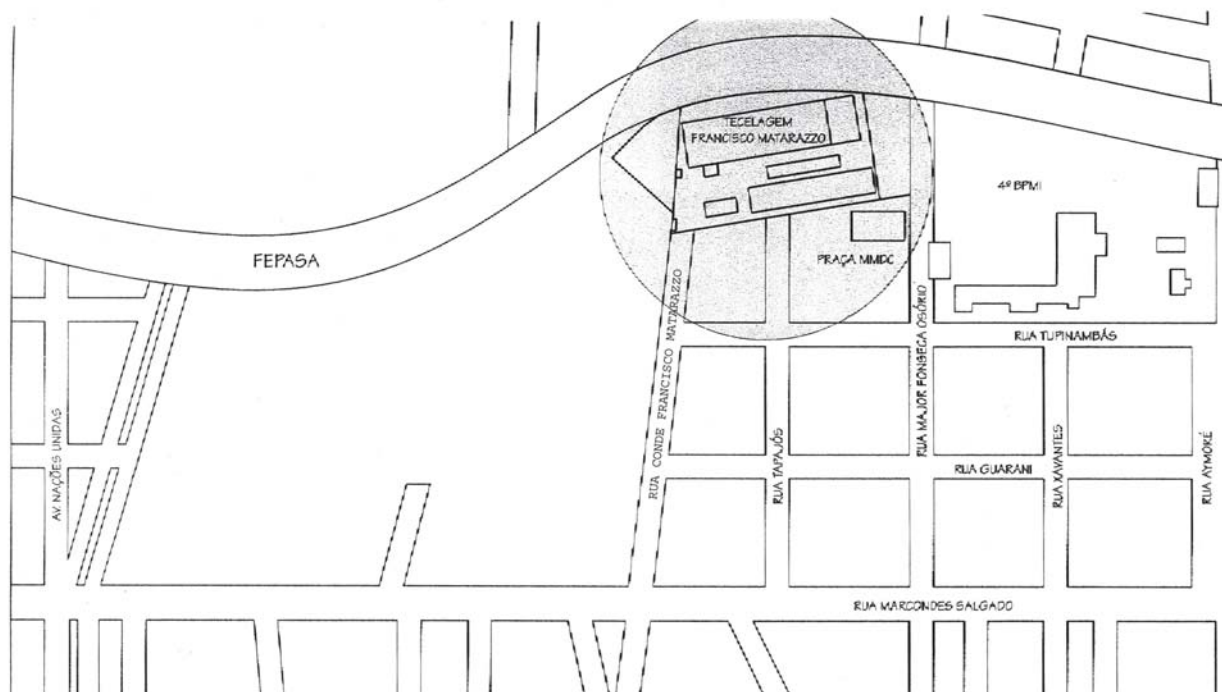
⁵⁴ *Correio da Noroeste*, Bauru, 04/10/1945, p. 1. Museu Histórico Municipal de Bauru.

Como essas duas indústrias funcionavam no centro da cidade, não demorou para que os moradores da vizinhança passassem a protestar contra o barulho causado pelos motores e teares, principalmente no seu funcionamento noturno. A Matarazzo ameaçou fechar a fiação e a tecelagem, agravando mais a situação, pois deixaria centenas de desempregados. Como houve um acordo com a prefeitura, a Matarazzo resolveu transferir todos os teares para os seus pavilhões construídos, ao lado do quartel da Força Pública (PELEGRINA, 1990:43).⁵⁵

O terreno do núcleo industrial Matarazzo, ao lado do quartel, foi adquirido em 1934, e a escolha desse local foi pelo fato de estar ao lado da linha férrea da antiga Cia. Paulista, visando ser servido por um desvio ferroviário. A construção dos pavilhões obedeceu a técnicas especiais exigidas para construções à margem de estradas de ferro, ou seja, com sólidos alicerces em fundações de concreto armado, a fim de nada sofrerem com as trepidações causadas pela passagem dos trens (PELEGRINA, 2002).

Possivelmente, o início das atividades no núcleo industrial ao lado do quartel, após a transferência dos teares da cidade, deu-se no final dos anos 40, encerrando-se as atividades de todo o conjunto em 1972. Esse núcleo fabril ficou desativado por muitos anos, e em novembro de 2003, foram derrubados todos os seus edifícios. Em 1996, essa indústria foi tombada pelo município e, em 1997, foi feito o seu destombamento. Atualmente, esses dois processos se encontram perdidos na prefeitura de Bauru.

⁵⁵ Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica de Bauru e da Região, da Universidade do Sagrado Coração.



Mapa, sem escala da área onde existiu a tecelagem Matarazzo de Bauru, na rua Conde Francisco Matarazzo, ao lado do quartel. Fonte: (SCHRADER, 1999).



Mapa da área onde existiam as fábricas de beneficiar algodão (1934), fiação de seda (1942) e tecelagem de algodão (1945) da Matarazzo, no centro de Bauru. Hoje, no lugar das casas operárias estão o estacionamento e Banco Bradesco e no restante da quadra, o Supermercado Paulistão. Fonte: Desenho do autor.



Depósito de tecidos e galpão industrial derrubados. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



Administração da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



Mapa da área da tecelagem Matarazzo, ao lado da linha da Fepasa. Todos os edifícios da tecelagem, que aparecem no mapa foram derrubados. Bauru, 1967. Fonte: Levantamento aerofotogramétrico, Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru, folhas 7 e 8.



Galpão industrial da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



Guarita na entrada da tecelagem. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



Portão de entrada da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



Portão de entrada da tecelagem Matarazzo, com todos os edifícios fabris demolidos. Bauru, novembro 2003. Foto do autor.



Edifícios da tecelagem Matarazzo, defronte a cerca de madeira. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



Os edifícios já demolidos e a cerca com plantas de madeira. Bauru, novembro 2003. Foto do autor.



O pavilhão principal da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



Interior do pavilhão principal da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



Primeiro pavilhão construído no núcleo fabril da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho 2002. Foto do autor.



A cabine de força da tecelagem Matarazzo. Bauru, julho 2002. Foto do autor.

Na tecelagem Matarazzo da rua Conde Francisco Matarazzo foi construído, no final dos anos 30, o pavilhão da foto acima. São dez edifícios geminados. A parte de trás é elevada, para o alinhamento dos vagões, que chegavam pelo desvio da estrada da Fepasa. Possivelmente, nesse pavilhão foram abrigados os teares vindos da outra fiação e tecelagem Matarazzo, do centro.

Construído em alvenaria aparente, com as esquadrias em madeira, emolduradas na parte superior por um elemento de concreto, o edifício possui estrutura interna feita por pilares de concreto armado, com as tesouras em madeira e o telhado com telhas, atualmente, em amianto. A iluminação é feita com lanternins, atualmente tampados com folhas de amianto. No total, esse pavilhão ocupa 3100 m² de área construída (SCHRADER, 1999).

No núcleo fabril dessa tecelagem, foram construídos, ainda, a administração, a cabine de força, os vestiários e sanitários e a guarita. Posteriormente, foram instalados mais um galpão industrial e um depósito de panos.

RIBEIRÃO PRETO

O jornal *A Tarde*, em 27 de novembro de 1945, informava:

Rib. Preto - novo centro industrial

As obras de Matarazzo no bairro do Barracão alcançarão a Cr. \$ 200.000.000,00

Em companhia do dr. Domingos B. Spinelli, gerente das I. R. F. Matarazzo tivemos oportunidade de visitar, na manhã de hoje, as obras que a poderosa firma está executando no bairro do Barracão, em terreno adquirido na gléba entre as ruas Patrocínio e Pernambuco, numa area de seis alqueires.

DENTRO DE 10 MESES

Os trabalhos de alicerces estão em aceleração, devendo receber a pedra dentro de dois dias. Já foram adquiridos 6.000.000 de tijolos e para estar tudo pronto dentro de 10 meses, serão utilizadas tres turmas, em 24 horas, consecutivas, sendo a iluminação fornecida através de ligação feita e hoje terminada (...)

2.000 OPERARIOS

Segundo soubemos, serão utilizados, por enquanto, nas obras 500 pedreiros, carpinteiros, serventes, etc. e depois de prontas, cerca de 2.000 tecelões e fiadores, para uma produção de 100.000 metros diários.

ASSISTENCIA SOCIAL

Tivemos oportunidade de ver as plantas do pavilhão destinado á assistência social. O refeitório para as operarias mede 44x25 metros (do tamanho do "ginasium do Estadio). Ao lado estão as salas de medico, consultorio, enfermaria, farmacia, sala de amamentação e berçário (8 mts. 35 x 10 mts. 35), para as mães operarias. Ha ainda a sala do Deposito de Leite, para as crianças de mais de um ano.

Notamos com satisfação essa parte, pois revela a nova mentalidade com relação á

assitencia á operaria. Tudo com bastante espaço e conforto.

Na frente ha uma praça de 75 mts. por 120 mts. toda gramada e entre o primeiro e segundo lance, um espaço livre de 25 x 40 metros, para festejos, sessões, etc.⁵⁶

O jornal *A Tarde*, no dia seguinte:

Um novo bairro que surge

Comentamos ontem, prazerosamente, a gigantesca obra que as I. R. F. Matarazzo estão erguendo no Barracão, entre as ruas Patrocineo e Pernambuco, numa area de seis alqueires, em tres monumentais edificios medindo cada um 160 metros de comprimento por 60 metros de largura e onde será instalada a mais perfeita e moderna fabrica de fiação e tecelagem de algodão da America do Sul. Sendo a sua produção diaria de 100.000 metros diarios. As obras deverão estar prontas dentro de 10 meses, devendo ser inauguradas em outubro de 1946.

FIAÇÃO DE SEDA

O reporter esteve a seguir na fiação e tecelagem de seda, tambem das I. R. F. Matarazzo, funcionando na cidade, a rua Saldanha Marinho. Os antigos salões, amplos e arejados, utilizados pela maquinaria de beneficiar algodão foram reformados e ali instalados e já em pleno funcionamento 80 teáres, devendo ser elevado para 200, para uma produção de 5.000 metros de seda e rayon diariamente, necessitando de 500 operarios.⁵⁷

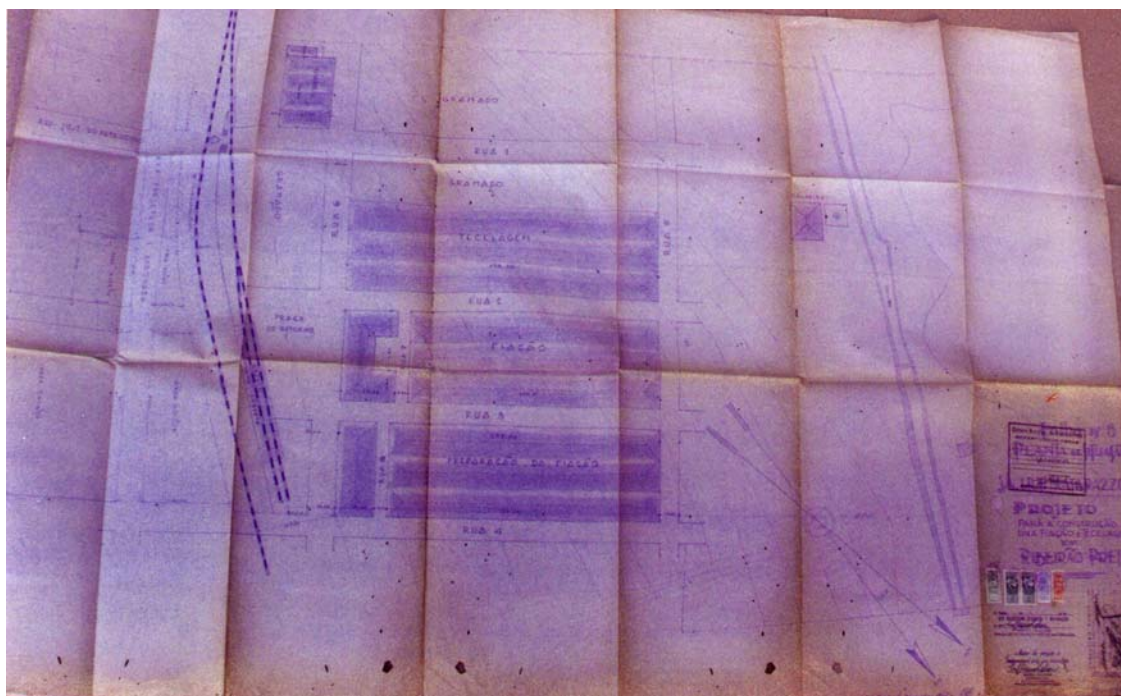
Sabe-se que a construção da fiação e tecelagem já estava em andamento, em novembro de 1945, e o terreno adquirido pela Matarazzo tinha cerca de seis alqueires (151.200,00 m²). Os três grandes pavilhões e demais dependências atingiriam uma área de 75.600,00

⁵⁶ *A Tarde*, Ribeirão Preto, 27/11/1945. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

⁵⁷ *A Tarde*, Ribeirão Preto, 28/11/1945. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

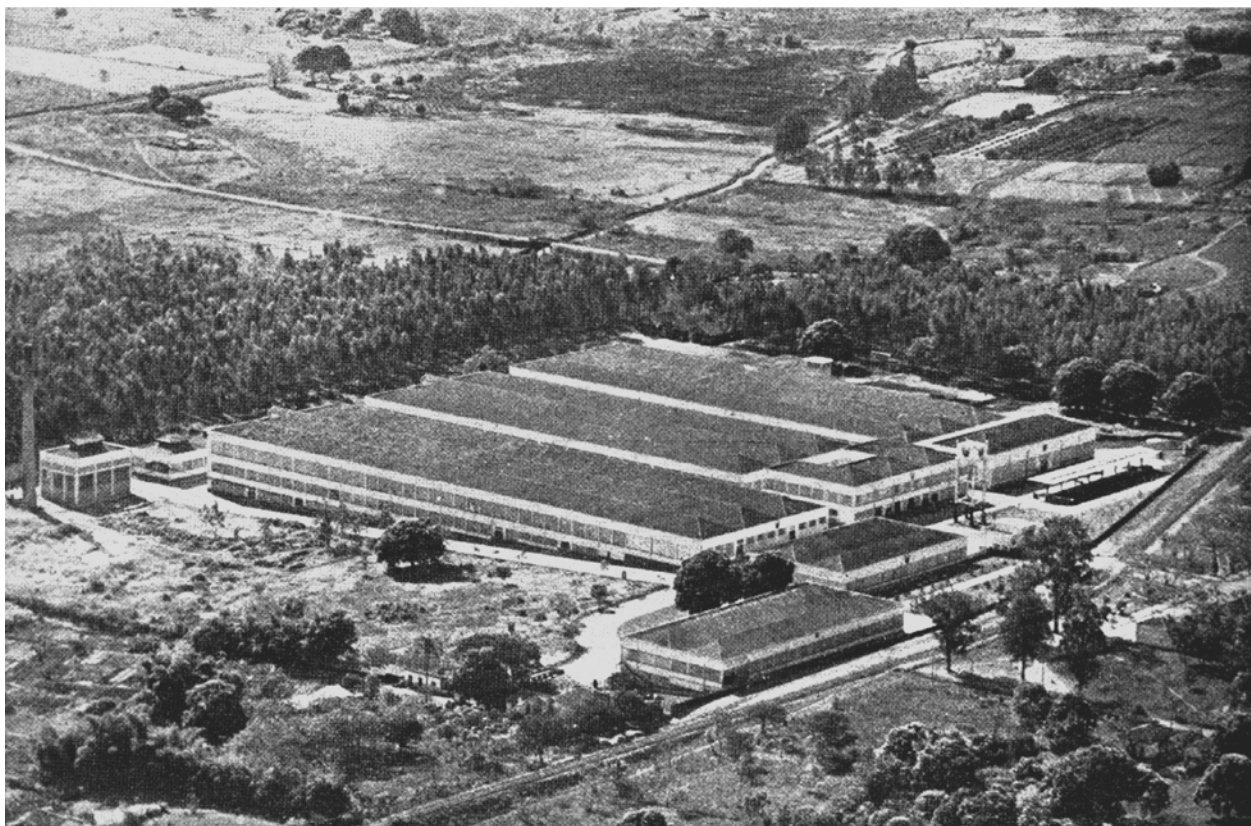
m². Estava prevista a inauguração da indústria para outubro de 1946.

Em 18 de janeiro de 1946 são aprovadas, pela Repartição de Obras da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, as plantas para a construção da Fiação e Tecelagem Matarazzo. A indústria foi instalada na periferia da cidade, entre a Estrada de Ferro São Paulo-Minas e o córrego Ribeirão Preto. O autor do projeto e responsável técnico foi o engenheiro civil Mário Calore. Faziam parte do projeto desse núcleo fabril, um Escritório, um pavilhão de Preparação da Fiação, um pavilhão da Fiação, um pavilhão da Tecelagem, um Almoxarifado, um Refeitório e a Casa das Caldeiras.⁵⁸



Planta de situação da Fiação e Tecelagem Matarazzo. Vemos o desvio da Estrada de Ferro São Paulo-Minas, para a indústria e o edifício das Caldeiras, bem próximo ao córrego Ribeirão Preto. Fonte: Pasta 323, folha 6. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

⁵⁸ Plantas 323/46 e 70/46. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Vista geral da Fiação e Tecelagem Matarazzo. Ribeirão Preto, anos 50. Fonte: CONTE e SANTO: s/d, s/p.

A Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto ordenou a abertura de uma rua que começava na frente da fábrica indo até a Avenida Saudade, uma importante via de acesso da cidade. Posteriormente, essa nova rua foi denominada Rua Conde Francisco Matarazzo.

*Através dessa medida, que é de alto interesse, o tráfego tornar-se-á inteiramente fácil naquele trecho, bem como sensivelmente aumentado, bem como ganharão, ainda, os proprietários dos terrenos próximos, que ficarão mais valorizados, a também os moradores, que terão mais facilidade de locomoção.*⁵⁹

⁵⁹ *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto, 18/01/1946, p. 08.

Outro favorecimento da Prefeitura do Município ocorreu em março de 1946. A IRFM requereu, junto ao prefeito municipal, a isenção do pagamento dos emolumentos municipais da indústria. Pela lei, não havia disposição taxativa que autorizava o pedido da IRFM, mas como o município já havia concedido uma isenção de emolumentos anteriormente, o prefeito concedeu a isenção do pagamento dos emolumentos para a aprovação das plantas já entradas na Prefeitura. Os valores eram de Cr\$ 31.867,50 e Cr\$ 147,00. O prefeito justificou, ainda, que:

*... iniciando a construção de prédios de grande vulto, não só inaugura a construção do parque industrial de nossa cidade, há tanto tempo reclamado por todos, como, também, cria a possibilidade de emprego de centenas de operários.*⁶⁰

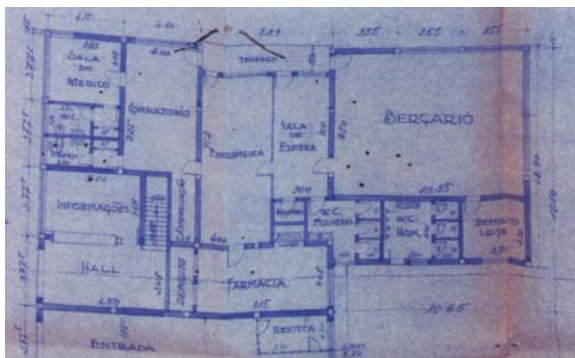
Para o início do funcionamento da Fiação e Tecelagem Matarazzo foi importado da Itália o elemento humano, desde o diretor até o chefe de tecelagem, como também a maioria das máquinas. As casas construídas defronte à indústria foram ocupadas por famílias de técnicos italianos (CIONE, 1996:46). A fábrica teve, em seus anos posteriores, a construção de vários edifícios anexos, com outros tipos de tipologias e materiais empregados. As obras, tanto da indústria como das casas de operários, foram finalizadas em meados de 1951, conforme as datas de aprovação das plantas junto à prefeitura.⁶¹

O refeitório da tecelagem Matarazzo foi dividido para homens e mulheres, com 400 vestiários para a turma da fiação e mais 400 para a turma da tecelagem. No edifício do escritório iria ser instalado, no primeiro andar, sala de médico, consultório, enfermaria, farmácia, sala de amamentação, berçário, depósito de leite e sanitários.⁶²

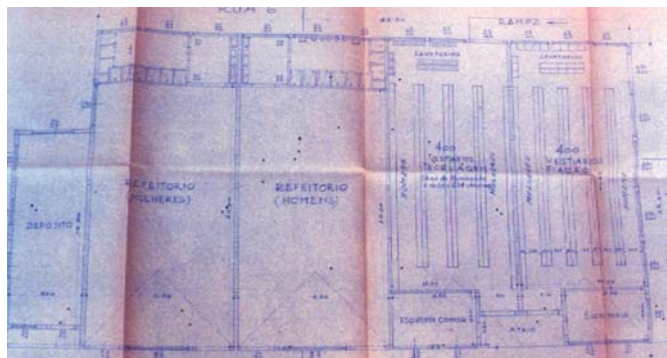
⁶⁰ Requerimento anexo à planta número 70 de 1945. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

⁶¹ Plantas 220/46, 258/46, 265/46, 378/48 e 1002/51. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

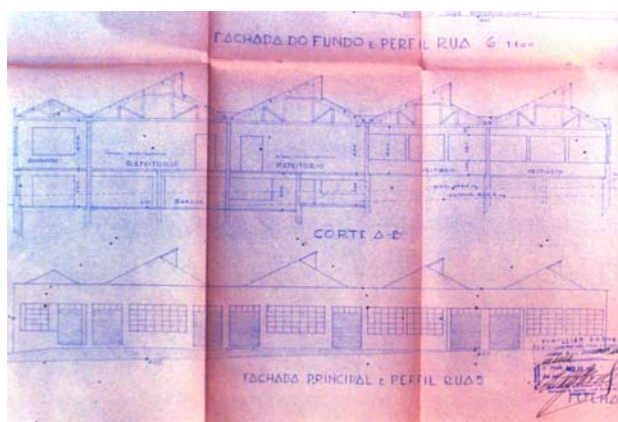
⁶² Planta 323 de 1946. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Planta, à esquerda, do primeiro pavimento do Escritório e do Refeitório. Fonte: Planta 323/46, folhas 2 e 4. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Interior do Refeitório. Ribeirão Preto, anos 50. Fonte: Ângelo Pelicani.

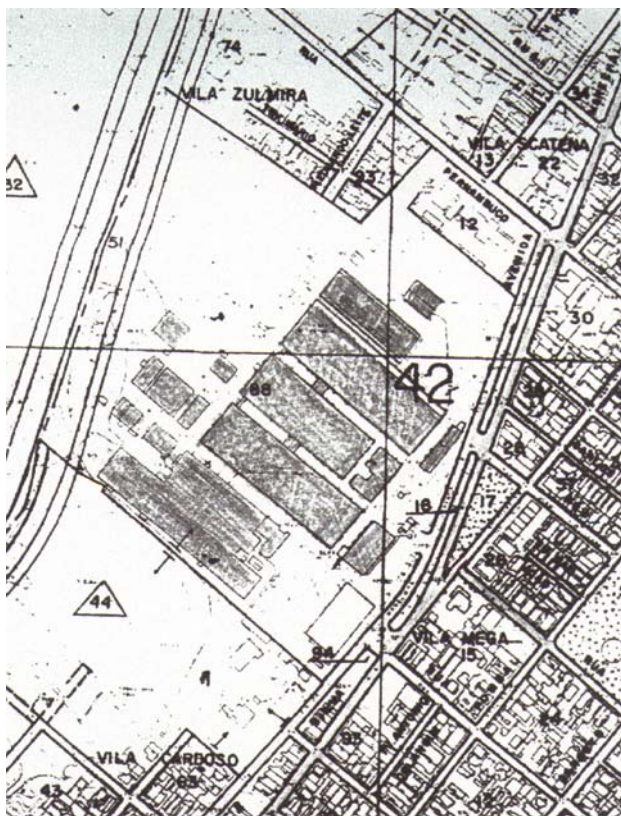


Fachada e corte do Refeitório. Esse é o único edifício da indústria que foi projetado com sheds, mas não foi executado. Fonte: Planta 323/46, folha 4. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Pela inserção de uma indústria de grande porte em um bairro periférico em formação, as transformações no solo urbano foram inevitáveis, como a abertura da rua Conde Francisco Matarazzo, a máxima divisão das quadras adjacentes à indústria, em lotes pequenos e, portanto, a baixo custo, mais acessíveis aos operários de pouco poder aquisitivo. Os lotes dessas quadras eram estreitos e compridos, formando as conhecidas vielas e travessas de bairros industriais, com as ruas de paralelepípedos (VICHNEWSKI, 1999:14-33). Novamente, percebe-se que a Matarazzo exterioriza sua importância além da indústria, nomeando ruas, praças, etc., inscrevendo-se na trama urbana.

A ocupação do território próximo à indústria iniciou-se quando Matarazzo Júnior, no mesmo tempo da construção da indústria, mandou construir também diversas habitações

para os operários qualificados da tecelagem, ao redor da praça defronte à indústria. O clube esportivo Associação Atlética Matarazzo foi outro investimento realizado próximo à indústria. A Atlético Matarazzo foi equipada com quadras de futebol, uma quadra coberta, pistas de bocha e área de lazer.



Mapa dos lotes da área da tecelagem Matarazzo. Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.



O ato da inauguração da Atlético Matarazzo, com a presença do arcebispo da cidade. Ribeirão Preto, março 1954. Fonte: Ângelo Pelicani.



Entrada da Atlético Matarazzo. Ribeirão Preto, março 1954. Fonte: Ângelo Pelicani.

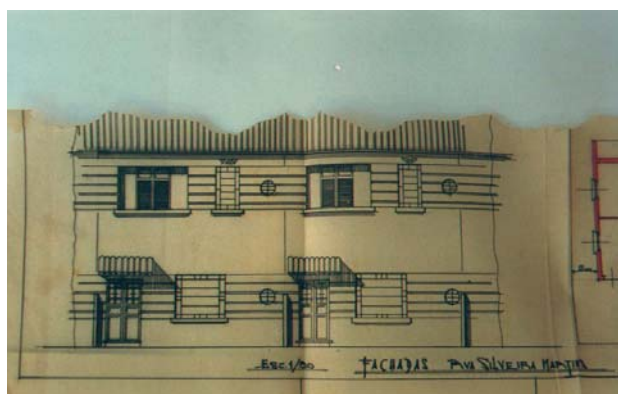


As pistas de bocha da Associação Atlético Matarazzo. Ribeirão Preto, sem data. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.



Interior da quadra coberta da Associação Atlético Matarazzo. Ribeirão Preto, 1956. Fonte: Ângelo Pelicani.

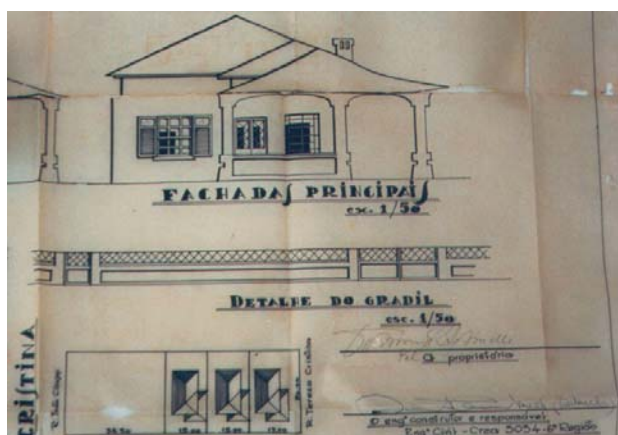
A primeira residência para operários foi um edifício de dois pavimentos, com seis casas geminadas, construídos em dezembro de 1946 pelo engenheiro civil Manoel Sant'Anna Melo. No mesmo ano foram construídas, ao lado, três residências térreas e uma outra de esquina, também projetadas por Sant'Anna Melo. Em 1951, outro edifício de dois pavimentos, com quatro casas geminadas, foi construído, em uma outra esquina, projetado pelo engenheiro civil Francisco da Nova Monteiro. No total, quatorze famílias poderiam ser abrigadas naquela vila operária.⁶³ Essas habitações ainda existem. A única que foi demolida pertencia ao conjunto de quatro casas geminadas. O uso das restantes é misto com habitação, serviços e comércio.



Planta da fachada do edifício de seis casas. Fonte: Planta 265/46. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Edifício de seis casas geminadas. Ribeirão Preto, janeiro 2000. Foto do autor.

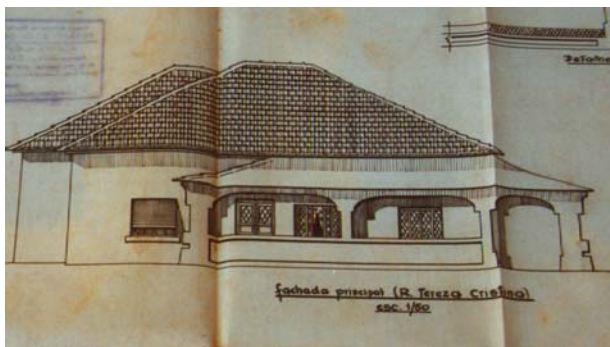


Fachada e planta de situação das três casas térreas. Fonte: Planta 258/46. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Uma das três casas da vila operária. Ribeirão Preto, janeiro 2000. Foto do autor.

⁶³ Plantas 265/46, 258/46 e 220/46. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Fachada da casa de esquina. Fonte: Planta 220/46. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Casa da esquina das ruas Conde Francisco Matarazzo e Slveira Martins. Ribeirão Preto, janeiro 2000. Foto do autor.

A Fiação e Tecelagem Matarazzo foi à falência em novembro de 1981 e foi adquirida pela Companhia Nacional de Estamparia (CIANÊ). Em 1994, foi a Cianê que decretou sua falência, pela concorrência dos tecidos importados. No mesmo ano, a tecelagem foi tombada pelo município, pela Lei nº 6.826, de 9 de junho de 1994, com a finalidade de ser reerguida pelos próprios funcionários, e também pela sua grande importância histórica. Em maio de 2002, a tecelagem foi destombada, pela Lei nº 9.567, para ser instalada, no local, uma rodoviária. Recentemente, essa possibilidade foi descartada e o SESC e Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto se interessaram em ocupar os antigos pavilhões da Matarazzo. O proprietário de toda a indústria é o Banco Itaú.

Em 1976, havia 4.200 funcionários trabalhando na Matarazzo. Em 1981, esse número caiu para 600, chegando ao máximo na Cianê, em 1987, com 3.071 funcionários. A produção da Matarazzo, em 1976, chegou a ser de 3.200.000 metros lineares mensais, atingindo a meta prevista antes de seu funcionamento. Em 1994, eram produzidos 2.150.000 metros lineares de tecido ao mês.⁶⁴

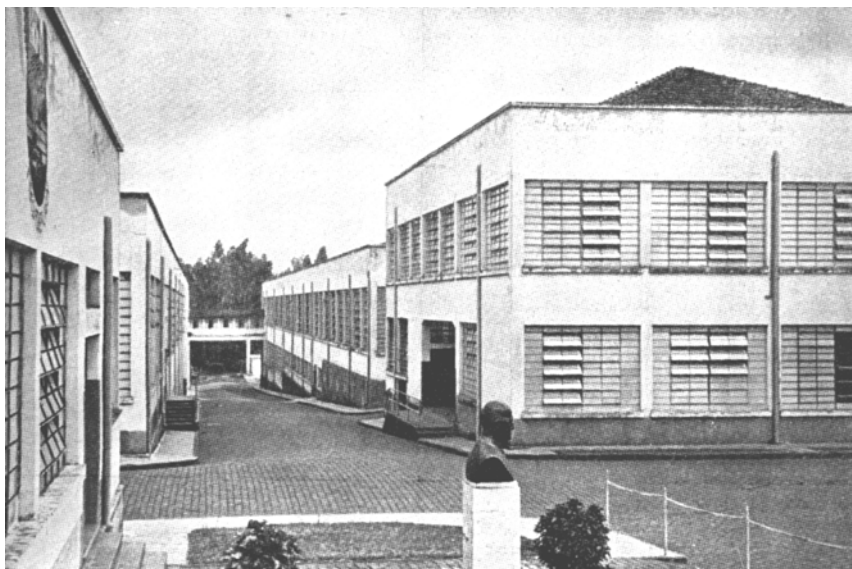
Em todos os pavilhões da Fiação e Tecelagem Matarazzo funcionavam cerca de 4.500 motores. Hoje não resta nenhuma dessas máquinas. Elas foram retiradas pelo proprietário,

⁶⁴ Histórico produzido pela Cianê, encontrado após a sua falência. Fonte: Henrique Telles Vichnewski.

o Banco do Brasil, para serem leiloadas como sucata. Alguns dos funcionários que iniciaram os trabalhos na tecelagem Matarazzo ajudaram na construção do primeiro galpão até o último da fábrica, como também na construção da praça, das residências dos diretores e técnicos e do campo de futebol de quadra da Associação Atlética Matarazzo. Os operários residentes na vila operária não pagavam aluguel e os que não moravam na vila recebiam uma ajuda financeira da Matarazzo, para construírem suas casas nos Campos Elíseos.⁶⁵

Por ser construída posteriormente à década de 30, a tecelagem conserva algumas características de uma fábrica “moderna”, com edifícios de poucos pavimentos, com o uso de vigas e pilares de concreto armado e as fachadas sem qualquer tratamento decorativo. Em termos de arquitetura fabril, os três galpões principais da fábrica são formados por plantas simples, retangulares, de 150m de comprimento e 50m de largura. Dois deles possuem dois pavimentos (térreo e primeiro subsolo) e o outro três (térreo, primeiro e segundo subsolo), havendo ligação aéreas e subterrâneas entre eles. Existem poucos compartimentos fechados dentro dos galpões, que formam uma grande planta livre, que era utilizada para a fixação das máquinas. As tesouras, da cobertura, são de madeira. A sobrecarga da cobertura, no pavimento térreo, é feita por poucos pilares e no pavimento inferior, por muitos, com pés direitos mais baixos. A não utilização dos sheds, que é uma marca das fábricas modernas, foi pela razão do uso intensivo e em série de grandes janelas basculantes, imbutidas de pilar a pilar nas laterais dos edifícios. Os panos de vidro proporcionam boa iluminação e ventilação para o ambiente de trabalho, trazendo aos operários mais conforto e salubridade (VICHNEWSKI, 2001:70,71).

⁶⁵ Entrevista realizada em junho de 2000 com o senhor Ângelo Pelicani, que foi diretor técnico da tecelagem Matarazzo e residiu por seis anos nas residências dos diretores.



O edifício do Almocharifado, atrás do busto de Francisco Matarazzo. Ribeirão Preto, anos 50. Fonte: CONTE e SANTO: s/d, s/p.



O edifício do Almocharifado (à esquerda), com as cores originais da tecelagem Matarazzo. Ribeirão Preto, sem data. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.



Foto aérea da tecelagem. Ribeirão Preto, s/d. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.



Foto aérea da tecelagem Matarazzo. Ribeirão Preto, julho 1994. Fonte: Foto número 225. Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.

- 1 REFEITÓRIO
- 2 ALMOXARIFADO
- 3 ESCRITÓRIO
- 4 PREPARAÇÃO DA FIAÇÃO
- 5 FIAÇÃO
- 6 TECELAGEM

- 7 CASA DAS CALDEIRAS
- 8 TINTURARIA
- 9 PRAÇA
- 10 CASAS GEMINADAS
- 11 CASAS TÉRREAS
- 12 ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA MATARAZZO



Portão de entrada da tecelagem Matarazzo. Ribeirão Preto, 1999. Foto do autor.



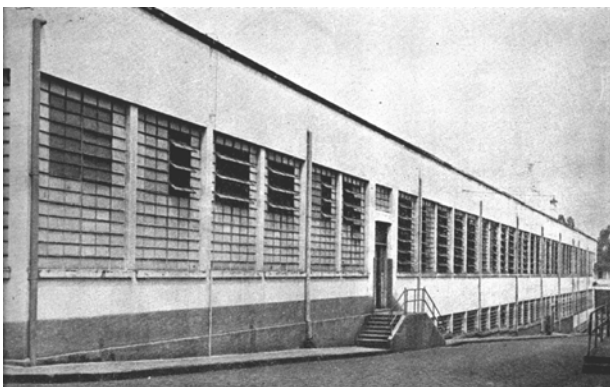
Portão de entrada da tecelagem. Ribeirão Preto, sem data. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.



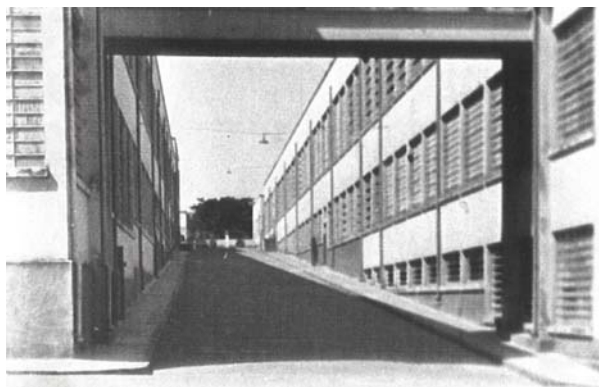
Caixa d'água da tecelagem. Ribeirão Preto, sem data. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.



Bombeiros da Matarazzo, realizando testes. Ribeirão Preto, s/d. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.



Lateral do galpão da tecelagem. Ribeirão Preto, anos 50. Fonte: CONTE e SANTO: s/d, s/p.



Vista dos galpões, à esquerda da fiação e à direita tecelagem. Ribeirão Preto, anos 50. Fonte: Angelo Pelicani.



Fachada da tecelagem. Ribeirão Preto, setembro 1998. Foto do autor.



Edifício da tecelagem. Ribeirão Preto, janeiro 2001. Foto do autor.



Vista dos galpões: à esquerda, preparação da fiação; à direita, fiação. Ribeirão Preto, 1998. Fonte: Yolanda Cipriano.



Vista dos mesmos galpões, sendo que o da esquerda não possui mais cobertura. Ribeirão Preto, janeiro 2001. Foto do autor.



Fachada de trás do edifício de preparação da fiação. Ribeirão Preto, janeiro 2000. Foto do autor.



Fachada de trás (em primeiro plano): preparação da fiação, fiação e tecelagem. Ribeirão Preto, 1998. Fonte: Yolanda Cipriano.



O pavilhão da tinturaria (em primeiro plano) e, atrás, a casa das caldeiras, sem a chaminé. Ribeirão Preto, 1998. Fonte: Yolanda Cipriano.



A rua de paralepípedo, entre os galpões da fiação e do escritório. Ribeirão Preto, 1998. Fonte: Yolanda Cipriano.



A esquerda, fiação; à direita, preparação da fiação, sem cobertura. Ribeirão Preto, janeiro 2001. Foto do autor.



Edifício da preparação da fiação, após o incêndio. Ribeirão Preto, janeiro 2001. Foto do autor.



As maçaroqueiras do galpão térreo da preparação da fiação. Ribeirão Preto, setembro 1998. Foto do autor.



Galpão térreo da tecelagem, sem máquinas. Ribeirão Preto, janeiro 2000. Foto do autor.



Fiadores do galpão de fiação. Ribeirão Preto, setembro 1998. Foto do autor.



Operária na máquina de fiação. Ribeirão Preto, sem data. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.



Máquinas do primeiro subsolo do galpão da tecelagem. Ribeirão Preto, setembro 1998. Foto do autor.



Primeiro subsolo do galpão da tecelagem, sem máquinas. Ribeirão Preto, janeiro 2000. Foto do autor.



Operária na máquina de tecelagem. Ribeirão Preto, sem data. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.



Operária na máquina de fiação. Ribeirão Preto, sem data. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.

CAMPINAS

Já foi citado que a IRFM comprou, em 1935, a antiga *Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira*, instalada em São Paulo, e suas subsidiárias de Campinas e Petrópolis, e que, em 1942, a razão social dessa tecelagem foi alterada para *S/A Tecelagem Brasileira de Seda* (ANDRADE, 1991:173). Descentralizada em 1946, sua unidade em São Paulo passou a funcionar em Campinas, Rio Claro e Ribeirão Preto (LIMA, 1983:111, 123).

Em Campinas, a antiga indústria *S/A Indústrias de Seda Nacional* pertenceu ,depois de um certo período, às IRFM (GODÓI, 1952:527). Os edifícios da *S/A Indústrias de Seda Nacional* foram inaugurados na Vila Industrial, em Campinas, no dia 22 de maio de 1923, e a gerência geral de suas seções era comandada pelo Dr. Francisco de Assis Iglesias. Esse estabelecimento contava com uma seção agrícola, onde as amoreiras eram próprias para a criação do bicho da seda. Contava com as seções de fiação, torção, tecelagem, contabilidade, almoxarifado, oficinas mecânicas, eletricidade, marcenaria, etc. As máquinas eram de fabricação italiana, da Casa Battaglia, e trabalhavam nessa indústria cerca de 1.000 operárias e operários (GIANOLI, 1929:604).⁶⁶

A *S/A Indústrias de Seda Nacional* de Campinas foi incorporada pela IRFM. Pode-se concluir que uma das sociedades subsidiárias da *Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira*, na cidade de Campinas, poderia ser a *S/A Indústrias de Seda Nacional* ou ainda, que a unidade de Campinas, desmembrada da *S/A Tecelagem Brasileira de Seda*, adquiriu os edifícios da *S/A Indústrias de Seda Nacional*, iniciando suas atividades bem antes de

⁶⁶*Sericultura*, Revista mensal da *S/A Indústria Nacional de Seda*. s.l., ano I, nº 2, 1934.

1946, porque Godói indica a incorporação da Seda Nacional pela IRFM em seu livro de 1952.

Os edifícios da *S/A Indústrias de Seda Nacional*, existentes no início do século XX em Campinas, formavam um grande núcleo, com vários edifícios, sendo alguns de dois andares. Aparentemente, a tipologia arquitetônica desses edifícios remete a uma arquitetura fabril de linhas clássicas. De todo o conjunto de edifícios que existia desde 1923, ainda existem resquícios das estruturas dos edifícios, como paredes e outros, além da caixa d'água e da chaminé originais da época da instalação da indústria. E somente três edifícios desse conjunto encontram-se bem conservados e permanecem, por uma análise visual de suas fachadas, bem próximos de seu estado original. Esses três edifícios abrigam hoje a Escola Estadual Dom Barreto, localizada na Avenida General Carneiro, 120, na Vila Industrial, em Campinas. Os demais edifícios estão desconfigurados, com anexos e reformas sobre os antigos edifícios, utilizados por várias empresas, como o jornal *Correio Popular*.



Operárias da indústria de Seda Nacional de Campinas, trabalhando na seção de torção do fio de seda. Percebe-se que esse edifício já contempla lanternins, além de possuir luz elétrica. Fonte: (GIANOLI, 1929:604).



Vista geral da seção de fiação da indústria de Seda Nacional, de Campinas. As luminárias existentes nesse edifício demonstram que havia turno de trabalho noturno. Fonte: (GIANOLI, 1929:604).



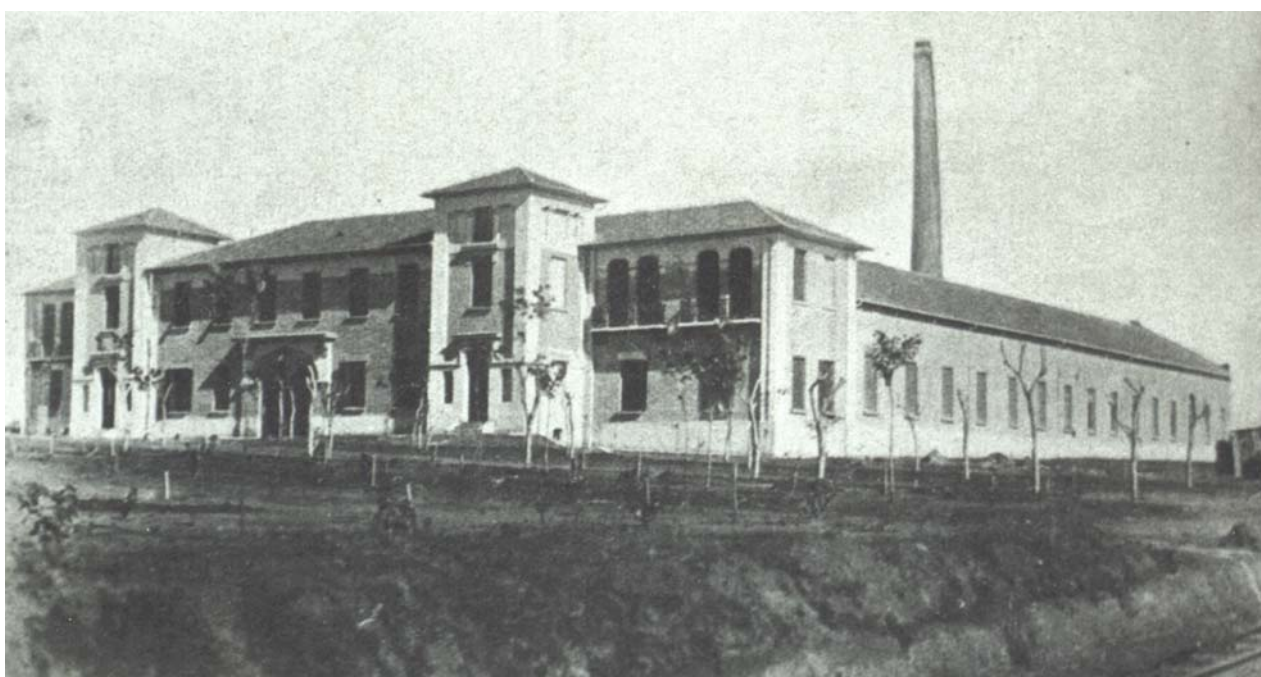
Vista geral das fábricas de seda nacional. À esquerda da foto, os edifícios e a chaminé, destinados às seções de fiação e torção. Campinas, sem data. Fonte: (GIANOLI, 1929:604).



Edifícios remanescentes da indústria de seda Matarazzo. Campinas, outubro 2002. Foto do autor.



Escola Estadual Dom Barreto. Antigo edifício da indústria de seda Matarazzo, o mesmo da foto acima, à direita. Campinas, outubro 2002. Foto do autor.



Edifício das seções de fiação e torção. Campinas, sem data. Fonte: (GRANATO, 1924:29).



Escola Estadual Dom Barreto. Campinas, outubro 2002.
Foto do autor.



Edifício lateral da Escola Estadual Dom Barreto. Campinas, outubro 2002. Foto do autor.



Escola Estadual Dom Barreto. Campinas, outubro 2002.
Foto do autor.



Escola Estadual Dom Barreto. Campinas, outubro 2002.
Foto do autor.



Vista do eixo que liga a Escola Estadual Dom Barreto aos outros edifícios remanescentes da indústria de seda Matarazzo. Campinas, outubro 2002. Foto do autor.



Edifícios remanescentes da indústria de seda Matarazzo. Campinas, outubro 2002. Foto do autor.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A IRFM instalou em São José dos Campos, em 1958, um fábrica para produzir perlon e fibras sintéticas. Em 1964, a *S/A Comércio e Indústria de Produtos Químicos e Têxteis*, a *Textilquímica*, que pertenceu ao grupo Matarazzo, foi transferida do núcleo fabril Matarazzo Água Branca de São Paulo para São José dos Campos (LIMA, 1982:142, 148).

Temos dois processos de fábricas têxteis da IRFM em São José dos Campos:⁶⁷

ANO	Nº Processo	Assunto	Proprietário
1958	3294	Construção de Prédios	S/A I.R.F.Matarazzo
1967	2976	Construção de Prédios	S/A Com. e Ind. de Produtos Químicos e Têxteis Textilquímica

O primeiro processo deu entrada na prefeitura municipal de São José dos Campos em 11 de novembro de 1958. É uma planta geral, pertencente à IRFM, para a construção de prédios de uma fábrica de fibras sintéticas. A área do terreno é de 362.662,00 m², e 66.950,00 m² de área a construir. Na planta existem quatro conjuntos de prédios: o primeiro e o segundo para fiação de fibras sintéticas, o terceiro malharia e o último helança, sendo todos acompanhados de outros prédios menores. Essa fábrica margeia o Rio Jaguari e a Estrada de Ferro Central do Brasil. O autor do projeto e construção é Lupercio Costa.⁶⁸

O processo 2976 deu entrada na prefeitura de São José dos Campos em 09 de maio de 1967. É uma planta de localização da *S/A Comércio e Indústria de Produtos Químicos*

⁶⁷ Processos do Livro de Registro de Documentos Técnicos da Divisão de Protocolo e Arquivo da Prefeitura Municipal de São José dos Campos.

⁶⁸ CREA número 11.190/D

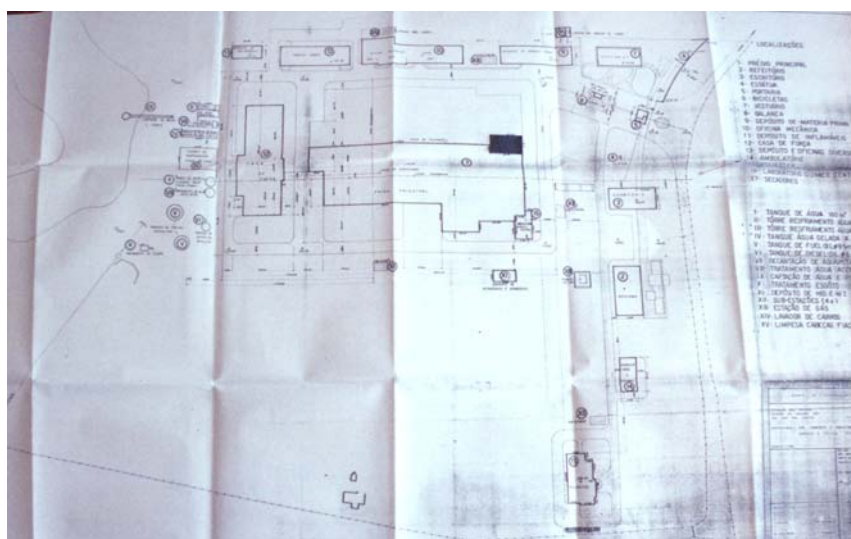
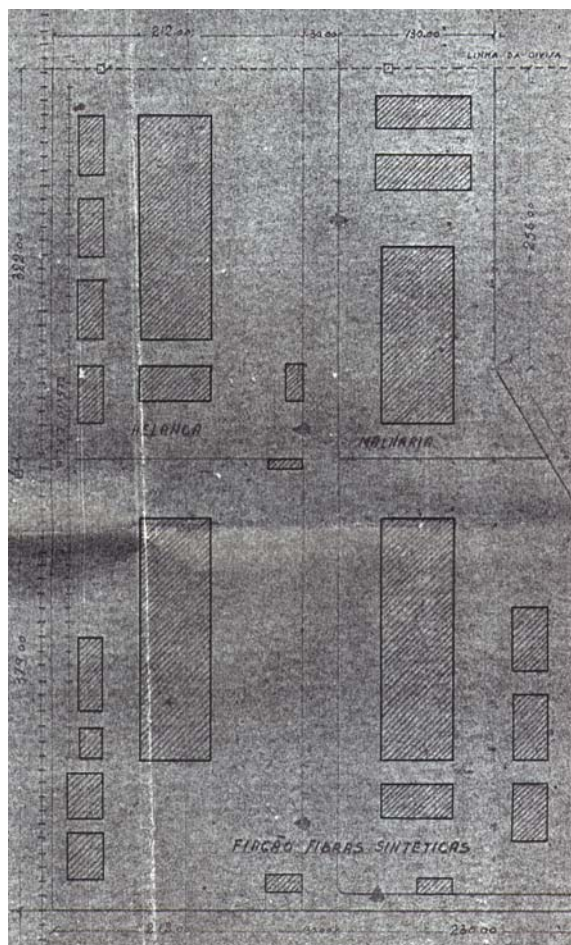
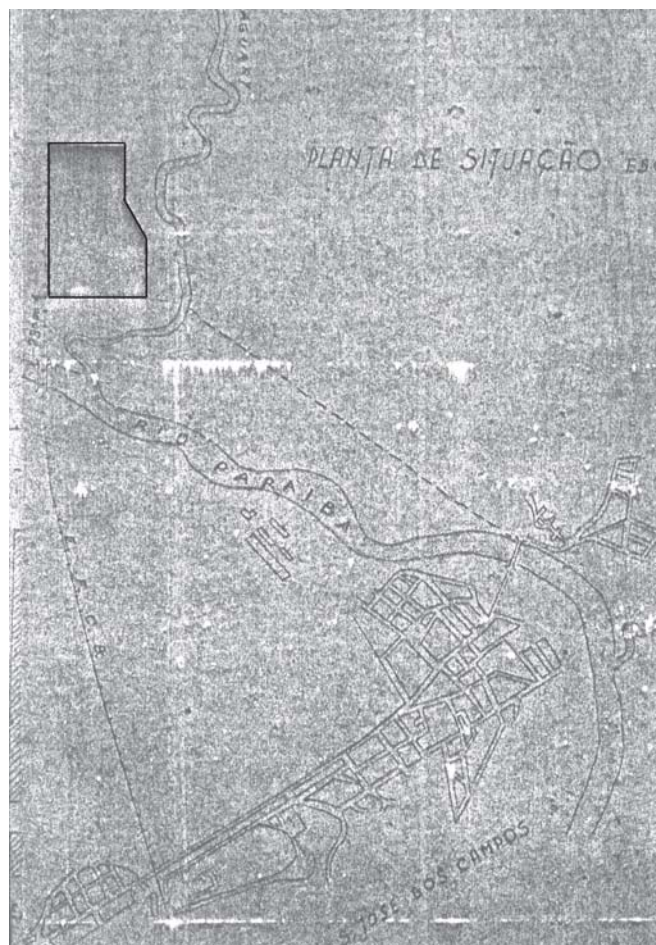
e *Texteis Textilquímica*, para o aumento do prédio industrial principal, onde se processa a polimerização. O representante da *Têxtilquímica* é Domingos Amoroso e o nome do autor do projeto e engenheiro responsável não é legível na planta. A área do terreno é de 100.000 m², e 746 m² da construção.

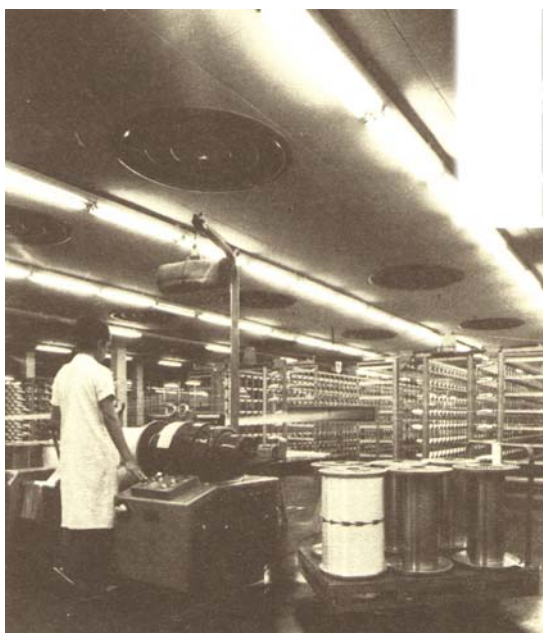
A planta contém todos os edifícios que formam o núcleo industrial da *Textilquímica*, que são: o prédio principal, fábrica de fibras sintéticas, o refeitório, o escritório, o busto do Conde Francisco Matarazo, a portaria, o pátio para bicicletas, o vestiário, a balança, o depósito de matéria-prima, a oficina mecânica, o depósito de inflamáveis, a casa de força, o depósito e oficinas diversas, um ambulatório, a fábrica de poliéster, o laboratório químico central e secadores, além de outros que dão suporte ao funcionamento da fábrica, como dois tanques de água, duas torres de resfriamento de água, quatro subestações, estação de gás, lavador de carros, etc.

O edifício a ser construído no prédio principal é de concreto armado, com vedações de tijolos, e a cobertura de laje de concreto armado. No prédio principal trabalhavam, em três turnos, 433 homens e 77 mulheres. Eram produzidos diversos tipos de poliésteres e sua fiação. A fibra era destinada a mesclar fios de lã, algodão, rayon viscose, rayon acetato, etc., que formam tecidos de nobres características. As instalações desse edifício eram as mais modernas do momento, automáticas e operantes, em cabine de ar condicionado do mais puro, que também é obtido por instalações automáticas. Todo o maquinário era assentado sobre bases próprias, independentes do piso, com amortecedores, bem como o sistema de transmissões, independente de paredes ou armadura do telhado, de forma a serem evitados todos os ruídos, trepidações e vibrações incômodas e prejudiciais à vizinhança. E, por fim, não existiam prédios confrontantes; a fábrica se localizava em uma área sem vizinhança e era de propriedade da firma.

A fábrica de fibras sintéticas, de 1958, possivelmente não foi incorporada pela *Textilquímica*. Eram próximas. Na planta de situação das duas indústrias, é possível identificar que a fábrica de fibras se localizava na margem direita do Rio Jaguari e a *Textilquímica* na margem esquerda.

Segundo o livro *Arquitetura Moderna São José dos Campos* (PENEDO, 1997:168), a *Textilquímica* da Matarazzo foi instalada em São José dos Campos em 1962. O projeto foi produzido por Zimmerag Frankfurt Gmb. A indústria empregava, no início de suas atividades, em sua maioria, operários de outras cidades, devido à falta de mão-de-obra local. Ela está localizada no bairro Santana, área periférica da cidade, na Estrada do Jaguari, sem número. O projeto arquitetônico da indústria decorre de especificações alemãs para as máquinas de fibras sintéticas e náilon, possuindo o projeto qualidades formais peculiares para uma indústria da época, como é o caso do painel instalado na fachada principal da edificação do conjunto. Alexandre Penedo ressalta que, além da setorização, característica de projetos industriais, encontram-se com forte presença nessa obra alguns elementos recorrentes na arquitetura moderna, como quebra-sóis, elementos vazados de cerâmica e lajes de concreto impermeabilizadas, com função de cobertura para passarelas, que acabam quebrando o rigoroso ambiente fabril, conferindo notável leveza ao ambiente de trabalho.





Interior da *Textilquímica*. São José dos Campos, sem data. Fonte: (LIMA, 1982:142).



Refitório (em primeiro plano) da *Textilquímica*. São José dos Campos, sem data. Fonte: (PENEDO, 1997:169).



Edifício principal da *Textilquímica*, com um painel instalado na fachada. São José dos Campos, sem data. Fonte: (PENEDO, 1997:169).



Torre do laboratório químico central, embutida na fábrica de fibras sintéticas. São José dos Campos, sem data. Fonte: (LIMA, 1982:142).



Vista da parte de trás da *Textilquímica*. São José dos Campos, maio 2002. Foto do autor.



Edifício principal da *Textilquímica*. São José dos Campos, maio 2002. Foto do autor.



Via de pedestres, protegida por um passadiço de laje e pilotis, que liga a portaria ao escritório. São José dos Campos, maio 2002. Foto do autor.



Vista do passadiço e do busto do Conde Francisco Matarazzo. São José dos Campos, maio 2002. Foto do autor.



Vista do edifício principal, com seu painel de arte. São José dos Campos, maio 2002. Foto do autor.

3. Fábricas de óleo de caroço de algodão

CATANDUVA

A IRFM de Francisco Matarazzo instalou, no início do século XX, em São Paulo, a fábrica de óleo vegetal *Sol Levante*. A quantidade de fardos e caroços de algodão produzidos por suas indústrias de beneficiamento no interior paulista era alta. Por isso, Francisco Matarazzo instala, em Catanduva, uma outra fábrica de óleo, que já estava sendo construída, em maio de 1938. Essa fábrica é instalada no mesmo núcleo fabril de sua fábrica de beneficiamento de algodão, de 1937.⁶⁹

Em 16 de outubro de 1940, o *Catanduva Jornal* traz:

Srs. Fazendeiros e Criadores

A Maquina de Algodão de Catanduva das Industrias Reunidas F. Matarazzo S/A

Póde fornecer a preços reduzidos, torta e farelo de caroço de algodão, posto na Maquina Catanduva.

Tais produtos, pelo seu conteúdo de substancias azetadas (protein.)

FOSFATO POTASSA OLEO

Podem ser utilizados muito vantajosamente seja como adubo (substituindo os adubos minerais importados ante guerra com o mesmo resultado e demais a vantagem de tornar o terreno mais fofo), seja como alimento (pelo seu forte poder nutritivo não só devido a proteina como tambem ao oleo contido).

PARA INFORMAÇÕES DIRIGIR-SE A

Maquina de Algodão Matarazzo – Catanduva – ou á S/A Industrias Reunidas F.

*Matarazzo.*⁷⁰

⁶⁹ O *Corneta*, Catanduva, 08/05/1938, p. 01. Museu Histórico e Pedagógico “Gov. Pedro de Toledo”, de Catanduva.

⁷⁰ *Catanduva Jornal*, Catanduva, 16/10/1940, p.03.

Logo, a fábrica de óleo de Catanduva já estava em atividade, em outubro de 1940. A instalação da fábrica de óleo foi no mesmo terreno onde estava funcionando a fábrica de beneficiamento do algodão, que media aproximadamente 25.060,00 m². Esse núcleo fabril da Matarazzo, em Catanduva, passou por várias modificações, como a anexação de outros edifícios fabris, no seu projeto original. Em abril de 1957, houve a construção de um edifício destinado à extração de óleos de sementes vegetais, por meio de solventes. Essas sementes seriam o caroço de algodão, amendoim, babaçu, curicuri, piaçaba, mamona, linhaça, soja, etc. Em março de 1961, houve a construção de um depósito de café e salão de laminadores, transformado em supermercado, em abril de 1970.⁷¹

O depósito de café foi construído porque a IRFM de Francisco Matarazzo Jr. se associou com a empresa alemã *Theodor Wille*, em 1970, para juntas produzirem café solúvel, na fábrica de Catanduva. Esse foi o início da COCAM (Cia. de Café Solúvel e Derivados Matarazzo). Em 1960, ela foi constituída e depois seu controle acionário foi transferido para a IRFM e para a empresa alemã *Theodor Wille*, e a *Asbrasil*, em 1970. No ano seguinte, a COCAM inicia suas atividades, produzindo extrato de café. Em 1975, ela inicia o processo de descafeinação de grãos verdes e, em 1976, introduz em suas atividades a produção de cafeína pura. Em 1990, a Matarazzo e as outras duas empresas não mais faziam parte do controle acionário da COCAM, que passa a ser da *Ursa Participações S/C Ltda.*, empresa controlada pelo grupo holandês *Ursa Amsterdã Holding N. V.*, que hoje é a única proprietária e responsável por toda a indústria.⁷²

A fábrica de extração de óleo de sementes vegetais, por solventes, instalada em abril

⁷¹ Plantas números 4841 de 1957, 5800 de 1961 e 6455 de 1970. Arquivo Público Municipal de Catanduva.

⁷² Histórico produzido pela Cocan.

de 1957, em Catanduva, tinha o seguinte processo de produção: as sementes, depois de limpas, são trituradas ou laminadas e, a seguir, aquecidas em cozinhadores e prensadas em “Expellera”. Os óleos obtidos, brutos, são colocados nos depósitos-tanques e as tortas seguem para a extração, por meio de solventes, do restante de óleo. A seguir, os óleos obtidos serão tratados com novos solventes. Depois, seguem para os destiladores e feltros, ficando perfeitamente tratados, e são levados aos depósitos-tanques. A torta é ensacada, depois de seca. O edifício tinha as seguintes características construtivas:

Fundações: São com piso sobre o solo, devidamente comprimido. As colunas da estrutura atingem o terreno sólido e são envolvidas por blocos de concreto ou sapatas de concreto armado, conforme a natureza dos esforços. Aplicam-se as cargas conforme as resistências do solo e sua natureza. Onde houver paredes, estas nascem do piso já preparado para essa finalidade. A taxa de distribuição do peso é de 1Kg/cm². O piso consta de uma laje de concreto armado, com espessura de dez centímetros.

Piso: A laje de concreto recebe uma camada de argamassa de cimento e areia e é cilindrada de mistura com produto impermeabilizante, como “Vedacit”, “Sika” ou similar.

Pés Direitos: O pé direito mínimo é de 4,65m.

Barras Lisas: As barras das paredes têm revestimento impermeável, lavável, até a altura de 2,00m, e têm pintura a óleo.

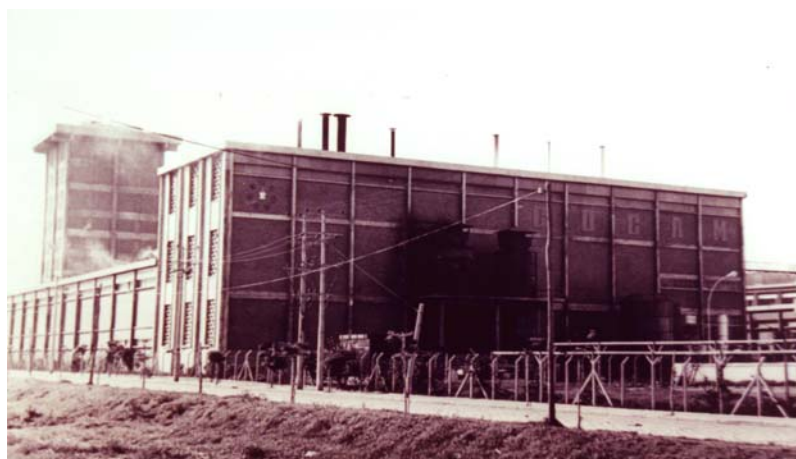
Ventilação: Os caixilhos das janelas têm dispositivos basculantes que permitem a ventilação. A estrutura de ferro tem shed, com venezianas em caixilhos basculantes para permitir a franca circulação do ar e boa iluminação.

Iluminação: O edifício tem vãos suficientes para permitir a iluminação natural que excede 1/5 na relação entre os vãos de iluminação e a área do piso. Para os eventuais serviços noturnos há iluminação artificial com 60/100 luzes.

Esquadrias: As portas são de correr ou de aço ondulado. Os caixilhos podem ser de cimento vazado sem vedação.

Águas Pluviais: São lançadas pelos beirais das águas dos telhados nos passeios de contorno do edifício. Dos passeios as águas vão às sarjetas das ruas internas.

Materiais: São observadas as Normas da “Associação Brasileira de Normas Técnicas”.⁷³



Possível edifício de extração de óleo, de 1957. Catanduva, sem data. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico “Governador Pedro de Toledo”, de Catanduva.

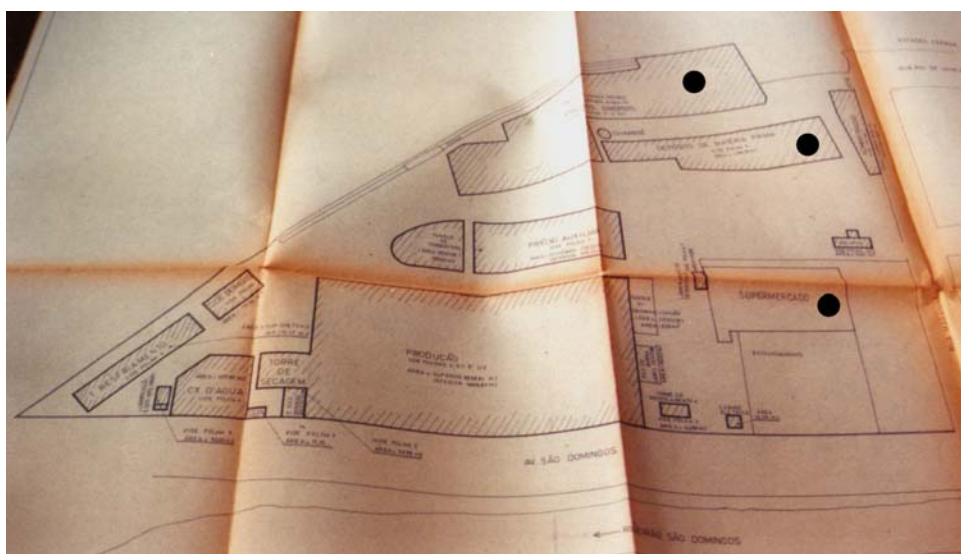


O edifício de extração de óleo, de 1957, visto dos fundos. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.

⁷³ Planta número 4841, de 1957. Arquivo Público Municipal de Catanduva.



Vista panorâmica de toda a indústria Matarazzo. A direita, vemos os galpões originais, entre a chaminé; à esquerda, os edifícios construídos posteriormente, já sem a presença do silo metálico. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.



Planta de situação do núcleo fabril Matarazzo, de Catanduva. Os pontos em preto são dos primeiros edifícios que foram construídos, com exceção de um que foi incorporado às novas construções. Fonte: Planta 8760 de 1980. Arquivo Público Municipal de Catanduva.



Ainda presente na indústria o busto do Conde Francisco Matarazzo. Catanduva, junho 2002. Foto do autor.

MARÍLIA

A IRFM instalou em Marília, em 1937, uma máquina de beneficiamento de algodão e arroz. No período de 1937 a 1938 instalou um engenho e comprava cereais e caroço de algodão. Em 1939 iniciou a extração de óleo de caroço de algodão. Nesse período, já empregava cerca de 400 funcionários, moradores da cidade. As matérias-primas mais utilizadas na fábrica de óleo eram o caroço de algodão, o amendoim, a mamona, o girassol, a soja e o café, o mais utilizado. Em setembro de 1959, a indústria começou a fabricar Rações Balanceadas de Óleos e, em 1973, foi desativada, funcionando como depósito até janeiro de 1975, encerrando suas atividades. Hoje o núcleo industrial Matarazzo é de propriedade do Instituto Nacional da Previdência Social e da Miniteras Agropastoril Ltda.⁷⁴

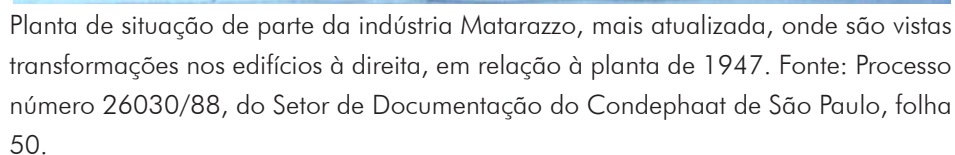
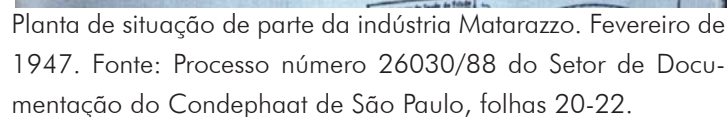
Como foi apontado, a indústria foi implantada na área central da cidade, às margens da Estrada de Ferro da Companhia Paulista, em duas quadras da Avenida Castro Alves. De um lado estavam todos os depósitos e maquinários para o benefício de sementes e extração de óleos e, do outro lado, o edifício da caldeira, a chaminé e o supermercado. No total, a área do terreno desse complexo é de 34.325,00m², deixando de fora a área das residências do gerente e dos mecânicos.⁷⁵

A escolha do terreno, feita pela IRFM, para instalar uma indústria de algodão na cidade, teve como base a proximidade com a estrada de ferro da Paulista. O terreno não está localizado na periferia da cidade, como é comum com a maioria das indústrias, porque o preço de um terreno na periferia, que não tenha infra-estrutura, é bem reduzido. A indústria foi instalada em um terreno de área mediana, por isso se percebe em planta que os edifícios estão aglutinados, que o partido tomado no projeto foi obrigatoriamente

⁷⁴ Processo número 26030/88 do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo, Folha 78, 97 e 154.

⁷⁵ Processo número 26030/88 do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo, Folha 50.

A IRFM comprou esse terreno, possivelmente com o objetivo de instalar primeiramente, um beneficiador de algodão. Se a produtividade fosse grande e houvesse demanda para utilizar os caroços de algodão e outras sementes para produzir óleo vegetal, instalaria uma fábrica de óleo. Há casos, como nas cidades de São João da Boa Vista e Votuporanga, em que a Matarazzo instalou beneficiadores de algodão em terrenos também de tamanho médio, que não se desenvolvem além do que foi projetado inicialmente. Por isso, no caso de Marília, houve uma total ocupação de todo o terreno. A planta da indústria foi sendo transformada durante anos.



Para visualizar onde foi instalada a fábrica de óleo no núcleo fabril e saber quais edifícios já foram destruídos e os parcialmente destruídos, tem-se:



Planta de situação do núcleo fabril Matarazzo, de Marília, do levantamento realizado pelo Condephaat nos anos 80. Os edifícios com ponto preto são os de extração de óleo vegetal. Fonte: Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo, folha 50.



Possivelmente os edifícios de extração de óleo têm as mesmas características tipológicas dos dois edifícios à direita da foto. São galpões de linhas retilíneas, sóbrios e austeros. Fonte: Processo número 26030/88, do Setor de Documentação do Condephaat de São Paulo, folha 76.



Vista do portão de entrada da indústria Matarazzo e, ao lado, os edifícios restantes, em ruínas. Marília, julho 2002. Foto do autor.



Edifícios restantes, em ruínas, da indústria Matarazzo, que não foram tombados. Marília, julho 2002. Foto do autor.



Outra vista dos edifícios restantes da indústria Matarazzo. Marília, julho 2002. Foto do autor.



Fachada posterior da casa das caldeiras, onde aparecem os lanternins. Marília, julho 2002. Foto do autor.

RANCHARIA

Já foi visto que foi instalada em Rancharia, em 1937, uma fábrica de beneficiar algodão da Matarazzo. Posteriormente, são incorporados a essa fábrica outros edifícios, para a instalação de uma fábrica de óleo de caroço de algodão. A data da instalação dessa fábrica de óleo é de 1939 e início dos anos 40. O que comprova a data acima é a planta de construção da segunda chaminé, de 55 metros de altura, no núcleo industrial da Matarazzo, de 21 de junho de 1944.⁷⁶



A segunda chaminé da fábrica de óleo Matarazzo. Rancharia, sem data. Fonte: *Rancharia em Revista*. Rancharia, junho de 1965, número 30. Biblioteca Pública Municipal “Castro Alves”, de Rancharia.

⁷⁶ Planta do arquivo da Esteve S/A, assinada pelo proprietário Mário Calore e pelo engenheiro civil Antônio Bittencourt Garcez, com a carteira do CREA número 42, que foi expedida pelo CREA da 6ª Região de São Paulo e Mato Grosso, antes de 31 de dezembro de 1936 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA, 1937:124).

A fábrica Matarazzo de Rancharia, além de produzir o óleo de caroço de algodão, começou a produzir e também a enlatar, em 1969, o óleo de amendoim e soja. Sua produção era de 3.600 latas de óleo diárias, trabalhando oito mulheres, no turno de dez horas. A fábrica chegou a produzir 80.000 litros de óleo por dia.⁷⁷

Para termos idéia da força econômica das indústrias estabelecidas em Rancharia, nos anos 50, temos a relação dos donativos doados à Santa Casa de Misericórdia de Rancharia:⁸²

Anderson Clayton & Cia. Ltda.	Cr\$ 5.000,00
Cia. Swift do Brasil S/A	Cr\$ 20.000,00
Frigorífico Wilson do Brasil S/A	Cr\$ 20.000,00
S/A I. R. Francisco Matarazzo	Cr\$ 50.000,00



Sacos de algodão na indústria Matarazzo. Rancharia, 1950. Fonte: Arquivo da Esteve S/A.



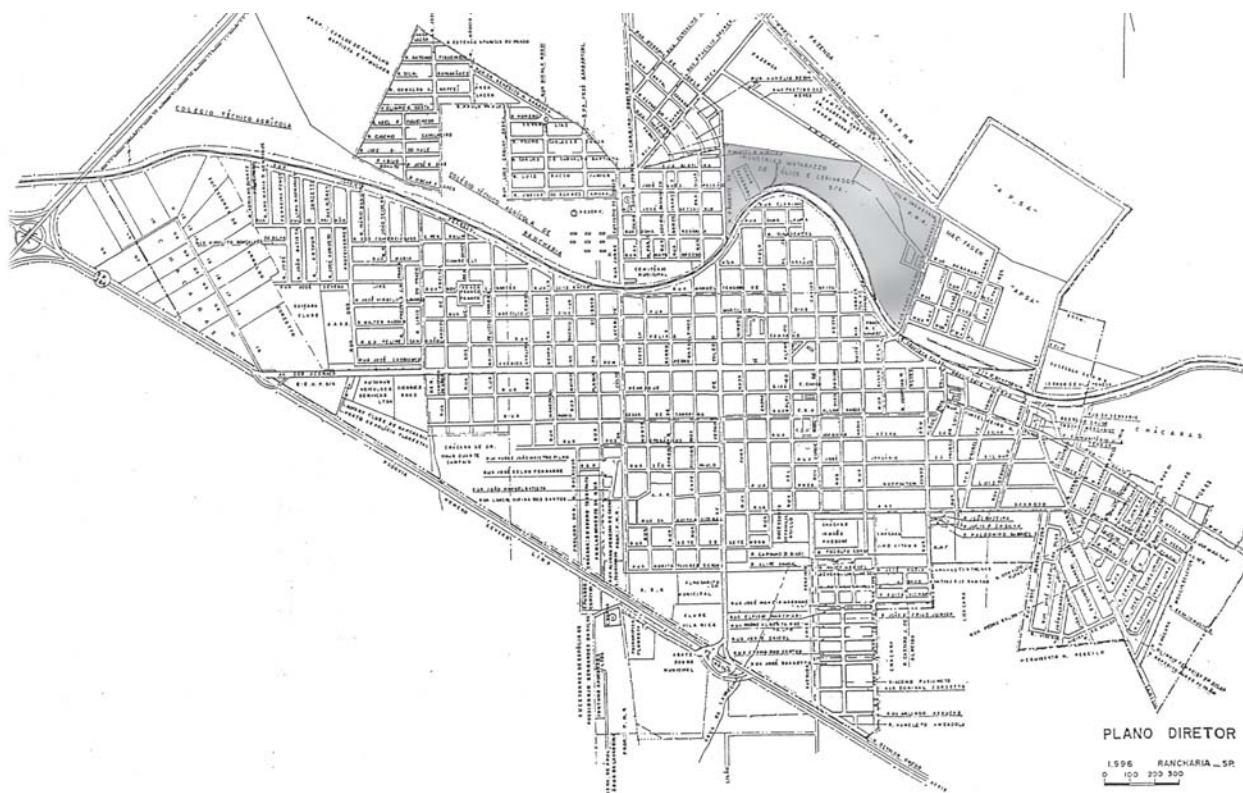
Frota de caminhões na indústria Matarazzo. Rancharia, década de 50. Fonte: Arquivo da Esteve S/A.

⁷⁷ O gerente, na época, foi o sr. Osvaldo Grecco, que contou à *Rancharia em Revista* que tinha possibilidade de aumentar a produção, dobrando o turno das operárias, para chegar a 8.000 latas diárias ou mais de 100.000 peças por mês. Grande parte dessa produção era enviada para Minas Gerais, principalmente Belo Horizonte (*Rancharia em Revista*, Rancharia, junho de 1969, número 32 e dezembro de 1969, sem número). Biblioteca Pública Municipal “Castro Alves”, de Rancharia.

⁸² *Rancharia em Revista*, Rancharia, abril, maio e junho de 1952, número 3. Biblioteca Pública Municipal “Castro Alves”, de Rancharia.

O terreno do núcleo fabril Matarazzo, em Rancharia, media aproximadamente 238.065,94 m², um terreno de grandes dimensões, não encontrado em nenhuma outra fábrica de óleo da Matarazzo no interior paulista. O núcleo fabril, além de abrigar edifícios para a produção, possuía um logradouro margeado por 30 residências operárias (Vila Matarazzo), 4 residências maiores, para engenheiros, 1 residência do gerente, um hotel e uma grande área destinada aos esportes.

Abaixo, o mapa de Rancharia, de 1996, e em destaque o terreno da fábrica de óleo Matarazzo:



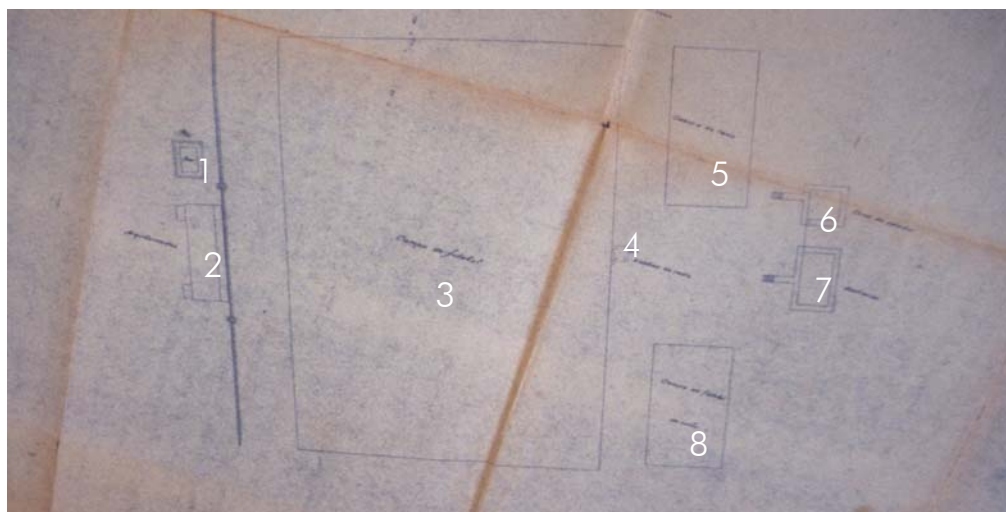
Pode-se observar, no mapa, que a indústria Matarazzo (parte hachurada) está localizada na área chamada além-linha, o limite que separa o centro da cidade dos bairros periféricos. Possivelmente, os terrenos dessa área eram menos valorizados, quer dizer, mais baratos, o que justifica o tamanho do terreno da Matarazzo. Vemos que essa área é pouco urbanizada, havia a presença de uma fazenda, do cemitério municipal, do colégio técnico agrícola e de outras indústrias, como a Mac-Faden e a Anderson Clayton. Fonte: Secretaria de Obras da Prefeitura de Rancharia.



Planta de situação da indústria de óleo Matarazzo. Rancharia, junho de 1963. Fonte: Arquivo Esteve S/A.

- 1 PORTARIA, REFEITÓRIO, VIGILÂNCIA, VESTIÁRIO E ESCRITÓRIOS
- 2 POSTO DE ABASTECIMENTO, ALMOXARIFADO E DESCAROÇADORES (Primeiros galpões da indústria de beneficiar algodão)
- 3 ARMAZÉM
- 4 ARMAZÉM
- 5 SILO
- 6 DEPÓSITO DE CAFÉ
- 7 DEPÓSITO DE CAFÉ
- 8 SILO
- 9 SILO
- 10 DEPÓSITO DE ALGODÃO E CAROÇO (Primeiros galpões da indústria de beneficiar algodão)
- 11 TULHA DE ALGODÃO EM CAROÇO (Primeiros galpões da indústria de beneficiar algodão)
- 12 TULHA DE ALGODÃO EM CAROÇO (Primeiros galpões da indústria de beneficiar algodão)
- 13 CALDEIRAS E TURBINAS (Primeiros galpões da indústria de óleo de algodão)
- 14 CHAMINÉ
- 15 CALDEIRAS E TURBINAS (Primeiros galpões da indústria de óleo de algodão)
- 16 CARPINTARIA, OFICINA ELÉTRICA, OFICINA MECÂNICA E ESCRITÓRIO
- 17 DESLINTADORES
- 18 AFIAÇÃO DE SERRAS PARA MÁQUINAS LINTER E RESÍDUOS
- 19 GALPÃO SECADOR DE AMENDOIM
- 20 SUB-ESTAÇÃO, TRANSFORMADOR DE ALTA TENSÃO
- 21 GALPÃO
- 22 VILA MATARAZZO
- 23 YANDARA HOTEL
- 24 RESIDÊNCIA DO GERENTE
- 25 MORADIAS
- 26 PRÉDIO DA SEMI-REFINAÇÃO

OBS: A planta acima não compreende todo o terreno da Matarazzo. A área composta pelo campo de futebol, quadra de tênis, campo de futebol de salão e outros será mostrada a seguir.



Planta de situação da área esportiva da indústria de óleo Matarazzo. Rancharia, 1943.

Fonte: Arquivo da Esteve S/A.

- 1 BAR
- 2 ARQUIBANCADA
- 3 CAMPO DE FUTEBOL
- 4 CABINE DE RÁDIO

- 5 QUADRA DE TÊNIS
- 6 CASA DI ZELADOR
- 7 VESTIÁRIOS
- 8 CAMPO DE FUTEBOL DE SALÃO



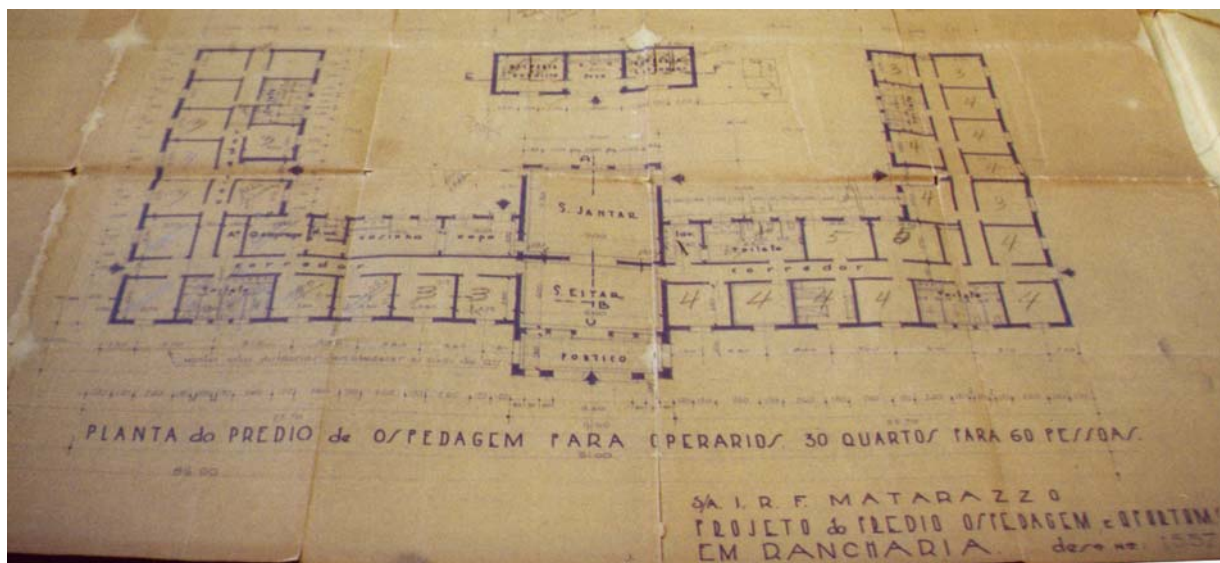
A arquibancada e, ao lado, o bar. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



A arquibancada, que foi construída na década de 40. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



O campo de futebol e, ao fundo, a quadra de tênis e de futebol de salão. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



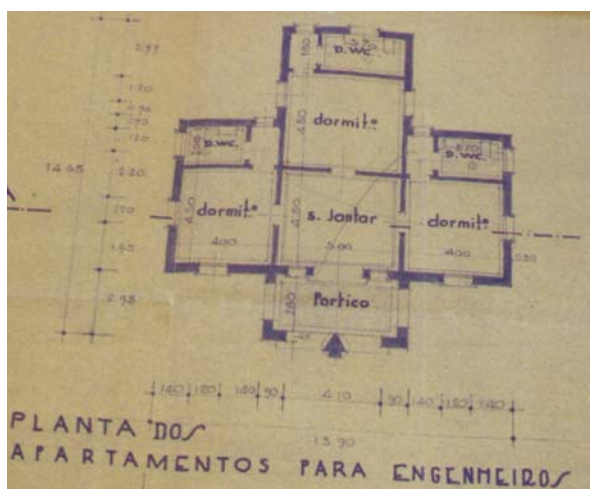
Planta do Yandara Hotel que, além dos 30 quartos, possuía sala de jantar, sala de estar, banheiros, copa, cozinha, lavanderia, quarto de empregados e dispensa. Fonte: Arquivo Esteve S/A.



O Yandara Hotel e, ao lado, a indústria de óleo Matarazzo. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



A Vila Matarazzo, com 30 residências. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Planta da residência ao lado, que é geminada e abriga duas famílias. Fonte: Arquivo Esteve S/A.



Residências dos engenheiros, que estão pintadas com a mesma cor do Hotel e das outras residências operárias. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Os primeiros edifícios de beneficiamento do algodão. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



A área esportiva da indústria Matarazzo. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Vista aérea do núcleo industrial da Matarazzo. Rancharia, agosto 2001. Fonte: Arquivo da Esteve S/A.



Os primeiros edifícios da fábrica de óleo Matarazzo. Fonte: *Rancharia em Revista*, Rancharia, junho de 1965, número 30.



A Vila Operária Matarazzo. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Os primeiros edifícios de beneficiamento do algodão. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



O início da plataforma coberta, junto ao almoxarifado e ao armazém. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Uma das locomotivas da indústria Matarazzo, movida por um motor de 8 cilindros em V, fabricada nos Estados Unidos pela Davenport. O seu modelo é o 017000. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



A plataforma e sua cobertura estruturada toda em madeira. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



A casa da bomba d'água e de ar, entre os armazéns. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Vista interna de um armazém em alvenaria de tijolos e tesouras em madeira. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Os dois silos e a plataforma aérea de ligação. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Lateral do galpão dos deslintadores. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Da esquerda para a direita, o galpão dos deslintadores, das oficinas e escritório e da caldeira e turbinas. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Fachada posterior do galpão dos deslintadores. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



O galpão secador do amendoim. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Fundos do galpão das oficinas e escritório. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Detalhe do lanternim em madeira do galpão das oficinas, que ainda conserva as telhas originais tipo "marselha". Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Detalhe do trabalho em tijolo para o abrigo do hidrante. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Fachada da casa das caldeiras. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



A chaminé e, ao lado, os primeiros edifícios da fábrica de óleo. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



A casa das caldeiras, com algumas modificações no edifício. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.



Galpão, possivelmente dos anos 50, para a refinação do óleo. Rancharia, julho 2002. Foto do autor.

A fábrica de óleo Matarazzo, em Rancharia, ficou em atividade, possivelmente, até a década de 80. Em 1991, a Matarazzo, em parceria com a Esteve S/A, que é uma empresa de origem espanhola, pertencente ao grupo multinacional denominado *Ecom Agroindustrial Corporation Lt*, com escritório central em Dallas, Texas, EUA, criam a empresa INDORAN (Indústria de Óleos Rancharia Ltda.), e os funcionários registrados na antiga IRFM são transferidos para a INDORAN, que fica sendo a sucessora da Matarazzo, tanto na esfera trabalhista, quanto na jurídica, financeira, contábil, etc. Essa parceria seguiu até maio de 2000, quando a Esteve S/A assumiu o total controle da empresa. Hoje, a Esteve S/A está em pleno funcionamento, fabricando óleo de caroço de algodão e o sabão *Sol Levante*. Ela mantém contato direto com a Matarazzo, por causa do contrato de arrendamento, que, segundo consta, irá até 2008.⁷⁸

⁷⁸ Informações obtidas do técnico de segurança do trabalho, Fabiano Cruz, que é o responsável pelo arquivo da Esteve S/A.

CAMPINAS

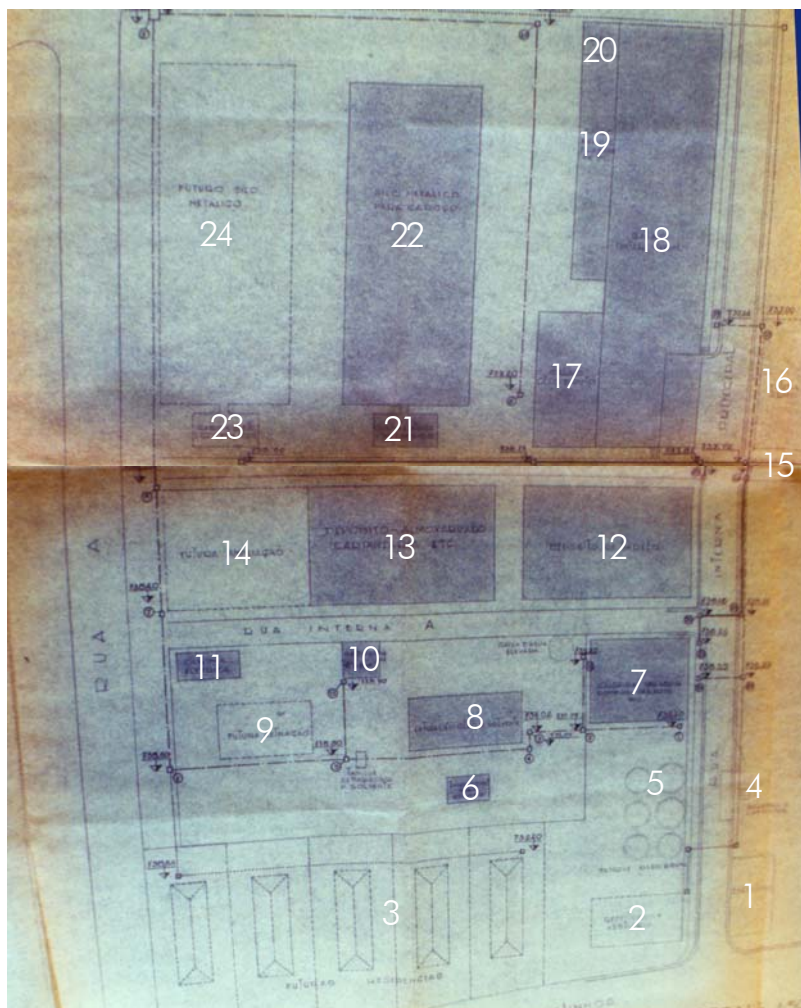
A instalação de uma fábrica de óleos vegetais em Campinas foi idealizada por Francisco Matarazzo Júnior, que também instalou outras fábricas de óleo nas cidades de Rancharia e Marília. A iniciativa se deu por causa da grande reserva de caroço de algodão das tecelagens da IRFM.

A fábrica de óleos vegetais foi construída em Campinas em 1943, em um terreno de 50.200,00 m², na avenida Engenheiro Augusto Figueiredo, 585, no bairro Jardim Progresso (antiga rua da Abolição, que ligava Campinas a Valinhos). Trabalhavam nessa indústria cerca de 192 operários e sua diretoria era formada pelo presidente, Francisco Matarazzo Júnior, vice-presidente Ermelino Matarazzo e Eduardo A. Matarazzo. A fábrica inicialmente, produzia, óleo bruto de algodão, óleo bruto de soja, farelo de algodão, farelo de soja e linters de algodão (que são as pequenas fibras do algodão, grudadas em cima do caroço, são ricas em celulose, utilizadas como subproduto para fabricar filtro de cigarro, embalagem de papelão e outros). Em 1959, ela passou a extrair óleo de café e, em 1961, já extraía cafeína (CAMPINAS, 1974/1975:grupo 26) e (LIMA, 1982:112).

Em 26 de janeiro de 1956 foi registrada, na Prefeitura Municipal de Campinas, uma planta da Matarazzo, para uma obra na entrada de sua fábrica de óleo na cidade. O autor responsável pela construção foi o engenheiro civil Francisco de Nova Monteiro.⁷⁹ Em setembro do mesmo ano, outra planta foi registrada na Prefeitura de Campinas, para a construção de uma rede de esgoto em toda a indústria de óleo Matarazzo.⁸⁰

⁷⁹ CREA número 544-D

⁸⁰ Planta número 147, pasta A. Arquivo Municipal de Campinas, setor Histórico.



Planta de situação da fábrica de óleo Matarazzo, de Campinas. Fonte: Planta 147, pasta A - Arquivo Municipal de Campinas, setor Histórico.

- | | |
|----------------------------------|---|
| 1 ESCRITÓRIO E AMBULATÓRIO | 13 DEPÓSITO, ALMOXARIFADO E CARPINTARIA |
| 2 REFEITÓRIO E VESTIÁRIO | 14 FUTURA AMPLIAÇÃO |
| 3 FUTURAS CASAS OPERÁRIAS | 15 BALANÇA DE VAGÕES DE TREM |
| 4 BALANÇA PARA CAMINHÕES | 16 FUTURA USINA TERMOELÉTRICA |
| 5 TANQUES DE ÓLEO BRUTO | 17 SALÃO DE ÓLEO BRUTO |
| 6 TANQUE PARA SOLVENTE | 18 SALÃO LINTER GERAL |
| 7 CALDEIRA, GERADOR, BOMBAS E WC | 19 SALÃO DE RSÍDUO E CÂMARA DE PÓ |
| 8 EXTRAÇÃO DE ÓLEO E SOLVENTE | 20 WC |
| 9 FUTURA EXTRAÇÃO | 21 CABINE ELÉTRICA E DE COMANDO |
| 10 RESFRIADOR D'ÁGUA | 22 SILO METÁLICO PARA CAROÇO |
| 11 CABINE ELÉTRICA | 23 CABINE ELÉTRICA E DE COMANDO |
| 12 DEPÓSITO DE FARELO | 24 FUTURO SILO METÁLICO |



Refeitório e vestiário da fábrica de óleo Matarazzo. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



A entrada da fábrica e o refeitório e vestiário; hoje, a portaria. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Vista aérea da entrada da fábrica de óleo Matarazzo. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



O escritório e ambulatório, possui uma tipologia Art Déco, como outros edifícios da fábrica. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Vista interna do vestiário. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Vista da rua principal da fábrica de óleo Matarazzo. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Fachada do edifício da caldeira, gerador, bombas e cabos elétricos. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Edifício de extração de óleo e solvente. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Lateral do edifício da caldeira e outros, com a presença dos sheds. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Lateral do depósito de farelo e, atrás, almoxarifado e outros. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Fachada de outro depósito, que tem a mesma tipologia do depósito de farelo. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Vista interna do depósito, almoxarifado e carpintaria. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Vista aérea dos depósitos e do não mais existente silo metálico. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Usina termoeletrica. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Vista aérea da usina termoeletrica. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Vista aérea dos salões de linter, de óleo bruto e resíduo de pó. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



O salão de óleo bruto. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



As ruínas do salão de linters. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Detalhe das esquadrias pré-fabricadas em concreto. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Lateral do salão de óleo bruto e resíduos de pó. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Cabine elétrica da fábrica de óleo Matarazzo. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Balança dos vagões, alinhada com a rua interna da fábrica. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Caixa de força, com o emblema IRFM. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Caixa d'água da fábrica de óleo Matarazzo. Campinas, abril 2002. Foto do autor.



Detalhe para o farolete, em cima do escritório e ambulatório. Campinas, abril 2002. Foto do autor.

A fábrica de óleo Matarazzo, de Campinas, foi à falência em 1991, sendo leiloadada em 7 de março de 1995 (PEREIRA, 1998a). O valor inicial do lance girava em torno de R\$ 2,8 milhões e a dívida do IPTU, que a Matarazzo não havia saldado junto à Prefeitura, referente aos anos de 1991, 1992, 1993 e 1994, atingiu R\$ 1,7 milhão (PEREIRA, 1998b). O imóvel, com terreno de 74 mil metros quadrados, foi arrematado pela empresa paulistana *Midea Indústria e Comércio Ltda.* e, em 1997, a empresa repassou-o a um grupo de empresários de Campinas (PEREIRA, 1998a). Atualmente, a fábrica de óleo está sem uso; encontra-se abandonada e a maioria de seus edifícios em ruínas.

ARAÇATUBA

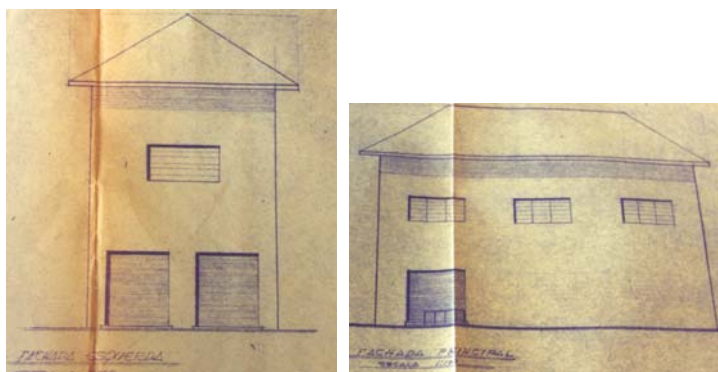
Foi instalada em Araçatuba, em meados de 1939, uma indústria de beneficiamento do algodão Matarazzo. Possivelmente, pela alta produção de algodão na região e, conseqüentemente, pela grande quantidade de caroços de algodão beneficiados, a Matarazzo resolveu instalar, ao lado de sua beneficiadora, uma indústria de óleo de caroço de algodão.

Em 23 de novembro de 1960, foi aprovada a planta para a construção de uma casa de caldeiras, para a futura fábrica de óleo. O terreno desse núcleo fabril Matarazzo tinha em torno de 26.770,00 m² e era margeado pela Estrada de Ferro da Noroeste. Além do pavilhão destinado ao benefício do algodão, dos armazéns, dos silos e dos galpões da fábrica de óleo, foram construídas casas para operários.⁸¹

A casa da caldeira foi construída em alvenaria de tijolos, rejuntados com argamassa de cal, areia e cimento; o piso era de concreto de dez centímetros e coberto por uma argamassa de dois centímetros de cimento e areia; a estrutura do telhado é de madeira de lei; as telhas são francesas; as esquadrias eram de ferro basculantes e as portas também de ferro. O projeto e a construção foram de responsabilidade do engenheiro civil Lupércio Costa e o custo da obra foi de Cr\$ 234.336,00.



Casa das caldeiras, transformada em comércio. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



Plantas da fachada e da lateral da casa das caldeiras. Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Araçatuba.

⁸¹ Plantas da Matarazzo de Araçatuba, de 1939 a 1960. Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Araçatuba.



Casa das caldeiras no fundo e, à direita, o pavilhão do benefício do algodão, também transformado em comércio. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



O edifício que envolve a chaminé era, possivelmente, para armazenar lenha, e abriga, hoje, uma lanchonete. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



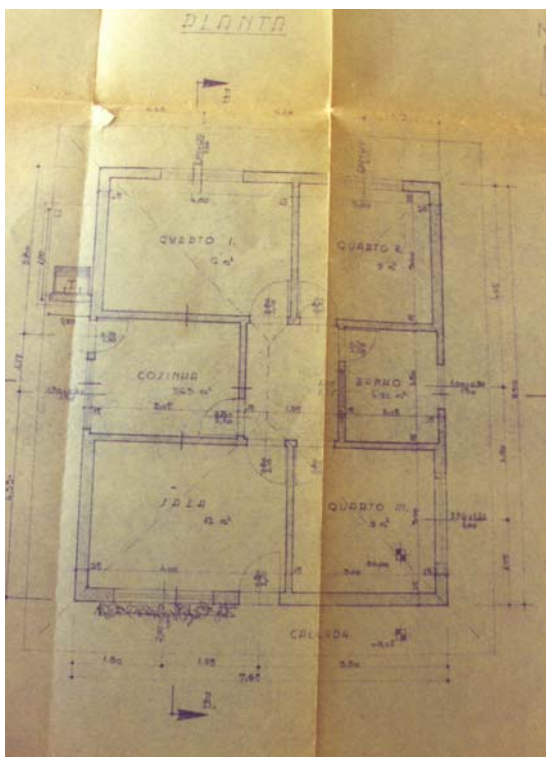
O edifício que abrigava o escritório, em alvenaria de tijolos, como os outros, que inicialmente eram aparentes. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



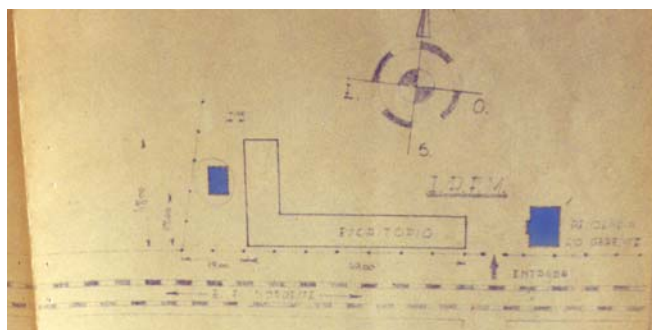
Depósitos da indústria de óleo Matarazzo. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



Fachada dos depósitos da Matarazzo, frente ao logradouro. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



A planta da casa operária. Planta de agosto de 1957. Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Araçatuba.



Em azul, à esquerda, a casa para operários e, à direita, a casa do gerente. Planta de agosto de 1957. Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Araçatuba.



Fachada da casa operária. Planta de agosto de 1957. Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Araçatuba.

A casa operária foi construída com portas e janelas, tipo guilhotina com venezianas, de madeira; a cozinha e o banheiro tinham caixilhos de ferro e basculantes; as paredes internas e externas eram rebocadas com argamassa de cal, areia e cimento e depois caiadas; na cozinha foi feita uma barra impermeável, que depois foi pintada com tinta a óleo, e a canalização da casa foi feita com manilhas vidradas e com fossa cética. Sua área era de 71,15 m² e o seu custo foi de Cr\$ 43.000,00.



Depósito da Matarazzo, que fica fora do núcleo fabril. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.



Detalhe do arco de sustentação, em madeira, do depósito da Matarazzo. Araçatuba, junho 2002. Foto do autor.

A indústria de beneficiar algodão e óleo Matarazzo, de Araçatuba, além de extrair óleo do caroço do algodão também extraía óleo da mamona, amendoim, semente de girassol e do milho. Em junho de 2002, todos os edifícios desse núcleo fabril eram de propriedade da COBRAC – Cooperativa do Brasil Central, onde funcionam vários tipos de comércio.



Foto antiga de parte do núcleo fabril Matarazzo. Araçatuba, sem data. Fonte: Museu Público e Histórico “Marechal Rondon”, de Araçatuba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - Morfologia urbana e arquitetura das indústrias de algodão Matarazzo no interior paulista

Para Julián Sobrino Simal, a arquitetura industrial se relaciona, incontestavelmente, com a arqueologia industrial, devido à sua função de conter os processos industriais. Afirma que os historiadores da arquitetura industrial devem incorporar a metodologia da arqueologia industrial, “pois somente compreendendo profundamente o fenômeno da industrialização, com suas múltiplas variáveis, se poderá realizar um estudo integrador deste patrimônio...” (SOBRINO SIMAL, 1996:99).

Dessa forma, entende-se que as indústrias Matarazzo, compreendidas neste estudo, definem um padrão de industrialização no interior de São Paulo, cujas características foram determinadas pelo seu tipo de produção, tecnologia e construção. A matéria-prima principal presente na produção das indústrias Matarazzo foi o algodão; o seu aparato tecnológico e construtivo foi definido pelo seu tipo de força-motriz (energia elétrica e ou a vapor), pois, conhecendo a energia a ser utilizada, com base nas máquinas necessárias, elaboraram uma planta fabril adequada para abrigá-las. A arquitetura dessas indústrias, de certa forma, foi um reflexo desse padrão industrial, cujas características vão ao encontro do seu processo tecnológico e construtivo na época.

En esta modalidad arquitectónica predominan fundamentalmente los criterios de utilidad y funcionalidad en el marco de una organización espacial que sigue en su recorrido un itinerario marcado por el empleo de una energía determinada para accionar los útiles de trabajo y la propia lógica de la producción...(SOBRINO SIMAL, 1996:95).

A arquitetura das primeiras indústrias instaladas no interior paulista, a maioria têxteis, pode ser definida sinteticamente, pelo seu caráter tradicional, vinculada ao padrão arquitetônico do período – o neoclássico (estilo oficial do Império). Alguns desses exemplos foram as fábricas São Luiz, de Itu (1869), Santa Francisca, de Piracicaba (1875), e Votorantim, próxima a Sorocaba (1893).

Ressentindo-se de compromissos de um passado recente com o ambiente doméstico, quer em sentido espacial, quer em sentido social, acomodavam-se em galpões com feições de residência, edificadas em tijolos, sobre os limites das vias públicas (...) ofereciam às ruas aspecto tradicional (REIS FILHO, 2002:84,86).

Em um quadro geral, Francisco Hardman e Victor Leonardi definem essa arquitetura tradicional como *colonial brasileira*, presente nas indústrias criadas no Império – *a fachada era similar à de uma casa-grande de fazendas de açúcar ou café* (1991:133, 134). No entanto, as fábricas instaladas já no início do século XX anunciavam uma ruptura com esse modelo colonial. Elas exibiam uma arquitetura funcional, sem ornamentos, de caráter utilitário, onde o sistema de produção da fábrica se refletia na aparência externa. Essas fábricas não tinham mais a aparência de uma residência, passando a produzir na paisagem urbana um estranhamento, por não possuir vínculos com o passado da cidade e da região. É essa a arquitetura produzida pelas indústrias de algodão Matarazzo, no interior paulista.

As indústrias de algodão Matarazzo, instaladas entre 1920 a 1960, no interior paulista, foram apresentadas em três grupos: 14 fábricas de beneficiamento de algodão, 5 fábricas têxteis e 5 fábricas de óleos vegetais. Sobre as fábricas de beneficiamento de algodão, constata-se a existência de duas linhas de partido arquitetônico tomadas em seus projetos e algumas pré-condições para a sua implantação nas cidades.

As pré-condições foram a escolha de um terreno, no território das cidades, que fosse margeado por uma estrada de ferro e que possuísse uma área de 10.000 m² ou mais.

Constatou-se, na aquisição do terreno nessas cidades, a interferência do poder local deliberando certas facilidades, como a isenção de taxas na compra do terreno e ou de emolumentos relativos à aprovação de plantas, cobradas normalmente.

Os terrenos adquiridos pela Matarazzo, em sua maioria, estavam próximos ao centro urbano da cidade, localizados na parte comumente nomeada *além da linha*, onde a linha férrea separava o centro dos bairros periféricos. Nas cidades de Ribeirão Preto, Catanduva, Avaré e São João da Boa Vista, além da presença da linha de trem, o terreno se localizava próximo a um córrego, que possivelmente abastecia de água a indústria e servia como esgoto.

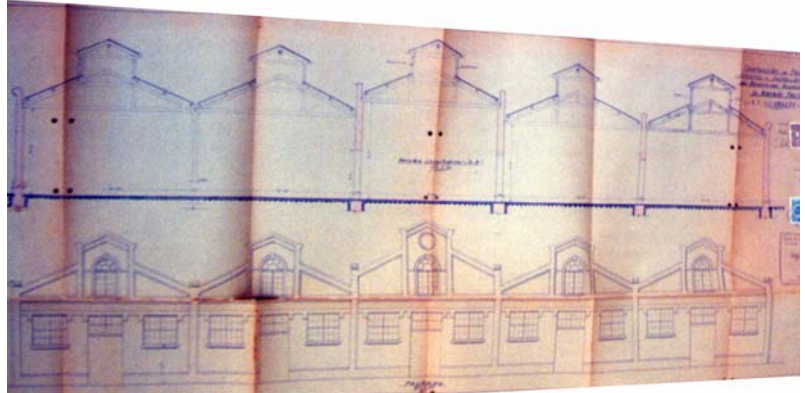
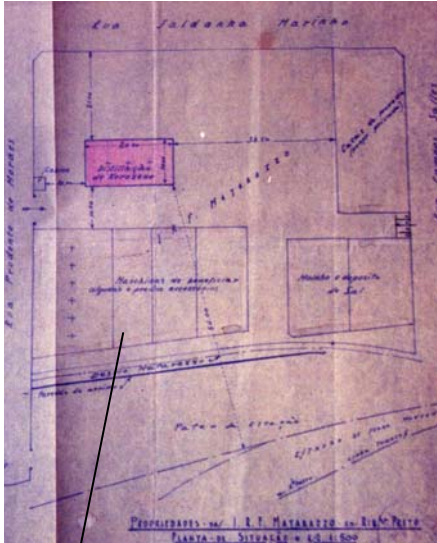
Sabe-se que, na implantação das primeiras indústrias na Inglaterra, berço da Revolução Industrial, procurava-se sempre a proximidade de um meio de transporte (canal fluvial e ferrovia), das fontes de energia (rios, minas), da matéria-prima e dos mercados. Nesse caso não foi diferente. As indústrias de beneficiamento foram instaladas próximas aos centros urbanos, das ferrovias e em uma região que mais produziu algodão no Estado, nos anos de 1930. Seguindo também a tradição das indústrias inglesas, era comum a empresa instalar, próximo à indústria, núcleos residenciais para seus operários (Cf. CORREIA, 1995:104).

A maior parte das indústrias Matarazzo foi equipada com habitações para gerentes, engenheiros e mestres. Somente as indústrias de Avaré, Itapetininga, Bernardino de Campos, Catanduva, Campinas, Rio Claro, São José do Rio Preto e São José dos Campos não tiveram essas habitações incorporadas às indústrias.

O estabelecimento da indústria, além de configurar o espaço à sua volta, com suas casas para operários e outros equipamentos, produzia também em sua área envoltória - sendo geralmente um bairro periférico em formação - transformações no uso e ocupação do solo, inevitáveis. Foi comum a superdivisão de quadras em lotes pequenos, geralmente estreitos e compridos, formando as conhecidas vielas e travessas, bem características de bairros industriais. Esse movimento de retalhação acontecia para obter lotes de baixo custo, tornando-os mais acessíveis aos operários, que tinham pouco poder aquisitivo.

Os dois partidos arquitetônicos presentes nas plantas das indústrias de beneficiamento Matarazzo refletem claramente o uso de um modelo padronizado, que foi sendo implantado nas quatorze cidades estudadas. As plantas industriais, principalmente instaladas a partir da década de 20, no Brasil, buscaram sempre um caráter funcional, prático. Isso não quer dizer que foi pobre em originalidade, mas, pela razão de ser uma planta flexível, foi capaz de abrigar vários tipos de uso, com a possibilidade de ser empregada em vários locais, sofrendo apenas pequenas modificações, como nesse caso.

A primeira planta é caracterizada pela presença de um grande pavilhão, composto de vários módulos, que variam de três a dez unidades. Somados a esse pavilhão principal, outros edifícios isolados, menores, serviam de apoio, formando o núcleo fabril.



O pavilhão é térreo e há comunicação interna em alguns deles. Sua fachada é formada pela marcação de cada módulo e pelas aberturas simétricas e intercaladas dos portões e caixilhos. Em algumas cidades, a indústria originalmente possuía tijolos aparentes, sendo posteriormente pintados. A cobertura do pavilhão não é única; cada módulo possui telhado em duas águas e muitos têm a presença do lanternim, em madeira e vidro.

Elísia da Costa afirma que a maioria das indústrias brasileiras, até a Primeira Guerra Mundial, tinha características formais marcadas pelo despojamento de ornamentos e simplicidade. Suas fachadas possuíam quase nenhuma ornamentação de ordem neoclássica ou eclética, “...sendo comum a simples marcação da estrutura e o emprego de molduras, encabeçando a linha de sheds, oitões e platibandas...”, com paredes rebocadas ao gosto colonial, ou explorando “...a textura dos tijolos aparentes ao gosto inglês. Na composição de aberturas, em sua maioria, prevalecem os jogos rítmicos de contraste entre abertura-estrutura ou cheio-vazio” (COSTA, 2001:70, 71).

A tipologia arquitetônica da fachada desses pavilhões de beneficiamento do algodão, em geral, é composta por um frontão, embutido em duas colunas, com a janela em arco pleno. Esses elementos fazem referência ao estilo neoclássico. Outro elemento presente é o óculo, que servia para a passagem de ar ou luz, sendo por vezes somente decorativo.

Helena Saia define esse tipo de indústria como “*edifício fabril com tipologia específica*”, que foi um modelo encontrado na maioria das indústrias têxteis do interior paulista, de 1881 a 1920 (SAIA, 1989:131). Nesse caso, já existe uma tendência à padronização. Esse modelo é caracterizado por Balleiras, por empregar

“... sobretudo, tijolos aparentes, às vezes caiados. A planta fabril está geralmente organizada em vários edifícios, entretanto alguns deles ganham destaque no conjunto... É comum se observar nas fachadas elementos de inspiração neoclássica, como as platibandas, cornijas, cimalthas e colunas ressaltadas (...) distribuídos uniformemente, criando uma série de planos onde se inserem as aberturas” (BALLEIRAS, 2003:76).

As cidades com indústrias de beneficiamento Matarazzo, que incorporam essa tipologia fabril, foram: Avaré, Ribeirão Preto, Rancharia, Presidente Prudente, Catanduva, Marília, São José do Rio Preto, São João da Boa Vista, Araçatuba e a fiação e tecelagem de Bauru.¹

Os materiais utilizados na construção desses pavilhões foram alvenaria de tijolos cerâmicos aparentes, assentados com argamassa de cal, cimento e areia. A cobertura era de telhas cerâmicas nacionais tipo “Marselha” e o barroteamento era de peroba e as tesouras em madeira comum. Os pilares de sustentação, na maioria, eram de concreto armado e poucos em madeira. Os caixilhos das janelas e as portas eram também em peroba. A iluminação interna era feita por energia elétrica e as águas e o esgoto eram recolhidos por canalização.

A tipologia arquitetônica dessas indústrias de beneficiamento estava presente desde as primeiras indústrias Matarazzo construídas em São Paulo, como o *Moinho Matarazzo*, construído em 1900. O projeto dessa indústria foi concebido por técnicos ingleses e possuía algumas das características das indústrias inglesas - edifício de vários pavimentos, presença dos tijolos cerâmicos aparentes, concebido e marcado

¹ Sobre a arquitetura industrial no interior paulista e também no Brasil, consultar os trabalhos de Helena Saia (1989) “Arquitetura e indústria: fábricas de tecido de algodão em São Paulo, 1869-1930”, Ana Elísia da Costa (2001) “A evolução do edifício industrial em Caxias do Sul: de 1880 a 1950”, Mary Helle Moda Balleiras (2003) “Indústria e Habitação: arquitetura fabril no interior de São Paulo”, Anicleide Zequini Rossi (1991) “O Quintal da Fábrica”, dissertação de mestrado IFCH/UNICAMP.

pela austeridade e simetria. Reis Filho afirma que o tijolo aparente “...apareceu somente no século XIX, por influência dos ingleses, começando, quase certamente, nas estações ferroviárias” (2002:158, 159).

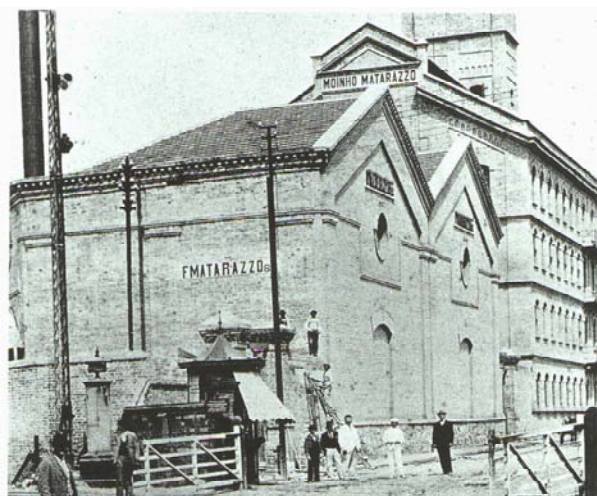
Constatou-se, também, que houve um desdobramento da arquitetura e da planta da indústria de extração de óleo *Sol Levante*, da Matarazzo, em relação a essa primeira planta das indústrias de beneficiamento analisada. A *Sol Levante* foi construída na década de 10, em São Paulo. Possuía um grande pavilhão, de um pavimento, composto também por vários módulos, de tijolos aparentes, frontões e janelas em arco pleno. Mas sem a presença do óculo.



Indústria Sol Levante. São Paulo, sem data. Fonte: (CARONE, 2001:170).



Moinho Matarazzo. São Paulo, década de 20. Fonte: (MICELI, 1992:59).



Moinho Matarazzo. São Paulo, sem data. Fonte: (Siano Tutti Oriundi, 1996:236).

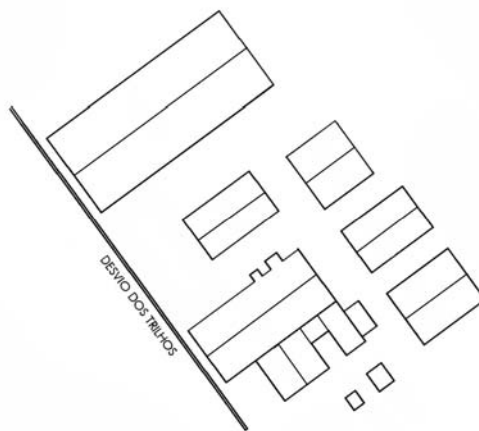
Muitas indústrias brasileiras, da primeira metade do século XX, foram influenciadas pela tipologia fabril inglesa, como as de beneficiamento do algodão Matarazzo. Esse foi um dos padrões arquitetônicos identificados por Hardman e Leonardi, que o intitularam de *britânico manchesteriano*. Suas características são fachadas típicas de tijolos vermelhos, estrutura sóbria e pesada, simetria de planos e com o sistema moderno de fábricas já implantado (1991:133, 134).

A segunda planta, com um outro partido arquitetônico, foi encontrada nas indústrias de beneficiar algodão de Bernardino de Campos, Presidente Venceslau e Votuporanga. No caso dessas duas últimas cidades, houve quase um rebatimento na implantação, na disposição dos edifícios e no processo de produção.

A diferença da segunda planta para a anteriormente analisada é que a segunda não tem mais a presença do grande pavilhão cortando todo o terreno. Esse núcleo industrial é formado por um conjunto de edifícios agrupados no centro do terreno e outros isolados. Quase todos os edifícios têm telhado em duas águas e alguns com lanternins.



Vista aérea da indústria de benefício do algodão. Votuporanga, sem data. Fonte: Arquivo da Universo Cotton Ltda.



Planta de situação da indústria de beneficiamento de Presidente Venceslau. Fonte: Secretaria de Planejamento de Presidente Venceslau.

Esses edifícios foram construídos em pavimentos térreos, com alvenaria em tijolos cerâmicos, pilares em concreto e telhas francesas. Sua planta, retangular e com pé direito alto, reflete uma arquitetura simples, utilitária, de fácil construção e adaptação na linha produtiva.



Galpão da indústria de beneficiamento. Votuporanga, julho de 2002. Foto do autor.



Galpão da indústria de beneficiamento. Votuporanga, julho de 2002. Foto do autor.

A tipologia arquitetônica desses edifícios de linhas retilíneas, sóbrios e austeros, lembra o modelo *britânico manchesteriano*. Na fachada não existem mais o frontão e o óculo. Existe a presença de colunas e da platibanda. No edifício abaixo, um friso totalmente liso e uma arquitrave fina, dividida em três partes, é embutida nas colunas, emoldurando o edifício.



Depósito da indústria de beneficiamento de algodão, Votuporanga, julho de 2002. Foto do autor.

Na construção das indústrias de beneficiamento do algodão participavam arquitetos e engenheiros italianos da Matarazzo, já citados, e mestres-de-obras, possivelmente italianos. Segundo Balleiras, nas fachadas das indústrias do final do século XIX até 1920, foi comum a inserção de elementos de inspiração neoclássica. Esses elementos eram construídos com o próprio tijolo, assentado de diversas maneiras, e esse apurado emprego do tijolo na composição de detalhes é atribuído aos mestres e pedreiros de origem italiana (BALLEIRAS, 2003:76).

O contingente de estrangeiros que afluíam era composto na sua maioria por elementos de origem simples; em geral, artesãos, pequenos comerciantes e operários. Vieram também arquitetos e engenheiros italianos (...) Ao lado destes profissionais categorizados, atuaram pedreiros e mestres-de-obras italianos na construção civil de São Paulo (D'ALAMBERT, 1993:91).

Pietro Maria Bardi ressalta a importância dos mestres-de-obras italianos:

Recrutavam-se camponeses que na lavoura estavam atentos ao chamariz de tentar a sorte em outros serviços, especialmente entre os “colonos operários”. Estas improvisações produziram pedreiros e, por conseqüência, mestres-de-obras (...) Ao invés de um formado, eis um grupo de práticos da construção, ao mesmo tempo aspirantes engenheiros e aspirantes arquitetos (BARDI, 1985:66).

Dessa forma, constata-se que esses arquitetos, engenheiros e mestres-de-obras das fábricas de algodão Matarazzo, além de produzirem uma arquitetura anônima, de caráter funcional, padronizada, gerada pelo modelo das fábricas inglesas do século XIX, incorporaram elementos da arquitetura neoclássica, indicando uma certa preocupação, no que se refere à arquitetura de estilo, trazida pelo imigrante.

As indústrias de extração de óleo vegetal da Matarazzo, instaladas em Catanduva, Marília, Rancharia e Araçatuba, foram construídas anexas às fábricas de beneficiamento de algodão. Ocorreu uma ampliação dessa planta fabril e uma ocupação de edifícios ociosos, para a instalação das novas atividades. A tipologia arquitetônica das fábricas de óleo não destoou muito da arquitetura existente; acompanhou a linha tipológica das fábricas de beneficiamento. Através das técnicas e materiais construtivos mais avançados da época, foram construídos edifícios de mais de um pavimento, com vigas e pilares de concreto armado, vedação de tijolos cerâmicos e grandes aberturas para iluminação. A instalação das fábricas de óleo não foi mais do que um acréscimo na produção das indústrias de beneficiamento de algodão.



Edifício de extração de óleo. Catanduva, sem data. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico “Governador Pedro de Toledo”.



Edifícios de extração de óleo. Marília, década de 80. Fonte: Processo n. 26030/88, do setor de Documentação do Condephaat-SP, folha 76.



Os primeiros edifícios da fábrica de óleo, instalada nos anos 40. Rancharia, sem data. Fonte: *Rancharia em Revista*, junho 1965, número 30.



A casa das caldeiras, ao fundo da fábrica de óleo. Araçatuba, junho de 2002. Foto do autor.

A partir da década de 30, as indústrias já apresentavam uma crescente padronização em sua arquitetura, resultado, principalmente, do avanço das técnicas construtivas. O projeto industrial tinha que acompanhar a constante evolução tecnológica. Uma das principais características dessa arquitetura industrial foi o emprego, em larga escala, dos *sheds* nos pavilhões (BALLEIRAS, 2003:78 e SAIA, 1989:131, 227). A fiação e tecelagem Matarazzo de Rio Claro, de 1933, é um claro exemplo dessa arquitetura, de “dentes de serra”, mais ainda com uma influência de uma tipologia tradicional em um dos seus galpões principais.

Nesse período, já era expressivo o emprego da arquitetura *Art Déco* nos edifícios institucionais e industriais.

No ambiente de produção de edifícios industriais, é a linguagem do Art Déco, ou sua simplificação, que ganha força (...) a lógica construtiva e compositiva proposta pelo estilo era perfeitamente adaptável ao programa industrial – plantas flexíveis, estruturas em concreto armado, técnicas construtivas mesclando procedimentos tradicionais e modernos, volumes de geometria simplificada, contenção nos ornamentos, com a exploração do alto e baixo relevo (COSTA, 2001:77).

A fábrica de óleo Matarazzo, instalada em 1943, em Campinas, incorporou em sua arquitetura algumas características do estilo *Art Déco*. Pode-se ver, a seguir, nos edifícios da fábrica de óleo, uma arquitetura de composições escalonadas, de linhas e planos verticais e horizontais, em contraste e com terminações em curvas.

São as obras do *Art Déco* e as “ditas ‘utilitárias’, sem filiação estilística acadêmica, em especial: obras de ferro; obras industriais; depósitos e armazéns comerciais ou portuários; e silos e galpões rurais”, alguns dos troncos fundadores do movimento moderno no Brasil, também chamados de protomodernos (CONDE e ALMADA, 1997:13).



Fachada do refeitório, vestiário e guarita da fábrica de óleo. Campinas, abril de 2002. Foto do autor.



Lateral do refeitório, vestiário e guarita. Campinas, abril de 2002. Foto do autor.



Edifício do escritório e ambulatório, com as linhas e planos horizontais, em relevo e bem marcados. Campinas, abril de 2002. Foto do autor.



Usina termoeletrica, com planos verticais, definidos e emoldurados pelas três curvas. Campinas, abril de 2002. Foto do autor.



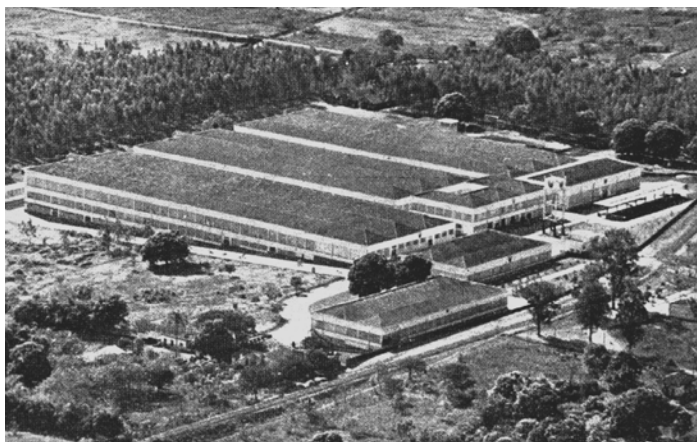
Lateral do edifício da caldeira, com linhas horizontais, marcadas pelas aberturas e os sheds, desenhados em curva. Campinas, abril de 2002. Foto do autor.



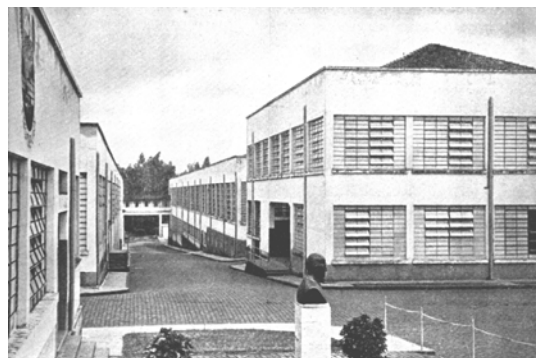
Fachada e lateral do edifício da caldeira, predominando o jogo entre cheio e vazio e cobertura marcada pelos sheds, em curva, dando sentido de movimento. Campinas, abril de 2002. Foto do autor.

Com a afirmação do movimento moderno no Brasil, começa a ser institucionalizada, *“como recurso capaz de representar as transformações progressistas discursadas pelo governo”* de Getúlio Vargas, uma arquitetura de linhas modernistas. *“...o caráter industrial brasileiro ganha força, principalmente porque os próprios cânones modernistas o enfatizam, com o uso de pilotis, fachada e planta livre e ainda pela fidelidade à função”* (COSTA, 2001:77-79, 87). Os projetos industriais concebidos inicialmente nesse período foram: a Usina Higienizadora de Leite, em Recife, de Luiz Nunes (1933) e o Núcleo Fabril Monlevade, de Lúcio Costa, para a Siderúrgica Belgo-Mineira (1934).

A fiação e tecelagem Matarazzo, instalada em Ribeirão Preto, em 1945, e a *Textilquímica*, instalada em São José do Rio Preto, em 1962, são exemplos da influência dessa arquitetura moderna. No entanto, a arquitetura da tecelagem de Ribeirão Preto foi bem limitada, no que se refere a inovações de uma arquitetura modernista. Como já dito, ela foi construída em um amplo terreno, de 151.200,00 m², onde se destacam os três pavilhões principais, que medem 150 metros de comprimento por 50 metros de largura. Toda a sua estrutura foi montada por vigas e pilares de concreto armado, com vedação de tijolos e por uma série de aberturas, que formam longos panos de vidro. Esses pavilhões eram grandes caixas de concreto, despojados de tratamento decorativo. O conjunto arquitetônico desses três pavilhões reflete sua funcionalidade, como parte da própria produção industrial. A racionalidade de sua arquitetura de escala abrupta lhe confere, no espaço, um poder, uma grandiosidade, como parte da grande engrenagem do processo industrial.



Vista aérea da tecelagem Matarazzo. Ribeirão Preto, década de 50. Fonte: CONTE e SANTO, s/d:s/p.



Os pavilhões da tecelagem Matarazzo. Ribeirão Preto, década de 50. Fonte: CONTE e SANTO, s/d:s/p.



A rua de paralelepípedo, entre os pavilhões. Ribeirão Preto, janeiro de 2001. Foto do autor.



Vista do interior do pavilhão da tecelagem. Ribeirão Preto, janeiro de 2000. Foto do autor.

Em São José dos Campos, a *Textilquímica*, da Matarazzo, de forma distinta à tecelagem de Ribeirão Preto, foi concebida de forma mais completa, dentro dos ditames da arquitetura moderna. O projeto fabril é todo de concreto armado, com lajes, pilotis e vigas, além dos panos de vidros, quebra-sóis e elementos vazados de cerâmica. O arquiteto Alexandre Penedo, que estudou a obra, diz que o projeto, decorrente de especificações alemãs, “possui qualidades formais peculiares para uma indústria da época, como é o caso do painel artístico na fachada da principal edificação do conjunto”, com a forte presença de elementos recorrentes na arquitetura moderna (PENEDO, 1997:168).



Edifício principal da *Textilquímica*. São José dos Campos, sem data. Fonte: (LIMA, 1982:142).



Passarela de concreto armado, da *Textilquímica*. São José dos Campos, maio de 2002. Foto do autor

Diante dessas considerações, esta dissertação de mestrado teve como principal preocupação a catalogação das indústrias de algodão Matarazzo, no interior paulista (1920-1960), que apresentam um risco eminente de desaparecer. Essas indústrias ocupam grandes áreas, em locais já adensados, e por isso sofrem uma pressão econômica, que visa à sua ocupação ou mesmo à retalhação do seu terreno, para a obtenção de lucro.

A pressão econômica que incide sobre esses complexos faz com que apareçam projetos de requalificação dessas áreas e obras que, na verdade, desqualificam os espaços industriais. Devem ser feitos estudos acurados para apontar sua importância e especificidade, para que não sejam tratados apenas como uma projeção em planta, um livre parque de diversões para a especulação imobiliária, em que o contorno das edificações ali presentes, seja apenas um estorvo a ser removido (KÜHL, 2004:108).

O levantamento detalhado das indústrias Matarazzo resgata a sua importância histórica para a memória e para a formação da identidade da população dessas cidades, cujo registro, além de histórico e fotográfico, inclui as principais características tipológicas e construtivas da arquitetura fabril dessas indústrias, que poderão servir de base metodológica, em futuros projetos de restauro ou requalificação.

Este estudo elucida parte essencial de nossa herança industrial, caracterizando tipos de produção, tecnologias e arquiteturas industriais, desenvolvidas no interior paulista, cujas semelhanças podem ser encontradas em outras partes do Brasil, contribuindo, dessa maneira, para a identificação de um padrão industrial nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Dióres Santos. *Formação Histórica de uma cidade Pioneira Paulista: Presidente Prudente*. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1972.
- AGUILAR, Inmaculada. Restauración del patrimonio arquitectónico industrial. In: GUTIÉRREZ, Ramón; MORALES, Federico Castro; MARTÍN, Marcelo (coords.). *Preservación de la Arquitectura Industrial en Iberoamérica y España*. Cuadernos del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico e CEDODAL. Granada: El Partal, 2001.
- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. 2. ed. São Paulo: ProEditores, 2000.
- ALBUQUERQUE, Rui Henrique Pereira Leite de. *Capital Comercial, Indústria Têxtil e Produção Agrícola: as relações de produção na cotonicultura paulista 1920-1950*. São Paulo: HUCITEC, 1983.
- ANDRADE, Margarida Maria de. *Bairros Além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho*. 1991. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- ANDREATTA, Margarida Davina. Arqueologia Histórica Industrial: um patrimônio em São Paulo. In: *Diário Oficial do Estado. Poder Executivo. Seção 1. Suplemento São Paulo*, v.113, n.18, 25, janeiro, 2003. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ Universidade de São Paulo, 2003.
- BALLEIRAS, Mary Helle Moda. *Indústria e Habitação: arquitetura fabril no interior de São Paulo*. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BARBOSA, Sarah Pereira. *Geografia de Araçatuba*. Araçatuba: I. T. E., 1970.
- BARDI, Pietro Maria. *Engenharia e arquitetura na construção*. São Paulo: Banco Sudameris Brasil S.A., 1985.
- BARROS, Waldemar da Rocha. *Marília: Monografia*. São Paulo: Roman Ltda., [1950].
- BERGERON, Louis. Arqueologia industrial, pasado y presente. *Revista de Historia Industrial*, s.l., n.7, p.169-195, 1995.
- BOCCI, Flora Martins Barbosa; BOCCI, Paschoal. *Subsídios para a História de Avaré 1885-1940*. s/l.: Álvaro Abujamara, 1983.
- BOCCI, Flora Martins Barbosa. *História de Avaré II*. São Paulo: Arcádia, 2001.
- CAMPINAS. Unicamp, Cadastro Industrial De Campinas. Campinas: CTAE, 1974/1975.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1998.
- CARONE, Edgar. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: SENAC, 2001.
- CERDÀ, Manuel; BONAFÉ, Mario García. Arqueologia Industrial. In: BERROCAL, Paloma (coord.). *Enciclopèdia Valenciana de Arqueologia Industrial*. Associació Valenciana d'Arqueologia Industrial. Valencia, Espanha: Edicions Alfons el Magnànim e Institució Valenciana d'estudis i investigació, 1995.

- CERECEDA, Miguel Louis. Intervencion sobre el patrimonio industrial edificado con fines culturales. In: BARRIENTOS, Juan Carlos Jiménez e MAZÓN, José Manuel Pérez (coords.). *Actas de las Primeras Jornadas Ibéricas del Patrimonio Industrial y la Obra Pública*. Sevilha, Espanha: Consejería de Cultura y Medio Ambiente, 1994.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2001.
- CIONE, Rubem. *História de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1993. 2v.
- _____. *História de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1996. 4v.
- CONDE, Luiz Paulo Fernandez; ALMADA, Mauro. Panorama do Art Déco na arquitetura e no urbanismo do Rio de Janeiro. In: *Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PCRJ/SMU/CAURJ/Index, 1997.
- CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA, 6a Região, São Paulo e Mato Grosso. Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. *Relatório dos trabalhos realizados durante o ano de 1936*. São Paulo: Edane Propaganda Typographia, 1937.
- CONTE, Mário V. B.; SANTO, A. E. *Comemoração do Centenário de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: s/ed., s/d.
- CORDEIRO, José Lopes. Algumas questões para a salvaguarda do Patrimônio Industrial. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA. 1., 1987, São Paulo. Anais... São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1987. 1v.
- CORREIA, Telma de Barros. *Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão – o projeto urbano de Delmiro Gouveia*. 1995. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- COSTA, Ana Elísia da. *A evolução do edifício industrial em Caxias do Sul: de 1880 a 1950*. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- COSTA, Edward Coruripe. *Votuporanga através dos tempos*. São Paulo: Jornal dos Livros, 1956.
- COVINO, Renato. Archeologia Industriale in Italia: ambito disciplinare, termini cronologici. In: MORENO, Diego. Storia della cultura materiale. In: *Quaderni Storici*, s.l., n. 43, p.218-229, abril, 1980.
- DEAN, Warren. A fábrica São Luiz de Itu: um estudo de Arqueologia Industrial. In: ANAIS DE HISTÓRIA, 1976, Assis. Anais... São Paulo: Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, ano VIII, 1976.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, trabalho e cotidiano*. São Paulo: Atual, 1991.
- D'ALAMBERT, Clara Correia. *O tijolo nas construções paulistanas do século XIX*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1993.
- EMPLASA. *Memória Urbana: a Grande São Paulo até 1940*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001. 2v.
- GAMA, Ruy. *Engenho e tecnologia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

- _____. Aspectos da arqueologia industrial no Brasil. In: *SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA*. 1., 1988, São Paulo. Anais... São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1988. 2v.
- GIANELLO, José Roberto. De Fábricas Reunidas Pamplona a Indústrias Reunidas F. Matarazzo (1916). *Raízes*, São Caetano do Sul, n.25, ano XIII, p.6-9, julho, 2002.
- GIANOLI, Augusto. *A sericultura no Brasil*. São Paulo: s.e., 1929.
- GODÓI, Silvino. A indústria em Campinas. In: *Monografia Histórica do município de Campinas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.
- GRANATO, Lourenço. Os cem preceitos do sericultor paulista. In: São Paulo. Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras. *Abecedário do criador do bicho da seda*. São Paulo: Typografia Brasil, 1924.
- GUEDES, Manuel Vaz. Arqueologia Industrial. *Eletricidade*. n.372, p.293-299, dezembro, 1999. Disponível em < <http://www.fe.up.pt/histel/ArquiolIndustrial.pdf> >. Acesso em: 31 mar. 2004.
- HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- HERNÁNDEZ, Andrés Armando Sánchez. Teorias de la conservación y patrimonio industrial. Disponível em < <http://morgan.iaa.unam.mx/usr/Industrial/BOL%208/ARTICULOS/SANCHEZ.HTML> >. Acesso em: 8 abr. 2003.
- IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Ministério da Cultura. *Cartas Patrimoniais*. Brasília,: IPHAN, Caderno de documentos n.3, 1995.
- JUNCAL, Fabriciano. *A verdadeira história de Araçatuba*. Bauru: Tilibra S/A, 1974.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação*. São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp/Secretaria da Cultura, 1998.
- _____. Arquitetura Industrial em São Paulo. In: *Diário Oficial do Estado. Poder Executivo. Seção 1. Suplemento São Paulo*, v.113, n.18, 25, janeiro, 2003. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ Universidade de São Paulo, 2003.
- _____. Questões Teóricas Relativas à Preservação de Edifícios Industriais. *Desígnio Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP/Annablume, n. 1, março, 2004.
- LARA, Paulo Corrêa de. *Marília, sua terra, sua gente*. s/l.: Editora Iguatemy Comunicações Ltda., 1991.
- LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa*. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1989.
- LIMA, Heitor Ferreira. *Evolução industrial de São Paulo*. São Paulo: Martins, 1954.
- LIMA, Jorge da Cunha et al. *Matarazzo 100 Anos*. São Paulo: CL-A Comunicações S/C Ltda, 1982.
- LLOYD, Reginald (ed). *Impressões do Brasil no século XX: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos*. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913.

- LÓPEZ GARCIA, Mercedes. El concepto de patrimonio: el patrimonio industrial o la memoria del lugar. In: FERNANDEZ GARCIA, A.; ALVAREZ ARECES, M. A. (coord.). *Arqueologia Industrial* (monográfico) *Ábaco Revista de Cultura y Ciências Sociais*. Gijón, Espanha: Nova Época, n. 1, primavera, 1992.
- LUCA, Tania Regina de. *Indústria e trabalho na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MANNING, Edgar; LUSO, João. *Os Estados Unidos do Brasil: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos*. Rio de Janeiro, São Paulo: The South American Intelligence, 1919.
- MANSO, E. Collar; GARCIA, S. Lopez; PEÑARROYA, J. Martinez. La ciudad intensa: arqueologia industrial en Madrid. In: *Cien años de la Cámara de Comercio e Industria de Madrid*. Madrid, Espanha: Escobar y Cruz Impresores, 1988.
- MARTINS, José de S. *Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1973.
- MATTOS, Dirceu Lino de. O parque industrial paulistano. In: AZEVEDO, Aroldo de. *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Nacional, 1958.
- MENDES, José M. Amado. A arqueologia industrial ao serviço da história local. Disponível em <http://www.csarmento.uminho.pt/ndat_63.asp?filtro_ano=1995>. Acesso em: 21 fev. 2004.
- _____. Uma nova perspectiva sobre o patrimônio cultural: preservação e requalificação de instalações industriais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E ENERGIA, 2., 1999, São Paulo. *Potencial estratégico de cultura e negócios*. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2000.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Patrimônio Industrial e Política Cultural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA, 1., 1988, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1988. 2v.
- MICELI, Paulo Celso. *Além da fábrica: o projeto industrialista em São Paulo, 1928-1948*. São Paulo, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1992.
- NEGRI, Barjas. *Concentração e desconcentração Industrial em São Paulo, 1880-1990*. Campinas: Unicamp, 1996.
- OLIVEIRA, Jehovah de. *Um pouco da História de Bauru*. Bauru: Correio da Noroeste, 1966.
- PASCHOLIK Sobrinho, Renato. *Uma proposta arquitetônica e urbanística*. 2000. Monografia (Conclusão do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Artes e Ofícios, Universidade de Marília, Marília, 2000.
- PELEGRINA, Gabriel Ruiz. As indústrias na história de Bauru. *Jornal da Cidade, Bauru*, 01/08/1990, p. 43.
- _____. *I.R.F. Matarazzo*. Bauru: mimeo, 2002.
- PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira. *A pauperização do homem do campo na lavoura de algodão (1940-1955)*. São Paulo: HVF Representações, 1993.
- PENEDO, Alexandre. *Arquitetura moderna São José dos Campos*. São José dos Campos: Alexandre Penedo, 1997.

- PEREIRA, José Carlos. *Formação industrial do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Hucitec, 1984.
- PEREIRA, Marcelo. Fábrica da Matarazzo vai virar shopping. *Correio Popular*, Campinas, 21/04/1998a.
- _____. Edital reforça tese de trapalhada jurídica. *Correio Popular*, Campinas, 21/04/1998b.
- PIAZZA, M.F.; BARRETO, M. T. S.; SOUZA, S. R. S. *A Fábrica de Pontas "Rita Maria": um estudo de arqueologia industrial*. Florianópolis: UFSC, 1982.
- PINHEIRO, Célio; BODSTEIN, Odette Costa. *História de Araçatuba*. Araçatuba: Academia Araçatubense de Letras, 1997.
- PIRES, Marcelo Raimundo. *Inventário e análise de edificações industriais antigas da cidade de Rio Claro-SP: um estudo de arqueologia industrial*. s/d. Monografia (Conclusão do curso de graduação em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, s/d.
- PONTES, José Carlos. *Votuporanga: as raízes e a saga de um povo: fatos e pessoas que fizeram a história da cidade: com verbetes de A a Z*. São José do Rio Preto: Gráfica e Editora Real, 2001.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *Quadro da arquitetura no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista, 1870-1930*. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1988.
- ROSSI, Anicleide Zequini. O saber itinerante na construção do patrimônio industrial. In: *Diário Oficial do Estado. Poder Executivo. Seção 1. Suplemento São Paulo*, v.113, n.18, 25, janeiro, 2003. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ Universidade de São Paulo, 2003.
- RUST, Donald H. O Conde Matarazzo e sua obra. In: *O Conde Matarazzo aos Oitenta Anos*. s/l.: Typografia Pannon, 1934.
- SAIA, Helena. *Arquitetura e indústria: fábricas de tecido de algodão em São Paulo, 1869-1930*. 1989. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1989.
- SAMPAIO, Silvia Selingardi; PIRES, Marcelo Raimundo. *Arqueologia Industrial de Rio Claro-SP: um estudo de prédios industriais e equipamentos técnicos antigos*. Rio Claro: ARCEO, 1992.
- SANTACREU SOLER, J. M. Una vision global de la arqueologia industrial en Europa. Casos concretos en regiones concretas. In: FERNANDEZ GARCIA, A.; ALVAREZ ARECES, M. A. (coord.). *Arqueologia Industrial (monográfico) Ábaco Revista de Cultura y Ciencias Sociales*. Gijón, Espanha: Nova Época, n.1, primavera, 1992.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. Arqueologia Industrial: resgatando espaços de produção da Quarta Colônia de imigração italiana. In: *ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL*, 7., 2003, Passo Fundo. Anais... Rio Grande S: Universidade de Passo Fundo, 2003. 1CD-ROM.
- SCHRADER, Catherine Wiechert. *Revitalização das Indústrias Francisco Matarazzo*. 1999. Monografia (Conclusão do curso de Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 1999.

- SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Álbum F. Matarazzo e Cia.* São Paulo: s/ed., 1904 a 1906.
- SELINGARDI JÚNIOR, Anselmo Ap. *Levantamento arqueológico-histórico de áreas de interesse do município de Rio Claro e região.* Rio Claro: Laboratório de arqueologia “Fernando Altenfelder Silva”, Departamento de Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de Rio Claro, 1999.
- SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil.* 8. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1995.
- SIMONSEN, Roberto C. *Evolução industrial do Brasil.* São Paulo: Nacional/Edusp, 1973.
- SOBRINO SIMAL, Julián. *Arquitectura Industrial en España, 1830-1990.* Madrid, Espanha: Ediciones Cátedra S. A., 1996.
- SOUZA, Erasmo Augusto de. *Bernardino de Campos: Pérola do Planalto.* Bernardino de Campos: Prefeitura Municipal de Bernardino de Campos, 1998.
- STEIN, Stanley. *Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil – 1850/1950.* Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento.* São Paulo: Hucitec/Unicamp, 2000.
- TORRÓ, Lluís. Protoindustrialización. In: BERROCAL, Paloma (coord.). *Enciclopèdia Valenciana de Arqueologia Industrial.* Associació Valenciana d’Arqueologia Industrial. Valencia, Espanha: Edicions Alfons el Magnànim e Institució Valenciana d’estudis i investigació, 1995.
- TORRÓ, Josep. Arqueologia, trabajo y capital. Algunas consideraciones a propósito del II Congreso d’Arqueologia Industrial del País Valencià. In: *Sociología del Trabajo.* s/l.: Nova Época, n. 22, p.47-62, outono, 1994.
- TRINDER, Barrie Stuart. *The Blackwell Encyclopedia of Industrial Archaeology.* Oxford, UK: Basil Blackwell Ltd., 1992.
- VICHNEWSKI, Henrique Telles. *Intervenção na fábrica têxtil Matarazzo.* 1999. Trabalho Final de Graduação (Conclusão do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 1999.
- VICHNEWSKI, Henrique Telles. As indústrias e a habitação operária da família Matarazzo na cidade de Ribeirão Preto - SP - Brasil. In: COLOQUIO LATINOAMERICANO SOBRE RESCATE Y PRESERVACIÓN DEL PATRIMONIO INDUSTRIAL. 3., 2001, Santiago de Chile. Anais... Chile: Centro para la Conservación del Patrimonio Arquitectónico Latinoamericano - CONPAL-Chile, 2001.

Diversos

- Agenda Matarazzo. s/l.: s/ed., 1930 e 1931.
- In Memoriam. São Paulo: Graphica Orlandi, s/d.
- São Paulo e seus homens no Centenário. São Paulo: Piratininga, 1922.
- Siamo Tutti Oriundi!: a presença italiana no Brasil. São Paulo: Parmalat, 1996.

Revistas e Periódicos

Correio de Marília

Dinâmica, Presidente Venceslau

Raízes, São Caetano do Sul

Rancharia em Revista

Revista União dos Fazendeiros de Café do Brasil, Rio de Janeiro

Sericultura, Revista mensal da S. A. Indústria Nacional de Seda

Jornais

A Folha, São José do Rio Preto

A Notícia, São José do Rio Preto

A Tarde, Ribeirão Preto

A Tribuna, Rancharia

A Voz do Povo, Presidente Prudente

Correio de Bauru

Correio da Noroeste, Bauru

Correio Popular, Campinas

Diário da Manhã, Ribeirão Preto

Diário da Noroeste, Bauru

Diário de Rio Claro

Jornal da Cidade, Bauru

O Corneta, Catanduva

Oeste Paulista, Votuporanga

O Imparcial, Presidente Prudente

O Município, São João da Boa Vista

Tribuna Popular, Itapetininga

Entrevistas realizadas

Entrevistas informais, **não gravadas** com os Senhores:

Ângelo Pelicani (junho de 2000)

João G. Matiello (maio de 2002)

José Leandro Franzolin (maio de 2002)

Mitsuyo Toyofuji – Dona Olívia (julho de 2002)

Vicente Chiavolotti (junho de 2002)

Bibliotecas e Arquivos pesquisados

Arquivo Edgar Leuenroth do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas

Arquivo Municipal de Campinas – setor Histórico

Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

Arquivo Público e Histórico de Rio Claro

Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Biblioteca da Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Biblioteca do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca dos Departamentos de Geografia e História da Universidade de São Paulo

Biblioteca do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca Pública Municipal “Castro Alves” de Rancharia

Biblioteca Pública Municipal “Castro Alves” de Votuporanga

Biblioteca Pública Municipal de Marília

Casa da Cultura “Prof. Dario de Jesus” de São José do Rio Preto

Centro Cultural “Dejanira Motta e Silva” de Avaré

Centro Cultural e Histórico de Itapetininga

Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas – setor de Iconografia

CONDEPHAAT de São Paulo

CONDEPHAAT de Presidente Prudente

COMDEPHACT de São José do Rio Preto

Museu Histórico, Artístico e Geográfico “Edward Couripe Costa” de Votuporanga

Museu Histórico Municipal “Antônio Sandoval Neto” de Presidente Prudente

Museu Histórico Municipal de Bauru

Museu Histórico e Pedagógico “Anita Ferreira de Maria” de Avaré

Museu Histórico e Pedagógico “Governador Pedro de Toledo” de Catanduva

Museu Público e Histórico “Marechal Rondon” de Araçatuba

Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica de Bauru e Região da Universidade do Sagrado Coração

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto

ANEXOS

1- Listagem dos principais trabalhos sobre Patrimônio e Arqueologia Industrial no Brasil

- 1986 – José Lopes CORDEIRO, *“Algumas questões para a salvaguarda do Patrimônio Industrial”*. In: Anais do 1º Seminário Nacional de História e Energia. São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1987. V.1.
- 1986 – Eddy STOLS, *“Arqueologia Industrial na Bélgica”*. In: Anais do 1º Seminário Nacional de História e Energia. São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1988. V.2.
- 1986 – Ruy GAMA, *“Arqueologia Industrial e História da Técnica”*. In: Anais do 1º Seminário Nacional de História e Energia. São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1988. V.2.
- 1986 – Ulpiano Bezerra de MENEZES, *“Patrimônio Industrial e Política Cultural”*. In: Anais do 1º Seminário Nacional de História e Energia. São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1988. V.2.
- 1988 – Ulpiano Bezerra de MENEZES, *“Patrimônio Industrial e Museus: um campo problemático”*. Matéria publicada no periódico, *Memória da Eletricidade – Boletim nº 6*, São Paulo.
- 1988 – Mathilde BELLAIGUE, *“Ecomuseus e Arqueologia Industrial”*. Matéria publicada no periódico, *Memória da Eletricidade – Boletim nº 6*, São Paulo.
- 2002 – Ronaldo André Rodrigues da SILVA, *“Seria possível uma Arqueologia das Organizações? As perspectivas de aplicação nas ciências empresariais”*. In: Anais do XXVIIº ENANPAD, Salvador-Bahia, 2001.
- 2002 – Ronaldo André Rodrigues da SILVA, *“Arqueología industrial y los procesos productivos: las relaciones político-económicas en un estudio de caso”*. In: Anais do XXXVIIº CLADEA, Porto Alegre, 2002.
- 2003 – Margarida D. ANDREATTA, *“Arqueologia histórica industrial: um patrimônio em São Paulo”*. Publicado no Diário Oficial. Poder Executivo. Seção 1. Suplemento São Paulo, v. 113, n. 18, 25 de janeiro de 2003, p.2.
- 2003 – Andrey Rosenthal SCHLEE, *“Arqueologia Industrial: resgatando espaços de produção da Quarta Colônia de imigração italiana”*. In: VII ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, Passo Fundo-RS, 2003. Anais. Arquitetura Industrial. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo - CD.

- 2003 – Elane Ribeiro PEIXOTO, *“Um ponto de vista sobre o Patrimônio Industrial”*. In: VII ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, Passo Fundo-RS, 2003. Anais. Arquitetura Industrial. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo - CD.
- 2004 – Beatriz Mugayar KÜHL, *“Questões Teóricas Relativas à Preservação de Edifícios Industriais”*. In: *Desígnio Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP/Annablume, n. 1, março de 2004.

Arquitetura Industrial

- 1989 – Helena SAIA, *“Arquitetura e indústria: fábricas de tecido de algodão em São Paulo, 1869-1930”*. Dissertação de mestrado – FAU/USP.
- 2001 – Ana Elísia da COSTA, *“A evolução do edifício industrial em Caxias do Sul: de 1880 a 1950”*. Dissertação de mestrado – PROPAR/UFRGS.
- 2001 – Ana Lúcia G. MEIRA, *“Patrimonio industrial y cultura. La antigua usina del Gasómetro en Porto Alegre, Brasil”*. In: GUTIÉRREZ, Ramón, MORALES, Federico Castro e MARTÍN, Marcelo (coords.). *Preservación de la Arquitectura Industrial en Iberoamérica y España*. Cuadernos del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico e CEDODAL. Granada: El Partal, 2001.
- 2003 – Mary Helle Moda BALLEIRAS, *“Indústria e Habitação: arquitetura fabril no interior de São Paulo”*. Dissertação de mestrado – EESC/USP.
- 2003 – Adriana Eckert MIRANDA, *“A evolução do edifício industrial em Porto Alegre de 1870 a 1950”*. In: VII ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, Passo Fundo-RS, 2003. Anais. Arquitetura Industrial. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo - CD.
- 2003 – Ana Elísia da COSTA, *“A Fábrica e a Modernidade brasileira”*. In: VII ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, Passo Fundo-RS, 2003. Anais. Arquitetura Industrial. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo - CD.
- 2003 – Mary Helle Moda BALLEIRAS, *“Arquitetura Industrial: estruturas cambiantes – sete casos paulistas”*. In: VII ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, Passo Fundo-RS, 2003. Anais. Arquitetura Industrial. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo - CD.
- 2003 – Beatriz Mugayar KÜHL, *“Arquitetura Industrial em São Paulo”*. Publicado no Diário Oficial. Poder Executivo. Seção 1. Suplemento São Paulo, v. 113, n. 18, 25 de janeiro de 2003, p.2.

Porto Marítimo

1998 – Eliete P. Britto MAXIMINO, *“Porto de Santos e o portinho dos piratas em perspectivas: um estudo de arqueologia industrial”*. Tese de doutorado – FFLCH/USP.

Mineração

1999 – Lucilia KOTÉZ, *“FURNAS; Sítios arqueológicos industrial, testemunho da história da mineração do chumbo no Vale do Ribeira/São Paulo”*. Dissertação de mestrado – FFLCH/USP.

Engenhos e Usinas de açúcar

1990 – Esterzilda B. de AZEVEDO, *“Arquitetura do açúcar: engenhos do recôncavo baiano no período colonial”*. São Paulo: Editora Nobel.

2003 – Gabriela CAMPAGNOL, *“Assentamentos agroindustriais: o espaço da habitação em usinas de açúcar da região de Piracicaba”*. Dissertação de mestrado – EESC/USP.

Cerâmica

1996 – Érika Marion Robrahn GONZALEZ, *“Ocupação cerâmica pré-colonial no Brasil Central: origens e desenvolvimento”*. Tese de doutorado – FFLCH/USP.

2003 – José Hermes Martins PEREIRA, *“Caminhos da louça em São Paulo: a produção de faianças e porcelanas na capital paulista e região”*. Publicado no Diário Oficial. Poder Executivo. Seção 1. Suplemento São Paulo, v. 113, n. 18, 25 de janeiro de 2003, p.4.

2003 – Roberto Carlos MASSEI, *“Cerâmicas paulistas (Ourinhos, Barra Bonita e Itu): um estudo de arqueologia industrial”*. In: Caderno de Resumos do I Seminário Internacional de História e IX Seminário de Pesquisa em História do DHI, Maringá-PR, 2003. Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Fábricas

- 1991 – Anicleide Zequini ROSSI, *“O Quintal da Fábrica”*. Dissertação de mestrado – IFCH/UNICAMP.
- 1998 – Anicleide Zequini ROSSI, *“Personagens do Urbano: o saber itinerante e a formação do proletariado na região de Itu 1869-1920”*. Tese de doutorado – FFLCH/USP.
- 1999 – José M. Amado MENDES, *“Uma nova perspectiva sobre o patrimônio cultural: preservação e requalificação de instalações industriais”*, junto aos textos dos debatedores Regina M. Prosperi Meyer e Raquel Rolnik, apresentados no 2º Seminário Internacional História e Energia. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2000.
- 1999 – Andrey R. SCHLEE, *“A arquitetura das charqueadas desaparecidas”*. Tese de doutorado – FAU/USP.
- 2003 – Anicleide Zequini ROSSI, *“O saber itinerante na construção do patrimônio industrial”*. Publicado no Diário Oficial. Poder Executivo. Seção 1. Suplemento São Paulo, v. 113, n. 18, 25 de janeiro de 2003, p.3.
- 2003 – Vivian da Silva PAULITSCH, *“Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande – RS”*. Dissertação de mestrado – IFCH/UNICAMP.
- 2003 – Henrique Telles VICHNEWSKI, *“As Indústrias Matarazzo: arquitetura e construção fabril no interior do Estado de São Paulo (1920-1960)”*. In: VII ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, Passo Fundo-RS, 2003. *Anais. Arquitetura Industrial*. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo - CD.
- 2003 – Manoela Rossinetti RUFINONI, *“Patrimônio Histórico Industrial na cidade de São Paulo: o Cotonifício Crespi”*. In: VII ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, Passo Fundo-RS, 2003. *Anais. Arquitetura Industrial*. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo - CD.

Arquitetura do Ferro e Ferroviária

- 1986 – Geraldo Gomes da SILVA, *“Arquitetura do ferro no Brasil”*. São Paulo: Nobel.
- 1998 – Beatriz Mugayar KÜHL, *“Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação”*. São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp/Secretaria da Cultura.

- 2000 – Fábio R. P. CYRINO, *“Café, ferro e argila: a história da implantação e consolidação da empresa The San Paulo (Brazilian) Railway Company Ltd. por intermédio da análise de sua arquitetura”*. Dissertação de mestrado – FAU/USP.
- 2001 – Geraldo Gomes da SILVA, *“Arquitectura del hierro en América Latina”*. In: GUTIÉRREZ, Ramón, MORALES, Federico Castro e MARTÍN, Marcelo (coords.). *Preservación de la Arquitectura Industrial en Iberoamérica y España*. Cuadernos del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico e CEDODAL. Granada: El Partal, 2001.
- 2001 – Jussara da Silveira DERENJI, *“Construcciones en hierro en Belém do Pará a finales del siglo XIX y su inserción en la ciudad actual”*. In: GUTIÉRREZ, Ramón, MORALES, Federico Castro e MARTÍN, Marcelo (coords.). *Preservación de la Arquitectura Industrial en Iberoamérica y España*. Cuadernos del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico e CEDODAL. Granada: El Partal, 2001.
- 2003 – Marcelo de MORAES, *“As vilas ferroviárias paulistas: arquitetura e as relações urbanas nos núcleos habitacionais ferroviários”*. Dissertação de mestrado – EESC/USP.

Abastecimento de água

- 1992 – Rhoneds Aldora Rodrigues PEREZ, *“Ocupação dos terraços fluviais do baixo passa cinco: arqueologia experimental”*. Dissertação de mestrado – FFLCH/USP.
- 2003 – Filomena P. FONSECA, *“Equipamento do engordador: testemunho arqueológico industrial da captação de água na cidade de São Paulo”*. Dissertação de mestrado – FFLCH/USP.
- 2003 – Dalmo Dippold VILAR, *“Arqueologia industrial e a evolução tecnológica do abastecimento de água na cidade de São Paulo: dos franciscanos a Companhia Cantareira”*. Dissertação de mestrado – FFLCH/USP.

Paisagem urbano-industrial

- 1993 – Emmanuel Antonio dos SANTOS, *“Indústria e paisagem, a evolução urbano-industrial e a transformação da paisagem: o caso de São José dos Campos”*. Dissertação de mestrado – FAU/USP.

2- SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO.
Álbum F. Matarazzo e Cia. São Paulo: s/ed., (de 1904 a 1906).

Moinho Matarazzo

O moinho foi construido e montado segundo o projecto da especial casa Henry Simon Ltd. de Manchester, pelos engenheiros especialistas Rey e Prist.

Dois grandes silos, construidos com laminas de ferro , com 28m. de altura, comportam 3.000 toneladas de trigo. Recebem o trigo directamente dos vagões da estrada de ferro, á qual o estabelecimento é ligado, por meio de uma chave de cerca de 300m. de trilho.

O trigo dos silos é transportado para o moinho propriamente dito, por meio de uma corrêa. O edificio principal, de 4 andares, que contem todos os aparelhos de lavagem, limpeza e moagem, é dividido em duas secções autonomas, completamente independente uma da outra. O trigo que sahe dos silos entra num deposito da capacidade de 300 tonelladas, passa depois na balança authomatica que pesa 500kg., d'onde é lançado para as machinas; ahi passa por diversas operações de limpeza, lavagem e secca, e enfim, depois de ter entrado num segundo deposito da capacidade de 30 tonelladas, passa nos cylindros que o devem a pouco e pouco reduzir a farinha. Quarenta e tres pares de cylindros de aço, servem para a moagem; 28 grandes peneiras duplas mais 66 peneiras e uma Plansichrten, para a escolha e limpeza da farinha.

O moinho, composto de cylindros de grande moagem systema anglo-americano, obtem a perfeita trituração, fazendo passar o trigo por 4 cylindros, apenas, e não por 6 como nos outros moinhos.

Por meio de conducção a parafusos de Archimedes, os diversos typos de farinha, semolino, farelo e farelinho, passam para um edificio contiguo onde estão as secções de ensaque, pesagens authomaticas e depositos para mais de 70.000 saccas, servido tambem, este pela estrada de ferro.

Com o perfeitissimo systema de trituração, o moinho produz diariamente 3.500 saccos, de 44k., de 12 typos differentes e mais de 2.000 saccos de farelo. A força motora é alimentada por 2 motores electricos de 300H.p. cada um e outros pequenos motores de 30,20,15 e 5 H.p., collocados nas diversas secções. No estabelecimento acham-se

montados osapparelhos contra incendio, sistema Springler, que offerecem um rapido e seguro meio para extinção de incendio, para cujo funccionamento há 2 grandes depositos collocados sobre a torre, que contém 50.000 litros d'agua.

A agua necessaria a todos os serviços é fornecida por 2 poços artesianos, um com 75m. e outro com 95m. de profundidade, com duas bombas.

Completam a installação do moinho, grandes armazens, officinas mechanicas para consertos, listagem dos cylindros, etc.

Trabalham no moinho 250 operarios.

Fábrica Sol Levante

Os caroços de algodão são transportados do deposito ao pavimento superior da fabrica, por meio de um conductor que os transmite a uma peneira para limpal-os das impurezas. Em seguida, os caroços passam para uma sala contigua onde seis machinas acabam de limpal-os completamente, tirando o resto da telpa que os descaroadores deixaram passar. Os caroços, assim polidos, entram para o descaroador e depois numas peneiras as quaes separam a casca dos caroços.

Toda e qualquer passagem de uma machina para a outra se effectua authomaticamente, por meio de elevadores e de conductores horizontaes. O caroço, assim descascado, é transportado para o andar terreo e quebrado por uma machina composta de cinco cylindros sobrepostos, passando, em seguida, em quatro caldeiras esquentadas mediante jactos de vapor. Reduzidos os caroços a farelo, passam-se em formas proprias, de onde sahem comprimidos, em tortas. Estas são collocadas em tres prensas hydraulicas que, funccionando com uma pressão de 350 libras por pollegada quadrada, extrahem o oleo que, por meio de uma bomba, é passado em 4 depositos, cada um de capacidade de 300.000 litros.

O oleo que ainda sahir bruto, é passado para o segundo edificio; entra em tres grandes caldeiras, cada uma de capacidade de 30.000 litros, onde é cozido sempre com o calor do vapor, o qual penetrando em tubos que giram, situados no fundo das caldeiras, mantem sempre o liquido em constante movimento.

O liquido todo é depois passado numa grande caldeira onde fica o tempo necessario para assentar as materias espessas; em seguida é filtrado á pressão e, o oleo de verão, obtido por tal processo, é acondicionado em latas e em barris, ao mesmo

tempo que o de inverno é transmittido para duas camaras frigorificas e collocado em prensas, as quaes, funcctionando a uma temperatura de 2 °, extrahem a stearina. Este oleo é, depois, de filtrado novamente e acondicionado nas quartolas.

Para a stearina há duas cisternas. Para o resfriamento do oleo e para o serviço das camaras frigorificas, há uma installação a ammoniaco. Para effectuar as diversas passagens do oleo, há 12 bombas a vapor. Para o fornecimento do vapor necessario, há uma calderia de 360 K-P.

Fornecem a força motriz 5 dynamos da força complexiva de 250 cavallos.

Na fabrica está installado um gabinete chimico.

Annexo ao estabelecimento tem uma fabrica de latas com 9 machinas.

Na fabrica trabalham 65 operarios.

O consumo diario do estabelecimento é de 60 tonelladas de caroços para a producção de 40 quartolas de oleo refinado.

3- AGENDA MATARAZZO – 1931.

Fiação e Tecelagem Mariângela (p. 07-09)

Trabalham nessa fabrica 2.000 operarios que se repartem entre as diversas secções assim divididas:

FIAÇÃO – Com 45.000 fusos, está capacitada para a fabricação de fios até o título N° 44 (inglez), para todas as applicações das industrias textis, como sejam: fios siples a uma e a duas cores; fios retorcidos a uma, duas ou mais cores; fios fantasia de diversos typos e cores etc.

TECELAGEM – Precedida por optimas e aparelhadas secções de preparação, a tecelagem compõe-se dos seguintes typos de teares:

Communs.....	960
Automaticos (Northrop).....	250
Xadrezes.....	200
Com maquinetas (Ratieres).....	250
Xadrezes com ratieres.....	70
Jaquards.....	70

Total:.....1.800

que nos permitem fabricar innumeros e variadissimos typos de tecidos, como sejam: Zephires, Fantasias, Brins, Listrados, Mescias, Satins, Xadrezes, Riscados, Coutils, Diagonaes, Tecido para guarda sol, Damascos, Atoalhados, Lenções, Challes, Colchas, Tappetes, Cortinados, Palas gauchas, Algodãosinhos, Trançados, Filtros, Lonas, etc. etc. os quaesgraças á esculpulosa e accurada fabricação, conseguiram firmar-se no conceito das mais importantes firmas atacadistas de S.Paulo e do Rio de Janeiro, ininterrupta e antecipadamente a nossa producção de seis mezes a um anno.

TINTURARIA – Dotada de aparelhos modernos para tingir, alvejar e mercerizar, alcançamos uma producção media diaria de 3.000 Kgs. repartidos em:

algodão tingido em rama;

fios tingidos em roccas cylindricas;

fios tingidos, alvejados ou mercerizados em meadas;

tecidos tingidos, alvejados ou mercerizados.

Usamos anilinas e drogas importadas das mais reputadas casas Europeas e evidentemente garantimos a fixação solidez e brilhantismo das cores de nossos tecidos largamente approvadas pela nossa distincta clientela.

CASCAMIFICIO – Com total de 3.500 fusos, conjunctamente com os residuos de nossa Fiação e Tecelagem, adquirimos na praça residuos de outras fabricas para convertel-os novamente em fios que são adaptados como trama para diversos e definidos artigos.

ACABAMENTO – Nessa secção, onde procede-se a ultima manipulação dos tecidos estão installadas:

perfeitíssimas Rameuses;

poderosas calandras;

machinas para enfestar;

machinas queima pelo.

E muitas outras que deixamos de mencionar, as quaes alliadas á pericia dos technicos locaes, dotamos os nossos tecidos da melhor confecção possivel apresentando os mesmos alem da utilidade de preparo, uma vistosidade incomparavel.

FORÇA MOTRIZ – Possuimos, como reserva, instalações para produzir 2.000 H.P. dos quaes: 1.600 H.P. por meio de motores Diesel uns unidos a geradores electricos, e

400 H.P. por turbinas a vapor, cujo recuperio é destinado a diversas secções que necessitam de aquecimento.

CALDEIRAS – Recentemente installadas, existem 4 typos Franco Tosi para 13 atmospheras com economisadores e supra aquecedores.

Fábrica Belenzinho (p. 81-83)

FABRICA DE TECIDOS BELENZINHO

FIAÇÃO

Nº dos Fusos Rings 40.000

Nº dos Fusos Retorcedeira 3.648

Produção de fios Water e Trama do Nº 12 a 100.

Fios e Ritortos cardados e penteados, crú, tintos, alvejados, mercerizados, e gazados para a Tecelagem, e especial para coser, e rendas, malharia e para Fabricas de meias em espulas, meadas, roccas cylindricas, e roccas conicas.

Produção diaria: Kg. 7.500.

TECELEAGEM

Instalação moderna, de ventilação, humificação e aspiração do pó. Precedida de uma optima preparação e moderníssima installação de machinarios especializados para trabalharem em fios de algodão de titolo alto.

Composta de 2.000 teares dos quaes:

1.000 teares communs. 700 teares de machinetas. 100 teares jacquards. 132 teares para a fabricação de tecidos Xadres. 68 teares para a fabricação de tecidos Creps, fornecidos por um dos melhores fabricantes de machinarios.

Optimo salão appropriado para a preparação de fiod de seda artificial.

A mais perfeita fabricação em artigos de seda e algodão como segue: LUISINE. FLANELLA para tinta e estampa. LONA para tinta e estampa. FANTASIAS a machinetta e a jacquard. ZEPHIR para camisas – Lisas. ZEPHIR para blusas – Lisas. ZEPHIR para camisas – A machinetta e a jacquard. ZEPHIR para blusas – A machinetta e a jacquard. POPELINS tecido para camisas de todos os padrões fabricados com a maxima perfeição. GARZE A VOLTA INGLEZA para camisas sport e cuecas de verão. BRINS tinto em fio. BRINS com fio retorcido a duas cores prefeita imitação lã. BRINS de ritorto mercerizado imitação Linho. Tecidos de algodão e seda para camisas e blusas,

simples, a machinetta e a jacquard. Tecidos todo de seda fabricados com os melhores fios nacionaes, xadrez e listados. CAMISAS e PPYJAMES de seda com effeito de machinetta e jacquard. CREPS fabricação especial para tinta e estampa. CHARMEUSE todo de seda e de algodão e seda. Especialidade em fabricação de tecidos a jacquard de grande fantasia com seda estampada no urdume. Fabricação geral de todos os tecidos de qualidades variadas, de medidas diversas e de pesos de 40 a 360 grammas por m2, a pedido de nossa distincta freguezia.

ESTAMPARIA

É composta de uma installação de alveamento com os processos modernos, com uma producção diaria de 100.000 metros e 5.000 kilos de fios, acompanhado de uma installação para mercerizar fios e tecidos.

A operação seguinte de tintura para fios, bobinas, cops e panno é completada em uma secção especial, na qual antigos processos a mão são substituidos por machinismos modernos que completam os trabalhos de tintura sem os inconvenientes de irregularidades etc., que ainda recentemente caracterisaram este trabalho.

A estampa vem acompanhada de 4 machinas de 6 a 10 cores, com cylindros, cuja gravação é executada por uma secção especial com systemas mais variados.

Uma secção completa de acabamento e preparo com machinismos e calandras inglezas e allemães de accordo com os progressos recentes, serve para ultimar o trabalho da secção Estamparia. Os artigos trabalhados são os mais variados como sejam: Brins, Morins, Flanellas pesantes, voiles vaporosos e tecidos de seda pura e mixtos.

4- JORNAIS

Jornal A Notícia, São José do Rio Preto, 07 de julho de 1936:

É certo que teremos, muito em breve, em Rio Preto algumas importantes industrias da organização Matarazzo.

Metade do parque industrial de São Paulo – e isto é coisa pouco sabida – encontra-se estabelecido, disseminado pelas cidades do interior do Estado.

O que isso quer dizer é que também nas cidades do interior, desde que ellas satisfam a tantas condições, nascem e se desenvolvem, mais ou menos depressa em maior ou menor vigor, nucleos de variada e valiosa industria.

Ora, não será preciso demonstrar que Rio Preto, ponto de intersecção dos canaes econômicos, que ligam diversas zonas, centro de uma notável densidade demographica, cabeça de uma região activa e prospera, está naturalmente indicada para constituir-se uma cidade industriosa. E tanto assim é que aqui já existem ainda nascidas unicamente da iniciativa particular desajudada de amparo e orientação official, diversas organizações de industria prosperas e notavelmente promissoras.

A conclusão do que estamos dizendo impõem-se com evidencia e é esta – já que Rio Preto está naturalmente indicada para um centro industrial cumpre que os políticos e administradores locais dêem mão forte aos empreendimentos bem orientados e capazes de subsistir.

Felizmente, parece esta uma questão bem entendida pelos homens que tem a seu cargo, no presente, a direcção política e a administrativa de Rio Preto.

Assim é que, consoante estamos informados, o sr. prefeito municipal, levando a cabo o proposito de fazer que o conde Francisco Matarazzo se interessasse por esta cidade, obteve do grande industrial paulista que faça uma visita a Rio Preto.

Esta visita será feita nestes quinze ou trinta dias. O conde Matarazzo de resto declarou ao governador da cidade segundo nos foi communicado, o seu vivo desejo de conhecer esta colméia humana, em que cada dia mais a producção economica cresce de volume e de valro.

Segundo a propria declaração do conde Matarazzo, é sua intenção estabelecer em Rio Preto um aparelhamento industrial analogo ao que fez montar em Catanduva. Para tanto as plantas do local em que serão erguidos os edificios destinados ás fabricas, já estão em estudo. Para ultimar as transacções previas necessarias, vira dentro de pouco a esta cidade o sr. Luiz Cervo, representante e alto funcionario da I. R. F. Matarazzo.

Estamos certos de que ca sua visita a este maravilhoso recanto paulista, o conde Matarazzo não levará impressão diversa ca que guardam todas as pessoas que pela primeira vez, têm contacto com esta cidade. Seguramente, a visita aguda do homem de negócios, do capitão de industrias, a intuição rápida da intelligencia afflita ás empresas audazes, e o seu tacto de realizador Victorio o lhe desvendarão de um golpe as largas possibilidades de Rio Preto, como centro de distribuição de mercês, não

apenas na vasta zona de que é hoje centro, mas também e principalmente na enorme região que num futuro próximo poderão ficar na dependência economica financeira de nossa cidade.

Jornal A Noticia, São José do Rio Preto, 26 de julho de 1936:

Os homens de larga visão que por qualquer meio se põem em contacto com a nossa actividade não podem deixar de se impressionar com as possibilidades imensas que Rio Preto offerece como centro commercial e industrial. Foi o que aconteceu a essa figura marcante de industria nacional que é o conde Matarazzo.

Com o seu agudo senso das realidades e atravez dos elementos de controle que lhe fornecia o movimento da sua organização commercial dentro da vasta zona que Rio Preto serve, elle viu claramente a necessidade de lançar as bases da grande industria neste rincão privilegiado.

É assim que, segundo conseguimos apurar, os primeiros passos decisivos, foram dados nesse sentido. As Industrias Matarazzo resolveram adquirir em Rio Preto, nas proximidades da estação, um terreno destinado a um estabelecimento industrial e a um desvio para uso desse estabelecimento. Sabemos que já foi até fixado o preço de aquisição do terreno e que, graças á mediação da Prefeitura, a pretensão do conde Matarazzo encontrou a melhor bôa vontade e as mais amplas facilidades da parte do proprietario dos terrenos.

A resolução das Industrias Matarazzo é, conquanto merecida, uma honrosa distincção conferida a Rio Preto, de que justamente podemos envaidecer-nos. Ella será o marco inicial para a installação da grande industria entre nós.

Jornal A Noticia, São José do Rio Preto, 10 de outubro de 1936:

O parque da I.R.F.M. alargou o projecto da estação da E.F.A., a ser construído já.

Com os trabalhos de prolongamento da E. F. Araraquara, a que noutro logar nos referimos, coincidirá a construcção da nova estação de Rio Preto. Estiveram aqui hontem, a estudar o assumpto, mais uma vez, altos funcionarios d'aquella ferro-via. E – segundo apuramos – o primitivo plano foi modificado. A nossa estação terá proporções maiores que as previstas ha mezes. A certeza de que as Industrias Reunidas

F. Matarazzo installarão aqui, não mais um pequeno parque de função local, como o de Catanduva, mas um centro fabril de grandes e multiplas actividades, coincidindo com noticias outras, todas relativas ao maior incremento do trabalho regional, tornam necessaria, para Rio Preto, uma estação que, alem de proporcionar commodidades aos passageiros e aos funcionarios, comporte armazens, desvios, etc.

Não se fará, até certo ponto, uma estação que sirva apenas para o Rio Preto de hoje, mas que preveja o formidável Rio Preto de amanhã, destinado a ser um dos grandes empórios commerciaes e industriaes do nosso Estado, e isso em tempos bem próximos. Basta que se torne realidade o annuncio do prolongamento de E. F. Araraquarense, e que os seus administradores saibam aproveitar devidamente as grandes oportunidades que esse facto auspicioso nos proporciona.

Jornal Correio da Noroeste, Bauru, 04 de outubro de 1945:

BAURU CONTARÁ DENTRO EM BREVE COM MAIS UMA IMPORTANTE INDUSTRIA
Quasi um milhar de operários serão empregados em conjunto em duas fábricas. O CORREIO DA NOROESTE, que sempre tem defendido com empenho um programa que vise atrair novas industrias para Bauru, como um dos meios de ficar assegurado, no futuro, o elevado grau de desenvolvimento que a nossa cidade já atingiu, registra hoje com satisfação, e dá aos seus leitores, a auspiciosa noticia de que, dentro de data muito próxima, estará funcionando na Capital da Terra Branca uma nova e importante indústria, que virá empregar, em conjunto, quase mil operários.

Trata-se da tecelagem de algodão que está sendo instalada junto às Indústrias de Sêda Nacional, S. A.

Possuem, de há muito, as referidas indústrias, um grande edifício que ocupa a metade da quadra compreendida entre as ruas 13 de Maio e Agenor Meira de um lado, e Costa Ribeiro e Ezequiel Ramos de outro, onde funciona a sua fiação de sêda.

No momento, dezenas de operários, em turmas que se revezam durante o dia e a noite, estão ativando a construção de novas dependências, onde serão montados os 250 teares de uma tecelagem de algodão que já se acham aqui e deverão dar serviço, inicialmente, a mais de 800 homens e mulheres.

Também a Fiação de Sêda será grandemente ampliada, ao que soube a nossa reportagem devendo ocupar as duas indústrias mais de oitocentos operários e operárias.

Bauru está, pois, de parabens com a iniciativa, que é de esperar frutifique, pois a nossa cidade, como grande centro de comunicações será apta a comportar muitas indústrias.

Jornal A Tarde, Ribeirão Preto, 27 de novembro de 1945:

Rib. Preto - novo centro industrial

As obras de Matarazzo no bairro do Barracão alcançarão a Cr. \$ 200.000.000,00

Em companhia do dr. Domingos B. Spinelli, gerente das I. R. F. Matarazzo tivemos oportunidade de visitar, na manhã de hoje, as obras que a poderosa firma está executando no bairro do Barracão, em terreno adquirido na gléba entre as ruas Patrocinio e Pernambuco, numa area de seis alqueires.

DENTRO DE 10 MESES

Os trabalhos de alicerces estão em aceleração, devendo receber a pedra dentro de dois dias. Já foram adquiridos 6.000.000 de tijolos e para estar tudo pronto dentro de 10 meses, serão utilizadas tres turmas, em 24 horas, consecutivas, sendo a iluminação fornecida através de ligação feita e hoje terminada.

200.000 CONTOS

Ali serão construidos tres imensos pavilhões, cada qual medindo 158 metros por 60 de largura, em tres lances cada um, iniciando com terreo, depois de 60 metros, alcança o segundo pavimento e depois de 100 metros á dois andares. Os pavilhões e demais dependencias de escritorios, almoxarifado, etc. cobrirão uma area total de tres alqueires.

2.000 OPERARIOS

Segundo soubemos, serão utilizados, por enquanto, nas obras 500 pedreiros, carpinteiros, serventes, etc. e depois de prontas, cerca de 2.000 tecelões e fiadores, para uma produção de 100.000 metros diarios.

ASSISTENCIA SOCIAL

Tivemos oportunidade de ver as plantas do pavilhão destinado á assintencia social. O refeitório para as operarias mede 44x25 metros (do tamanho do "ginasium do

Estadio). Ao lado estão as salas de medico, consultorio, enfermaria, farmacia, sala de amamentação e berçario (8 mts. 35 x 10 mts. 35), para as mães operarias. Ha ainda a sala do Deposito de Leite, para as crianças de mais de um ano.

Notamos com satisfação essa parte, pois revela a nova mentalidade com relação á assistencia á operaria. Tudo com bastante espaço e conforto.

Na frente ha uma praça de 75 mts. por 120 mts. toda gramada e entre o primeiro e segundo lance, um espaço livre de 25 x 40 metros, para festejos, sessões, etc.

FUTURO DE RIBEIRÃO PRETO

É tão grandiosa a obra que ali está sendo erguida que fôge deste rapido comentario e outros faremos, de acordo com o seu crescimento. Revela, no entanto, a passagem da fase agraria de Ribeirão Preto para o terreno industrial, em grande escala.

Não se compreenderia de outro modo, que Matarazzo com a visão dos grandes capitães de industria aqui lançasse a base de vultosa industria invertendo 200 milhões de cruzeiros, si não tivesse bem patente ante os olhos, a retribuição natural que terá.

FIAÇÃO DE SEDA

Sobre a visita feita á Fiação de Seda e "rayon", amanhã daremos nova reportagem.

Jornal A Tarde, Ribeirão Preto, 28 de novembro de 1945:

Os industriais interessados em Ribeirão Preto

Situação privilegiada de todos aqueles que inverteram capitais em industrias nesta cidade.

Um novo bairro que surge

Comentamos ontem, prazeirosamente, a gigantesca obra que as I. R. F. Matarazzo estão erguendo no Barracão, entre as ruas Patrocineo e Pernambuco, numa area de seis alqueires, em tres monumentais edificios medindo cada um 160 metros de comprimento por 60 metros de largura e onde será instalada a mais perfeita e moderna fabrica de fiação e tecelagem de algodão da America do Sul. Sendo a sua produção diaria de 100.000 metros diarios. As obras deverão estar prontas dentro de 10 meses, devendo ser inauguradas em outubro de 1946.

FIAÇÃO DE SEDA

O reporter esteve a seguir na fiação e tecelagem de seda, também das I. R. F. Matarazzo, funcionando na cidade, a rua Saldanha Marinho. Os antigos salões, amplos e arejados, utilizados pela maquinaria de beneficiar algodão foram reformados e ali instalados e já em pleno funcionamento 80 teáres, devendo ser elevado para 200, para uma produção de 5.000 metros de seda e rayon diariamente, necessitando de 500 operários.

CENTRO INDUSTRIAL

Em decisão do grande capitão de indústria que é o Conde Francisco Matarazzo Junior, revela, sem dúvida um diretriz nova com relação á Ribeirão Preto. Não se emprega atôa uma quantia tão vultuosa como a de 200 milhões de cruzeiros, sem que os estudos tenham sido descurados.

Aliás, não é de hoje, que dizemos que Ribeirão Preto seria, em futuro próximo uma nova Manchester. Tudo aqui propicia ao capital as vantagens precisas. Aí estão a Antarctica, começada em 1900, em pequena fábrica, hoje gastando 25 contos de réis, por dia, só em selos de consumo! A Cervejaria Paulista, fundada em 1914 com 300 contos e hoje, com superior a 12 milhões de cruzeiros, Innechi, Diederichsen, Beschizza, Bianchi, etc. pequenos industriais de ontem e poderosas organizações atuais. Ribeirão Preto é o melhor emprego de capital. Este reproduz em grande escala e os juros são excelentes. Matarazzo viu isso, acreditou no que lhe disseram sobre a terra. Veio, viu e aqui se instalou. Outros virão. Seremos dentro em breve, o maior centro industrial do interior.